

ROBERTA PEIXOTO ATAIDES

ESTIGMA E PESSOAS QUE USAM CRACK: UMA ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES  
DOS DOIS MAIORES JORNAIS IMPRESSOS DO BRASIL ENTRE 2013 E 2014

BRASÍLIA-DF 2017

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIOÉTICA

ROBERTA PEIXOTO ATAIDES

ESTIGMA E PESSOAS QUE USAM CRACK: UMA ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES  
DOS DOIS MAIORES JORNAIS IMPRESSOS DO BRASIL ENTRE 2013 E 2014

Dissertação apresentada como requisito parcial para  
obtenção do grau de Mestre em Bioética pelo  
Programa de Pós-graduação em Bioética da  
Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Gabriele Cornelli

BRASÍLIA

2017

ROBERTA PEIXOTO ATAIDES

ESTIGMA E PESSOAS QUE USAM CRACK: UMA ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES  
DOS DOIS MAIORES JORNAIS IMPRESSOS DO BRASIL ENTRE 2013 E 2014

Dissertação apresentada como requisito parcial para  
obtenção do grau de Mestre em Bioética pelo  
Programa de Pós-graduação em Bioética da  
Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Gabriele Cornelli

Aprovada em 23 de fevereiro de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Dr. Gabriele Cornelli (presidente)  
Universidade de Brasília

Dr. Wanderson Flor do Nascimento  
Universidade de Brasília

Dra. Pollyanna Fausta Pimentel de Medeiros  
FIOCRUZ

Dr. Rodolfo Pais Nunes Lopes  
Universidade de Brasília - Suplente

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha família por ter me proporcionado as condições necessárias para que eu pudesse chegar até aqui, ao Professor Gabriele pela orientação na elaboração desse trabalho, à Nara Araujo por ter me incentivado a entrar no Programa de Pós Graduação em Bioética da UnB e pelo apoio para que eu pudesse frequentar as aulas do curso de mestrado, à minha amiga Pollyanna Alves pela ajuda com a revisão do texto e pelas longas discussões elucidativas e à equipe do projeto Prevenção e Pesquisa pelo apoio e compreensão que permitiram que eu pudesse finalizar essa pesquisa.

## RESUMO

O crack é uma droga derivada da cocaína que é disponibilizada em formato de pedra e fumada pelos seus usuários. O uso dessa substância, assim como de outras drogas, é um fenômeno complexo que deve ser abordado considerando a pessoa e o contexto em que ela está inserida, e não somente com foco na substância. Por ser um fenômeno que tem uma dimensão moral, os usuários de drogas sofrem com o estigma e com mitos relacionados ao seu comportamento. Os usuários de crack em especial são mais estigmatizados, pois o uso dessa droga é associado a população pobre e é uma das possíveis consequências da desigualdade social. Essa substância, seus consumidores e as consequências do consumo para o corpo humano e para a sociedade se tornaram foco da imprensa brasileira nos últimos anos. Sabe-se que a mídia tem um papel importante na formação da opinião pública e, ainda, que os assuntos e modo pela qual os jornais se referem a eles são também um reflexo da sociedade. Nesse trabalho foram analisadas reportagens sobre uso e usuários de crack publicadas na Folha de S. Paulo e no jornal O Globo, que são os dois maiores jornais em circulação no Brasil, entre 2013 e 2014. Esse período foi escolhido por contemplar o momento de lançamento da “Pesquisa Nacional sobre o uso de Crack” no Brasil publicada pela Fundação Oswaldo Cruz em 19 de setembro de 2013. O objetivo geral da pesquisa é verificar se os jornais selecionados reforçam o estigma relacionado às pessoas que usam crack e os mitos que envolvem essa droga e os seus usuários e tentam direcionar a opinião pública de maneira que isso possa dificultar a proteção por parte do estado das pessoas vulneradas pela desigualdade social e pelo uso de crack. O método utilizado no estudo foi o da análise de conteúdo. Conclui-se que a *Folha de S. Paulo* e o jornal *O Globo* utilizam expressões estigmatizantes para se referir a pessoas que usam crack, reforçam mitos sobre a substância e os seus usuários, ignorando amplamente os resultados da pesquisa da Fiocruz acima mencionada.

**Palavras-chave:** Drogas; Crack; Estigma; Mídia, Bioética; Vulnerabilidade.

## ABSTRACT

Crack is a drug derived from cocaine that is made available in stone and smoked by its users. The use of this substance, as well as of other drugs, is a complex phenomenon that must be approached considering the person and the context in which he or she is inserted, and not just focusing on the substance itself. Due to the fact that this is a phenomenon that has a moral dimension, drug users suffer from stigma and myths related to their behavior. Crack users in particular are more stigmatized because the use of this drug is associated with poor population and it can be seen as one of possible consequences of social inequality. This substance, its consumers and the consequences of consumption for the human body and society have become the focus of the Brazilian press in recent years. It is known that the media has an important role in the formation of public opinion, and also that the subjects and manner in which newspapers refer to people who use crack are also a reflection of the society. This study analyzes news on crack use and people who use crack published in *Folha de S. Paulo* and in *O Globo*, which were the two largest newspapers in circulation in Brazil between 2013 and 2014. This period of analysis was chosen to contemplate the moment of the release of the National Research on Crack Use in Brazil published by Oswaldo Cruz Foundation on September 19, 2013. The objectives of this research is to verify if the selected newspapers reinforce the stigma related to crack users and the myths that involve crack and its users, and also if *Folha de S. Paulo* e *O Globo* try to direct public opinion in a way that would make it difficult for the state to protect people who lives in a vulnerable situation and are crack users. The methodology used in this study was the content analysis. The conclusion is that the newspapers *Folha de S. Paulo* and *O Globo* use stigmatizing expressions to refer to people who use crack, reinforce myths about the substance and its users, ignoring the results of Fiocruz's research mentioned above.

**Keywords:** Drugs; Crack; Stigma; Media; Bioethics; Vulnerability.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Ranking com as cem palavras plenas mais frequentes na Folha de S. Paulo

Tabela 2 - Ranking com as cem palavras plenas mais frequentes no O Globo

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANJ - Associação Nacional de Jornais

Cratod - Centro de Referência de Álcool e outras Drogas

DENARC - Departamento de Investigação de Narcóticos

DST - Doença Sexualmente Transmissível

DUBDH - Declaração Universal de Bioética e Direitos Humanos

Fiocruz - Fundação Oswaldo Cruz

IBC - *International Bioethics Committee*

INSS - Instituto Nacional de Seguridade Social

Senad/MJ - Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas do Ministério da Justiça

UERJ - Universidade Estadual do Rio de Janeiro

UNESCO - Organização da Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

UPA - Unidade de Pronto Atendimento



## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	10
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA .....	12
2.1 DEFINIÇÃO DE ESTIGMA.....	12
2.2 PERFIL DO CONSUMO PROBLEMÁTICO DE CRACK.....	22
2.3 VULNERABILIDADE E VULNERAÇÃO: CONCEITOS DISTINTOS.....	24
2.4 BIOÉTICA DA PROTEÇÃO: ORIGENS .....	26
2.4.1 PRINCÍPIO DA PROTEÇÃO .....	27
2.4.2 BIOÉTICA DA PROTEÇÃO: CONCEITO .....	29
3. OBJETIVOS .....	31
3.1 OBJETIVO GERAL.....	31
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	31
4. MÉTODOS.....	32
5. RESULTADOS.....	35
5.1 FOLHA DE S. PAULO.....	35
5.1.1 Análise de Contexto .....	38
5.1.1.1 Usuário(s) .....	38
5.1.1.2 Dependente(s) .....	40
5.1.1.3 Viciado(s).....	42
5.1.1.4 Craqueiro .....	44
5.1.1.5 Drogados .....	44
5.1.1.6 Zumbis.....	44
5.2 O GLOBO.....	45
5.2.1 Análise de Contexto .....	48
5.2.1.1 Usuário(s).....	48
5.2.1.2 Dependente(s) .....	51
5.2.1.3 Viciado(s).....	53
5.1.1.4 Drogado(s).....	55
6. DISCUSSÃO .....	55
6.1 USO E USUÁRIOS DE CRACK NO BRASIL.....	55
6.2 O DUPLO ESTIGMA VIVENCIADO PELAS PESSOAS QUE USAM CRACK .....	57
6.3 DUPLA VULNERAÇÃO: DESIGUALDADE SOCIAL E ABUSO DE CRACK.....	61
6.4 CRACK, MÍDIA, ESTIGMA E VULNERAÇÃO.....	63
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68

7.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE ESTIGMA, VULNERAÇÃO, USO DE CRACK E BIOÉTICA DA PROTEÇÃO .....	68
7.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS PUBLICAÇÕES DA FOLHA DE S. PAULO E DO JORNAL O GLOBO.....	71
8. REFERÊNCIAS.....	75
ANEXO A – REPORTAGENS ANALISADAS PUBLICADAS PELA FOLHA DE S. PAULO .....	91
ANEXO B – REPORTAGENS ANALISADAS PUBLICADAS PELO JORNAL O GLOBO .....	220

## 1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos o crack, o seu uso e seus usuários no país vêm atraindo o foco da mídia nacional. Ainda, as políticas públicas ou a falta delas também tem chamado atenção da imprensa.

O crack é uma droga derivada da cocaína que é consumida na forma de pedra fumada. Não se sabe exatamente quando essa substância chegou no Brasil, mas estima-se que tenha entrado por São Paulo na década de 1990.

O uso de drogas é um fenômeno complexo que não se pode desvendar somente a partir da compreensão da composição das substâncias, seus efeitos e métodos de produção e oferta. Para entender melhor esse fenômeno é preciso perceber a sua dimensão biopsicossocial, incluindo a relação dos usuários com as substâncias, o padrão e o nível de uso e os fatores que tornam os indivíduos mais ou menos vulneráveis para o uso de drogas, respectivamente fatores de risco e fatores de proteção. Isso significa que o foco das políticas públicas nessa área devem ser os indivíduos, as suas peculiaridades e os contextos em que estão inseridos, e não a substância em si.

Por ser um assunto permeado de questões morais, existe estigma em relação aos usuários e diversos mitos referentes a eles e aos efeitos e consequências do uso nas pessoas. O crack, não está isento nesse processo.

A mídia, por ser um ator considerável na formação da opinião pública, tem um papel importante no reforço e na desconstrução de estigmas e mitos. No Brasil, a *Folha de S. Paulo* e o jornal *O Globo* são os dois maiores jornais em circulação país, e, por isso, supõe-se que eles têm grande responsabilidade na formação da opinião pública. Da mesma forma, o modo de escrita, os temas e a abordagem que se faz dos assuntos publicados também pode ser considerado um reflexo da sociedade. Assim, a imprensa e a sociedade são um reflexo um do outro se retroalimentam.

No caso do uso de crack, o estigma, o preconceito e os mitos fazem parte dessa lógica da relação da mídia e da opinião pública e a imprensa e a sociedade em geral podem colaborar para reforça-los ou desfazê-los.

Dito isso, esse estudo se faz importante na medida que pretende analisar se a *Folha de S. Paulo* e o jornal *O Globo* divulgaram notícias que retratam o usuário de crack de maneira estigmatizante e reforçam mitos sobre essa substância e as pessoas

que a consomem. A reportagens analisadas foram publicadas entre 19 de março de 2013 e 19 de março de 2014.

Elegeram-se esse período para análise, pois corresponde a seis meses antes e seis meses depois da data em que foi publicada a “Pesquisa Nacional sobre uso de Crack” no Brasil, lançada em 19 de setembro de 2013. Essa pesquisa foi elaborada pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e financiada pela Secretaria Nacional de Política sobre Drogas do Ministério da Justiça (Senad/MJ) e apresenta dados quantitativos sobre o uso dessa substância nas capitais e nos municípios do interior além de apresentar o perfil dos consumidores dessa droga no país.

O método utilizado para elaboração do estudo foi análise de conteúdo, baseado nos escritos de Lawrence Bardin(1). Assim, primeiro foi realizada a classificação das reportagens disponíveis em categorias de acordo com o assunto principal da matéria. Depois, prosseguiu-se para um levantamento das palavras plenas mais utilizadas nas reportagens selecionadas com o objetivo de identificar a utilização de vocábulos que reforçam o estigma relacionado a pessoas que usam crack. Em seguida, realizou-se uma análise de contexto com base nos parágrafos em que as palavras utilizadas para se referir a pessoas que usam crack foram empregadas.

A interpretação dos resultados foi realizada a luz dos conceitos de estigma, vulneração e também a partir do que diz a Bioética da Proteção e a Declaração Universal de Bioética e Direitos Humanos.

## 2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### 2.1 DEFINIÇÃO DE ESTIGMA

Erving Goffman é autor de uma das obras mais importantes sobre estigma. Na edição publicada em 1988 do ensaio intitulado “Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada”(2), o autor retoma o conceito de estigma utilizado por ele, acrescenta referências a trabalhos sobre o tema publicados por outros autores na época, além de abordar o estigma referente a comportamentos considerados desviantes em relação ao que a sociedade espera.

Goffman(2) utiliza as concepções de identidade social virtual e de identidade social real para explicar a definição de estigma. Segundo ele, as relações sociais diárias nos diversos ambientes acontecem sem nenhuma reflexão específica e permitem que as pessoas prevejam atributos e incluam indivíduos desconhecidos em categorias estabelecidas socialmente, ou seja, estabeleçam para aquele desconhecido o que o autor chama de identidade social virtual. Dessa forma, as pessoas transformam essa avaliação prévia em expectativas rigorosas sobre o comportamento que deve ser adotado pela pessoa desconhecida. Entretanto, quando o desconhecido deixa essa condição e passa a ser uma pessoa conhecida, é estabelecida sua identidade social real. Porém, a pessoa que o categoriza pode observar que aquele indivíduo anteriormente desconhecido possui uma característica que o torna diferente daqueles que estão socialmente incluídos na categoria que foi pré-estabelecida pela a pessoa que o categorizou ainda sem conhecê-lo, tornando-o uma pessoa menor, má ou até perigosa. Assim, nas palavras de Goffman(2)

tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande – algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem – e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real (...). Observe-se (...) que nem todos os atributos indesejáveis estão em questão, mas somente os que são incongruentes com o estereótipo que criamos para um determinado tipo de indivíduo.

Assim, o termo estigma é utilizado por Goffman como “referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso na realidade é uma linguagem de

relações e não de atributos”(2). Isso porque as relações sociais, que conforme citado anteriormente acontecem sem reflexão, estabelecem os tipos de pessoas, construído com base em atributos, que provavelmente serão encontradas em determinados ambientes. Em outras palavras, a construção da identidade social virtual e da identidade social real é bastante influenciada pelas relações sociais. Estas estabelecem um estereótipo, baseado em características pessoais físicas e comportamentais, para os indivíduos que estão inseridos em determinados locais. Quando os atributos que uma pessoa possui não estão de acordo com o estereótipo criado por meio das relações sociais, tem-se um estigma. É importante destacar que nem todas as características indesejáveis são consideradas, mas somente aquelas que são contraditórias com o estereótipo atribuído a determinado tipo de pessoa(2).

Ainda sobre estigma, Bruce Link e Jo Phelan(3) publicaram artigo em 2001 intitulado *Conceptualizing Stigma*. Nesse artigo os autores propõem utilizar uma nova perspectiva sociológica para conceituar estigma a partir da reflexão crítica sobre as definições utilizadas até então e da sua aplicação.

A partir do conceito de Goffman(2), Link e Phelan(3) descrevem a sua definição de estigma dividindo o que Goffman(2) apresentou em partes e analisando cada uma delas. Para Link e Phelan(3) há estigma quando os cinco componentes a seguir convergem: distinção e rotulação das diferenças entre as pessoas; associação de indivíduos rotulados à características indesejáveis a partir das crenças da cultura dominante; o posicionamento de pessoas rotuladas em categoria diferente distinguindo “eles” de nós”; experimentação de perda de status social e discriminação por parte daqueles que são rotulados; dependência da estigmatização para acesso ao poder político, social e econômico que admite a identificação das diferenças, a elaboração de estereótipos, a separação de pessoas rotuladas em categorias diferentes e a discriminação, rejeição e exclusão. Assim, o termo estigma é aplicado quando há, concomitantemente, rotulo, estereótipo, perda de status e discriminação em uma situação de poder que permite que isso ocorra.(3)

Godoi e Garrafa também abordam o estigma em seu artigo “Leitura Bioética do Princípio de Não Discriminação e Não Estigmatização” publicado em 2014(4). Complementando o que afirmam Link e Phelan(3), Godoi e Garrafa(4) dizem que há estigma quando há perda de dignidade, ou seja, quando um indivíduo é diminuído a partir do que o constitui como ser humano, sendo posicionado abaixo dos demais seres humanos diminuindo suas chances de vida(4). Assim, como Goffman(2), Godoi

e Garrafa(4) afirmam que isso é observado em relação a pessoas que tem comportamentos considerados desviantes como, por exemplo, a homossexualidade. Ainda, para esses autores, o estigma tem como consequência a desumanização do indivíduo estigmatizado e a identificação da pessoa pelo próprio atributo quando, por exemplo, se nomeia esse indivíduo como gay, leproso e etc.

Sobre o princípio de não discriminação e não estigmatização citados por Godoi e Garrafa, o *International Bioethics Committee* (IBC) publicou um relatório, também em 2014, para dar subsídio para uma melhor interpretação do princípio. Esse está no Artigo 11 que compõe a Declaração Universal de Bioética e Direitos Humanos (DUBDH) publicada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em 2005. A DUBDH é composta por 15 princípios e pretende proporcionar que todas as pessoas se beneficiem do desenvolvimento científico considerando os direitos humanos e as liberdades fundamentais.(5)

O Artigo 11 da DUBDH diz que

Nenhum indivíduo ou grupo deve, em circunstância alguma, ser submetido, em violação da dignidade humana, dos direitos humanos e das liberdades fundamentais, a uma discriminação ou a uma estigmatização.(5)

De acordo com o relatório do ICB, esse artigo claramente afirma que a discriminação e a estigmatização em qualquer situação são proibidas. Ainda, o relatório estabelece que o estigma é uma preocupação social que consiste em uma marca imposta em um indivíduo que o leva a ser tratado com desrespeito pelas outras pessoas. Em geral, essa marca rotula um certo grupo de pessoas de maneira negativa como, por exemplo, estrangeiros e pessoas portadoras de certas doenças(6). Neste caso, a estigmatização acontece pela crença de que o doente é responsável pela doença que ele possui, em parte por se comportar de uma certa maneira que o levou a ser acometido pela enfermidade. Por exemplo, a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Aids) e a obesidade(6).

Em relação a estigma e pessoas que usam drogas, Ronzani, Noto e Silveira publicaram, em 2014, um guia para profissionais e gestores da rede de cuidado para pessoas que usam drogas, que inclui, por exemplo, as áreas de saúde, educação, assistência social, trabalho e cultura, com o título “Reduzindo o Estigma entre Usuários de Drogas”(7). O guia foi elaborado com objetivo de mostrar alguns conceitos e ferramentas para o referido público-alvo como forma de contribuir para

que os usuários de drogas recebam tratamento mais adequado. Isso porque, de acordo com o guia, a relação do usuário com as drogas é complexa e possui uma dimensão humana que necessita ser considerada. Portanto, o relacionamento que o indivíduo tem com a droga precisa ser o foco, e não simplesmente a droga em si. Entretanto, muitas pessoas que usam drogas não conseguem receber cuidado adequado devido ao preconceito e a estigmatização nos serviços de saúde. Para que isso não ocorra, os autores propõem uma mudança no olhar dos profissionais em relação aos usuários de drogas.(7)

De acordo com o guia, a crença por parte dos profissionais de que as pessoas que usam drogas são culpadas por estarem nessa situação, são moralmente fracas, violentas e perigosas, impede que aqueles tenham motivação para pensar em um projeto terapêutico. Isso porque muitos desses profissionais acreditam que os usuários não conseguirão aderir ao tratamento, que muitas vezes tem como objetivo apenas a abstinência. Com isso, esses profissionais não se engajam no atendimento dessas pessoas(7).

Ainda, segundo os autores do guia, a mídia tem um papel importante na estigmatização das pessoas que usam drogas ao publicar informações deturpadas sobre o uso e abuso de substâncias e seus usuários(7).

## 2.1 A MÍDIA E O REFORÇO AO ESTIGMA RELACIONADO A PESSOAS QUE USAM CRACK

Leon Garcia(8) conta que em 2010 o crack ganhou bastante destaque na mídia brasileira. A ele foi associada a causa de crimes violentos e a degradação moral de uma parcela da juventude do Brasil. A imprensa, líderes políticos e líderes religiosos encontraram com facilidade especialistas disponíveis para subsidiar esse e outros mitos como os de que basta fumar crack uma vez para se tornar dependente e que os usuários de crack morrem em seis meses(8).

Ainda de acordo com Garcia(8), nos Estados Unidos durante as décadas de 1980 e 1990 mitos como esse ganharam a imprensa e a sociedade e acabaram por influenciar políticas públicas. Uma das consequências foi a mudança na legislação que passou a punir com penas mais severas pessoas presas portando crack do que



aqueles apreendidos portando cocaína, apesar de serem essencialmente a mesma droga(8). O uso de crack naquele país era maior entre negros e latinos do que entre a população branca. Com as leis mais rigorosas para usuários de crack as prisões ficaram desproporcionalmente lotadas de representantes daquelas populações alterando para sempre os destinos de jovens negros, latinos e pobres. Dessa forma, o agravamento das penas relacionadas ao uso de crack contribuiu para o aumento da população carcerária assim como do preconceito contra negros e latinos nos Estados Unidos ao associar essas populações ao uso de uma droga demonizada(8).

Alessandra Oberling e Nalayne Pinto(9) escreveram sobre como os meios de comunicação (televisivos e impressos) no Brasil divulgam e influenciam na representação social das drogas, mais especificamente o crack. Para isso, as autoras apresentam o percurso que levou as drogas a serem vistas como um problema social mundial para posteriormente pensar em como a punição foi assumida como solução para o chamado “problema das drogas” a partir da estigmatização dos usuários e comerciantes. Dentro disso, Oberling e Pinto(9) tentam identificar de que maneira a imprensa aparece como fundamental nesse processo.

Segundo as autoras, a estratégia de estigmatizar e controlar as substâncias psicoativas está historicamente associada ao controle de certos segmentos da população. Para exemplificar, Oberling e Pinto(9) dizem que a popularidade da cocaína e do crack no século XX resultou em um processo de repressão e controle dos negros e latinos nos Estados Unidos(9), assim como afirma Garcia(8). Ainda, de acordo com as autoras, até o século XIX substâncias psicoativas como a cocaína, a heroína e a maconha não eram classificadas e nem percebidas como drogas. A demonização das drogas foi implementada com o objetivo de diminuir o consumo e afetar o mercado de produção e venda. A alteração de uma visão comercial em relação às drogas para uma perspectiva moral foi determinante para a maneira como essas passaram a ser definidas, rotuladas e estigmatizadas desde o fim do século XIX até os dias atuais(9).

Nessa perspectiva da demonização, as autoras afirmam que a imprensa teve um papel importante ao publicar matérias moralistas com análises sobre os problemas sociais decorrentes do uso e do tráfico de drogas. Por meio de imagens de jovens pobres trabalhando na venda de substâncias psicoativas e consumindo drogas perambulando pelas cidades, os veículos de comunicação fazem análises morais dessas situações afirmando que o problema das drogas é decorrente da falta de

controle por parte do estado. Portanto, segundo esses veículos, a resposta adequada seria o aumento do controle social e o fortalecimento dos órgãos de repressão e das instâncias relacionadas à justiça criminal(9).

Ainda de acordo com Oberling e Pinto(9) é comum ver na mídia brasileira associações como uso de drogas e criminalidade. Essa associação está presente no imaginário da sociedade e é elaborada por meio de diversos atores, entre eles a imprensa, por meio de seleção e hierarquização do que deve ser publicado, que contribui para construção de uma imagem negativa e violenta associada ao uso de drogas.

Em relação ao crack, Oberling e Pinto afirmam que em geral as reportagens seguem o seguinte roteiro: casos dramáticos de pessoas sob o efeito de crack ligados a uma conjuntura de pobreza extrema e condições físicas precárias. Esse tipo de relato é comumente associado a explicações de causa e efeito desconsiderando o debate médico e científico acerca do assunto(9).

Luiz Tófoli(10) explica que há ocasiões em que a imprensa ou as pessoas em geral utilizam termos como “viciados” e “dependentes” para se referirem a pessoas que usam drogas. Entretanto, a definição do vocábulo “vício” nesse contexto está mais relacionada a moral do que a ciência e há uma grande probabilidade de que seja mais utilizada para drogas ilícitas considerando certos padrões de uso do que para drogas lícitas. Isso porque a sociedade brasileira é mais tolerante em relação a padrões de uso mais pesados de drogas legalizadas. Assim, Tófoli(10) argumenta que “o termo ‘viciado’ deve ser evitado por profissionais de saúde ou ligados a políticas públicas ao fazer referência a usuários de drogas – quer eles façam uso problemático ou não”.  
(10)

A partir disso, o autor levanta a discussão de como, então, devem ser nomeados os usuários de substâncias psicoativas. Segundo Tófoli(10), o termo “dependente químico” deve ser utilizado com cautela, pois se usado de forma pejorativa, como na frase “claro que ele agiu assim, é dependente químico” pode piorar as condições de vida do indivíduo, já que esse tipo de rótulo pode dificultar o acesso da pessoa a vários direitos. Da mesma forma, a utilização de palavras como “toxicômano”, “tabagista” ou “alcoolista”.(10)

Nesse sentido, palavras como “drogado”, “maconheiro”, “cracudo”, “craqueiro”, “nóia”, por exemplo, que estão ligadas diretamente ao uso de substâncias ilegais e que não levam em consideração o padrão de uso (problemático ou não), não devem

ser utilizadas. Assim, o autor aconselha a utilização das expressões “usuários de droga” e “pessoas que usam drogas” para descrever consumidores frequentes de drogas. Quando há certeza que o usuário em questão tem problemas decorrente do uso, recomenda-se a utilização de termos como “usuários problemáticos de substâncias” ou “pessoas que tem problemas com drogas” por serem opções respeitadas e mais precisas.(10)

Tófoli(10) também apresenta e desconstrói alguns mitos relacionados às drogas e seus usuários. Destacam-se dois mitos em particular. O primeiro é de que o uso de drogas é um comportamento intencional. Segundo o autor essa afirmação é um mito, pois apesar de a própria pessoa afirmar que a sua escolha por consumir drogas o levou ao uso problemático as tentativas de parar são situações difíceis e, em padrões de uso como este, as condições de escolha do indivíduo são bem prejudicadas(10). Já o segundo mito relevante para este trabalho está relacionado ao uso de crack e se refere a afirmação de que se uma pessoa usar crack uma vez já se torna dependente. Tófoli(10) chama esse mito de lenda urbana e afirma que ele é repetido por representantes da imprensa com frequência. Segundo o autor, apesar de haver relatos de pessoas que logo após a experimentação passaram a fazer uso frequente de crack e posteriormente se tornaram dependentes, só se desenvolve dependência após um certo tempo e nenhuma droga tem o poder de viciar no primeiro uso(10).

A relação entre uso de drogas e a imprensa também é retratada por Taylor(11) no artigo *Outside the outsiders: Media representations of drug use*. Nesse estudo o autor aponta que as afirmações da mídia e as crenças dos governantes são como um espelho e ambos adotaram a posição de que o uso de drogas é perigoso e está associado a criminalidade. Assim, é possível indicar que a maneira como a mídia aborda o uso de drogas pode influenciar no tipo de política pública implementada em um determinado território.

Ainda sobre a representação dos usuários de drogas na mídia, Taylor(11) afirma que usuários de crack e heroína são vistos pelos meios de comunicação e pela sociedade como perigosos. O autor chega a essa conclusão a partir de revisão bibliográfica de artigos científicos sobre mídia e drogas publicados em diversos países, inclusive no Brasil.

Rocha e Silva (12) também escreveram sobre mídia e drogas, mais especificamente o crack. Na pesquisa chamada “Pânico social e animalização do

usuário: o crack na Folha de S. Paulo” esses autores analisaram reportagens sobre crack publicadas no jornal *Folha de S. Paulo* entre janeiro de 1990 e outubro de 2014. Segundo os autores, a estrutura do discurso se organiza ao redor da animalização da pessoa que usa crack e da intimação a sua responsabilidade moral pelo problema do crack nas cidades (12).

De acordo com Rocha e Silva(12) nas sociedades modernas “o controle sobre o próprio corpo é a principal linha divisória entre as diversas ‘categorias’ de indivíduo”(12). A animalização então seria a inclusão daqueles que não conseguem controlar o próprio corpo em uma categoria distante daqueles que conseguem fazer esse controle, o que afastaria os primeiros da categoria dos seres humanos(12). Nesse sentido, há um interesse pelas condições de vida dos usuários nas reportagens publicadas no período mencionado, entretanto esse interesse é manifestado por meio de uma visão animalizada sobre essas pessoas que é revelada na utilização de expressões como “nóia”, “zumbis”, “lixo humano” e “mortos-vivos” para se referir aos usuários(12).

Os autores concluem que a *Folha de S. Paulo* raramente debateu as condições sociais que no limite podem levar os indivíduos mais desfavorecidos a viver em situação de rua e para o abuso de crack. Fica claro a tendência do jornal a responsabilizar moralmente as pessoas que usam crack pela sua condição que resulta na construção de um discurso que leva a animalização do usuário.(12)

Em seu texto “Crack, a nóia da mídia” Igor Rodrigues(13) mostra como a guerra às drogas alimentada pela mídia na verdade esconde uma guerra acobertada contra as classes mais pobres. Segundo Rodrigues(13), ao se ler ou ouvir na mídia expressões como “ele é um usuário”, “drogado”, “viciado” ou “dependente” em geral as pessoas imaginam algo bem além de um simples indivíduo que consome alguma substância psicoativa ou meramente um dependente de alguma substância. Isso porque o uso isolado de alguma substância não está automaticamente associado ao surgimento de categorias morais ou formas específicas de sociabilidade. Uma pessoa dependente de anti-inflamatórios, por exemplo, geralmente não é vista como um “viciado”. Assim, um “drogado” não significa uma pessoa que consome alguma droga, mas sim está relacionado a um modelo social de pessoa(13).

Dito isso, a maneira como se representa o usuário de drogas na imprensa, em especial de crack, não está relacionada com o uso contínuo de uma substância psicoativa ilícita, mas sim está vinculada com “uma representação que poderíamos

delimitar em torno de uma identidade social de classe ou, em outras palavras, de um estigma”(13).

Sendo a mídia um ator importante na disseminação de informações sobre crack e o seu uso, torna-se importante entender a maneira pela qual essa trabalha “a seleção e a definição de uma ‘marca’ atada a um segmento social em forma de predicado categorial”(13).

Ainda de acordo com Rodrigues(13),

as apreensões jornalísticas da experiência do uso de drogas reduzem indiscriminadamente o usuário de determinadas drogas, como o crack, ao drogado, quer dizer, a um símbolo de degradação, a um incapacitado para o mundo do “mercado”, do “trabalho”, enfim, a um ser reduzido à condição de “doente-criminoso”, que necessita de auxílio – corretivo – dos empreendedores morais da sociedade, tanto médico quanto policial.

Rodrigues(13) ainda afirma que a mídia cria uma espécie de máscara para o usuário de crack que parece estar relacionada somente ao uso dessa droga, entretanto se refere mais as consequências da desigualdade social. A formação dessa máscara é feita a partir da “naturalização dos processos sociais”(13) e demonstra a criação de um rótulo que transforma o usuário de crack “no próprio discurso midiático e do senso comum sobre o usuário”(13).

Nesse sentido, Rodrigues(13) afirma que as pessoas que usam crack são descritas pelos jornais como uma espécie de monstro, ou seja, como indivíduos que não estão incluídos na classe humanos e nem na classe dos animais.

O usuário de crack é apresentado pela mídia como um ser perverso, compulsivo, sujo, um alucinado capaz de qualquer coisa para obter a droga, com poucos momentos de lucidez, alguém inconfiável para exercer qualquer atividade fora do ‘mundo das drogas’ – como se houvesse um mundo exclusivamente destinado a essa população. A periculosidade do usuário do crack é pensada como um aspecto de sua personalidade, fazendo deste um monstro moral (13).

O autor ainda aborda a falácia midiática de que os usuários de crack consomem a droga por escolha pessoal a partir de expressões encontradas em textos jornalísticos como “usa crack porque quer”, “mora na rua porque quer” que levam a crença de que o fim do sofrimento decorrente do uso abusivo do crack depende exclusivamente da força de vontade do usuário (13). Na próprias palavras de Rodrigues(13)

O craqueiro, cracudo, nóia, zumbi, e todos os rótulos e estigmas utilizados para representar essa classificação de precariedade que perturba a ordem dominante, não aparece na mídia como adereço das indigências fabricadas por estruturas societárias, o fracasso é pensado em termos individuais e fragmentados, proveniente da falta de vontade ou incompetência do indivíduo e, mais que isso, usuários do crack acabam também culpados pelos infortúnios coletivos, como a violência, o crime e as drogas.(13)

Igor Rodrigues(13) conclui que a mídia faz parte da sociedade e que o discurso da imprensa não está descolado do contexto político e social. A maior parte das matérias sobre crack no Brasil utilizam diversas formas de disseminar um discurso que resulta na generalização de uma visão sobre o mundo “burguesa, meritocrática e liberal, cujo debate intolerante e policialesco dos usuários é transformado no falso combate a substância.”(13). Nesse ponto, Rodrigues está alinhado com o que afirmam Oberling e Pinto(9), assim como o que escreve Taylor(11) quando utiliza a metáfora do espelho para se referir a mídia e a sociedade.

Para subsidiar esse argumento, é importante destacar uma pesquisa sobre drogas e opinião pública no Brasil. A pesquisa “Drogas lícitas e ilícitas no Brasil: proximidades e opiniões”(14) realizada pelo Núcleo de Estudos e Opinião Pública da Fundação Perseu Abramo e publicada em 2013 aponta para existência de uma visão estigmatizada da população brasileira em relação as drogas ilícitas. Essa pesquisa foi elaborada a partir de 2.400 entrevistas realizadas em 120 municípios de pequeno, médio e grande porte, além das capitais e regiões metropolitanas em áreas urbanas e rurais nas cinco macrorregiões do Brasil(14).

De acordo com a pesquisa, 9% dos respondentes associaram as drogas ilícitas à ideia de “destruição, ruína, decadência e degradação pessoal (15%), destruição e problemas familiares (14%), coisas ruins e erradas (12%) ou morte e coisas que matam.”(14). Em relação ao crack, a pesquisa mostrou que 40% dos respondentes o percebem como a droga mais letal e 70% afirmam que essa é a droga mais perigosa. Além disso, para os entrevistados, o crack é um problema que vai além da substância em si. Está relacionado com “saúde, violência, criminalidade e prostituição”(14). Ainda, para os participantes da pesquisa, o problema do uso de crack parece estar descontrolado, os governantes não conseguem resolver essa situação complicada que está presente em todo Brasil(14).

A pesquisa da Fundação Perseu Abramo também traz alguns dados relevantes sobre a percepção da população em relação aos motivos que levam as pessoas a usarem drogas. De acordo com o estudo, a influência dos amigos é citada por 34% dos entrevistados, fraqueza de caráter aparece em segundo lugar citada por 22% dos participantes da pesquisa e fuga de problemas e situações difíceis é apontado por 18% dos entrevistados(14).

## 2.2 PERFIL DO CONSUMO PROBLEMÁTICO DE CRACK

Para melhor compreensão desse tópico é preciso abordar o conceito de uso problemático de drogas. Conforme citado anteriormente, Tófoli (10) afirma que só se deve utilizar a expressão “usuário problemático de substâncias” quando se tem certeza que o uso de drogas causa problemas ao usuário. Portanto, o uso problemático se caracteriza quando o consumo da substância gera consequências negativas para a vida ou riscos para a saúde do usuário(15). Por exemplo, quando o uso leva ao rompimento de vínculos com a família, à exclusão do mercado de trabalho e à problemas físicos que afetam a saúde do indivíduo que consome drogas tornando mais difícil a execução de atividades rotineiras. Nesse sentido, nem todo uso de substâncias psicoativas é problemático.

No dia 19 de setembro de 2013 a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) publicou a primeira versão<sup>1</sup>online do maior estudo sobre uso de crack (droga derivada da cocaína) e similares<sup>2</sup> já realizado no mundo(16). Essa pesquisa estudou o perfil etnográfico das cenas de uso de crack no Brasil com o objetivo de traçar o perfil das pessoas que usam crack no país. A partir disso, o estudo foi capaz, ainda, de estimar

---

<sup>1</sup> A versão online da pesquisa foi publicada no site da Fiocruz dividida em dois documentos: Livreto Domiciliar e Livreto Epidemiológico em 2013 e está disponível no portal da Fiocruz. Eles podem ser acessados através do link: <http://portal.fiocruz.br/pt-br/content/maior-pesquisa-sobre-crack-j%C3%A1-feita-no-mundo-mostra-o-perfil-do-consumo-no-brasil>. Em 2014, a mesma instituição publicou a pesquisa em forma de livro que inclui esses dois livretos e anexos como os questionários utilizados pelos pesquisadores. Optou-se por utilizar como referência principal de informações sobre uso e usuários de crack e similares no Brasil o livro disponibilizado em 2014 por conter os dois livretos publicados em 2013 e os anexos.

<sup>2</sup> Merla, basta base e oxi.

o tamanho e a distribuição dessa população em todas as capitais e no Distrito Federal(16).

De acordo com a pesquisa, “crack é um derivado da pasta base da coca, estabilizada com a adição de uma substância alcalina (base), como, por exemplo, o bicarbonato de sódio, e é primariamente consumido como uma pedra fumada”(16). Ainda segundo esse estudo da Fiocruz, não existem registros precisos de quando o crack passou a ser consumido no Brasil, porém estima-se que tenha sido a partir do início dos anos 1990.

Atualmente, existem aproximadamente 370 mil usuários regulares de crack e/ou similares nas capitais brasileiras. Isso equivale a 35% das pessoas que usam drogas nas capitais do país. O estudo mostra que essas pessoas são em sua maioria homens, não brancos e com baixa escolaridade(16).

A partir disso, pode-se afirmar que essa pesquisa demonstra que a desigualdade social é um fator vulnerabilizante para o abuso de crack. Isso porque o perfil dos usuários participantes do estudo demonstra que grande parte deles não teve ou tem acesso a serviços públicos essenciais que poderiam diminuir a vulneração para consumo abusivo dessa droga.

Nessa mesma linha, Souza(17) apresenta uma dimensão importante relacionada ao consumo problemático de crack. Para entender esse fenômeno, o autor argumenta que é importante entender “a força concreta e material dos estigmas que conduzem ao desespero do comportamento autodestrutivo.”(17). Souza(17) afirma que as pessoas que usam crack fazem parte do que ele chama de ralé brasileira. O autor não utiliza essa expressão com o objetivo de ofender um grupo populacional já humilhado, mas sim como maneira de ressaltar a iniquidade e o abandono social que, segundo ele, é a característica principal do Brasil(17).

De acordo com Souza(17), a maior parte das pessoas que abusam de crack é formada “socialmente pelo seu abandono secular e pela experiência de humilhação cotidiana que ela implica. A violência peculiar dessa droga é uma resposta a esse abandono”(17). Ainda segundo o autor

não é a malignidade da droga, portanto, que cria a prisão do vício, mas, o abandono afetivo e social e a experiência silenciosa de uma humilhação ubíqua e sem explicação palpável. A raiva e o ressentimento do abandono e da humilhação cotidiana podem se transformar, por exemplo, em “indignação” política e servir de motivação para uma vida com sentido de missão ainda que pobre materialmente. Mas também essa transformação exige



pressupostos cognitivos e emocionais que são escassos nas classes populares. Mais ainda entre os que estamos chamando de desclassificados<sup>3</sup>. Nesses casos, para muitos, a reação é dirigida contra si mesmo e o consumo da droga é uma tentativa desesperada de fugir de um cotidiano intragável ainda que o consumo progressivo apenas aumente o desprezo social e a degradação subjetiva e objetiva.(17)

Andressa Lima (18) segue na mesma linha de Souza (17) e a partir de pesquisa qualitativa realizada com 50 usuários de crack em Fortaleza (CE), Recife (PE) e Salvador (BA) entre março de 2014 e março de 2015 com objetivo de entender os comportamentos, valores, costumes e perfis individuais ela concluiu que

a fome, a falta de moradia e de bens, a falta de segurança, a sensação de medo e desconfiança, os laços frágeis com a família e amigos, as experiências de rebaixamento moral, o abandono, a rejeição afetiva, a falta de lazer formam o quadro da miséria moral da ralé, uma experiência geral vivida como mal-estar e traços de uma vida indigna, esvaziada ou empobrecida de reconhecimento social, principalmente nas relações primárias.(18)

A partir dessas reflexões, fica evidente a relação entre a histórica exclusão social no Brasil e o uso problemático de crack. O perfil dos usuários de crack no país apontado pela pesquisa conduzida pela Fiocruz coincide com o perfil das pessoas que são historicamente excluídas no Brasil. Isso não quer dizer que todas as pessoas vulneradas socialmente necessariamente se tornarão usuários de crack, entretanto está claro que a vulneração social é um fator de risco importante para o uso de crack.

### 2.3 VULNERABILIDADE E VULNERAÇÃO: CONCEITOS DISTINTOS

Ten Have Henk explica no texto “*Vulnerability – A challenge to contemporary bioethics*”(19) que a definição de vulnerabilidade no campo da bioética tem conotação ética e implicações normativas(19). A conotação ética se explica pelo fato da vulnerabilidade demandar uma resposta e incitar as pessoas a providenciarem algum tipo de assistência. Já a implicação normativa está relacionada a dois aspectos: a

---

<sup>3</sup> Souza chama de desclassificados pessoas que eram ex-escravas ou mestiços em situação de pobreza que ao longo dos anos foram constituindo a classe dos mais pobres do Brasil.

vulnerabilidade é condicionada a probabilidade de ocorrer algum fato que precisa ser evitado e necessariamente se refere a um evento ruim(19).

Ainda sobre a vulnerabilidade no âmbito da bioética, o autor explica que não há uniformidade no conceito entre os estudiosos desse tema dentro dessa área do conhecimento(19). Segundo Henk, é possível identificar pelo menos duas perspectivas diferentes sobre o assunto: a filosófica e a política(19).

A perspectiva filosófica afirma que a vulnerabilidade é intrínseca a qualquer ser humano, considerando que a sua existência é finita; ou seja, que pessoas são seres mortais e que não há nenhuma tecnologia ou avanço científico que tenha sido capaz de eliminar essa condição. Já a visão política considera que a vulnerabilidade faz parte do contexto social. Essa perspectiva reconhece que todos os seres humanos são expostos ao longo da vida a condições que os tornam vulneráveis, porém argumenta que em certos contextos, sejam políticos, econômicos ou sociais, algumas pessoas são mais vulneráveis do que outras(19). Considerando esta visão de vulnerabilidade, é compreensível que ela gera em algumas pessoas o sentimento de responsabilidade de incidir no contexto que torna alguns indivíduos mais vulneráveis do que outros com objetivo de diminuir ou mitigar as causas da vulnerabilidade(19).

Nesse sentido, M. Patrão Neves(20) afirma que a vulnerabilidade

exige um modo específico de agir na resposta não violenta de cada um ao outro, uma ação responsável e solidária, instaurando uma ética da fundamentação antropológica: o modo como devemos agir decorre do modo como somos e como queremos ser, sendo nossa comum vulnerabilidade que instaura um sentido universal do dever na ação humana.(20)

Ainda segundo Neves(20), essas duas perspectivas de vulnerabilidade foram mescladas no Artigo 8 da DUBDH(20). Este afirma que

Na aplicação e no avanço dos conhecimentos científicos, da prática médica, e das tecnologias que lhe estão associadas, deve ser tomada em consideração a vulnerabilidade humana. Os indivíduos e grupos particularmente vulneráveis devem ser protegidos, e deve ser respeitada a integridade pessoal dos indivíduos em causa.

A partir disso, Neves(20) conclui que essa junção é perceptível ao se constatar que o artigo mencionado se refere à necessidade de se considerar a vulnerabilidade humana, o que corresponde ao sentido filosófico do termo, e também ao reconhecer

que existem indivíduos e grupos que são mais vulneráveis e que, por isso, precisam ser protegidos(20).

A anteriormente citada vulnerabilidade na perspectiva política é o que Schramm(21) prefere denominar vulneração. Ele considera a origem das palavras para inicialmente justificar a necessidade de diferenciar vulnerabilidade de vulneração. Segundo ele, ambas as palavras são derivadas da mesma referência, *vulnus*, que quer dizer ferido ou traumatizado, o que faz com que elas possuam a mesma intenção de significado, porém em virtude de apresentarem extensões diferentes faz-se necessária a diferenciação(22).

Assim, segundo Schramm(22),

“vulnerabilidade” se refere a condição de quem pode ser “ferido” (ou “traumatizado”), ao passo que “vulneração” se refere especificamente à condição de quem *já está* ferido (ou traumatizado). Dito de forma mais geral, no primeiro caso estamos em presença de uma potencialidade – compartilhada pelo universo de todos os seres vivos. No segundo, de algo em ato de determinados seres vivos específicos e que não é necessariamente universalizável, pois todos os seres vivos são por essência vulneráveis devido à condição de finitude e mortalidade que os caracteriza, ao passo que somente alguns são de fato afetados ou vulnerados.(22)

Portanto, a vulnerabilidade caracteriza uma possibilidade (ou potencialidade), ao passo que a vulneração se refere a uma situação já concretizada(22).

No campo da bioética essa distinção é importante em situações nas quais torna-se necessário analisar ações de agentes morais que geram ou podem gerar “consequências relevantes sobre seus destinatários – ou pacientes morais –, pois uma coisa são comportamentos de risco que não implicam necessariamente danos, e outra são comportamentos que de fato implicam danos”(22). Nesse sentido, de acordo com Schramm(21) vulnerados são “os destinatários das práticas dos agentes morais que não possuem empoderamento capaz de enfrentar as consequências negativas de tais atos para revertê-los ou evitá-los”(21).

## 2.4 BIOÉTICA DA PROTEÇÃO: ORIGENS

Os conceitos de vulnerabilidade e vulneração remetem para um outro âmbito importante da discussão bioética contemporânea, que é conhecido como Bioética da Proteção. Esta, é uma ferramenta elaborada pelos professores e pesquisadores

Fermin Roland Schramm e Miguel Kottow. Ela surge a partir da constatação de ambos os pesquisadores de que a bioética principialista não é suficiente para solucionar conflitos morais relacionados à saúde pública nos países em desenvolvimento localizados na América Latina. Em primeiro lugar, porque pela própria descrição dos princípios fica evidente que estes se referem às relações entre indivíduos, como a interação entre médico e paciente e/ou entre pesquisador e sujeito de pesquisa. Ainda segundo esses dois autores,

a diferença da biomedicina clínica, [e] o referente universal da saúde pública são as medidas coletivas de prevenção que não necessariamente passam pela relação interpessoal entre médico e paciente ou, se preferir, entre prestador de serviços e usuário. Essas medidas se referem a populações humanas e a seus contextos socioambientais por um lado, e a instituições públicas responsáveis pela implementação de políticas de prevenção e promoção de saúde, por outro lado.(23)

Então, qual seria a proposta alternativa para resolver conflitos morais em saúde pública? Para responder essa pergunta os pesquisadores analisaram duas alternativas que consideram ser *prima facie* aplicáveis à saúde pública: a responsabilidade ôntica (relativa do “ser”) de Hans Jonas, e a responsabilidade diacônica (relativa ao “outro”), de Emanuel Lévinas.(24) Eles então concluíram que essas duas alternativas não são aplicáveis à saúde pública pois, no caso da responsabilidade de Jonas, não é possível identificar com clareza que tipo de “ser” deveria ser objeto de proteção, já que este utiliza a categoria do “ser” como uma categoria metafísica.(24) No caso de Lévinas, de acordo com Schramm e Pontes(24), sua visão pode ser aplicada a pequenas comunidades orgânicas, mas parece ser um pouco forte aplicá-la a grupos maiores, mais complexos e plurais. Ademais, a responsabilidade como princípio moral se refere a entes que devem ser de carácter pessoal, não podendo, dessa forma, “guiar atos que carecem de atores identificáveis como é o caso das políticas de saúde pública desenhadas por entidades institucionais e destinadas a uma população nem sempre definida”(23). Portanto, Schramm e Kottow fizeram o que eles chamam de atualização do princípio da responsabilidade e propuseram o princípio da proteção(23).

#### 2.4.1 PRINCÍPIO DA PROTEÇÃO

O princípio da proteção é o que fundamenta o estado mínimo que reconhece a sua obrigação de zelar pela integridade física e patrimonial dos seus cidadãos desde o século XVIII.(23) Ou seja, foi a partir desse século, portanto, que o estado definiu o primeiro nível de proteção relacionado aos indivíduos, determinando assim o campo dos direitos humanos fundamentais da pessoa, também chamados de direitos liberais.(24)

A saúde pública nasce também no século XVIII com o objetivo de dar proteção sanitária aos trabalhadores.(23) A saúde pública, portanto, exerceu assim um papel protetor, inclusive controlando epidemias e influenciando na reforma sanitária não só dos ambientes de trabalho, mas também de ambientes urbanos.(24) Dessa forma, foi introduzido um segundo nível de proteção relacionado a populações e não só a indivíduos, portanto, determinando o campo dos direitos sociais.(24)

“Entendemos por proteção a atitude de dar resguardo ou cobertura de necessidades essenciais, ou seja, aquelas que devem ser satisfeitas para que o afetado possa atender a outras necessidades ou outros interesses”(23). Para falar de um princípio de proteção e diferenciá-lo de outros princípios é preciso atribuir-lhe pelo menos três características:

gratuidade, no sentido de não existir um compromisso a priori de tomar atitudes protetoras; vinculação, no sentido de que uma vez livremente assumida se torna um compromisso irrenunciável; cobertura das necessidades entendidas a partir do ponto de vista do afetado.(23)

São necessárias as seguintes condições para a utilização do princípio de proteção para avaliação moral de políticas públicas em saúde coletiva: é válido considerar a proteção todas as vezes em que determinados objetivos sanitários são publicamente aceitos como mandatórios por serem considerados indispensáveis; a aceitação de programas de saúde pública implica na certeza ou alta probabilidade de que as medidas propostas sejam necessárias e suficientemente razoáveis para prevenir os problemas sanitários abordados; uma vez aceito como pertinente, o princípio de proteção pode cumprir seu papel cabalmente não podendo ser rejeitado por razões secundárias, tendo em vista que existe uma necessidade social de exercer a proteção através das ações programadas, vale enfatizar que eventuais efeitos negativos não invalidam o programa(23).

As políticas de proteção de saúde pública aparecem como propostas a necessidades sanitárias coletivas. Uma vez aceitas se tornam obrigatórias e permitem que o cumprimento das medidas de amparo valide o exercício de um legítimo poder de disciplina e autoridade para que sejam efetivas. Também se justifica submeter a autonomia individual aos requerimentos do bem-estar coletivo, a princípio sem exceções(23).

#### 2.4.2 BIOÉTICA DA PROTEÇÃO: CONCEITO

O sentido de proteger reside na origem da palavra *ethos* que no seu sentido mais antigo quer dizer “guarda” para animais e por extensão “refúgio e proteção” para os seres humano.(23) Ou seja, meio de proteção contra ameaças externas. Por isso, pode-se dizer que é esse também o sentido inicial da ética, sentido este historicamente anterior ao sentido de costume social e de caráter do agente moral.(24)

É possível definir a Bioética da Proteção como

uma ética da responsabilidade social, em que se deve basear o Estado para assumir as suas obrigações sanitárias para com as populações humanas consideradas em seus contextos reais, que são, ao mesmo tempo, naturais, culturais, sociais e ecoambientais.(24)

Kottow e Schramm(23) definem a Bioética da Proteção no texto “*Princípios bioéticos en salud pública: limitaciones y propuestas*”. Segundo eles, esta é um instrumento que tem como objetivo dar suporte às resoluções de conflitos morais no âmbito da saúde pública e da qualidade de vida na América Latina e no Caribe(23,25). Esta pode ser compreendida em dois sentidos de acordo com o entendimento que se tem da palavra proteção.(25,26)No *stricto sensu*, que é o prioritário e o núcleo duro dessa abordagem, a Bioética da Proteção está relacionada com as ações necessárias para proteger pessoas e populações que não possuem outros recursos que garantam as condições indispensáveis para ter uma vida digna e não somente sobreviver. Ou seja, é uma

ferramenta capaz de permitir a qualquer ser humano ter uma qualidade de vida pelo menos razoável e de acordo com os assim chamados direitos humanos fundamentais, (...), que qualquer representante da espécie humana

tenha as condições necessárias para poder viver junto com os seus semelhantes a fim de realizar o seu projeto de vida razoavelmente compatível com os demais(26).

Já no *lato sensu* a Bioética da Proteção se refere a uma ética de acolhimento absoluto para os desamparados e afetados, pensada além dos direitos. Relaciona-se com oferecer asilo para aqueles que vivem sem nenhum tipo de amparo e que não são abarcados nas políticas de direitos humanos(25,26) e que, por isso, “são fragilizados a ponto de não poder realizar suas potencialidades e os seus projetos de vida moralmente legítimos, pois as políticas públicas de saúde não os garantem”. (25)

Ainda sobre o conceito, Schramm(27) afirma que

a bioética da proteção é uma ética aplicada que se refere às práticas humanas que podem ter efeitos significativos irreversíveis sobre os seres vivos e, em particular, sobre indivíduos e populações humanas, considerados em seus contextos bioecológicos, tecnocientíficos e socioculturais, tendo em vista os conflitos de interesses e de valores que emergem de tais práticas e que, para poder dar conta de tais conflitos, (a) se ocupa de descrevê-los e compreendê-los da maneira mais racional e imparcial possível; (b) se preocupa em resolvê-los, propondo as ferramentas que podem ser considerados, por qualquer agente moral racional e razoável, mais adequados para proscrever os comportamentos considerados incorretos e prescrever aqueles considerados corretos; e (c) que, graças à correta articulação entre (a) e (b), fornece os meios capazes de proteger suficientemente os envolvidos em tais conflitos, garantindo cada projeto de vida compatível com os demais.

É importante ressaltar que a proteção a princípio não ignora a autonomia dos sujeitos, mas sim tenta garantir o mínimo necessário para que o desamparado possa se proteger em um curto espaço de tempo(26). Ademais, no campo da saúde pública, para Schramm e Kottow(23), é justificável submeter a autonomia individual às necessidades do bem estar coletivo. Isso porque, em alguns casos, para garantir a proteção dos seres vivos contra sofrimento e destruição é necessário pensar na coletividade.

### 3. OBJETIVOS

#### 3.1 OBJETIVO GERAL

- Verificar se os jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo* reforçam o estigma relacionado a pessoas que usam crack e em que medida, ao direcionarem a opinião pública, contribuem para dificultar a proteção por parte do Estado das pessoas vulneradas pelo uso de crack.

#### 3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Levantar quais são as expressões utilizadas pelos referidos jornais para se referir a pessoas que usam crack;
- Discutir a influência que o estigma tem sob a manutenção da vulneração das pessoas que usam crack.



#### 4. MÉTODOS

Para elaborar esse estudo, foram selecionados os dois maiores jornais em circulação no Brasil no ano de 2014 no que tange a média de circulação das edições impressas e online. O ano de 2014 foi utilizado como referência para a escolha dos jornais, pois esse é o ano do levantamento mais atualizado e publicado pela Associação Nacional de Jornais (ANJ) sobre esse assunto. Além disso, a Pesquisa Nacional sobre uso de Crack no Brasil, mais conhecida como Pesquisa do Crack e utilizada como uma das referências de análise neste trabalho foi publicada em 2013. Assim, considerou-se importante manter como referência de maiores jornais do país, respectivamente, os veículos *Folha de S. Paulo* e *O Globo*, conforme apontado pela ANJ(28).

O período escolhido para análise foi 19 de março de 2013 e 19 de março de 2014, o que corresponde aos 6 meses anteriores e aos 6 meses posteriores à publicação da Pesquisa do Crack, divulgada no dia 19 de setembro de 2013. A escolha desse período de análise se justifica pelo fato de a pesquisa ter sido publicada nessa época e pela possibilidade dos dados apresentados pela referida pesquisa serem usados como referência para analisar o perfil e o comportamento das pessoas que usam crack apresentado pelos jornais.

A palavra-chave utilizada para pesquisar as reportagens analisadas foi “crack”. A escolha dessa palavra se deu com o objetivo de encontrar publicações que se referissem a pessoas que usam crack das mais diversas maneiras, assim nenhuma denominação possivelmente estigmatizante seria excluída do banco de dados. A empresa *Clip Digital* foi contratada para fazer a seleção das notícias publicadas, tanto na versão impressa quanto na versão online, em cada um desses jornais utilizando a palavra-chave indicada. A pesquisa feita pela empresa resultou em 229 reportagens publicadas pela *Folha de S. Paulo* e 281 notícias divulgadas pelo *O Globo*, totalizando 510 registros.

O método escolhido para apreciação do material foi a análise de conteúdo proposta por Lawrance Bardin(1). Seguindo esse método, o primeiro passo para análise é fazer uma leitura flutuante do material e dividi-lo em categorias. Assim, após leitura do material, as reportagens idênticas foram excluídas e as notícias a serem analisadas foram divididas em 18 categorias: Uso de Crack/Pessoas que usam

crack/Ações para diminuir o uso de crack, Crimes que são associados a pessoas que usam crack, Pessoas famosas e uso de crack, Segurança pública/Violência, Editoriais/Colunas/Opinião do leitor, Revitalização/Necessidade de revitalização de locais que costumam/costumavam ser frequentados por pessoas que usam crack, Apreensão de materiais ilícitos/Tráfico de drogas, Operações de pacificação de comunidades vulneradas, Campanha eleitoral, Artes/Entretenimento/Esporte, Filhos de pessoas que usam drogas/Criminosos, Drogas, Ocupação de edifícios abandonados, Análises sobre governos, Presídios/Penitenciárias, Operações para manter a ordem pública, Personagens e Temas não relacionados a drogas.

O critério para inclusão das reportagens nas categorias indicadas foi o assunto principal da notícia. Foi necessário criar a categoria “Temas não relacionados a drogas” devido à abrangência da palavra-chave utilizada para a pesquisa de notícias, que abarcou algumas reportagens que se referiam, por exemplo, a craques do futebol e não faziam nenhuma menção a droga crack. Ademais, optou-se por incluir os textos de opinião, tanto de colunistas como de leitores, em uma mesma categoria, pois esses textos não refletem a opinião do jornal.

Considerando que o objetivo do estudo é analisar a maneira como os veículos de comunicação selecionados se referem às pessoas que usam crack, somente as reportagens incluídas nas categorias Uso de Crack/Pessoas que usam crack/Ações para diminuir o uso de crack, Crimes que são associados a pessoas que usam crack, Pessoas famosas e uso de crack, Personagens, Revitalização/Necessidade de revitalização de locais que costumam/costumavam ser frequentados por pessoas que usam crack e Editoriais/Colunas/Opinião do leitor foram analisadas. Esta última categoria, apesar de não refletir a opinião do jornal, foi incluída a partir do raciocínio de que, a depender do autor do editorial, as suas palavras podem ter bastante influência na opinião pública. Esse processo resultou em um conjunto de 102 reportagens da *Folha de S. Paulo* e 106 publicações do jornal *O Globo*.

A partir da escolha desse *corpus* foram estabelecidos os objetivos e as hipóteses e procedeu-se a uma busca de palavras plenas, ou seja, palavras que possuem sentido como substantivos, adjetivos e verbos(1), mais utilizadas por cada jornal selecionado. Esse procedimento foi realizado com o objetivo de visualizar quais palavras portadoras de sentido mais empregadas pelos veículos de comunicação e quais os substantivos utilizados para se referir às pessoas que usam crack.

Após esse processo foram identificados os parágrafos em que os jornais estudados utilizavam as palavras “usuário(os)”, “dependente(s)”, “viciado(s)”, “drogados”, “craqueiro(s)”, “cracudo(s)”, “zumbi(s)” e “nóia(s)”, termos identificados como palavras utilizadas pela *Folha de S. Paulo* e pelo *O Globo* para identificar pessoas que usam crack. O objetivo da codificação desses trechos é viabilizar uma análise de contexto de uso desses vocábulos por cada um dos jornais.

A procedimento que se seguiu foi a categorização dos parágrafos por temas identificados após a análise de contexto de cada parágrafo que continham as palavras mencionadas. Os temas encontrados foram ações do estado, ações relacionadas a acolhimento e cuidado de pessoas que usam crack, dados sobre uso de crack e suas consequências, depoimentos de pessoas que usam crack sobre a sua experiência com o uso da substância e sobre ações do estado direcionadas a eles(as), pessoas famosas que usam crack, fontes de renda dos usuários e usuárias, ocupação de espaços públicos e privados, recolhimento de pessoas que usam crack, descriminalização, ações no campo da redução de danos, uso e usuários(as) de crack, perfil do usuário, sua relação com a substância e comportamento das pessoas que usam crack, impressões sobre o uso de crack como um grande problema e que as ações governamentais nesse sentido são ineficazes, usuários se isolando da sociedade, programas de televisão, documentários e outras formas de arte, associação das pessoas que usam crack a crimes e à imagem de uma pessoa perigosa. Toda a análise foi realizada utilizando o *software* de análise qualitativa chamado NVIVO.

## 5. RESULTADOS

### 5.1 FOLHA DE S. PAULO

No conjunto de reportagens analisadas que foram publicadas pelo jornal *Folha de S. Paulo* constata-se que foram utilizadas um total de 45.897 palavras. O termo “crack” é a palavra-plena mais utilizada nas matérias analisadas, com 263 aparições. É interessante notar que a palavra “usuários” é a terceira mais utilizada no conjunto de reportagens consideradas, com 185 aparições, o vocábulo “dependentes” aparece na 30ª posição com 66 aparições e o termo “viciados” aparece em 36º lugar do *ranking* contadas 62 vezes. Palavras como “craqueiro” (contagem: 2), “drogados” (contagem: 2), “zumbis” (contagem: 2), “cracudo” (contagem: 0) e “nóia” (contagem: 0) não aparecem na lista.

Continua

Tabela 1 – Ranking com as cem palavras plenas mais frequentes na Folha de S. Paulo

Posição	Palavra	Contagem	Percentual ponderado (%)	Palavras similares
1	crack	263	71%	crack, crack'
2	paulo	239	65%	paulo
3	usuários	185	50%	usuário, usuários
4	drogas	169	46%	droga, drogas
5	prefeitura	168	46%	prefeitura
6	foi	163	44%	foi
7	folha	154	42%	folha, folha'
8	programa	146	40%	programa, programas
9	cracolândia	134	36%	cracolândia, cracolândia'
10	anos	129	35%	ano, anos
11	rua	122	33%	rua, ruas
12	região	116	31%	região
13	ser	115	31%	ser
14	prefeito	114	31%	prefeito
15	dias	113	31%	dia, dias
16	pessoas	104	28%	pessoa, pessoas
17	diz	103	28%	diz
18	governo	89	24%	governo, governos
19	disse	88	24%	disse
20	2014	82	22%	2014

Continuação

Tabela 1 – Ranking com as cem palavras plenas mais frequentes na Folha de S. Paulo

Posição	Palavra	Contagem	Percentual ponderado (%)	Palavras similares
21	ford	82	22%	ford, 'ford
22	elas	80	22%	ela, elas
23	cidade	77	21%	cidade, cidades
24	ação	76	21%	ação
25	haddad	74	20%	haddad
26	segundo	74	20%	segundo
27	foram	73	20%	foram
28	tem	72	20%	tem
29	polícia	71	19%	polícia
30	dependentes	66	18%	dependente, dependentes
31	trabalho	66	18%	trabalho, trabalhos
32	moradores	66	18%	morador, moradores
33	ter	65	18%	ter
34	eles	64	17%	eles
35	problemas	63	17%	problema, problemas
36	viciados	62	17%	viciado, viciados
37	saúde	61	17%	saúde
38	até	60	16%	até
39	estado	60	16%	estado, estados
40	semanas	59	16%	semana, semanas
41	toronto	57	15%	toronto
42	área	57	15%	área, áreas
43	impresso	55	15%	impresso
44	todos	55	15%	todo, todos
45	centro	54	15%	centro, centros
46	cotidiano	54	15%	cotidiano
47	público	54	15%	público, públicos
48	2013	48	13%	2013
49	brasil	48	13%	brasil
50	outras	48	13%	outra, outras
51	estão	47	13%	estão
52	duas	46	12%	duas
53	hoje	46	12%	hoje
54	local	46	12%	local
55	seus	46	12%	seus
56	consumo	45	12%	consumo
57	dois	45	12%	dois
58	uso	45	12%	uso
59	segurança	44	12%	segurança
60	três	43	12%	três
61	esses	42	11%	esse, esses

## Conclusão

Tabela 1 – Ranking com as cem palavras plenas mais frequentes na Folha de S. Paulo

Posição	Palavra	Contagem	Percentual ponderado (%)	Palavras similares
62	era	41	11%	era
63	pública	41	11%	pública, públicas
64	situação	41	11%	situação, 'situação
65	parte	40	11%	parte, partes
66	museu	40	11%	museu
67	ontem	40	11%	ontem
68	opinião	40	11%	opinião
69	política	40	11%	política, políticas
70	tratamento	40	11%	tratamento, tratamentos
71	vez	40	11%	vez
72	filho	39	11%	filho, filhos
73	pedra	39	11%	pedra, pedra', pedras
74	primeiro	39	11%	primeiro, primeiros
75	barracos	38	10%	barraco, barracos
76	contra	38	10%	contra
77	horas	37	10%	hora, horas
78	novo	36	10%	novo, novos
79	fazer	36	10%	fazer
80	fernando	36	10%	fernando
81	maior	36	10%	maior, maiores
82	menos	36	10%	menos
83	projeto	36	10%	projeto, projetos
84	vida	36	10%	vida, vidas
85	agora	35	9%	agora
86	pode	35	9%	pode
87	dinheiro	34	9%	dinheiro
88	favelinha	34	9%	favelinha, 'favelinha'
89	faz	34	9%	faz
90	primeiras	34	9%	primeira, primeiras
91	vagas	34	9%	vaga, vagas
92	abertos	33	9%	aberto, abertos
93	braços	33	9%	braço, braços
94	nova	33	9%	nova, novas
95	acordo	33	9%	acordo
96	alguns	33	9%	alguns
97	milhões	33	9%	milhões
98	hotéis	32	9%	hotéis, 'hotéis
99	guarda	32	9%	guarda, guardas
100	mil	32	9%	mil

### 5.1.1 Análise de Contexto

#### 5.1.1.1 Usuário(s)

Ao analisar o contexto em que os termos “usuário” e “usuários” são utilizados pela *Folha de S. Paulo* como referência a pessoas que usam crack, observa-se que estes aparecem associados aos seguintes temas: ações do estado, ações relacionadas a acolhimento e cuidado de pessoas que usam crack, dados sobre uso de crack e suas consequências, depoimentos de pessoas que usam crack sobre a sua experiência com o uso da substância e sobre ações do estado direcionadas a eles(as), fontes de renda dos usuários e usuárias, ocupação de espaços públicos e privados, recolhimento de pessoas que usam crack, ações no campo da redução de danos, uso e usuários(as) de crack, associação das pessoas que usam crack a crimes e à imagem de uma pessoa perigosa.

A maioria dos parágrafos que contém os termos “usuário” e “usuários” (114 ocorrências) estão incluídas no tema “ações do estado”. Nesse sentido, a maior parte das reportagens são sobre o Programa de Braços Abertos gerenciado pela prefeitura de São Paulo e acerca do Programa Recomeço, de responsabilidade do estado de São Paulo. Ademais os termos também aparecem em matérias sobre ações dos órgãos de segurança pública no centro da capital paulista. Ainda, há também reportagens que abordam o assassinato de um jovem no Rio de Janeiro. (29,30,31,32,33,34,35,36,37,38,38,39,40,41,42,43,44,45,46,47,48,49,50,51,52,53,54,55,56,57,58,59,60,61,62,63,64,65,66,67,68,69,70,71,72,73,74,75)

Por exemplo, no trecho “às 13h, durante intervalo para o almoço, um homem vestido com o uniforme azul do programa segurava um cachimbo ao lado de outros usuários consumindo crack no largo Coração de Jesus”(…) ‘Você acha que alguém parou de fumar? Se alguém disser que sim, estará mentindo’, disse Daniel Freeman, 45, que relatou ter usado crack duas horas antes.”(41) o jornal apresenta crítica ao Programa de Braços Abertos por não exigir abstinência.

No tema “ações relacionadas a acolhimento e cuidado de pessoas que usam crack” foram incluídas 33 referências e a frequência de reportagens relacionadas ao Programa de Braços Abertos utilizando os termos “usuário” e “usuários” continua alta, entretanto o foco é a valorização da reinserção social como ponto principal do

programa. Além disso, o jornal também aborda ainda que com pouca frequência, ações de um programa vinculado a igreja evangélica chamado Cristolândia que tem como objetivo ajudar os usuários a alcançarem a abstinência. Há, ainda algumas menções a necessidade de recuperar os usuários, como se estes fossem pessoas que obrigatoriamente precisam deixar de ser usuários de crack.(29,32,33,34,36,38,39,40,41,43,48,57,58,59,62,77,78,79)

Nos trechos que abordam “dados sobre uso de crack e suas consequências” foram categorizadas 6 referências utilizando-se os termos “usuário” e “usuários” para se referir a pessoas que usam crack, o jornal apresenta diversas estatísticas sobre o uso de crack no Brasil, a maior parte delas sem citar a fonte. (71,80,81,82)

Outras 6 referências foram identificadas no que se refere às reportagens compiladas no tema “depoimentos de pessoas que usam crack sobre a sua experiência com o uso da substância e sobre ações do estado direcionadas a eles(as)”. A *Folha de S. Paulo* apresenta somente depoimentos que refletem a experiência de pessoas com padrão de uso abusivo de crack, contribuindo assim para reforçar o mito de que todo usuário de crack apresenta esse padrão de uso.(40,44,47,54)

Já nos trechos de reportagens incluídas no assunto “fontes de renda dos usuários e usuárias” o jornal mostre em apenas 3 referências que alguns usuários vivem da venda de objetos encontrados no lixo, assim como da venda de cigarros e de cachimbos.(45,46)

Em relação ao tema “ocupação de espaços públicos e privados” são 20 os trechos de reportagens que definem as pessoas que usam crack como “usuários” ou “usuário”. Estas abordam principalmente a construção de barracos em áreas públicas por pessoas que usam crack com objetivo de se abrigarem. Ademais, os trechos destacados também falam de moradias coletivas, hotéis baratos e imóveis abandonados que são utilizados como abrigos por usuários de crack e de ações do estado para desocupar, interditar ou demolir essas construções. Em algumas ocasiões, ao falar sobre esse tema, o jornal o faz associando a ocupação desses espaços por pessoas que usam crack como uma ameaça a segurança do local.(31,32,34,37,38,44,55,74,75,76)

No que tange às reportagens classificadas no tema “recolhimento de pessoas que usam crack” (4 referências) a *Folha de S. Paulo* se refere a ações desse tipo como uma estratégia para desocupar espaços públicos frequentados por esses indivíduos,



como se os usuários fossem objetos que atrapalham a circulação de pessoas nesses locais e, por isso, precisam ser removidos.(29,31,65)

Somente 3 referências foram catalogadas com o tema “ações no campo da redução de danos”. O jornal apresenta iniciativas nesse sentido implementadas no Brasil e no Canadá.(58) Já nas 19 referências compiladas no assunto “uso e usuários(as) de crack” uma parte dos trechos analisados reportam pessoas cadastradas no Programa de Braços Abertos usando crack durante o intervalo do trabalho.(41,43,44,45,47,49,73,79) Percebe-se que a *Folha de S. Paulo* relata essas situações utilizando um tom de crítica ao programa por não exigir abstinência dos usuários. Ao fazer isso o jornal reforça o senso comum de que bom programa para pessoas que usam drogas tem como resultado a abstinência dos usuários.

No que se refere aos trechos classificados como “associação das pessoas que usam crack a crimes (6 referências) e associação do usuário de crack à imagem de uma pessoa perigosa” (7 referências), apesar de se referir a essas pessoas utilizando o termo “usuário” ou “usuários”, o jornal associa a presença delas como uma ameaça a segurança do local e inferem que alguns crimes ocorridos em São Paulo foram cometidos por pessoas que usam crack apenas por haver presença de usuários nas áreas em que foram registradas as ocorrências (29,31,34,49,50,64,66,67,68,76). É possível constatar isso a partir da manchete “Migração de usuários de crack isola moradores de asilo em SP”.(67)

#### 5.1.1.2 Dependente(s)

Na análise do contexto em que a *Folha de S. Paulo* utilizou os termos “dependente” e “dependentes” para se referir a pessoas que usam crack também apareceram temas parecidos com os da pesquisa pelas palavras “usuário” e “usuários”: ações do estado, ações relacionadas a acolhimento e cuidado de pessoas que usam crack, dados sobre uso de crack e suas consequências, uso de crack como um grande problema, ocupação de espaços públicos e privados, programas de televisão, documentários e outras formas de arte, ações no campo da redução de danos, associação das pessoas que usam crack a crimes e à imagem de uma pessoa perigosa.

No tema “ações do estado” foram encontradas 38 referências. Verifica-se que os trechos analisados publicados pela *Folha de S. Paulo* são acerca de demolições de imóveis abandonados e frequentado por pessoas que usam crack, sobre o Programa de Braços Abertos e o Programa Recomeço, sobre intervenção em outros países semelhantes ao Programa de Braços Abertos, acerca do auxílio-doença concedido pelo Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) a pessoas que fazem uso problemático de drogas, incluindo o crack, e sobre ações violentas de órgãos de segurança pública no centro de São Paulo. (36,48,53,54,55,56,60,61,63,64,65,69,79,80,81,83,84,85,86,87)

Em relação ao tema “ações relacionadas a acolhimento e cuidado de pessoas que usam crack” (34 referências) os trechos se referem a encaminhamento de usuários para abrigos, citam características de políticas de cuidado e reinserção social mais eficazes do ponto de vista da ciência, se referem ao componente trabalho e geração de renda do Programa de Braços Abertos, às consequências negativas para as ações de cuidado depois de ação violenta do Departamento de Investigações sobre Narcóticos (Denarc), vinculado a Polícia Civil de São Paulo, na região central da cidade e à histórias de famílias que tentam internar parentes usuários de crack. (29,36,42,48,53,54,55,56,60,61,62,64,69,79,80,81,86,87,88)

No que tange as 4 referências sobre o assunto “dados sobre uso de crack e suas consequências” a *Folha de S. Paulo* utiliza a palavra “dependentes” para apresentar dados da pesquisa sobre uso de crack no Brasil elaborada pela Fiocruz e para apresentar o número de pessoas atendidas no Centro de Referência de Álcool e outras Drogas (Cratod) vinculado ao Programa Recomeço. Além disso, o jornal também utiliza a referida palavra em reportagem sobre pesquisas relacionadas a comportamentos das pessoas que usam crack nos Estados Unidos.(69,82)

O tema “uso de crack como um grande problema” aparece em dois trechos de matéria publicada pela *Folha de S. Paulo* que utilizou o vocábulo “dependentes” como referência a pessoas que usam crack.(89,90)

Sobre “ocupação de espaços públicos e privados” (1 referência) os substantivos “dependente” e “dependentes” foram utilizados em trechos que abordam a invasão de um imóvel abandonado por pessoas que usam crack.(69) Já quando o assunto é “programas de televisão, documentários e outras formas de arte” (2 referências) trechos utilizando as palavras mencionadas estavam em matéria sobre um documentário acerca de pessoas que usam crack no centro de São Paulo.(91)

No que se refere ao tema “ações no campo da redução de danos” apenas uma reportagem utilizou as palavras destacadas em um relato referente a uma organização canadense que faz intervenções com esse objetivo.(58)

Em relação a “associação das pessoas que usam crack a crimes e à imagem de uma pessoa perigosa”, utilizando os vocábulos “dependente” e “dependentes” somente foram encontrados dois trechos. Um se refere a fuga de pessoas durante uma operação da Polícia Militar do Rio de Janeiro em um local frequentado por usuários e traficantes de crack.(29) Já o segundo trecho traz um depoimento de um familiar de uma pessoa que usa crack sobre furtos realizados por ela. (68)

A utilização dos vocábulos “dependente” ou “dependentes” pode ser estigmatizante dependendo do contexto em que é empregada, pois imprime uma marca no indivíduo ou grupo de indivíduos que traz a ideia de que estes são pessoas incapazes de realizar qualquer atividade, a não ser usar crack. Além disso, a utilização desses termos em alguns casos desconsidera a existência de diferentes níveis do uso de crack e coloca todas as pessoas que usam essa droga no mesmo grupo, o de indivíduos que fazem uso problemático.

#### 5.1.1.3 Viciado(s)

O contexto em que a *Folha de S. Paulo* utilizou os substantivos “viciado” e “viciados” foram analisados a partir de 80 parágrafos em que apareceram os termos indicados. Esses parágrafos foram divididos nos seguintes temas: ações do estado, ações relacionadas a acolhimento e cuidado de pessoas que usam crack, dados e pesquisas sobre uso de crack e suas consequências, ocupação de espaços públicos e privados, perfil e comportamento das pessoas que usam crack, pessoas famosas que usam crack, ações no campo da redução de danos, remoção e recolhimento de usuários de crack, associação das pessoas que usam crack a crimes e à imagem de uma pessoa perigosa.

O jornal utilizou as palavras “viciado” e “viciados” em 22 parágrafos que abordam as ações do estado voltadas para pessoas que usam crack. Esses parágrafos se referem ao eixo trabalho e qualificação profissional do Programa de Braços Abertos, criticam a não exigência de abstinência para os usuários participantes

do programa e falam acerca da dispersão de pessoas que usam crack após ação violenta da polícia civil no centro de São Paulo.(33,43,44,50,51,53,55,56,63,64,65,82,84,92)

Em relação ao assunto “ações relacionadas a acolhimento e cuidado de pessoas que usam crack” foram identificados 11 parágrafos que utilizavam os termos citados acima para se referir a pessoas que usam crack. Esses parágrafos abordam as ações de trabalho e capacitação profissional do Programa de Braços Abertos, além de criticar a falta de exigência de abstinência para usuários cadastrados no programa. Ademais, existem parágrafos sobre a remoção dos abrigos instalados nas calçadas da região central de São Paulo, também como ação do Programa de Braços Abertos.(33,43,55,56,63,64,82,93,94)

Já no que se refere ao tema “dados e pesquisas sobre uso de crack e suas consequências” (15 referências) a maioria dos parágrafos destacados estão relacionados a uma pesquisa sobre comportamento de usuários de crack nos Estados Unidos. Há também alguns trechos com dados sobre uso de crack cuja fonte não é mencionada.(71,80,82,95)

No que tange aos 7 parágrafos sobre “ocupação de espaços públicos e privados” são feitas referências a espaços públicos ocupados por abrigos improvisados em que vivem pessoas que usam crack. (37,83,93)

Também há menções a pesquisa realizada nos Estados Unidos nos 14 parágrafos que abordam o perfil e comportamento das pessoas que usam crack. Além disso, fala-se ainda sobre o vocabulário utilizado para comunicação entre os usuários que frequentam o centro de São Paulo. (46,82,95,96)

Rob Ford, ex-prefeito da cidade de Toronto no Canadá, é o protagonista dos 4 parágrafos identificados na categoria “pessoas famosas que usam crack”.(96,97,98)

Foram identificados dois parágrafos que utilizam os termos “viciado” e viciados” e falam sobre “ações no campo da redução de danos”. Ambos falam de iniciativa realizada no Canadá com esse objetivo.(58)

Sobre “remoção e recolhimento de usuários de crack” também foram encontrados dois parágrafos. Um se refere a retirada de usuários e de seus abrigos construídos nas ruas da região central de São Paulo e a admissão deles em hotéis da mesma área como uma ação do Programa de Braços Abertos.(99) Já o outro fala sobre a retirada de pessoas que usam crack feita pela polícia militar na alameda Barão de Piracicaba, também em São Paulo. (55)

Em relação a “associação das pessoas que usam crack a crimes e à imagem de uma pessoa perigosa” foram identificados três parágrafos. O primeiro relata o sentimento de ameaça de idosos que vivem em região frequentada por pessoas que usam crack(100), o segundo aborda a pesquisa estadunidense sobre comportamento de pessoas que usam crack(82) e o terceiro critica reportagem publicada no Estadão que defendia o cercamento do vão sob o Museu de Arte de São Paulo como forma de evitar que ele seja ocupado por usuários de crack e, assim, diminuir os crimes na região(101).

#### 5.1.1.4 Craqueiro

Foram identificados dois parágrafos em que a *Folha de S. Paulo* utilizou a palavra craqueiro. Ambos os parágrafos se referem a transcrição do mesmo depoimento de um morador do centro de São Paulo publicado em matérias diferentes. Ao falar sobre a falta de ação do estado em relação a construção de abrigos improvisados por usuários de crack em espaços públicos o entrevistado afirmou que essa falta de ação do governo premia o craqueiro e desampara o morador da região.(37,102)

#### 5.1.1.5 Drogados

Também foram encontrados dois parágrafos com o vocábulo “drogados”. Um aborda as diversas políticas adotadas pelo governo ao longo dos anos direcionadas as pessoas que usam drogas(70) e o outro relata um episódio de crise de abstinência presenciado por uma pessoa no centro de São Paulo(40).

#### 5.1.1.6 Zumbis

Sobre a utilização do termo “zumbis”, dois parágrafos foram identificados. O primeiro está em uma reportagem sobre a vida de uma usuária de crack e traz um depoimento dela que demonstra um sentimento de abandono por parte do estado:

É muita burocracia. Tem que passar no psicólogo, confirmar que é dependente e ficar esperando. Nunca tem vaga. Quando tem, não funciona. Ninguém tá preocupado com a gente, só querem tirar os zumbis da rua. Só que o capeta manda um mensageiro e a gente volta pra cracolândia rapidinho.(62)

Já o segundo fala sobre a necessidade de utilizar palavras mais respeitadas no debate sobre o uso de crack.

Expressões como "droga maldita", "reféns das drogas" e "exército de zumbis" podem ser boas para explorar o medo dos telespectadores nos programas vespertinos e no horário eleitoral gratuito, mas não ajudam a avançar as políticas públicas.(71)

## 5.2 O GLOBO

No que se refere a reportagens publicadas pelo jornal *O Globo* que foram analisadas nesse trabalho, nota-se que foram utilizadas 56.014 palavras. Entre os substantivos utilizados pelo jornal para denominar usuários de crack, observa-se que a palavra “usuários” aparece como o 7º vocábulo mais utilizado e foi contada 172 vezes. Já a palavra “dependentes” aparece na 37ª posição com 66 citações enquanto o vocábulo “viciados” (contagem: 39) aparece na 98ª posição. As palavras “drogados” (contagem: 5), “craqueiros” (contagem: 0), “cracudos” (contagem: 0), “zumbis” (contagem: 0) e “nóias” (contagem: 0) não aparecem na lista.

Continua

Tabela 2 – Ranking com as cem palavras-plenas mais frequentes no O Globo

Posição	Palavra	Contagem	Percentual ponderado (%)	Palavras similares
1	foi	247	55%	foi
2	anos	246	54%	ano, anos, anos'
3	crack	234	52%	crack

Continuação

Tabela 2 – Ranking com as cem palavras-plenas mais frequentes no O Globo

Posição	Palavra	Contagem	Percentual ponderado (%)	Palavras similares
4	rio	220	49%	rio, rios
5	rua	209	46%	rua, ruas
6	drogas	203	45%	droga, drogas
7	usuários	172	38%	usuário, usuários
8	região	147	33%	região
9	prefeitura	146	32%	prefeitura
10	pessoas	126	28%	pessoa, pessoas
11	ford	125	28%	ford, fords
12	dias	124	27%	dia, dias
13	moradores	121	27%	morador, moradores
14	foram	119	26%	foram
15	prefeito	116	26%	prefeito
16	tem	112	25%	tem
17	ser	105	23%	ser
18	disse	104	23%	disse
19	polícia	98	22%	polícia
20	ação	96	21%	ação
21	centro	91	20%	centro, centros
22	segundo	90	20%	segundo, segundos
23	brasil	89	20%	brasil
24	avenida	88	19%	avenida, avenidas
25	eles	86	19%	eles
26	feira	82	18%	feira, feiras
27	ter	82	18%	ter
28	programa	82	18%	programa, programas
29	casas	78	17%	casa, casas
30	cidade	75	17%	cidade, cidades
31	local	74	16%	local
32	todos	73	16%	todo, todos
33	operação	72	16%	operação
34	até	69	15%	até
35	social	68	15%	social, social', social'
36	cracolândia	66	15%	cracolândia, cracolândias
37	dependentes	66	15%	dependente, dependentes
38	elas	66	15%	ela, elas
39	grande	66	15%	grande, grandes
40	municipal	66	15%	municipal
41	público	65	14%	público, públicos
42	área	65	14%	área, áreas
43	novas	62	14%	nova, novas

Continuação

Tabela 2 – Ranking com as cem palavras-plenas mais frequentes no O Globo

Posição	Palavra	Contagem	Percentual ponderado (%)	Palavras similares
44	governo	61	14%	governo, governos
45	era	60	13%	era
46	saúde	60	13%	saúde
47	dois	59	13%	dois
48	quem	59	13%	quem
49	estão	58	13%	estão
50	vai	58	13%	vai
51	2014	57	13%	2014
52	trabalho	56	12%	trabalho, trabalhos
53	policiais	55	12%	policiais
54	parque	55	12%	parque, parques
55	país	54	12%	país
56	agora	53	12%	agora
57	será	53	12%	será
58	praça	52	12%	praça, praças
59	problema	51	11%	problema, problemas
60	uso	51	11%	uso
61	estava	50	11%	estava
62	outras	50	11%	outra, 'outra, outras
63	paulo	50	11%	paulo
64	grupo	49	11%	grupo, grupos
65	passado	49	11%	passado, passados
66	projeto	49	11%	projeto, projetos
67	toronto	49	11%	toronto
68	diz	48	11%	diz
69	conta	47	10%	conta, contas
70	contra	47	10%	contra
71	poderes	47	10%	poder, poderes
72	semanas	46	10%	semana, semanas
73	cerca	45	10%	cerca
74	maior	45	10%	maior, maiores
75	antes	44	10%	ante, antes
76	estado	44	10%	estado, estados
77	esses	44	10%	esse, esses
78	seus	44	10%	seus
79	últimos	44	10%	último, últimos
80	flip	43	10%	flip
81	hoje	43	10%	hoje
82	menores	43	10%	menor, menores
83	três	43	10%	três
84	ações	42	9%	ações



## Conclusão

Tabela 2 – Ranking com as cem palavras-plenas mais frequentes no O Globo

Posição	Palavra	Contagem	Percentual ponderado (%)	Palavras similares
86	secretaria	42	9%	secretaria, secretarias
87	família	41	9%	família, famílias
88	justiça	41	9%	justiça
89	vida	41	9%	vida, vidas
90	cocaína	40	9%	cocaína
91	favela	40	9%	favela, favelas
92	holanda	40	9%	holanda
93	niterói	40	9%	niterói
94	número	40	9%	número, números
95	parte	40	9%	parte, partes
96	sendo	40	9%	sendo
97	lapa	39	9%	lapa
98	viciados	39	9%	viciado, viciados
99	desta	38	8%	desta, destas
100	apoio	38	8%	apoio

## 5.2.1 Análise de Contexto

### 5.2.1.1 Usuário(s)

Foi possível classificar os parágrafos em que o jornal *O Globo* utilizou os vocábulos “usuário” e “usuários” para se referir as pessoas que fazem uso de crack nos seguintes temas: ações do estado, ações relacionadas a acolhimento e cuidado de pessoas que usam crack, dados sobre uso de crack e suas consequências, impressões sobre o uso de crack como um grande problema e que as ações governamentais nesse sentido são ineficazes, ocupação de espaços públicos e privados, recolhimento de pessoas que usam crack, ações no campo da redução de danos, usuários se isolando da sociedade, associação das pessoas que usam crack a crimes e à imagem de uma pessoa perigosa. Observa-se que esses temas são similares aos encontrados na análise das reportagens do jornal *Folha de S. Paulo*.

No que tange aos trechos inseridos na categoria “ações do estado” foram identificados 45 parágrafos. O periódico *O Globo* utiliza as palavras “usuários” e “usuário” em matérias sobre ações dos órgãos de segurança pública e da assistência social em regiões do Rio de Janeiro em que há grande concentração de pessoas que usam crack. Sobre isso, existem trechos criticando as ações dos atores da segurança pública, inclusive destaca-se ação do Ministério Público do Rio de Janeiro contra a prefeitura da cidade por realizar operações de recolhimento de usuários e encaminhá-los para delegacias ao invés de enviá-los para equipamentos da assistência social.(103,104,105,106,107,108) Observa-se que a maioria dos parágrafos se refere à cena de uso de crack localizada nas proximidades da favela Nova Holanda localizada nas imediações da Avenida Brasil.(103,104,105,107,109,110,111,112,113,114) Há também três trechos sobre ação policial violenta no centro de São Paulo e menções ao Programa de Braços Abertos.(115,116,117) Ademais, os trechos também abordam operações da prefeitura no centro do Rio de Janeiro e também em Niterói.(114,118,119,120,121,122,123,124,125,126)

Sobre “ações relacionadas a acolhimento e cuidado de pessoas que usam crack” foram encontrados 36 parágrafos. É interessante notar que nesse contexto há a utilização das expressões “acolhimento de usuários” e ‘recolhimento de usuários” como se fossem sinônimos. Aparecem também algumas críticas a morosidade dos programas voltados para pessoas que usam crack no Rio de Janeiro e há menções sobre inauguração de casas de acolhimento para pessoas que usam crack e estão em situação de rua. Além disso, também se utiliza os vocábulos “usuários” e “usuário” em parágrafos que falam sobre a implantação do Programa de Braços Abertos em São Paulo e sobre as ações no campo trabalho e qualificação profissional no âmbito desse programa. Ainda, existem parágrafos que apresentam falas de especialistas sobre maneiras eficientes de lidar com o uso de crack especialmente com foco na necessidade de extinguir as punições e em estratégias de vincular as pessoas que usam crack nos serviços públicos da assistência social.(103,104,105,110,111,112,114,123,124,126,127,128,129,130,131,132,133,134,135,136)

Em relação ao tema “dados sobre uso de crack e suas consequências” foram identificados 8 parágrafos. Eles utilizam os vocábulos “usuário” e “usuários” para citar estatísticas e pesquisas sem informar as fontes e também apresentam dados sobre

auxílio-doença disponibilizado pelo INSS a pessoas que usam drogas, frisando os gastos desse tipo com usuários de crack e outros derivados da cocaína. Há também afirmações sobre uma suposta dependência imediata ao fazer uso de crack sem citar a fonte dessa informação.(133,137,138)

Já sobre as impressões sobre o uso de crack como um grande problema e sobre o sentimento de que as ações governamentais nesse sentido são ineficazes foram encontrados 19 parágrafos. Nesse sentido, os termos “usuário” e “usuários” também são utilizados no contexto de pesquisas cujas fontes não são especificadas e em reportagens sobre os benefícios concedidos pelo INSS a pessoas que usam crack. Há ainda menções sobre áreas públicas degradadas e frequentadas por usuários de crack. Nesse sentido, uma frase publicada pelo o jornal *O Globo* chama atenção: “Além disso, o local era um bolsão de detritos, e ainda servia de abrigo a usuários de **crack**”(negrito do próprio jornal)(139). A partir dessa afirmação é possível perceber a posição em que o periódico coloca a pessoa que usa crack, como se a sua presença fosse pior do que a existência de lixo na região. Além disso, há alusões criticando as ações do estado voltadas para pessoas que usam crack utilizando um tom de falta de esperança de que ocorra alguma mudança na situação.(114,126,133,137,138,139,140,141,142,143)

No que se refere a “ocupação de espaços públicos e privados” foi possível encontrar 17 parágrafos. Nesse sentido, há alusão a construção de moradias improvisadas em locais públicos por pessoas que usam crack e também a invasão de imóveis abandonados para utilizar como abrigo e como espaço para o consumo da substância. Ainda, aparecem inferências sobre aumento de crimes nas regiões ocupadas por usuários de crack.(107,119,120,129,139,142,143,144,145,146,147,148,149,150)

Sobre “recolhimento de pessoas que usam crack” foram identificadas 16 referências. Como o jornal *O Globo* utiliza recolhimento como sinônimo de acolhimento os parágrafos sobre esse assunto falam praticamente dos mesmos contextos dos trechos identificados no assunto “ações relacionadas a acolhimento e cuidado de pessoas que usam crack”.(103,104,105,106,107,108,109,119,120)

Já no que tange “ações no campo da redução de danos” foram encontrados 7 parágrafos. Nesse sentido, as referências falam acerca de um relatório publicado pela organização Viva Rio que propõe ações de redução de danos para pessoas que

usam crack e mencionam ações nessa área implementadas por uma organização canadense em Vancouver.(136,151)

Em relação ao assunto “usuários se isolando da sociedade” o material analisado do *O Globo* apresenta 7 parágrafos em que são utilizadas as palavras “usuário” e “usuários” para se referir a pessoas que usam crack. Considerando esse tema, os trechos selecionados descrevem uma tendência de migração de pessoas que usam crack de espaços públicos abertos para o entorno e dentro de comunidades que tem menos atenção do poder público.(103,104,105,114,123)

No que se refere a “associação das pessoas que usam crack a crimes e à imagem de uma pessoa perigosa” as reportagens analisadas trazem 42 parágrafos que relacionam a presença de pessoas que usam crack com um suposto aumento de crimes na região. Ademais, falam também sobre ações da polícia do Rio de Janeiro para deter e remover pessoas que usam crack de algumas regiões e de como a presença dessas pessoas em alguns locais, como perto de avenidas onde há a circulação de veículos, é uma ameaça aos próprios usuários e às demais pessoas que circulam por esses lugares. (103,104,105,107,110,112,118,120,144,145,146,150,152,153,154,155,156,157,158, 159)

#### 5.2.1.2 Dependente(s)

Em relação às palavras “dependente” e “dependentes”, o jornal *O Globo* as utilizou para identificar pessoas que usam crack quando abordou os seguintes temas: ações do estado, ações relacionadas a acolhimento e cuidado de pessoas que usam crack, dados sobre uso de crack e suas consequências, descriminalização, ocupação de espaços públicos e privados, perfil de usuários e relação com a substância, recolhimento de pessoas que usam crack, associação das pessoas que usam crack a crimes e à imagem de uma pessoa perigosa.

Sobre o assunto “ações do estado” o periódico *O Globo* utilizou os vocábulos “dependente” e “dependentes” para se referir aos usuários em 37 parágrafos. Esses abordam um projeto de lei do Senador Eduardo Suplicy sobre descriminalização de todas as drogas, incluindo o crack, as ações de emprego e capacitação profissional

no âmbito do Programa de Braços Abertos implementado em São Paulo, programas como esse implementado em outros países, citam a ação violenta do Denarc no centro de São Paulo e o impacto nas ações do Programa de Braços Abertos, alguns resultados alcançados a partir da implementação desse programa, críticas ao programa a partir de uma visão de que ele incentivaria o uso de crack e benefícios do INSS concedido a pessoas que usam crack. (114,116,126,127,128,131,135, 136,137,146,159,160)

No que se refere a “ações relacionadas a acolhimento e cuidado de pessoas que usam crack” foram codificados 34 parágrafos. Nesse sentido, as reportagens analisadas descrevem a ação de um novo centro de assistência social no Rio de Janeiro que trabalha na criação de vínculos com os usuários como princípio para os atendimentos e apontam também detalhes sobre o funcionamento do Programa de Braços Abertos de São Paulo e apresentam dados de atendimento tanto nesse Programa como no Cratod. Além disso, falam sobre ações policiais que encaminham usuários para abrigos associando isso a acolhimento e acerca de uma ação governamental e coloca usuários em abstinência para dar suporte a pessoas que usam crack. Ainda, abordam os benefícios do INSS e apresentam ações de cuidado promovidas pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).(103,104,105,112,114,117,126,129,130,132,133,134,138,144,147,160,161, 162,163,164,165,166,167)

Já no que tange “dados sobre uso de crack e suas consequências” os 12 parágrafos identificados também apresentam estatísticas sobre os benefícios concedidos pelo INSS, sobre o Programa de Braços Abertos e acerca dos atendimentos feitos pela UERJ. Além disso, também destacam dados sobre as internações de usuários de crack no contexto de uma ação de prevenção realizada no bairro da Barra da Tijuca no Rio de Janeiro. (133,134,138,147,164)

Sobre o tema “descriminalização” foram catalogados 2 parágrafos. Ambos se referem ao projeto de lei do Senador Eduardo Suplicy. (136)

Já em relação ao assunto “ocupação de espaços públicos e privados” também foram identificados 2 parágrafos. O primeiro fala sobre a reocupação da região da Lapa no Rio de Janeiro após uma operação policial no local e o segundo fala da percepção do aumento de pessoas que usam crack na praça Saénz Peña e seus arredores, também localizada no Rio de Janeiro.(120,168)

No que se refere aos três parágrafos codificados sobre o tema “perfil de usuários e relação com a substância” eles abordam a existência de uma grande parte de pessoas que usam crack que são egressos do sistema prisional e sobre a dificuldade de ex-usuários em continuar em abstinência.(127,128,130)

Sobre o tema “recolhimento de pessoas que usam crack” foi encontrado apenas uma referência. Esta relata número de pessoas recolhidas, incluindo adolescentes.(120)

Por fim, acerca do assunto “associação das pessoas que usam crack a crimes e à imagem de uma pessoa perigosa” foram catalogados 3 parágrafos. Dois desses trechos relatam a fuga de pessoas que usam crack após operação para desmontar moradias improvisadas em espaços públicos e o terceiro fala sobre um homem usuário que foi detido por tráfico. (103,104,105,112,129)

#### 5.2.1.3 Viciado(s)

O jornal *O Globo* utilizou os vocábulos “viciado” e “viciados”, para se referir a pessoas que usam crack em trechos compilados nos seguintes temas: ações do estado, ações relacionadas a acolhimento e cuidado de pessoas que usam crack, apelo de familiares de usuários de crack, dados sobre uso de crack e suas consequências, impressões sobre o uso de crack como um grande problema, ocupação de espaços públicos e privados, perfil de usuários e seu comportamento, pessoas famosas que usam crack, recolhimento de pessoas que usam crack, ações no campo da redução de danos e associação das pessoas que usam crack a crimes e à imagem de uma pessoa perigosa.

No tema “ações do estado” foram incluídos 8 parágrafos. A maioria destes relatam operações policiais para desmontar abrigos de pessoas que usam crack improvisados em locais públicos e também para dispersar usuários de locais públicos frequentados por eles. (107,123,152,162,163)

Em relação aos 6 trechos catalogados em “ações relacionadas a acolhimento e cuidado de pessoas que usam crack” a maior parte se refere a benefícios do INSS concedidos a pessoas que usam drogas, inclusive crack. Há também menções a um programa de cuidado no Canadá e também a um programa nessa mesma área

implementado em Niterói, Rio de Janeiro, em que ex-usuários apoiam pessoas que usam crack e estão em situação de rua.(123,137,138,151)

Sobre “apelo de familiares de usuários de crack” existem dois parágrafos que relatam o suporte recebido pela mãe de um usuário de crack por outro usuário. Já no que se refere ao tema “dados sobre uso de crack e suas consequências” os três parágrafos identificados são sobre o aumento na quantidade de auxílio-doença fornecido pelo INSS a usuários de crack.(124,169)

No assunto “impressões sobre o uso de crack como um grande problema” há um parágrafo catalogado que descreve como é a vida em uma pequena vila de pescadores e afirma que entre aqueles que não frequentam a igreja evangélica prolifera o uso de crack.(137,138)

No que se refere a “ocupação de espaços públicos e privados” são 7 parágrafos classificados. Estes, identificam locais no Rio de Janeiro e São Paulo em que há grande concentração de pessoas que usam crack e abordam intervenção de órgãos de segurança pública e a migração de usuários para outros espaços quando esta acontece.(161,167)

Nos 3 parágrafos codificados em “perfil de usuários e seu comportamento” afirma-se que os usuários se concentram perto de pontos de venda de crack e, por isso, a polícia usa essa informação para planejar operações.(107,123,124,162,163)

Em relação ao tópico “pessoas famosas que usam crack” os 4 parágrafos catalogados falam sobre a descoberta de um vídeo que mostra o ex-prefeito de Toronto no Canadá, Rob Ford, fumando crack. Já sobre “recolhimento de pessoas que usam crack” são três parágrafos que abordam operações de forças de segurança em locais frequentados por pessoas que usam crack e que resultaram em recolhimento de usuários.(170,171,172)

No que se refere a “recolhimento de pessoas que usam crack” o parágrafo codificado é sobre o recolhimento de cem usuários de crack na favela Nova Holanda no Rio de Janeiro.(107)

Em relação a “ações no campo da redução de danos” há apenas um parágrafo sobre ações nessa área feitas por uma organização no Canadá.(151)

No que tange ao assunto “associação das pessoas que usam crack a crimes e à imagem de uma pessoa perigosa” são 7 parágrafos identificados. Estes relatam um assassinato cometido por uma pessoa que supostamente seria usuária de crack e afirmam que os usuários de crack deixam as comunidades para cometer assaltos em

outras regiões da cidade do Rio de Janeiro. Ademais, os parágrafos também abordam a invasão de avenidas em que há a passagem de carros por usuários e a impossibilidade de frequentar uma praça no Rio de Janeiro devido à grande presença de pessoas que usam crack. (107,109,123,124,148,161,167,173,174)

#### 5.1.1.4 Drogado(s)

Para finalizar, foram identificados apenas 5 parágrafos em que o jornal O Globo utilizou os termos “drogado” e drogados” para se referir a pessoas que usam crack. Estes relatam operações de forças de segurança em ambientes frequentados por pessoas que usam crack, descrevem a vida de um usuário que passou a cometer crimes, narram um momento em que o repórter presenciou uma pessoa que usa crack falando sozinha na rua e cita o episódio envolvendo o ex-prefeito de Toronto, no Canadá.(107,159,161,167,175)

## 6. DISCUSSÃO

### 6.1 USO E USUÁRIOS DE CRACK NO BRASIL

Conforme já mencionado, o estudo sobre uso de crack publicado pela Fiocruz indica que há cerca de 370 mil usuários regulares dessa substância no país, considerando a soma dos usuários residentes nas capitais brasileiras e no Distrito Federal. Isso corresponde a 0,81% da população que habita nesse conjunto de cidades. Também nas capitais, estima-se que há aproximadamente 1 milhão de usuários de drogas ilícitas<sup>4</sup>, o que significa que cerca de 2,28% da população residente nos municípios pesquisados é usuária de alguma substância psicoativa ilícita. Os usuários de crack e/ou similares correspondem a 35% das pessoas que usam drogas ilícitas e residem nas capitais do Brasil(16).

---

<sup>4</sup> A maconha não foi incluída na pesquisa.



As pessoas que usam crack e/ou similares no país<sup>5</sup> são maioria homens jovens, não brancos (pardos e negros), com média de 30,28 anos de idade, sendo que 1/3 destes tem entre 18 e 24 anos. Em relação à escolaridade, observa-se que apenas 2,35% completou o ensino superior. De fato, a maioria cursou/concluiu apenas o Ensino Fundamental<sup>6</sup> (57,60%). No que se refere à moradia, cerca de 40% estavam em situação de rua quando a pesquisa foi realizada(16).

Sobre as características do consumo, a pesquisa mostra que a maior parte é poliusuária, ou seja, consome outras drogas além de crack e/ou similares, sendo o álcool e o tabaco os mais consumidos. Os usuários afirmaram, que em um dia comum, consomem aproximadamente 13,42 pedras/porções de crack e/ou similares e o tempo médio de uso é de 80,76 meses, cerca de seis anos e meio. Entre os usuários das capitais do Brasil, esse tempo chega a 91,32 meses, aproximadamente oito anos(16). Aproximadamente 58% dos usuários apontaram como motivação para o uso de crack e/ou similares a curiosidade de experimentar/sentir o efeito da droga. A segunda motivação mais relatada foi problemas familiares ou perdas afetivas (29,19%).

Dos usuários de crack e/ou similares, 77,23% manifestaram desejo de realizar algum tipo de tratamento para dependência química. Quase que a totalidade desses usuários apontou que um serviço como este deveria fornecer “suporte básico de modo a garantir a sua sobrevivência e dignidade.”(16). Por exemplo, cuidados básicos de saúde, (apontado por 97,18%), higiene (96,73%), alimentação (96,92%), auxílio para conseguir emprego (95,57%) e escola/curso (94,88%). Além disso, 97% ressaltou a importância de que esses serviços sejam gratuitos(16).

Em relação à sua condição de saúde, cerca de 8% dos usuários apresentaram algum sintoma de Doença Sexualmente Transmissível (DST) nos 30 dias anteriores à entrevista. Desses, somente 13,30% teve acesso a algum serviço de saúde, também nos 30 dias anteriores a pesquisa. Ainda considerando esse período, 6,4% dos usuários apresentaram algum sintoma compatível com tuberculose, dos quais 12,17% disseram ter tido acesso a algum serviço de saúde. Dos usuários entrevistados, 41,06% afirmaram ter apresentado dor, ferida ou sangramento na boca, gengiva ou dentes. Do total de usuários participantes da pesquisa, apenas 27% informaram ter acessado posto, centro de saúde, ambulatório, Unidade de Pronto Atendimento (UPA)

---

<sup>5</sup> Para traçar o perfil dos usuários de crack e/ou similares, a Fiocruz utilizou dados referentes às capitais e também a municípios que não são capitais.

<sup>6</sup> Na pesquisa, Ensino Fundamental corresponde o período entre a 4ª e a 8ª série.

ou hospital (internação/emergência) nos 30 dias anteriores à entrevista. Ademais, somente 10% relataram ter utilizado algum serviço de internação para dependência química no mesmo período(16).

Apesar desses dados, relatados pelos próprios participantes da pesquisa, a maioria dos usuários tinha uma percepção positiva sobre o seu estado de saúde. Por exemplo, 46,76% considerava a sua saúde bucal excelente/muito boa/boa, 46,73% considerava ter uma excelente/muito boa/boa saúde física e 52,91% uma excelente/muito boa/boa saúde emocional(16).

Sobre a forma de obtenção de dinheiro, 65% consegue recursos financeiros por meio de trabalhos esporádicos ou autônomo. A segunda resposta mais frequente sobre esse tema é que a renda é proveniente de esmolas (12,8%). Praticar atividades ilícitas para obtenção de dinheiro aparece no quarto lugar (9%)(16).

A partir dessas informações, observa-se que os usuários de crack e/ou similares no Brasil são pessoas com baixa escolaridade, grande parte vive em situação de rua, é jovem, negra ou parda, apresenta sintomas de algumas doenças e tem dificuldade em acessar os serviços públicos de saúde. A pesquisa não conseguiu apontar precisamente os motivos dessa dificuldade, porém inferiu que aspectos operacionais, como a exigência da apresentação de um documento de identidade e endereço, a percepção do serviço de saúde como um local hostil e o medo da estigmatização e de ser discriminado como possíveis razões(16).

Alguns estudiosos como Link e Phelan(3), Godoi e Garrafa(4) e Ronzani, Noto e Silveira (7) também apontam o estigma como um fator que dificulta o acesso das pessoas ou grupos afetados a alguns elementos importantes para vida, inclusive cuidados em saúde, como infere a pesquisa. Dessa forma, para este estudo é importante discutir as dimensões da estigmatização sofrida pelas pessoas que fazem uso de crack.

## 6.2 O DUPLO ESTIGMA VIVENCIADO PELAS PESSOAS QUE USAM CRACK

Atualmente não existe um consenso sobre a definição de estigma e é possível encontrar muitas variações desse conceito. Segundo Link e Phelan (3) são duas as razões principais para isso. Primeiro, o conceito de estigma é utilizado em uma grande

variedade de contextos e, como cada um deles é único, é natural que cada autor que se utilize desse termo o defina de maneira diferente de acordo com a conjuntura considerada. Segundo, a pesquisa sobre estigma envolve várias disciplinas e áreas do conhecimento, que apesar de terem interface em alguns assuntos, dão ênfases diferentes ao tema. Inclusive, mesmo dentro de uma mesma disciplina ou área do conhecimento sujeitos diferentes utilizam teorias distintas para escolher o que deve constar na definição de estigma(3).

Um dos trabalhos mais emblemáticos sobre tema foi escrito por Goffman(2). Segundo ele, o termo estigma foi criado pelos gregos que o utilizavam para se referirem a marcas no corpo de um indivíduo pelas quais buscavam tornar evidente alguma característica formidável ou ruim sobre a situação moral de quem as possuía. Eles assinalavam os corpos dos sujeitos com fogo ou com cortes que indicavam que aquela pessoa deveria ser evitada por ser um escravo, um delinquente ou algo semelhante. Atualmente o termo estigma é utilizado de forma similar ao sentido grego, entretanto, mais aplicado a uma situação em que se encontra o indivíduo do que a uma evidência perceptível no corpo(2).

Ainda de acordo com esse autor, há três tipos diferentes de estigma. O primeiro está relacionado às deficiências físicas, o segundo se refere

às culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo<sup>7</sup>, desemprego, tentativas de suicídio, e comportamento político radical. (2)

E em terceiro está o estigma relacionado à raça e à religião que pode ser transmitido por pais e mães para os seus descendentes e atingir todos os componentes da família. Nota-se que os mesmos traços sociológicos perpassam todos os exemplos de estigma apresentados: uma pessoa que é impedida de participar de relações sociais por possuir uma característica destacada, que impede que outros sujeitos tenham contato com ela e que dificulta que outras características suas sejam observadas(2).

Essa definição é similar à utilizada pelo IBC da UNESCO. De acordo com o IBC(6) “Em seu significado mais comum, um estigma é uma marca que traz vergonha,

---

<sup>7</sup> Reconhece-se que este não é o termo adequado para se referir a indivíduos que se relacionam amorosamente com pessoas do mesmo sexo, por indicar que este comportamento seria uma enfermidade. Entretanto, o termo foi mantido conforme escrito pelo autor pela necessidade de fidelidade à citação.

desgraça ou descrédito. (...) Impor um estigma em uma pessoa é torná-la passível de ser tratada com desrespeito.”(6). Ou seja, o estigma seria uma marca que aos olhos de terceiros daria permissão para tratar o seu possuidor de maneira desrespeitosa.

Link e Phelan(3) preferem utilizar o termo “rótulo”, ao invés de “marca”, “atributo” ou “condição”. Segundo esses autores, a preferência pela palavra rótulo se dá devido ao fato de que as diferenças humanas são socialmente selecionadas de acordo com a proeminência. Assim, ao utilizar as outras palavras citadas (ao invés de “rótulo”), há o risco de identificar aquela característica selecionada como sendo do sujeito estigmatizado, e de se esquecer de que essa identificação e a seleção da característica como estigmatizante são resultados de processos sociais. Ainda segundo os referidos autores, ao contrário disso, rótulo é um elemento que originalmente não faz parte do componente principal, mas que é afixado. Ademais, utilizar termos como “atributo”, “condição” ou “marca” sugerem que essa designação é legítima. Já o termo “rótulo” deixa a legitimação da designação como um assunto incerto (3), o que é uma boa opção quando o tema em discussão é, por exemplo, o estigma depositado em pessoas que usam drogas.

Ainda segundo Link e Phelan(3) há estigma quando os cinco componentes inter-relacionados citados abaixo se cruzam:

No primeiro componente, as pessoas distinguem e rotulam as diferenças humanas. No segundo, crenças culturais dominantes associam pessoas rotuladas a características indesejáveis – a estereótipos negativos. No terceiro, pessoas rotuladas são colocadas em categorias distintas de modo a conquistar algum grau de separação entre “nós” e “eles”. No quarto, as pessoas rotuladas experimentam perda de status e discriminação que levam a desfechos desiguais. Finalmente, a estigmatização é inteiramente subordinada ao acesso ao poder social, econômico e político que permite a identificação das diferenças, a construção de estereótipos, a separação das pessoas rotuladas em categorias distintas, e a execução completa da desaprovação, rejeição, exclusão e discriminação. Assim, nós aplicamos o termo estigma quando elementos da rotulação, estereotipagem, separação, perda de status, e discriminação ocorrem simultaneamente em uma situação de poder que permite aos componentes do estigma se revelarem. (3)

Para este estudo, é importante destacar o terceiro e quarto componentes. O terceiro se refere à alocação das pessoas estigmatizadas em uma categoria diferente, separando “eles” de “nós”. Em casos extremos, essa separação imbuída da noção de que o sujeito estigmatizado é tão diferente de “nós”, leva a crença de que as pessoas tidas como “eles” não são realmente seres humanos. O que abre a possibilidade de que, também em casos extremos, todo tipo de tratamento degradante seja dispensado

a esses indivíduos sem qualquer problema(3). Ou seja, esse componente introduz o componente quatro, que dialoga com o que Goffman(2) diz sobre reduzir a pessoa estigmatizada a um ser humano menor.

Godoi e Garrafa(4) seguem nessa mesma linha. Eles afirmam que ao estigmatizar um sujeito, retira-se dele a sua dignidade, diminuindo-o, portanto, naquilo que o constitui como ser humano, inferiorizando-o e o considerando abaixo dos demais seres humanos(4). Nessa situação, utiliza-se termos estigmatizantes como aleijado, retardado e noiado no vocabulário diário como metáfora ou como representação sem se dar conta do seu significado real(2).

Portanto, grupos estigmatizados são formados por pessoas às quais foram atribuídas um rótulo que é perceptível pela sociedade como uma espécie de autorização para que os membros desse grupo sejam considerados como pessoas inferiores aos seres humanos não rotulados, e que, por isso, não devem ter acesso aos mesmos locais, aos mesmos direitos e a elementos que proporcionam uma vida digna. Além disso, a utilização de termos estigmatizantes no vocabulário corrente das pessoas reforça o estigma sob a condição a qual o termo se refere e também sob o a pessoa ou grupo identificado pela referida condição.

Pode-se afirmar que esse é o caso das pessoas que usam drogas, especialmente as ilícitas. Estas são componentes de um grupo estigmatizado porque, em geral, há uma visão de que usuários de drogas são pessoas “perigosas, violentas e únicos responsáveis pela sua condição”(7), ou seja sem caráter e com pouca força de vontade para evitar o início do uso ou cessá-lo. Portanto, isso as inclui no segundo tipo de estigma descrito por Goffman(2).

Todavia, os usuários de crack no Brasil vêm ocupando uma posição de destaque relacionado a estigma entre as pessoas que usam drogas no país. Conforme já mencionado, atualmente, “a responsabilidade por crimes violentos e a suposta degradação moral da juventude brasileira”(8) são atribuídas ao uso de crack. Ademais, a estes também é adjudicado o destino de se tornarem viciados no primeiro contato com a droga e falecerem em no máximo seis meses.

Para visualizar com mais clareza a relação entre estigma e o uso de crack, Souza(176) explica que a maior parte das pessoas que usam essa droga de maneira abusiva estão incluídas no que ele chama de “a classe dos desclassificados no Brasil moderno”(176).

Essas pessoas foram inseridas nessa classe a partir da abolição da escravidão, feita sem qualquer planejamento, abandonando os ex-escravos sem qualquer estrutura para que pudessem se inserir no processo de desenvolvimento do Brasil. À essas pessoas, na maioria preta e parda, foram atribuídas o rótulo de que são indivíduos sem capacidade emocional e moral de adquirir conhecimento, ou seja, sem condições de possuir o que é necessário na sociedade atual para exercer algumas funções. Sendo assim, elas são excluídas do mercado de trabalho, no que tange a profissões que exigem esforço intelectual. Dessa forma, em geral, os membros dessa classe que conseguem ser absorvidos pelo mundo laboral o são em atividades relacionadas ao esforço corporal, tidas como perigosas e por vezes até sujas(176).

Esse problema de afastamento das atividades intelectuais é atribuído à falta de estímulos que essas pessoas possuem, no âmbito familiar, para exercer atividades que exigem disciplina e concentração. Assim, esses indivíduos não são bem sucedidos na área acadêmica e, conseqüentemente, no mercado de trabalho, que demanda qualificação. Portanto, é dessa forma em que é eternizada a continuidade de uma população incapaz de adquirir conhecimento e planejar o seu futuro.(176)

A esmagadora maioria dos usuários autodestrutivos de crack é construída socialmente pelo seu abandono secular e pela experiência de humilhação cotidiana que ela implica. A violência peculiar dessa droga é uma resposta a esse abandono e humilhação (...).(176)

Dito isso, o estigma atribuído a pessoas que fazem parte da classe dos desclassificados (de que são incapazes se desenvolver intelectualmente) coloca-os em um ciclo difícil de ser rompido que acaba por mantê-los como indivíduos marginalizados pela sociedade. Essa marginalização humilhante em alguns casos contribui para que essas pessoas iniciem o consumo do crack, o que traz para esses indivíduos outro estigma, neste caso relacionado ao uso de drogas, que atribui a eles o rótulo de pessoas perigosas, violentas e sem caráter. Isso é o que se chama nesse duplo estigma no âmbito desse estudo.

### 6.3 DUPLA VULNERAÇÃO: DESIGUALDADE SOCIAL E ABUSO DE CRACK

Conforme já mencionado nesse estudo, a vulnerabilidade é um princípio presente na DUBDH e essa pode ser entendida tanto através de uma perspectiva filosófica quanto por meio de uma visão política(19). A primeira afirma que a vulnerabilidade é intrínseca dos seres humanos, considerando que estes são seres finitos. Já a segunda, estabelece que a vulnerabilidade está relacionada ao contexto social, ou seja, alguns seres humanos são mais vulneráveis do que outros a depender do contexto em que se encontram.

A perspectiva política do conceito de vulnerabilidade, também conforme explicado anteriormente, é o que Schramm (21) denomina de vulneração. Esse será o termo adotado nessa discussão, ou seja, será considerada a visão política do conceito de vulnerabilidade por ser mais adequado ao argumento apresentado nesse trabalho.

A partir desse conceito, é possível dizer que a desigualdade social pode ser entendida como uma consequência de práticas de agentes morais que limitam o acesso de alguns indivíduos a bens e serviços. Não serão discutidas aqui as causas da desigualdade social, porém é possível afirmar que esta pode ser avaliada como um fator limitante para que os pacientes morais possam sair da condição de vulnerados, pois o contexto em que estão inseridos favorece a manutenção dessas pessoas em condições precárias de vida.

Um estudo liderado pelo sociólogo Jessé Souza e encomendado pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas do Ministério da Justiça e Cidadania (Senad/MJ)(176) mostrou que a desigualdade social e as suas consequências sociais, físicas e psicológicas são traços comuns entre aqueles que usam crack e/ou similares no Brasil(176). Esse estudo corrobora qualitativamente com o que a Pesquisa Nacional sobre o Uso de Crack (detalhada anteriormente) apresentou: a maioria dos usuários de crack e/ou similares no Brasil são homens, jovens, não brancos que concluíram apenas o Ensino Fundamental(16). Essas são características comuns encontradas na população excluída no Brasil.

Dessa forma, é possível afirmar que a desigualdade social é uma das causas do uso de crack no país(176). Portanto, considerando o raciocínio de Schramm(21), estar inserido no grupo social que vive em um contexto prejudicado pela desigualdade social é um dos fatores que tornam os seres humanos, naturalmente vulneráveis, em pessoas vulneradas. Ainda, nessa perspectiva, as pessoas que usam crack no Brasil podem ser consideradas como um grupo vulnerado dentro dos já vulnerados pela

desigualdade social. Isso porque não é possível generalizar e afirmar que todos os indivíduos vulnerados pela desigualdade social são ou serão necessariamente usuários de crack, entretanto, não se pode deixar de ressaltar que o uso dessa substância leva a uma condição maior de vulneração, que vai além das já derivadas da desigualdade social.

Nas reportagens analisadas que tem como foco um usuário específico de crack, como, por exemplo, na matéria “Diário de uma quase sobrevivente da crackolândia: ‘Perda total’”(62) publicada pela *Folha de S. Paulo*, é possível perceber que a personagem retratada acumulava experiências de vida comuns aos integrantes da “classe dos desclassificados”(176) do Brasil. Ou seja, pertencer a esse grupo foi um fator de risco importante para uso de crack. Ao se tornar usuária de crack, a personagem retratada, já vulnerada pelas condições de vida em que se encontrava, se tornou duplamente vulnerada.

#### 6.4 CRACK, MÍDIA, ESTIGMA E VULNERAÇÃO

Nas ações de comunicação existem duas partes: a denotativa e a conotativa. A primeira se refere ao que a mensagem de um determinado emissor efetivamente diz, ou pretende dizer. Já a segunda, pode ser descrita como aquilo que, em certos contextos, a mensagem pode adicionalmente indicar de acordo com o código utilizado. Assim, é possível afirmar que o ato de comunicar possui duas dimensões(26). Considerando especificamente a dimensão conotativa, Schramm(26) afirma que a forma como a mensagem é utilizada se inclui no que ele chama de “arte do convencimento” que sempre acompanha a mensagem e influencia no ato de comunicar como um todo. Assim,

É possível falar de maneira pertinente de “manipulação” da informação, fato este que implica sempre uma estrutura de poder e pode, além disso, ter uma estrutura de dominação propriamente dita, que afeta as relações interpessoais e as inter-relações sociais possibilitando, portanto, que se prejudique uma parte dos atores envolvidos em uma comunicação ativa.(26)

A parte da informação que pode ser manipulada é a mensagem conotativa, pois como parte qualitativa da notícia ela permite diversas interpretações. Também é



importante considerar que os aspectos conotativos da mensagem ligados a ações humanas e que envolvem interesses e sistemas de poder e dominação podem causar danos resultantes da maneira como a informação é tratada por alguns indivíduos contra outras pessoas. Este pode, por exemplo, ser o caso das informações veiculadas nos meios de comunicação sobre temas polêmicos que provocam reações bastante emocionais do público em geral(26). Entre esses assuntos é possível incluir o uso de crack e as pessoas que usam crack.

Em geral, na mídia há uma representação negativa estereotipada de pessoas que usam drogas, especialmente dos usuários de crack. Eles são descritos como criminosos e como uma ameaça a temperança da classe média. Ademais, a imagem das pessoas que usam drogas instigada pelos jornais traz uma relação causal entre uso de drogas e comportamento criminoso e a necessidade do uso de ações coercitivas para tentar diminuir essa relação de causalidade.(11) A partir da publicação de notícias com esse tom, a população é induzida a acreditar que se for possível erradicar o uso de drogas também será eliminada a motivação para o comportamento criminoso e, assim, será possível experimentar o fim de um quantidade significativa de crimes(11).

O usuário de crack é apresentado pela mídia como um ser perverso, compulsivo, sujo, um alucinado capaz de qualquer coisa para obter a droga, com poucos momentos de lucidez, alguém inconfiável para exercer qualquer atividade do fora do “mundo das drogas” – como se houvesse um mundo exclusivamente destinado a essa população. A periculosidade do usuário de crack é pensada como um aspecto da sua personalidade, fazendo deste um monstro moral.(13)

De certa forma, esse tipo de associação pode ser considerada como estigmatização de pessoas que usam crack, pois desconsidera as dimensões sociais e de saúde que envolve o uso de substâncias psicoativas. Esse tipo de visão é utilizada para justificar uma série de políticas públicas relacionadas a drogas(11) que incluem encarceramento de usuários e internação compulsória em clínicas e comunidades terapêuticas que muitas vezes são lugares que violam direitos humanos básicos, inclusive ao não oferecerem tratamento baseado em evidências científicas.

Considerando esse olhar relacionado a pessoas que usam crack, induzido e reforçado pela mídia, é possível afirmar que algumas expressões utilizadas pelos jornais para se referir à essas pessoas, como noias, farrapos humanos, zumbis, mortos-vivos e crackudos, demonstram que esses adjetivos são mais comumente

associados a usuários de crack e menos frequentemente empregados para falar sobre usuários de outras drogas. Pessoas viciadas em álcool ou aspirina, por exemplo, não são qualificadas pelos meios de comunicação por meio desse tipo de palavra(12). Ou seja, as expressões pelas quais a mídia se refere a usuários de crack carregam como significado não apenas “pessoa que usa crack”, mas sim se referem a um tipo social de indivíduo(13). Este, é

um símbolo de degradação, ...um incapacitado para o mundo do “mercado”, do “trabalho”, enfim, a um ser reduzido à condição de “doente-criminoso”, que necessita de auxílio – corretivo- dos empreendedores morais da sociedade, tanto médico quanto policial. (13)

Pode-se dizer que os meios de comunicação falam das pessoas que usam crack como se elas não fossem nem humanas e nem animais, mas sim como se fossem uma espécie de monstro(13). Em outras palavras, em geral, é perceptível que os jornais não consideram esses indivíduos como seres humanos, pois se referem a eles utilizando expressões como “zumbis”. Também, os veículos de comunicação não acham que usuários de crack que são animais, pois os responsabilizam pela condição em que se encontram. Ou seja, atribuem o uso de crack a uma escolha racional, o que é uma capacidade exclusiva dos seres humanos.

Os jornais *Folha de S.Paulo* e *O Globo*, cujas reportagens são objeto de análise deste estudo, são os jornais de maior circulação no país(28). Isso indica que, devido ao alcance de suas publicações, eles podem ser responsáveis por pautar a opinião de grande parte da população brasileira.

Opinião pública não é simplesmente a soma das opiniões de diversos grupos, e, tampouco, a confluência das mesmas. Ela é a opinião de um determinado grupo dominante que chega a essa condição através da disseminação das suas ideias por meio da mídia. Ou seja, pode-se afirmar que o que se chama de opinião pública se refere, na verdade, ao posicionamento do grupo mais influente e não um consenso de opiniões baseado na discussão de ideias com objetivo de alcançar o melhor posicionamento. Sabe-se que nem todos os grupos tem a mesma visibilidade na imprensa, mas aqueles que conseguem se destacar nesse quesito obtêm vantagens na disseminação de ideias. (177)

Como a opinião pública é construída por meio da mídia, esta acaba por também pautar a sociedade, através de um fenômeno chamado *agenda setting*. Isso quer dizer que, em decorrência das publicações dos meios de comunicação a população

privilegia ou ignora situações específicas da sociedade. Ademais, a população em geral tende a incluir ou excluir da sua gama de informações e conhecimentos aquilo que a imprensa pauta ou deixa de pautar.(177)

Também é importante destacar que a mídia elege maneiras de narrar os acontecimentos e divulgar opiniões e privilegia alguns métodos, fatos opiniões em detrimento de outros. Dessa forma, a imprensa consegue influenciar na visibilidade e nos temas que ganham atenção da população.(177)

Dito isso, ressalta-se que a *Folha de S. Paulo* e o jornal *O Globo* são gerenciados por grandes e poderosos grupos de comunicação com interesses próprios. Assim e também a partir do seu alcance em termos circulação, é mister inferir que contribuem para sustentar e induzir a opinião da população de acordo com os seus próprios interesses, assim como de interesses de políticos e outras grandes corporações que se utilizam da vantagem de que esses veículos atingem uma grande quantidade de pessoas para colocar a opinião delas à seu favor.

Dessa forma, essa relação entre mídia e opinião pública pode gerar consequências para decisões no âmbito de políticas públicas que prejudicam populações vulneradas, como é o caso das pessoas que usam crack. Ao tratar o usuário de crack como outra coisa que não ser humano, utilizando expressões estigmatizantes, a grande mídia influencia a população a enxergá-los dessa forma e, de modo geral, a não apoiar políticas públicas que tenham como foco não o combate à substância, mas o empoderamento das pessoas que usam crack. Conseqüentemente, a elaboração e a implementação de iniciativas dessa natureza por parte do legislativo e do executivo acabam por ficarem em segundo plano, já que esse tipo de intervenção teria pouca acolhida e apoio junto aos eleitores. Portanto, a mídia ao retratar as pessoas que usam crack abusando de estigmas e como se não fossem humanos, acaba por contribuir para que menos ações eficazes sejam realizadas para lidar o problema do uso abusivo de crack no Brasil, e assim, contribuindo também para que os vulnerados continuem nessa situação.

## 6.5 BIOÉTICA DA PROTEÇÃO, VULNERAÇÃO, MÍDIA E USO DE CRACK

Considerando o debate sobre vulnerabilidade e vulneração e a geração de um sentimento de responsabilidade para reduzir ou mitigar as situações que tornam alguns seres humanos vulnerados, é necessário discorrer sobre uma ferramenta da bioética que possa contribuir nesse sentido, considerando o escopo desse estudo.

Conforme já especificado, a Bioética da Proteção é uma ferramenta construída com base no princípio da proteção, entendido como uma obrigação do estado de garantir as necessidades mínimas necessárias para que os indivíduos possam alcançar outros objetivos.(23) Nesse sentido, pode-se dizer que a Bioética da Proteção é uma ferramenta pertinente para auxiliar na resolução de conflitos morais resultantes de situações relacionadas a pessoas ou grupos vulnerados pela desigualdade social.

De acordo com o que já foi apresentado no decorrer desse trabalho, a desigualdade social é um importante fator de risco para o uso de crack. Portanto, é possível afirmar que as pessoas que usam crack são duplamente vulneradas: primeiro por terem crescido em ambientes vulnerados pela desigualdade social e segundo por serem usuárias de crack. Assim, pode-se dizer que esses indivíduos devem ser protegidos pelo estado por meio de políticas públicas específicas, tanto para evitar essa dupla vulneração, quanto para intervir no ciclo que mantém esses indivíduos nessa situação.

Também como já abordado nesse trabalho, a mídia e a sociedade são um espelho. Ademais, a imprensa influencia a opinião pública (assim como o inverso) e esta pauta as ações dos governantes. Portanto, ao reforçar a estigmatização de pessoas que usam crack a mídia influencia a opinião pública a não enxergar o indivíduo que usa crack como uma pessoa, um sujeito de direitos, que é vulnerado e que precisa da proteção do estado. Assim, observa-se que há um conflito moral quando a opinião pública visualiza a pessoa que usa crack como um ser humano menor e isso faz com que o gestor público não cumpra o dever estatal de proteger os vulnerados, já que ações nesse sentido poderiam de carecer de apoio popular.

Dessa forma, a Bioética da Proteção pode ser utilizada como ferramenta para mudar a concepção da mídia sobre pessoas que usam crack e, assim, contribuir para mudança da opinião pública sobre essas pessoas e conseqüentemente para a implementação de ações mais efetivas e eficazes baseadas nos direitos humanos direcionadas a pessoas que usam crack.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo analisou as publicações dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo* entre 19 de março de 2013 e 19 de março de 2014 identificadas a partir da palavra-chave “crack”. O objetivo do estudo foi verificar se os jornais mencionados reforçam o estigma relacionado às pessoas que usam crack e tentam direcionar a opinião pública de modo que isso possa dificultar a proteção por parte do estado das pessoas vulneradas pela desigualdade social e pelo uso de crack. Para isso, foi necessário apresentar os conceitos de estigma e vulneração e a Bioética da Proteção como uma ferramenta que pode auxiliar na discussão e na mudança de visão da opinião pública sobre pessoas que usam crack e, dessa forma, também na elaboração de políticas públicas direcionadas a esses indivíduos.

### 7.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE ESTIGMA, VULNERAÇÃO, USO DE CRACK E BIOÉTICA DA PROTEÇÃO

No que se refere ao conceito de estigma, pode-se afirmar que este é um rótulo colocado em alguns indivíduos ou grupos de indivíduos a partir de concepções decorrentes das relações sociais. Estas, estabelecem que certos tipos de pessoas frequentam determinados lugares e possuem um determinado comportamento. Quando há discrepância entre o que se espera de um indivíduo, a partir da leitura de terceiros baseada em crenças construídas por meio das relações sociais, e o que essa pessoa é de fato, é quando em geral ocorre a estigmatização. É importante lembrar que as relações sociais são compostas de diversas moralidades e, por isso, pode-se afirmar que a estigmatização vem junto com uma espécie de autorização para tratar o estigmatizado como uma pessoa menor, moralmente fraca e, assim, permitir que vários tipos de tratamentos degradantes sejam direcionados a elas. Inclusive, em alguns casos, a estigmatização pode ser tão forte que as vítimas nem são vistas pela sociedade como pessoas, mas como animais ou monstros, estes não se encaixariam nem entre os humanos e nem entre os animais. Por isso, poderiam ser tratadas de maneira ainda mais degradante.

Uma das consequências da estigmatização é a dificuldade de acesso a serviços públicos essenciais e universais e a direitos humanos fundamentais. Isso porque os agentes responsáveis por viabilizar essas questões, em função do estigma, acabam se recusando a receber e apoiar pessoas estigmatizadas e assim, afastam esses indivíduos dos seus direitos. Ademais, as pessoas que são prejudicadas pelo estigma, ao enfrentarem dificuldades frequentes para acessar os seus direitos terminam por desistir de tentar. Essa situação gera um ciclo de exclusão que se não for quebrado pode manter gerações de pessoas em condições precárias de vida.

No campo da saúde, o estigma costuma recair sobre pessoas que são portadoras de certas enfermidades cujo meio de aquisição é atrelado a um comportamento reprovado pela maior parte da sociedade. Portanto, ao se comportar de maneira reprovável, o enfermo acaba sendo considerado o único responsável pela condição em que se encontra.

No caso do uso de drogas, apesar não haver consenso se este é considerado uma doença, o uso abusivo pode levar a algumas consequências para a saúde do usuário. A partir disso, constata-se que há uma visão do senso comum de que as pessoas com problemas decorrentes do uso de drogas são responsáveis pela condição em que estão ao optarem por ter esse tipo de comportamento. Dessa forma, observa-se que o uso de drogas e as consequências do uso problemático são estigmatizados pela sociedade em geral.

Especificamente sobre o uso de crack, a propagação de diversos mitos sobre as consequências do consumo dessa substância e acerca dos usuários contribuíram para que estes sejam mais estigmatizados do que as pessoas que usam outras drogas. Mitos como o vício imediato a partir da experimentação, a falta de capacidade do usuário de tomar decisões racionais e a rapidez com a qual o uso do crack leva a morte, são exemplos de lendas que reforçam o estigma direcionado a pessoas que usam crack.

A pesquisa sobre uso de crack publicada em 2013 pela Fiocruz desconstruiu alguns dos mitos propagados sobre essa substância, entre eles a já mencionada crença de que o crack seria uma droga que leva a morte com rapidez. Conforme já mencionado nesse trabalho, o tempo médio de uso dessa substância é de 6,5 anos, nas capitais chega a ser de 8,5 anos. Ademais, não é possível afirmar que o uso de crack cessa apenas com a morte do usuário e nem que todas as pessoas que usam crack falecem em decorrência do uso da droga. Além desses, outros mitos sobre o

crack foram desfeitos pela pesquisa. Por exemplo, a falácia de que há uma epidemia de crack no Brasil, de que a maior parte dos usuários praticam atividades ilícitas para conseguir a droga e de que o crack leva a exclusão social.

Sobre esse último ponto, a pesquisa da Fiocruz também chegou a uma conclusão importante e já mencionada nesse estudo: a exclusão social é o fator de risco mais relevante para o uso de crack, e não ao contrário como se pensava. Ou seja, é possível afirmar que indivíduos vulnerados pela exclusão social são mais propensos a se engajarem no consumo dessa substância.

A estigmatização sofrida por pessoas vulneradas ao longo dos anos somada a estigmatização decorrente do uso de crack foi denominada neste trabalho de “dupla estigmatização”. Pessoas nessa condição provavelmente tem ainda menos oportunidade de ter acesso a serviços públicos essenciais universais e a outros direitos humanos fundamentais. Ademais, essa dupla estigmatização pode ser um dos principais fatores para que o estigma em relação a pessoas que usam crack seja maior do que quando se trata de outras drogas. Seriam necessários outros estudos para confirmação dessa hipótese, entretanto, a partir do que foi explanado no decorrer desse trabalho acredita-se que exista essa conexão.

Por se tratar da estigmatização de pessoas vulneradas, avaliou-se que a Bioética da Proteção seria um elemento importante a ser incluído nessa discussão. Ela pode contribuir para resolução do conflito moral resultante da necessidade dos governantes em cumprirem a função do estado de proteger os vulnerados por meio da elaboração de políticas públicas voltadas para usuários problemáticos de crack e a desaprovação da opinião pública em relação a essa necessidade, grande parte decorrente da influência da estigmatização de usuários de crack promovida pela mídia.

Aliás, é importante lembrar que o debate sobre uso de drogas no campo da Bioética ainda é escasso. Apesar de o uso de drogas ser uma questão de saúde pública e as drogas sempre terem estado presentes na história da humanidade, esse assunto não é pautado dentro dos estudos no campo da Bioética das Situações Persistentes, tampouco no que se refere à Bioética das Situações Emergentes. É importante que o tema das drogas, a vulneração consequente do seu uso e as consequências do seu consumo para a segurança e saúde pública sejam mais estudados e discutidos entre os bioeticistas. Assim, a Bioética pode se tornar uma ferramenta com mais protagonismo no debate e na tomada de decisão de ações

voltadas para garantir os direitos das pessoas que usam drogas, além de contribuir para dar mais visibilidade para um assunto antigo e importante que merece mais atenção do estado e de pesquisadores.

## 7.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS PUBLICAÇÕES DA FOLHA DE S. PAULO E DO JORNAL O GLOBO

Conforme já mencionado, esse trabalho analisou as publicações dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo* nos anos de 2013 e 2014 a partir de busca realizada com a palavra-chave “crack”. As reportagens analisadas mostram que os dois maiores jornais em circulação no Brasil utilizam palavras como “craqueiro” (foi utilizada somente pela *Folha de S. Paulo*), “drogado”, “viciado” e “dependente” para se referir a pessoas que usam crack. O uso desse vocabulário é preocupante por pelo menos três motivos. O primeiro é que reforça o estigma em relação a essas pessoas ao se referirem a elas pelo atributo estigmatizante, como se aquele ser humano se resumisse somente a isso. Esse tipo de visão reforça a crença de que pessoas que usam crack são seres humanos menores e isso pode ser utilizado para justificar todo tipo de tratamento humilhante e degradante direcionados a essas pessoas.

Segundo, utilizar esse tipo de termo é complicado porque alguns desses vocábulos desconsideram a existência de diversos padrões de uso de crack. Ou seja, ignora o fato de que nem todo uso é abusivo e problemático e, portanto, nem todo usuário é dependente. Como já foi citado, a identificação de usuários de crack utilizando esse vocabulário se baseia em concepções morais e não em informações científicas.

Para explicar melhor o terceiro ponto é importante lembrar que, conforme mencionado anteriormente nesse estudo, a imprensa e a sociedade são como um espelho, ou seja um influencia o outro no que tange a formação de opinião. Como os veículos de comunicação analisados são os mais acessados pela população brasileira, infere-se que eles têm um papel importante na formação da opinião pública do país. Portanto, ao se referir às pessoas que usam crack dessa maneira, a *Folha de S. Paulo* e o jornal *O Globo* podem contribuir para reforçar o estigma relacionado às pessoas que usam crack. Ainda, esses jornais podem colaborar para legitimar o



tipo de tratamento degradante dispensado a esses indivíduos. Isso porque considerando que a opinião pública tem um peso relevante na aprovação ou rejeição de políticas públicas, pode-se dizer que ao propagar uma visão estigmatizante de pessoas que usam crack, a implementação de ações governamentais que visam garantir direitos humanos fundamentais desses indivíduos pode ser desencorajada ou até mesmo nunca acontecer. Nesse sentido, a estigmatização dificulta o papel do estado de proteger os vulnerados, conforme estabelece a Bioética da Proteção.

Na análise do contexto que em essas expressões aparecem, percebe-se que ambos os jornais ainda propagam alguns mitos o crack e os seus usuários apesar da pesquisa recente publicada pela Fiocruz. Primeiramente, ao nomear de “dependentes” e “viciados” todas as pessoas que usam crack, a *Folha de S. Paulo* e o jornal *O Globo* podem reforçar a crença de que essa substância torna o seu usuário dependente já no primeiro uso, ou seja, de que no caso do crack não existem níveis diferentes de relação do usuário com a substância. Ademais, ao inferir que regiões com grandes concentrações de usuários de crack são lugares perigosos e, ainda, ao publicar matérias sobre crimes supondo que o autor é um usuário de crack os referidos jornais também colaboram para reforçar não só mitos, como o estigma relacionado a essas pessoas.

Nesse sentido, é importante abordar ainda a dimensão da veracidade das informações publicadas pelos jornais quando o assunto é pessoas que usam crack. Como já foi mencionado, a maior pesquisa sobre uso de crack já realizada no mundo é a que foi publicada pela Fiocruz e referenciada neste trabalho. Pelas reportagens analisadas, parece que alguns desfechos dessa pesquisa foram ignorados pela *Folha de S. Paulo* e pelo jornal *O Globo*, que continuam a publicar afirmações sobre crack e seus usuários no Brasil sem considerar as evidências científicas.

Apesar dessas constatações, é necessário reconhecer que entre os vocábulos mais utilizados pelos dois jornais analisados para se referir a pessoas que usam crack o termo “usuário” é o mais recorrente, apesar da confusão entre os conceitos de usuário e dependente. Ou seja, reconhece-se haver algum cuidado quando o assunto é vocabulário. Entretanto, no que se refere ao contexto em que essa palavra é utilizada pela *Folha de S. Paulo* e pelo jornal *O Globo* há ainda um longo caminho a percorrer. É necessária uma investigação mais detalhada para entender o porquê da utilização do vocábulo “usuário” com tanta frequência apesar do contexto em que o termo é empregado é estigmatizante.

Conforme descrito nesse documento, o objetivo principal dessa pesquisa é verificar se os jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo* reforçam o estigma relacionado a pessoas que usam crack e tentam direcionar a opinião pública de maneira que isso possa dificultar a proteção por parte do estado das pessoas vulneradas pela desigualdade social e pelo uso de crack.

Observa-se que quando o assunto é uso e usuários de crack no Brasil ambos os jornais utilizam linguagem estigmatizante para identificar pessoas que usam crack e fazem inferências baseadas no senso comum, ou seja, tendem a ignorar evidências científicas ao elaborar as suas publicações. Como a imprensa é um espelho da sociedade, pode-se afirmar que tanto esses jornais quanto a população brasileira ainda têm uma visão baseada em estigmas no que se refere a usuários de crack.

A partir desse estudo, sugere-se que as instituições responsáveis pelas políticas sobre drogas, as organizações internacionais envolvidas nesse tema e as instituições de pesquisa com experiência em investigação sobre drogas promovam formações para profissionais de mídia com o objetivo de qualificar a linguagem e a maneira de retratar esse assunto na imprensa. Ainda, propõe-se que seja elaborado uma espécie de guia para jornalistas com informações objetivas e de fácil consulta e acesso para que possa ser utilizado como subsídio por esses profissionais quando necessário. Ademais, para entender melhor a estigmatização da pessoa que usa crack pela mídia, pretende-se realizar outro estudo com instrumento metodológico que seja capaz de entender a opinião de jornalistas sobre uso, usuários de crack e políticas públicas nessa área para fazer uma comparação entre a análise de conteúdo apresentada neste trabalho e a análise da opinião dos jornalistas sobre esse mesmo tema.

No debate apresentado nesse trabalho, a Bioética da Proteção é entendida como ferramenta importante para compreensão e para auxiliar na resolução dos conflitos morais que tem consequências para saúde pública no que tange a maneira como as pessoas se relacionam com as drogas e como o estado pode proteger os indivíduos vulnerados pelo uso de substâncias psicoativas, que sempre estiveram presentes na história da humanidade. Ademais, essa ferramenta também ajuda a compreender com mais clareza a relação entre as ações do estado e as pessoas vulneradas pela desigualdade social e pelo uso de crack, e como a estigmatização influencia nessa relação.

Espera-se que a presente dissertação possa contribuir para a reflexão sobre as consequências negativas do estigma relacionado a pessoas que usam crack para os usuários e para os demais membros da sociedade, para o debate sobre a influência da imprensa nesse sentido e para fortalecer o debate sobre uso de drogas no campo da Bioética.

## 8. REFERÊNCIAS

1. Bardin L. *Análise de Conteúdo*. 1ª. São Paulo: Edições 70; 2011. 279 p.
2. Goffman E, Lambert M. *Estigma* [Internet]. 4 Edição. Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada . 1988. p. 124. Disponível em: [https://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/92113/mod\\_resource/content/1/Goffman%3B Estigma.pdf](https://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/92113/mod_resource/content/1/Goffman%3B%20Estigma.pdf)
3. Link BG, Phelan JC. Conceptualizing stigma [Internet]. *Annual review of Sociology*. 2001. p. 363–85. Disponível em: [http://www.jstor.org/stable/2678626?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](http://www.jstor.org/stable/2678626?seq=1#page_scan_tab_contents)
4. Godoi AMM, Garrafa V. Leitura bioética do princípio de não discriminação e não estigmatização. *Saúde e Soc*. 2014;23(1):157–66.
5. UNESCO. Declaração Universal de Bioética e Direitos Humanos. In 2005. p. 10. Disponível em: [http://bioetica.catedraunesco.unb.br/?page\\_id=250](http://bioetica.catedraunesco.unb.br/?page_id=250)
6. UNESCO. Report of the IBC on the Principle of Non-discrimination and Non-stigmatization [Internet]. Paris: UNESCO; 2014. p. 34. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002211/221196E.pdf>
7. Ronzani TM, Noto AR, Silveira PS, Casela ALM, Andrade B, Monteiro ÉP, et al. Reduzindo o estigma entre usuários de drogas. Juiz de Fora: Editora UFJF; 2014.
8. Garcia L de SL. Apresentação. In: Souza J (org), editor. *Crack e exclusão social*. Brasília: Ministério da Justiça e Cidadania, Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas; 2016. p. 11–5.
9. Oberling AF, Pinto NM. Reflexões sobre as representações da mídia no debate de drogas. In: Bokany V (Org.) *Drogas no Brasil: Entre a saúde e a justiça Proximidades e opiniões*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; 2015. p. 159–76.
10. Tófoli LFF. Conceitos básicos nos transtornos de uso, abuso e dependências de crack, álcool e outras drogas. In: Mazitelli F, Santos V dos, Malcher M de N, Santos J dos, Nogueira D, Obara M, et al.(Org.) *Desenvolvendo e Articulando o conhecimento para o cuidado das pessoas em sofrimento pelo uso de drogas em contextos de vulnerabilidade*. Curitiba: Editora CRV; 2015. p. 35–43.
11. Taylor S. Outside the outsiders: Media representations of drug use. *Probat J* [Internet]. 2008 Dec 1 [cited 2016 Oct 22];55(4):369–87. Disponível em: <http://prb.sagepub.com/cgi/doi/10.1177/0264550508096493>
12. Rocha ME da M, Silva JA da. Pânico social e animalização do usuário: o crack na folha de S.Paulo. In: Souza J (org), editor. *Crack e exclusão social*. 1 ed. Brasília: Ministério da Justiça e Cidadania, Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas; 2016. p. 251–86.

13. Rodrigues I de S. Crack, a noia da mídia. In: Souza J (org) Crack e exclusão social. 1st ed. Brasília: Ministério da Justiça e Cidadania, Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas; 2016. p. 287–303.
14. Fundação Perseu Abramo. Drogas lícitas e ilícitas no Brasil: proximidades e opiniões [Internet]. 2013. Disponível em: [http://novo.fpabramo.org.br/sites/default/files/drogas-quantiquali-fpa-mar14-site.pptx\\_.pdf](http://novo.fpabramo.org.br/sites/default/files/drogas-quantiquali-fpa-mar14-site.pptx_.pdf)
15. Lewis JA, Dana RQ, Blevins GA. Substance Abuse Counseling. 5 edição. Cengage Learning; 2015. 296 p.
16. Bastos FI, Bertoni N. Pesquisa Nacional sobre Uso de Crack: quem são os usuários de crack e/ou similares no Brasil? Quantos são nas capitais brasileiras? Rio de Janeiro: Editora ICICT/FIOCRUZ; 2014. 224 p.
17. Souza J. A doença da humilhação. In: Souza J (org). Crack e exclusão social. 1st ed. Brasília: Ministério da Justiça e Cidadania, Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas; 2016. p. 29–37.
18. Lima ALM. A miséria moral da ralé. In: Souza J (org). Crack e exclusão social. Brasília: Ministério da Justiça e Cidadania, Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas; 2016. p. 39–74.
19. Henk TH. Vulnerability: a challenge to contemporary bioethics. In: Porto D, Schlemper Jr. B, Martins GZ, Cunha T, Hellmann F (Org). Bioética: saúde, pesquisa, educação. V 1. Brasília: CFM/SBB; 2014. p. 39–50.
20. Neves MP. Sentidos da vulnerabilidade: característica, condição, princípio. Rev Bras Bioética. 2006;2(2):157–72.
21. Schramm FR. A bioética de proteção é pertinente e legítima? [Internet]. Vol. 19, Revista Bioética. 2011. p. 713–24. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=361533257009>
22. Schramm FR. Vulnerabilidade, vulneração, saúde pública e bioética da proteção: análise conceitual e aplicação. In: Taquette SR, Caldas CP (Org). Ética e pesquisa com populações vulneráveis. Vol 2. Rio de Janeiro: EdUERJ; 2012. p. 37–57.
23. Schramm FR, Kottow M. Principios bioéticos en salud pública: limitaciones y propuestas [Internet]. Vol. 17, Cadernos de Saúde Pública. 2001. p. 949–56. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2001000400029&lng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2001000400029&lng=en). <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2001000400029>.
24. Pontes CAA, Schramm FR. Bioética da proteção e papel do Estado: problemas morais no acesso desigual à água potável. Cad Saúde Pública Saúde Pública [Internet]. 2004;1319–27. Disponível em: [http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2004000500026&lng=pt](http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2004000500026&lng=pt). <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2004000500026>
25. Schramm FR. Bioética sem universalidade? Justificação de uma bioética

- latino-americana e caribenha de proteção. In: Garrafa V, Kottow M, Saada A, editors. Bases conceituais da bioética: enfoque latino-americano. São Paulo: Gaia; 2006. p. 143–57.
26. Schramm FR. Información y manipulación: ¿Cómo proteger los seres vivos vulnerados? La propuesta de la bioética de la Protección [Internet]. Vol. 1, Revista Brasileira de Bioética. 2005. p. 18–27. Disponível em: <https://rbbioetica.wordpress.com/2014/11/16/revista-brasileira-de-bioetica-volume-1-numero-1-2005/>
  27. Schramm FR. Bioética da proteção: justificativa e finalidades. Iatrós - Ensaios Filos Saúde e Cult. 2005;1:121–30.
  28. Jornais AN de. Maiores Jornais do Brasil [Internet]. Vol. 2016. Brasília: Associação Nacional de Jornais; 2008. Disponível em: <http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>
  29. Folha de S. Paulo. PM do Rio encaminha ao menos cem usuários de crack para abrigos. Folha de SPaulo [Internet]. 2013 Nov 19; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/11/1373578-pm-do-rio-encaminha-ao-menos-cem-usuarios-de-crack-para-abrigos.shtml>
  30. Folha de S. Paulo. Motorista de caminhão e van terá exame antidrogas para tirar e renovar CNH. Folha de SPaulo [Internet]. 2013 Nov 28; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/11/1377681-motorista-de-caminhao-e-vans-tera-exame-antidrogas-para-tirar-e-renovar-cnh.shtml>
  31. Folha de S. Paulo. Operação recolhe 53 usuários de crack no centro do Rio, mas nenhum aceita abrigo. Folha de SPaulo [Internet]. 2013 Dec 3; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/12/1380023-operacao-recolhe-53-usuarios-de-crack-no-centro-do-rio-mas-nenhum-aceita-abrigo.shtml>
  32. Yarak A. “Situação é constrangedora”, diz secretário. Folha de SPaulo [Internet]. 2013 Dec 16; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/144115-situacao-e-constrangedora-diz-secretario.shtml>
  33. Yarak A, Monteiro A. Haddad quer empregar viciados em parques de SP. Folha de SPaulo [Internet]. 2013 Dec 16; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/144116-haddad-quer-empregar-viciados-em-parques-de-sp.shtml>
  34. Monteiro A. Estado pressiona prefeitura para fechar “hotéis do crack.” Folha de SPaulo [Internet]. 2013 Dec 16; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/144114-estado-pressiona-prefeitura-para-fechar-hoteis-do-crack.shtml>
  35. Monteiro A. Governo de SP pressiona prefeitura para fechar “hotéis do crack.” Folha de SPaulo [Internet]. 2013 Dec 17; Disponível em:

- <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/12/1386589-governo-de-sp-pressiona-prefeitura-para-fechar-hoteis-do-crack.shtml>
36. Folha de S. Paulo. Programa não oferece vagas em Ribeirão. Folha de SPaulo [Internet]. 2013 Dec 24; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/145152-programa-nao-oferece-vagas-em-ribeirao.shtml>
  37. Yarak A, Monteiro A. Moradores do centro se unem para exigir o fim da cracolândia. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Jan 2; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/146152-moradores-do-centro-se-unem-para-exigir-o-fim-da-cracolandia.shtml>
  38. Folha de S. Paulo. Prefeitura pagará R\$ 15 por dia trabalhado a usuário de crack. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Jan 8; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/146993-prefeitura-pagara-r-15-por-dia-trabalhado-a-usuario-de-crack.shtml>
  39. Yarak A. “Favelinha” erguida na cracolândia será retirada na quarta. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Jan 12; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/01/1396435-favelinha-erguida-na-cracolandia-sera-retirada-na-quarta.shtml>
  40. Yarak A, Monteiro A, Turollo Jr. R, Wainer J, Lima F, Machado R. Viciados deixam “favelinha” da cracolândia. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Jan 15; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/147955-viciados-deixam-favelinha-da-cracolandia.shtml>
  41. Folha de S. Paulo. Viciados alternam trabalho e consumo. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Jan 16; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/148084-viciados-alternam-trabalho-e-consumo.shtml>
  42. Folha de S. Paulo. “Abordagem é a mais humana que conheço.” Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Jan 16; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/148024-abordagem-e-a-mais-humana-que-conheco.shtml>
  43. Yarak A. Em 48 h, ação mudou cara da cracolândia, diz Haddad. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Jan 16; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/148023-em-48-h-acao-mudou-cara-da-cracolandia-diz-haddad.shtml>
  44. Monteiro A, Yarak A, Ceconello C, Lobel F. Cracolândia volta a ter “procissão”

- de viciados após ação da prefeitura. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Jan 17; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/148198-cracolandia-volta-a-ter-procissao-de-viciados-apos-acao-da-prefeitura.shtml>
45. Folha de S. Paulo. Renda vem do lixo da Santa Ifigênia. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Jan 18; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/148405-renda-vem-do-lixo-da-santa-ifigenia.shtml>
  46. Folha de S. Paulo. A língua do crack. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Jan 18; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/148404-a-lingua-do-crack.shtml>
  47. Wainer J. Entre loiras e anjos. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Jan 18; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/148403-entre-loiras-e-anjos.shtml>
  48. Folha de S. Paulo. Conheça gírias da Cracolândia; vídeo mostra visita surpresa de Haddad. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Jan 19; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/01/1399890-conheca-girias-da-cracolandia-video-mostra-visita-surpresa-de-haddad.shtml>
  49. Folha de S. Paulo. Cracolândia vive domingo tranquilo após remoção. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Jan 19; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/148565-cracolandia-vive-domingo-tranquilo-apos-remocao.shtml>
  50. Yarak A, Lobel F, Pagnan R, Farias A, Monteiro A. Ação policial gera confronto na cracolândia e na política. Folha de SPaulo. 2014 Jan 23;
  51. Folha de S. Paulo. Confronto deixa usuários de crack feridos. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Jan 23; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/149089-confronto-deixa-usuarios-de-crack-feridos.shtml>
  52. Lobel F. Em dia de pagamento, preço do crack chega a duplicar. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Jan 24; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/149274-em-dia-de-pagamento-preco-do-crack-chega-a-duplicar.shtml>
  53. Gutierrez F. “Creio na evolução da espécie”, diz Haddad sobre ação da polícia. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Jan 25; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/149458-creio-na-evolucao-da-especie-diz-haddad-sobre-acao-da-policia.shtml>



54. Yarak A. Diário do crack. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Jan 25; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/149454-diario-do-crack.shtml>
55. Folha de S. Paulo. Polícia dispersa usuários de crack no centro da cidade. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Jan 27; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/149737-policia-dispersa-usuarios-de-crack-no-centro-da-cidade.shtml>
56. Yarak A. ONG estima baixa de 25% em programa para usuários de crack. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Jan 31; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/01/1405448-ong-estima-baixa-de-25-em-programa-para-usuarios-de-crack.shtml>
57. Folha de S. Paulo. Programa na cracolândia atrai moradores de rua de outros bairros. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Jan 31; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/01/1405986-programa-na-cracolandia-atrai-moradores-de-rua-de-outros-bairros.shtml>
58. Folha de S. Paulo. ONG coloca cachimbos de crack à venda em distribuidores automáticos em Vancouver. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Feb 12; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/02/1411249-ong-coloca-cachimbos-de-crack-a-venda-em-distribuidores-automaticos-em-vancouver.shtml>
59. Folha de S. Paulo. Atendimento a dependente na cracolândia será ampliado até as 22h. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Feb 13; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/02/1411594-atendimento-a-viciado-na-cracolandia-vai-ate-as-22h.shtml>
60. Rosati C. Usuários de droga da cracolândia também vão cuidar de jardins em SP. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Feb 14; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/02/1412212-programa-bracos-abertos-deve-ser-ampliado-em-ate-uma-semana.shtml>
61. Rosati C. Dependentes também vão cuidar de jardins. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Feb 14; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/152365-dependentes-tambem-vao-cuidar-de-jardins.shtml>
62. Trindade E. Diário de uma quase sobrevivente da cracolândia: “Perda total.” Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Mar 11; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/redesocial/2014/03/1423557-diario-de-uma-quase-sobrevivente-da-cracolandia-perda-total.shtml>
63. Folha de S. Paulo. Quase 40% dos usuários deixam programa da prefeitura na

- cracolândia. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Mar 13; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/03/1425223-quase-40-dos-usuarios-deixam-programa-da-prefeitura-na-cracolandia.shtml>
64. Yarak A. Haddad endurece ação na cracolândia. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Mar 13; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/156379-haddad-endurece-acao-na-cracolandia.shtml>
65. Krepp A. Quase 40% abandonaram o programa. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Mar 13; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/156380-quase-40-abandonaram-o-programa.shtml>
66. Folha de S. Paulo. Polícia do Rio busca câmeras de segurança para identificar assassino de jovem. Folha de SPaulo [Internet]. 2013 Dec 2; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/12/1379550-policia-do-rio-busca-cameras-de-seguranca-para-identificar-assassino-de-jovem.shtml>
67. Yarak A. Migração de usuários de crack isola moradores de asilo em SP. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Feb 15; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/02/1412774-migracao-de-usuarios-de-crack-isola-moradores-de-asilo-em-sp.shtml>
68. Palhares I. Morre suspeito de roubo que teve infarto depois de ser imobilizado. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Feb 26; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/154060-morre-suspeito-de-roubo-que-teve-infarto-depois-de-ser-imobilizado.shtml>
69. Fidalgo TM. Thiago M. Fidalgo: Três pilares que salvarão a cracolândia. Folha de SPaulo [Internet]. 2013 Nov 29; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2013/11/1377992-thiago-m-fidalgo-tres-pilares-que-salvarao-a-cracolandia.shtml>
70. Zanini F. Vício estatal. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Jan 19; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/148456-vicio-estatal.shtml>
71. Tófoli LFF. Luís Fernando Tófoli: Enxugando gelo e sangue. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Jan 20; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2014/01/1399951-luis-fernando-tofoli-enxugando-gelo-e-sangue.shtml>
72. Folha de S. Paulo. Famigerada cracolândia. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Jan 25; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/149361-famigerada-cracolandia.shtml>
73. Evans L. Liz Evans: Opção humanitária. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Feb

- 15; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2014/02/1412570-liz-evans-opcao-humanitaria.shtml>
74. Turtelli C. Antiga estação ferroviária central é abrigo para usuários de droga em Bauru. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Jan 5; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/ribeiraopreto/2014/01/1393334-antiga-estacao-ferroviaria-central-e-abrigo-para-usuarios-de-droga-em-bauru.shtml>
75. Martí S. “Situação do Masp ainda é preocupante.” Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Feb 2; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/150490-situacao-do-masp-ainda-e-preocupante.shtml>
76. Folha de S. Paulo. Fundação em 1947, o empresário Assis Chateaubriand e o crítico Pietro Maria Bardi criam o museu no prédio... Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Feb 2; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/150491-raio-x-masp.shtml>
77. Folha de S. Paulo. Moradores de rua tentam aderir a ação na cracolândia. 2014 Jan 31; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/150291-moradores-de-rua-tentam-aderir-a-acao-na-cracolandia.shtml>
78. Yarak A. Prefeitura esvazia hotel na cracolândia cheio de percevejos. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Feb 11; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/151822-prefeitura-esvazia-hotel-na-cracolandia-cheio-de-percevejos.shtml>
79. Laranjeira R. Ronaldo Laranjeira: O papa e as drogas. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Jan 4; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2014/01/1393111-ronaldo-laranjeira-o-papa-e-as-drogas.shtml>
80. Silva AG da. A derrota do Brasil para o crack. Folha de SPaulo [Internet]. 2013 Dec 23; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaio/145732-a-derrota-do-brasil-para-o-crack.shtml>
81. Arruda E de S. Doutora, me ajuda! Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Jan 9; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaio/147053-doutora-me-ajuda.shtml>
82. Schwartzman H. Braços abertos. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Jan 31; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/helioschwartzman/2014/01/1405300-bracos-abertos.shtml>
83. Folha de S. Paulo. Cotidiano - “Favelinha” surge em calçada na cracolândia. Folha de SPaulo [Internet]. 2013 Dec 3; Disponível em:

- <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/142082-favelinha-surge-em-calcada-na-cracolandia.shtml>
84. Folha de S. Paulo. Juventude do PT fará protesto. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Jan 23; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/149086-juventude-do-pt-fara-protesto.shtml>
  85. Serra J. Drogas pesadas no Brasil: inépcia e ideologia. Folha de SPaulo [Internet]. 2013 Dec 14; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaio/143737-drogas-pesadas-no-brasil-inepcia-e-ideologia.shtml>
  86. Mota V. Inflação da pedra. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Jan 26; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaio/149531-inflacao-da-pedra.shtml>
  87. Nery N. Caso reaviva pressão do PT para Haddad se afastar de Alckmin. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Jan 23; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/149087-caso-reaviva-pressao-do-pt-para-haddad-se-afastar-de-alckmin.shtml>
  88. Folha de S. Paulo. “Já vi meu filho fazendo um plano para me matar.” Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Feb 9; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saudeciencia/151545-ja-vi-meu-filho-fazendo-um-plano-para-me-matar.shtml>
  89. Humberg L, Fulgêncio L. Ética do cuidado. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Jan 25; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaio/149367-etica-do-cuidado.shtml>
  90. Humberg L, Fulgêncio L. Lygia Vampré Humberg e Leopoldo Fulgencio: Ética do cuidado. 2014 Jan 26; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2014/01/1402702-lygia-vampre-humberg-e-leopoldo-fulgencio-etica-do-cuidado.shtml>
  91. Folha de S. Paulo. Fotógrafo italiano retrata a rotina de dependentes na cracolândia. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Jan 24; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/149152-fotografo-italiano-retrata-a-rotina-de-dependentes-na-cracolandia.shtml>
  92. Folha de S. Paulo. Vandalismo Não sei qual a intenção da Folha ao disponibilizar o vídeo da repressão policial aos ditos... Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Jan 26; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaio/149536-painel-do-leitor.shtml>
  93. Folha de S. Paulo. Faixa Exclusiva: O prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, implementou mais de 200 km de faixas para ônibus... Folha de SPaulo [Internet]. 2013 Dec 26; Disponível em:

- <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/145350-notas.shtml>
94. Folha de S. Paulo. Ana Hara: Amo minhas clientes. Sei que R\$ 3.000 é muito dinheiro. Mas todo mundo é rico. Com certeza não... Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Jan 18; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/corrida/148393-o-que-eles-disseram.shtml>
  95. Tierney J. As escolhas racionais dos viciados em crack. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Feb 4; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/02/1407332-as-escolhas-rationais-dos-viciados-em-crack.shtml>
  96. Folha de S. Paulo. Toronto transforma prefeito que fumou crack em figura decorativa. Folha de SPaulo [Internet]. 2013 Nov 18; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2013/11/1373354-toronto-transforma-prefeito-que-fumou-crack-em-figura-decorativa.shtml>
  97. Ortega R. Um prefeito do barulho (o retorno). Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Jan 2; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/146169-um-prefeito-do-barulho-o-retorno.shtml>
  98. French C. Prefeito de Toronto que fumou crack defende Bieber após nova acusação. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Jan 31; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/01/1405525-prefeito-de-toronto-que-fumou-crack-defende-bieber-apos-nova-acusacao.shtml>
  99. Folha de S. Paulo. “TV Folha” mostra a rotina de quem vive na cracolândia. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Jan 18; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/148350-tv-folha-mostra-a-rotina-de-quem-vive-na-cracolandia.shtml>
  100. Yarak A. Migração de usuários de crack isola moradores de asilo. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Feb 14; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/152363-migracao-de-usuarios-de-crack-isola-moradores-de-asilo.shtml>
  101. Folha de S. Paulo. O Masp e a casa da sogra. Folha de SPaulo [Internet]. 2013 Dec 1; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/141774-o-masp-e-a-casa-da-sogra.shtml>
  102. Yarak A. Moradores do centro de SP se unem para exigir o fim da cracolândia. Folha de SPaulo [Internet]. 2014 Jan 3; Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/01/1392663-moradores-do-centro-se-unem-para-exigir-o-fim-da-cracolandia.shtml>
  103. Costa AC, Amorim B. Ministério Público vai notificar responsáveis por remoção de usuários de crack do Complexo da Maré. O Globo [Internet]. 2013 Nov 19; Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/mare-mp-notificara-responsaveis->

por-remocao-de-usuarios-de-crack-10815723

104. Costa AC, Amorim B. Maré: MP notificará responsáveis por remoção de usuários de crack. O Globo [Internet]. 2013 Nov 19; Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/mare-mp-notificara-responsaveis-por-remocao-de-usuarios-de-crack-10815723>
105. Costa AC, Amorim B. MP notificará responsáveis por remoção de usuários de crack do Complexo da Maré. O Globo [Internet]. 2013 Nov 19; Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/mare-mp-notificara-responsaveis-por-remocao-de-usuarios-de-crack-10815723>
106. O Globo. Ministério Público vai notificar responsáveis por remoção de usuários de crack. O Globo [Internet]. 2013 Nov 19; Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/ministerio-publico-vai-notificar-responsaveis-por-remocao-de-usuarios-de-crack-10819570>
107. Costa AC. Operação recolhe cem usuários de crack no complexo da maré. O Globo. 2013 Nov 19;
108. O Globo. Ministério Público é contra remoções de usuários de crack. O Globo [Internet]. 2013 Nov 19; Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/ministerio-publico-contraremocoes-de-usuarios-de-crack-10817938>
109. O Globo. Prefeitura faz recolhimento de usuários de crack na Avenida Brasil. O Globo [Internet]. 2013 Nov 19; Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/prefeitura-faz-recolhimento-de-usuarios-de-crack-na-avenida-brasil-10815605>
110. O Globo. Ação da prefeitura acolhe usuários de crack na Avenida Brasil. O Globo [Internet]. 2013 Nov 19; Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/mare-mp-notificara-responsaveis-por-remocao-de-usuarios-de-crack-10815723>
111. O Globo. Ação da Polícia Militar acolhe usuários de crack na Avenida Brasil. O Globo [Internet]. 2013 Nov 19; Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/mare-mp-notificara-responsaveis-por-remocao-de-usuarios-de-crack-10815723>
112. O Globo. Ação da PM recolhe cem usuários de crack na Favela Nova Holanda. O Globo. 2013 Nov 19;
113. O Globo. Prefeitura atende 550 usuários de crack da maré. O Globo. 2013 Nov 23;
114. O Globo. Abordagem dos agentes sociais faz a diferença. O Globo. 2013 Nov 23;
115. Farah T. Movimentos sociais: ação do Denarc afetará programa na cracolândia. O Globo [Internet]. 2014 Jan 24; Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/movimentos-sociais-acao-do-denarc-afetara-programa-na-cracolandia-11395877>
116. Guandeline L, Farah T. MP abre inquérito para investigar ação do Denarc na

- cracolândia. O Globo [Internet]. 2014 Jan 24; Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/mp-abre-inquerito-para-investigar-acao-do-denarc-na-cracolandia-11397735>
117. O Globo. Haddad evita polemizar com Alckmin ação da Polícia na Cracolândia. O Globo [Internet]. 2014 Jan 24; Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/haddad-evita-polemizar-com-alckmin-acao-da-policia-na-cracolandia-11398945>
  118. Barros L. Operação da prefeitura leva cerca de 40 moradores de rua para a delegacia no Centro do Rio. O Globo. 2013 Dec 3;
  119. Barros L. Após operação, Lapa volta a ser tomada por moradores de rua. O Globo [Internet]. 2013 Dec 3; Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/apos-operacao-lapa-volta-ser-tomada-por-moradores-de-rua-10950167>
  120. Amorim B, Barros L. Lapa: após ação, morador de rua volta. O Globo. 2013 Dec 3;
  121. Barros L. Vinte moradores de ruas são cadastrados durante ação da prefeitura no Centro do Rio. O Globo. 2013 Dec 4;
  122. Barros L. Mais de 20 moradores de ruas são cadastrados durante ação da prefeitura no Centro do Rio. O Globo [Internet]. 2013 Dec 4; Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/mais-de-20-moradores-de-ruas-sao-cadastrados-durante-acao-da-prefeitura-no-centro-do-rio-10961974>
  123. O Globo. Adesão a programa federal é criticada. O Globo. 2013 Dec 21;
  124. Araujo I de, Onofre R. Cracolândia à luz do dia em plena Zona Sul de Niterói. O Globo [Internet]. 2013 Dec 23; Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/bairros/cracolandia-luz-do-dia-em-plena-zona-sul-de-niteroi-11128867>
  125. O Globo. Motos na calçada. O Globo. 2013 Dec 28;
  126. Galdo R. A força para trilhar um caminho longe das drogas. 2013 Nov 24; Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/a-forca-para-trilhar-um-caminho-longo-das-drogas-10866392>
  127. Ribeiro M. Haddad diz que prefeitura de SP vai dar emprego a usuários de crack. O Globo [Internet]. 2014 Jan 6; Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/haddad-diz-que-prefeitura-de-sp-vai-dar-emprego-usuarios-de-crack-11221817>
  128. Ribeiro M. Haddad dará emprego a dependentes de crack. O Globo. 2014 Jan 6;
  129. Guandeline L. Prefeitura de SP pagará R\$ 15 por dia a usuários de crack por zeladoria de parques. O Globo [Internet]. 2014 Jan 9; Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/prefeitura-de-sp-pagara-15-por-dia-usuarios-de-crack-por-zeladoria-de-parques-11259080>
  130. Schmitt LG. Ex-dependentes químicos ajudarão moradores de rua viciados em

- crack. O Globo [Internet]. 2014 Jan 14; Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/bairros/ex-dependentes-quimicos-ajudarao-moradores-de-rua-viciados-em-crack-11269710>
131. O Globo. Parque Dom Pedro será segundo foco da ação contra o crack da Prefeitura de SP. O Globo [Internet]. 2014 Jan 22; Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/parque-dom-pedro-sera-segundo-foco-da-acao-contra-crack-da-prefeitura-de-sp-11368262>
  132. O Globo. Secretaria da Justiça de SP emprega usuários da crack em tratamento. O Globo [Internet]. 2014 Feb 25; Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/secretaria-da-justica-de-sp-emprega-usuarios-da-crack-em-tratamento-11708594>
  133. Altino L. Prevenção ao uso de crack é tema de curso na Barra. O Globo [Internet]. 2014 Mar 19; Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/bairros/prevencao-ao-uso-de-crack-tema-de-curso-na-barra-11915913>
  134. Altino L. Drogas perto de casa. O Globo. 2014 Mar 19;
  135. Gois A. Lan é folia certa. O Globo. 2014 Jan 23;
  136. Goulart G. Fórum discute salas para uso do crack. O Globo. 2013 Dec 6;
  137. Uribe G. Incapacitados para trabalhar. O Globo. 2014 Feb 9;
  138. Uribe G. No INSS, pedidos de auxílio-doença para usuários de drogas triplicam em oito anos. O Globo [Internet]. 2014 Feb 10; Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/no-inss-pedidos-de-auxilio-doenca-para-usuarios-de-drogas-triplicam-em-oito-anos-11555129>
  139. Paes M. A palavra de ordem na Ceasa é reaproveitamento. O Globo [Internet]. 2014 Jan 14; Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/bairros/a-palavra-de-ordem-na-ceasa-reaproveitamento-11254110>
  140. Castro N. Moradores do entorno batem fotos entre os entulhos da Perimetral. O Globo [Internet]. 2013 Nov 24; Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/moradores-do-entorno-batem-fotos-entre-os-entulhos-da-perimetral-10867720>
  141. Castro N, Javoski R. Moradores do entorno batem fotos entre os entulhos da Perimetral. O Globo [Internet]. 2013 Nov 24; Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/moradores-do-entorno-batem-fotos-entre-os-entulhos-da-perimetral-1-10867867>
  142. Candida S, Magalhães LE. Roda gigante de Botafogo deve ser instalada antes do Carnaval. O Globo [Internet]. 2014 Jan 6; Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/roda-gigante-de-botafogo-deve-ser-instalada-antes-do-carnaval-11223897>
  143. Candida S. Roda-gigante de botafogo será instalada antes do carnaval. O Globo. 2014 Jan 6;



144. O Globo. Fala,Zona Sul! O Globo. 2014 Jan 29;
145. O Globo. O início de uma cracolândia. O Globo. 2014 Feb 26;
146. Extra editoria. Obra do Teleférico da Providência foi concluída mas não há quem opere o sistema. O Globo [Internet]. 2014 Mar 16; Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/obra-do-teleferico-da-providencia-foi-concluida-mas-nao-ha-quem-opere-sistema-11891388>
147. Uribe G. Em um mês, programa da prefeitura de SP apreendeu mais de 4 mil pedras de crack. O Globo [Internet]. 2014 Feb 14; Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/em-um-mes-programa-da-prefeitura-de-sp-apreendeu-mais-de-4-mil-pedras-de-crack-11605751>
148. Costa AC. Abandonado, aterro tem até barraco montado em seus jardins. O Globo. 2013 Dec 26;
149. Araújo PR. UPAM da Região dos Lagos poderá ficar no Parque Dormitório das Garças. O Globo. 2014 Jan 23;
150. O Globo, Oliveira M. Sem-teto voltam a rondar prédio abandonado na Zona Norte do Rio. O Globo [Internet]. 2014 Feb 26; Disponível em: <http://oglobo.globo.com/eu-reporter/sem-teto-voltam-rondar-predio-abandonado-na-zona-norte-do-rio-11712520>
151. Tadeo M. ONG instala no Canadá máquinas para vender cachimbos de crack. O Globo [Internet]. 2014; Disponível em: <http://oglobo.globo.com/mundo/ong-instala-no-canada-maquinas-para-vender-cachimbos-de-crack-11562647>
152. O Globo. Cem usuários de drogas são detidos em Bonsucesso. O Globo [Internet]. 2013 Nov 19; Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/cem-usuarios-de-drogas-sao-detidos-em-bonsucesso-10816536>
153. Extra. Usuários de crack promovem arrastão no Centro. O Globo. 2014 Mar 2;
154. O Globo. Usuários de crack invadem a pista, na Avenida Brasil. O Globo. 2014 Feb 16;
155. Werneck A. Fim do sonho de um jovem carioca. O Globo. 2013 Dec 2;
156. Berta R. Quatro bonecos de Papai Noel são furtados e dois são degolados na Barra. O Globo [Internet]. 2013 Dec 11; Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/quatro-bonecos-de-papai-noel-sao-furtados-dois-sao-degolados-na-barra-11038341>
157. O Globo. A coluna de hoje. O Globo [Internet]. 2013 Dec 31; Disponível em: <http://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/a-coluna-de-hoje-519559.html>
158. O Globo. Menor é atropelado na Avenida Brasil. O Globo [Internet]. 2013 Nov 26; Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/menor-atropelado-na-avenida-brasil-10893930>
159. Extra. Igor Falcão, executado à luz do dia na Baixada, foi preso logo no primeiro roubo. O Globo [Internet]. 2014 Feb 7; Disponível em:

- <http://oglobo.globo.com/rio/igor-falcao-executado-luz-do-dia-na-baixada-foi-preso-logo-no-primeiro-roubo-11530299>
160. O Globo. Auxílio paga tratamento médico, pensão e alimentos. O Globo. 2014 Feb 9;
  161. Wrede C. História abandonada. O Globo. 2014 Mar 17;
  162. Bottari E. Cracolândia atravessa o samba da sapucaí. O Globo. 2014 Jan 9;
  163. Bottari E. Viciados em crack do Jacarezinho migram para a região central do Rio. O Globo. 2014 Jan 10;
  164. O Globo. No rio, concessão de benefício cresce 25% em um ano. O Globo. 2014 Feb 9;
  165. Boere N. Antonio Firmino pode ter morrido de overdose, segundo delegada. O Globo [Internet]. 2013 Nov 13; Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/antonio-firmino-pode-ter-morrido-de-overdose-segundo-delegada-10782102>
  166. O Globo. Minha casa. O Globo. 2014 Jan 15;
  167. Wrede C. Outrora nobre, Passeio Público vive tempos de insegurança e abandono. O Globo [Internet]. 2014 Mar 18; Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/outrora-nobre-passeio-publico-vive-tempos-de-inseguranca-abandono-11907381>
  168. O Globo. Precisamos ser respeitados. O Globo. 2014 Mar 8;
  169. Araujo I de. Cracolândia à luz do dia em plena zona sul. O Globo. 2013 Dec 21;
  170. Martins E. Um prefeito muito louco. O Globo. 2013 Nov 23;
  171. O Globo. Rob Ford teria oferecido US\$ 5 mil e um carro a traficantes em troca de vídeo. O Globo. 2013 Dec 4;
  172. O Globo. Prefeito de Toronto nega ter tentado comprar vídeo que o mostraria usando crack. O Globo [Internet]. 2013 Dec 5; Disponível em: <http://oglobo.globo.com/mundo/prefeito-de-toronto-nega-ter-tentado-comprar-video-que-mostraria-usando-crack-10977493>
  173. Extra. Polícia divulga retrato falado de suspeito de invadir casa de ex-diretor de futebol do Flamengo. O Globo [Internet]. 2014 Feb 28; Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/policia-divulga-retrato-falado-de-suspeito-de-invadir-casa-de-ex-diretor-de-futebol-do-flamengo-11745064>
  174. O Globo. Vital e as promessas. O Globo. 2013 Nov 23;
  175. O Globo. Menos poder, mais repercussão. O Globo. 2013 Nov 15;
  176. Souza J (org). Crack e exclusão social. 1st ed. Brasília: Ministério da Justiça e Cidadania, Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas; 2016. 357 p.

177. Olicshevis G. Mídia e Opinião Pública. Rev Vernáculo [Internet]. 2006;(17):91–9. Disponível em:  
[https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjJ\\_uu35sjSAhVCOZAKHbo2CW4QFggaMAA&url=http%3A%2F%2Frevistas.ufpr.br%2Fvernaculo%2Farticle%2Fdownload%2F20423%2F13603&usg=AFQjCNG\\_c6MfqhIUaylCbMIVql\\_eva66A&sig2=k7SyeCkOPe9FcTNSUd2PtA&bvm=bv.149397726,d.Y2I](https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjJ_uu35sjSAhVCOZAKHbo2CW4QFggaMAA&url=http%3A%2F%2Frevistas.ufpr.br%2Fvernaculo%2Farticle%2Fdownload%2F20423%2F13603&usg=AFQjCNG_c6MfqhIUaylCbMIVql_eva66A&sig2=k7SyeCkOPe9FcTNSUd2PtA&bvm=bv.149397726,d.Y2I). Acesso em: 09 mar 2017

## ANEXO A – REPORTAGENS ANALISADAS PUBLICADAS PELA FOLHA DE S. PAULO

### **Uso de Crack/pessoas que usam crack/ações para diminuir o uso de crack**

#### **1 - PM do Rio encaminha ao menos cem usuários de crack para abrigos**

Fonte: Folha de São Paulo – Online

Autor: DA AGÊNCIA BRASIL

Editoria: cotidiano

Publicada em: 19/11/2013 às 14h29

Pelo menos cem usuários de crack foram recolhidos pela Polícia Militar na manhã desta terça-feira (19) na Comunidade Nova Holanda, no Complexo da Maré, zona norte da capital fluminense. Os dependentes químicos foram encaminhados pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social para um abrigo em Santa Cruz. Entre os recolhidos estão menores de idade, pessoas com deficiência física e uma mulher grávida.

Antes de serem levados para o abrigo, os usuários de crack passaram por uma triagem na 21ª Delegacia Policial de Bonsucesso para saber se possuíam antecedentes criminais. Nenhum deles tinha passagem pela polícia. Durante a operação, alguns dependentes químicos conseguiram fugir.

O comandante de operações do 22º Batalhão de Polícia Militar, do Complexo da Maré, major Rogério Rodrigues, informou que os usuários de crack não serão obrigados a permanecer no abrigo.

"Eles são levados até o abrigo, onde será feita uma nova triagem. Aqueles que optarem por ficar no abrigo, vão ficar. Aqueles que quiserem ir para as suas casas serão liberados porque ninguém é obrigado a permanecer", disse o major.

Ainda segundo o comandante, a operação foi desencadeada devido ao aumento de roubos e furtos na comunidade Nova Holanda. "A nossa análise criminal constatou um aumento considerável dos roubos e furtos. Então, nós desencadeamos essa operação para poder não somente dar uma resposta para a sociedade mas, também, coibir esse tipo de delito".

#### **2 - Motorista de caminhão e vans terá exame antidrogas para tirar e renovar CNH**

Fonte: Folha de São Paulo - Online

Editoria: cotidiano

Publicada em: 28/11/2013 às 01h15

O Contran (Conselho Nacional de Trânsito) decidiu exigir a realização de um exame toxicológico para motoristas de veículos como caminhões, ônibus e vans que forem tirar ou renovar a carteira nacional de habilitação.

O órgão federal responsável pelas normas de trânsito no país diz querer impedir que usuários de drogas ilícitas consigam tirar a CNH. O alvo são os motoristas profissionais que costumam dirigir veículos pesados por muitas horas seguidas.

A exigência, prevista na resolução 460, começará a valer dentro de 180 dias.

Quem quiser renovar ou tirar a carteira nas categorias C (caminhões), D (vans e ônibus) e E (veículos mais pesados, como carretas e articulados) terá que passar por um exame que indica se substâncias psicoativas foram consumidas nos 90 dias anteriores.

Se der positivo, a pessoa ficará impedida de tirar a CNH na ocasião. Mas ela poderá pedir uma contraprova. A exigência não valerá para os motoristas das categorias A (moto) e B (carro).

O Contran diz que a intenção é evitar acidentes e "oferecer mais segurança no trânsito em relação ao transporte de cargas e vidas. "A medida vai encarecer os custos para tirar a CNH. O exame custará entre R\$ 270 e R\$ 290. O conselho diz já haver sete empresas habilitadas para fazer esse teste, com redes espalhadas pelo Brasil.

Ele reconhece haver motoristas que usam medicamentos sob prescrição médica que têm na fórmula algum elemento detectado pelo teste.

Por isso, a quantidade e a duração do uso serão submetidas à análise de um médico, que emitirá um laudo final de aptidão do motorista.

Para Augusto de Arruda Botelho, advogado e presidente do Instituto de Defesa do Direito de Defesa, a resolução é inconstitucional.

"A intenção pode ser boa, mas usar droga não é crime. Uma coisa é você flagrar a pessoa dirigindo com alguma substância. Outra é você punir a pessoa sem saber em que circunstância ela usou."

O teste poderá ser feito pelo fio de cabelo ou pelas unhas. O resultado também deverá ser apresentado na renovação da CNH a cada cinco anos -ou em possíveis mudança de categoria.

Poderão ser detectadas drogas como a cocaína, crack, merla, maconha e derivados, morfina, heroína, ecstasy, anfetamina e metanfetamina.

O órgão se baseou em estudo da Polícia Rodoviária que indicou que a utilização de drogas por motoristas de veículos pesados é um dos principais causadores de acidentes em rodovias. Pesquisa da USP com 1.009 caminhoneiros apontou que 9% usavam drogas de forma constante.

### **3 - Operação recolhe 53 usuários de crack no centro do Rio, mas nenhum aceita abrigo**

Fonte: Folha de São Paulo – Online  
Autor: DO RIO Editoria: cotidiano  
Publicada em: 03/12/2013 às 08h49

Uma operação da Polícia Militar e da subprefeitura do centro do Rio recolheu 53 usuários de crack - entre eles, uma mulher grávida e 11 adolescentes - na madrugada desta terça-feira (3), na Lapa. Após passarem por triagem, dois deles foram presos porque eram foragidos por tráfico de drogas.

Os adolescentes foram levados para um abrigo da prefeitura no centro. Já os adultos não quiseram seguir para abrigos e foram liberados.

Entre as apreensões haviam estiletes, facas e tesouras. A operação começou no final da noite de ontem e terminou apenas as 4h de hoje.

A crackolândia funcionava na praça dos Arcos da Lapa. Ainda não há informações se os usuários liberados retornaram para o mesmo lugar. O caso foi registrado na 5ª DP (Gomes Freire).

Na noite de sábado (30), o estudante Conrado Chaves da Paz, 19, foi assassinado com uma facada na avenida Chile, no centro. A polícia disse que não descarta a possibilidade do jovem ter sido vítima de usuários de crack.

Na madrugada de segunda (1º), um morador de rua também foi morto após ser esfaqueado na mesma região, na rua da Lapa.

### **4 - Cotidiano - 'Favelinha' surge em calçada na crackolândia**

Fonte: Folha de São Paulo – Online  
Editoria: fsp  
Publicada em: 03/12/2013 às 22h00

Uma "favelinha" surgiu na calçada do terreno da antiga rodoviária de São Paulo, no coração da cracolândia. As moradias improvisadas ficam na alameda Dino Bueno e na rua Helvétia.

Lá, cerca de cem barracos de madeira e plástico se escoram no alambrado instalado para evitar que viciados em crack tomassem conta do terreno, hoje abandonado.

Procurada pela Folha, a prefeitura não se pronunciou especificamente sobre o surgimento da "favelinha".

Informou que atua na região, incluindo as vias onde foram erguidos os barracos, com equipes de saúde e limpeza, além de guardas civis.

"Os orientadores sociais realizaram 1.169 abordagens nos últimos 30 dias, que resultaram em 341 encaminhamentos para a rede socioassistencial", afirmou, em nota, a gestão Fernando Haddad (PT).

Além dos viciados, moradores de rua e catadores de papelão também ocupam o local. Algumas crianças circulam entre o grupo, mas ninguém soube dizer se elas moram nos barracos.

Comerciantes dizem que esses ocupantes sempre viveram ali, mas decidiram erguer os barracos após a demolição de imóveis abandonados conhecidos por "casarões do crack".

As demolições ocorreram há dois anos, dentro da ação conjunta da prefeitura e do governo do Estado, que tinha a promessa de acabar com o tráfico na região e levar dependentes para tratamento.

De acordo com um comerciante, apesar de haver postos da Polícia Militar e da Guarda Civil Metropolitana, brigas e furtos são frequentes.

No terreno isolado pelas grades, o governo do Estado planejava construir um centro cultural com três teatros. A área hoje tem mato alto, montes de lixo e continua sendo usada pelos viciados --também como banheiro.

O Complexo Cultural da Luz, anunciado pela gestão José Serra (PSDB) em 2008, ficaria pronto em 2010. O novo prazo agora é 2017.

Já foram gastos R\$ 170 milhões em desapropriações, demolições e no projeto. O centro foi projetado pelo mesmo escritório suíço autor do estádio Ninho de Pássaro, construído para os Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008.

O complexo era para ser um dos principais equipamentos públicos da Nova Luz, iniciativa da gestão Gilberto Kassab (PSD) para revitalizar a cracolândia.

O plano, que custou R\$ 14,6 milhões, foi engavetado por Haddad, que aposta em parcerias público-privadas para fazer edifícios.

## **5 - Florianópolis cria base de apoio para mendigo**

Fonte: Folha de São Paulo - Online  
Autor: JEFERSON BERTOLINI  
Editoria: cotidiano  
Publicada em: 12/12/2013 às 05h13

Em meio a uma onda de manifestações contra moradores de rua na praia de Canasvieiras, uma das mais movimentadas de Florianópolis, a prefeitura lançou um conjunto de medidas para apaziguar o que chamou de "movimento de incitação à violência" contra eles.

A gestão municipal criou na região uma base operacional com funcionários das secretarias de Saúde, Assistência Social e Serviços Públicos.

O prefeito Cesar Souza Júnior (PSD) também anunciou para 19 de dezembro um mutirão de emprego e outro de emissão de documentos.

Segundo o secretário de Assistência Social, Alessandro Abreu, há em Canasvieiras cerca de 50 moradores de rua "vindos de todos os lugares do Brasil". A maioria é homem e usa crack. No verão, esse número aumenta.

Segundo o secretário, o município tem vagas disponíveis em abrigo, mas os moradores "preferem a rua". Os protestos antimendigo começaram no fim de novembro, conforme a Folha noticiou na semana passada.

"Estamos tentando limpar a praia para a chegada do turista. Isso está queimando nossa imagem", disse à reportagem a empresária Luciana da Silva, 31, em protesto organizado por ela no dia 26.

Ontem, depois da iniciativa da prefeitura, Luciana disse que "não adianta fazer nada se eles [mendigos] tiveram a opção de ficar na rua".

Já o presidente do conselho de segurança do bairro, Carlos Hennrithse, aprovou a ideia da prefeitura. Segundo ele, atualmente o núcleo de apoio mais próximo fica no centro, a quase 30 quilômetros de distância.

## **6 - 'Situação é constrangedora', diz secretário**

Fonte: Folha de São Paulo – Impresso  
Autor: ARETHA YARAK Editoria: Cotidiano  
Publicada em: 16/12/2013 às 22h00

"É uma situação constrangedora. A cracolândia é uma sociedade autônoma e multifuncional."



A frase de José de Filippi Júnior, secretário municipal de Saúde, resume o mal-estar que a "favelinha" nascida no coração da cracolândia causa à administração municipal.

Desde julho, depois que o governo do Estado demoliu prédios do entorno que eram usados como moradia, os usuários de crack voltaram a erguer barracos pelas ruas da região.

Hoje, estima-se que cerca de 500 pessoas vivam em barracos e outras 300 circulem diariamente pelo local. Os números são similares àqueles de antes da operação policial do Estado em 2012.

"A primeira reação é entrar e recolher tudo. Mas eu estaria apenas criando um problema para a cidade e não resolveria o tráfico", diz Roberto Porto, secretário de Segurança.

Segundo ele, há um cuidado de não espalhar novamente o crack pela cidade. "Nossa ação é melhor se é centralizada num ponto. Mas o lado negativo é a cidade conviver com aquela situação."

A política adotada pela prefeitura segue o programa "Crack, é possível vencer", do governo federal.

Em vez de uma ação mais inibitória, essa política preza pela redução de danos --e teria, portanto, resultados mais lentos e "transparentes".

A ideia é que, uma vez que os usuários se sintam à vontade com a presença da prefeitura, eles acabem procurando tratamento. "O poder público tem que estar pronto para receber essa pessoa quando ela pedir ajuda", diz Luciana Temer, secretária de Desenvolvimento Social.

Segundo ela, o trabalho de reconquista do usuário já pode ser visto no De Braços Abertos. O centro funciona como um espaço de ação em saúde e atendimento social.

"Antes, eles se afastavam do poder público porque tinham medo da internação compulsória. Conseguimos reconquistar a confiança. Hoje, temos 400 usuários fiéis ao centro", diz Luciana.

## **7 - Haddad quer empregar viciados em parques de SP**

Prefeitura estuda criar 400 vagas de trabalho para moradores de rua Ação tem o objetivo de acabar com 'favela' surgida este ano em rua da cracolândia, no centro de São Paulo

Fonte: Folha de São Paulo – Impresso  
Autor: ANDRÉ MONTEIRO E ARETHA YARAK  
Editoria: Cotidiano

Publicada em: 16/12/2013 às 22h00

A gestão Fernando Haddad (PT) estuda criar vagas de trabalho para empregar usuários de drogas da região da cracolândia em serviços de zeladoria para a prefeitura, como o cuidado de parques e outras áreas públicas.

O projeto deve ser criado por decreto, mas ainda está em fase de análise da viabilidade jurídica e financeira. A ideia é abrir cerca de 400 vagas temporárias.

O valor e a forma de remuneração ainda estão sendo definidos pela administração. Está em análise se o pagamento será feito em dinheiro ou por meio de um cartão.

Também estão sendo definidos os critérios de admissão no programa. A gestão pretende criar mecanismos para acompanhamento dos selecionados e formas de encaminhá-los a emprego fixo.

O público alvo do projeto são todos os moradores de rua da cracolândia, muitos deles usuários de drogas.

Mas a iniciativa é sobretudo uma tentativa de desmontar uma "favelinha" surgida há alguns meses na alameda Dino Bueno com a rua Helvétia, na calçada do terreno da antiga rodoviária.

O imóvel foi demolido há alguns anos para dar lugar a um centro cultural do Estado, mas o projeto está atrasado. Há alguns meses, moradores de invasões que foram demolidas, catadores de papelão e até moradores de outras favelas começaram a montar barracos escorados no alambrado do terreno.

A "frente de trabalho", como o projeto é chamado, é uma tentativa de convencer os moradores a deixar o local. A ação será articulada com oferta de vagas de internação para viciados, auxílio aluguel e reforço na limpeza, para evitar a construção de novos barracos.

A expectativa da prefeitura é concluir o projeto até o fim do ano, mas não foi fixado um prazo para o início do recrutamento e da seleção dos interessados.

A iniciativa ocorre no momento em que o governo estadual reforça as ações de saúde na cracolândia.

Desde a semana passada, um micro-ônibus do Programa Recomeço está estacionado na rua Helvétia. Agentes estão recolhendo e levando para tratamento em clínicas cerca de dez usuários de drogas por dia, em média.

Também está previsto que mais 70 agentes de saúde do governo estadual comecem a atuar por lá nesta semana.

A área da saúde será um dos principais temas da campanha eleitoral de 2014, que o governador Geraldo Alckmin (PSDB) deve disputar com o ministro Alexandre Padilha (Saúde), do PT de Haddad.

Com as ações, a intenção dos dois partidos é evitar as críticas de que não atuam para tentar resolver a epidemia do crack.

(ANDRÉ MONTEIRO E ARETHA YARAK)

## **8 - Estado pressiona prefeitura para fechar 'hotéis do crack'**

Secretaria de Alckmin fez dossiê com mapeamento de 18 locais irregulares. Gestão Haddad diz que fechar locais sem oferecer assistência aos usuários de drogas irá levar mais gente às ruas.

Fonte: Folha de São Paulo - Impresso  
Autor: ANDRÉ MONTEIRO Editoria: Cotidiano  
Publicada em: 16/12/2013 às 22h00

O governo estadual está pressionando a Prefeitura de São Paulo para fechar hotéis e pensões irregulares na cracolândia sob a justificativa de que eles facilitam o consumo e o tráfico de drogas na região.

A área de inteligência da Secretaria da Segurança Pública chegou a elaborar um dossiê que foi encaminhado em novembro ao prefeito

Fernando Haddad (PT).

O documento, ao qual a Folha teve acesso, contém fotos, endereços e a situação legal de 18 locais. Desses, dez não possuem sequer CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica) e alvará de funcionamento, irregularidades que poderiam levar a seu fechamento pela prefeitura.

Além dos hotéis e pensões, a lista inclui imóveis invadidos e moradias coletivas que, segundo o documento, podem ser frequentadas por usuários e traficantes.

O dossiê afirma que "para a consecução da atividade criminosa, em muitos casos, indivíduos diretamente envolvidos nos fatos têm feito uso de estabelecimentos comerciais do tipo hotéis ou pensões cujas condições internas e externas facilitam e fomentam práticas ilícitas".

Segundo policiais e agentes de saúde que atuam na cracolândia, esses locais são usados por usuários e traficantes --a venda de drogas, às vezes, recebe o consentimento dos proprietários.

A pressão sobre a prefeitura causou mal-estar entre as equipes das gestões Haddad e Geraldo Alckmin (PSDB).

A prefeitura confirma ter recebido o dossiê, mas diz que já tratou do assunto com o governador e secretários em reunião na semana passada.

Na avaliação da administração, fechar os locais sem oferecer assistência aos usuários irá levar mais pessoas às ruas e piorar a situação da região, que já assiste ao surgimento de uma "favelinha" na alameda Dino Bueno.

A gestão Haddad afirmou ainda que não seria possível tomar medida unilateral sem auxílio da Polícia Militar na própria fiscalização e na repressão ao tráfico de drogas.

Segundo a prefeitura, houve acordo na reunião para o início de uma ação conjunta entre Estado e município.

O trabalho envolve reforço na segurança, limpeza, tratamento de usuários e assistência para os moradores da "favelinha", na tentativa de acabar com a ocupação.

A fiscalização dos hotéis e pensões irregulares seria feita numa segunda etapa.

O hotel Avaré, que aparece na lista, diz que não aceita usuários e nega favorecer o tráfico. Representantes dos outros estabelecimentos não foram localizados.

## **9 - Governo de SP pressiona prefeitura para fechar 'hotéis do crack'**

Fonte: Folha de São Paulo - Online

Autor: ANDRÉ MONTEIRO

Editoria: cotidiano

Publicada em: 17/12/2013 às 01h00

O governo estadual está pressionando a Prefeitura de São Paulo para fechar hotéis e pensões irregulares na cracolândia sob a justificativa de que eles facilitam o consumo e o tráfico de drogas na região.

A área de inteligência da Secretaria da Segurança Pública chegou a elaborar um dossiê que foi encaminhado em novembro ao prefeito

Fernando Haddad (PT).

O documento, ao qual a Folha teve acesso, contém fotos, endereços e a situação legal de 18 locais. Desses, dez não possuem nem sequer CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica) ou alvará de funcionamento, irregularidades que poderiam levar a seu fechamento pela prefeitura.

Além dos hotéis e pensões, a lista inclui imóveis invadidos e moradias coletivas que, segundo o documento, podem ser frequentadas por usuários e traficantes.

O dossiê afirma que "para a consecução da atividade criminosa, em muitos casos, indivíduos diretamente envolvidos nos fatos têm feito uso de estabelecimentos

comerciais do tipo hotéis ou pensões cujas condições internas e externas facilitam e fomentam práticas ilícitas".

Segundo agentes públicos que atuam na cracolândia, esses hotéis são usados por usuários que procuram privacidade ou local para dormir e também por traficantes.

Além de distribuir pedras de crack pelas ruas da região, muitas vezes eles comercializam as drogas com o consentimento de proprietários.

A prefeitura confirma ter recebido o dossiê, mas diz que já tratou do assunto com o governador Geraldo Alckmin (PSDB) e secretários em reunião na semana passada.

Na avaliação da prefeitura, fechar os locais sem oferecer assistência aos usuários irá levar mais pessoas às ruas e piorar a situação da região, que já assiste ao surgimento de uma nova favela na alameda Dino Bueno.

No local, cerca de cem barracos foram erguidos há alguns meses, apoiados na grade do terreno da antiga rodoviária, que foi demolida para dar lugar a um centro cultural do governo estadual.

Haddad afirmou também que o dossiê representa uma visão parcial da situação, pois não seria possível fiscalizar os locais sem a ajuda policial no combate ao tráfico, e que houve acordo na reunião para o início de uma ação conjunta do Estado e município na região.

O trabalho envolve reforço na segurança, limpeza, tratamento de usuários e assistência aos moradores de rua, na tentativa de desmobilizar a favela. A fiscalização dos hotéis seria numa próxima fase.

## **10 - Alckmin diz que trabalha em conjunto com prefeitura contra "hotéis do crack"**

Fonte: Folha de São Paulo - Online  
Editoria: cotidiano  
Publicada em: 17/12/2013 às 12h13

O governador Geraldo Alckmin (PSDB) afirmou nesta terça-feira (17) que o governo do Estado atua de forma conjunta com a Prefeitura de São Paulo na região do centro paulistano conhecido como cracolândia.

Hoje, reportagem da Folha mostrou que um dossiê da secretaria da Segurança Pública foi enviado ao prefeito Fernando Haddad (PT) como forma de pressionar a prefeitura a fechar hotéis e pensões irregulares da região, sob o argumento de que eles favorecem o consumo e o tráfico de drogas.

A pressão causou mal-estar entre as duas gestões, já que a prefeitura avalia que o fechamento desses locais, sem trabalho assistencial, irá levar mais pessoas para a

"favelinha" que surgiu há alguns meses na alameda Dino Bueno. "O Estado e a prefeitura estão trabalhando juntos lá na Nova Luz. (...) a prefeitura com a parte da limpeza, com a parte da assistência primária da saúde, nós estamos lá com o trabalho junto com os assistentes sociais e saúde. Já internamos 28 pessoas nessas duas semanas, 28 pessoas saíram das ruas, já foram para as casas transitórias e comunidades terapêuticas", disse o governador.

Na reportagem, a prefeitura afirma ter havido acordo para adiar a fiscalização dos estabelecimentos e primeiro fazer trabalho assistencial, na tentativa de desmontar a "favelinha".

Questionado sobre esse acordo, Alckmin afirmou apenas que "não houve nenhum desencontro".

"Vamos construir ali um prédio na nossa PPP [Parceria Público-Privada] da habitação. A região vai ter muita habitação, trazer de volta as pessoas para morarem ali na região do Bom Retiro, da Nova Luz, toda aquela região", afirmou o Alckmin.

## **11 - Programa não oferece vagas em Ribeirão**

Fonte: Folha de São Paulo - Impresso

Editoria: Ribeirão

Publicada em: 24/12/2013 às 22h00

Lançado há dois meses em Ribeirão, o programa Recomeço --criado pelo Estado para atender usuários de crack que buscam recuperação do vício-- ainda não oferece vagas na cidade. A meta é criar 300 vagas até janeiro.

Segundo dados do programa, até hoje foram cadastrados quatro pacientes nas 21 vagas disponíveis em duas cidades da região. De acordo com o governo do Estado, estão em análise 30 vagas para Ribeirão Preto e mais seis em São Simão, na região.

A Graaus, de Sertãozinho, foi a primeira comunidade terapêutica conveniada do programa na região. As oito vagas já chegaram a ser preenchidas, mas com desistências, apenas quatro residentes continuam cadastrados no programa. A diretoria aguarda novos encaminhados pelo serviço de saúde.

A Viver Clara Moreira, em Jaboticabal, assinou o convênio no dia 6 de dezembro, com a disponibilidade de 13 vagas, mas ainda não recebeu nenhum paciente.

Segundo a Secretaria de Justiça e da Defesa da Cidadania, outras três clínicas estão em processo de análise.

Dois são de Ribeirão Preto: a Apoiando a Recuperação de Vidas, com 20 vagas, e a Associação para Auxílio de Dependentes Químicos, com 10 vagas. Uma terceira

instituição, a Atos 2, fica em São Simão e oferece seis vagas. O órgão não informou o prazo para essas análises serem feitas e concluídas.

No Programa Recomeço, por mês, o governo repassa diretamente a cada comunidade R\$ 1.350 por paciente em tratamento. Eles ficam internados por seis meses.

O dependente precisa confirmar a presença todos os dias por meio de leitura das digitais em um aparelho de identificação biométrica. Dessa forma, o governo estadual visa garantir que o paciente não tenha abandonado a instituição.

## **12 - Moradores do centro se unem para exigir o fim da cracolândia**

Grupo que se diz sitiado cogita ir à Justiça para obrigar prefeitura e governo do Estado a agir Problema foi relatado em documento entregue a autoridades; 'favela' erguida por viciados agravou a situação

Fonte: Folha de São Paulo - Impresso  
Autor: ARETHA YARAK ANDRÉ MONTEIRO  
Editoria: Cotidiano  
Publicada em: 02/01/2014 às 22h00

Acuados e inconformados com a situação, eles começam a se mobilizar para exigir que a prefeitura e o governo estadual acabem com a cracolândia --cogitam até recorrer à Justiça.

A postura mais incisiva ocorre porque os moradores defendem que a situação da região, problemática há anos, piorou com o surgimento de uma "favelinha" na alameda Dino Bueno e rua Helvétia.

No local, barracos improvisados foram erguidos há alguns meses na calçada do terreno da antiga rodoviária.

No início de dezembro, o Conseg (Conselho Comunitário de Segurança) local protocolou ofícios em secretarias das gestões Geraldo Alckmin (PSDB) e Fernando Haddad (PT) no qual reivindica a "imediata desocupação do passeio público" e do largo Coração de Jesus, onde fica a maioria dos usuários de crack.

"Premia-se o craqueiro, mas o morador da região fica desamparado", diz Fábio Fortes, presidente do Conseg.

Os moradores do bairro organizam ainda um abaixo-assinado que pretendem encaminhar para órgãos públicos e a criação de uma associação de moradores da região.

Na primeira reunião, no fim do ano passado, foram recolhidas assinaturas de 60 pessoas que resistem à degradação da área.

"Não tem mais condições de morar aqui, eu tenho vergonha deste lugar", diz Maria Aparecida Berci Luiz, 58. "Moro aqui há 35 anos e estou sendo desalojada por pessoas com mais direito do que eu, que pago impostos", diz.

## POLÍCIA

"Me assaltaram duas vezes. Nas duas levaram documentos, dinheiro e celular. Me recuso a fazer outra via do RG e ando apenas com o boletim de ocorrência no bolso", diz Paulo Sérgio, 31.

Segundo os moradores da região, os guardas da GCM e os policiais militares que patrulham a área alegam que não podem fazer nada. "Meu assalto aconteceu a uma quadra de uma patrulha da PM. Eles nem se deram ao trabalho de ir atrás de quem me roubou", diz Paulo.

Segundo outra moradora, que não quis revelar o nome por medo, já houve situações em que os prédios da rua ficaram sem energia, mas os barracos permaneceram iluminados. "Ninguém faz nada", desabafa.

### **13 - Moradores do centro de SP se unem para exigir o fim da cracolândia**

Fonte: Folha de São Paulo – Online  
Autor: ARETHA YARAK Editoria: cotidiano  
Publicada em: 03/01/2014 às 01h20

"Não saio de casa sozinha depois das 18h." A vida sitiada da aposentada Dalva Lopes, 63, é a regra para os poucos moradores que ainda vivem nos prédios da cracolândia, no centro paulistano.

Acuados e inconformados com a situação, eles começam a se mobilizar para exigir que a prefeitura e o governo estadual acabem com a cracolândia -cogitam até recorrer à Justiça.

A postura mais incisiva ocorre porque os moradores defendem que a situação da região, problemática há anos, piorou com o surgimento de uma "favelinha" na alameda Dino Bueno e rua Helvética.

No local, barracos improvisados foram erguidos há alguns meses na calçada do terreno da antiga rodoviária.

No início de dezembro, o Conseg (Conselho Comunitário de Segurança) local protocolou ofícios em secretarias das gestões Geraldo Alckmin (PSDB) e Fernando Haddad (PT) no qual reivindica a "imediate desocupação do passeio público" e do largo Coração de Jesus, onde fica a maioria dos usuários de crack.

"Premia-se o craqueiro, mas o morador da região fica desamparado", diz Fábio Fortes, presidente do Conseg.



Os moradores do bairro organizam ainda um abaixo-assinado que pretendem encaminhar para órgãos públicos e a criação de uma associação de moradores da região.

Na primeira reunião, no fim do ano passado, foram recolhidas assinaturas de 60 pessoas que resistem à degradação da área.

"Não tem mais condições de morar aqui, eu tenho vergonha deste lugar", diz Maria Aparecida Berci Luiz, 58. "Moro aqui há 35 anos e estou sendo desalojada por pessoas com mais direito do que eu, que pago impostos", diz.

## POLÍCIA

"Me assaltaram duas vezes. Nas duas levaram documentos, dinheiro e celular. Me recuso a fazer outra via do RG e ando apenas com o boletim de ocorrência no bolso", diz Paulo Sérgio, 31.

Segundo os moradores da região, os guardas da GCM e os policiais militares que patrulham a área alegam que não podem fazer nada. "Meu assalto aconteceu a uma quadra de uma patrulha da PM. Eles nem se deram ao trabalho de ir atrás de quem me roubou", diz Paulo.

Segundo outra moradora, que não quis revelar o nome por medo, já houve situações em que os prédios da rua ficaram sem energia, mas os barracos permaneceram iluminados. "Ninguém faz nada", desabafa.

## **14 - Prefeitura pagará R\$ 15 por dia trabalhado a usuário de crack**

Desmonte da "favelinha" erguida na cracolândia deverá ser feito pelo próprio usuário. Cerca de 400 pessoas já estão cadastradas; elas devem receber ainda três refeições e seguro de vida coletivo.

Fonte: Folha de São Paulo - Impresso

Editoria: Cotidiano

Publicada em: 08/01/2014 às 22h00

O secretário municipal de Segurança Pública de São Paulo, Roberto Porto, disse ontem em entrevista à rádio CBN que a prefeitura vai pagar R\$ 15 por dia a cerca de 400 usuários da região da cracolândia em troca de trabalho para o município.

O plano da gestão de Fernando Haddad (PT) de empregar os usuários da região em serviços de zeladoria, como varrição de parques da cidade, já havia sido antecipado pela Folha.

De acordo com Porto, os usuários que participarem do programa terão que trabalhar quatro horas por dia na zeladoria. Além disso, eles terão que cumprir mais duas horas diárias em programas de requalificação profissional.

O pagamento será feito com base no dia trabalhado, não por valor fechado no final do mês. Assim, caso a carga horária do dia não for cumprida, ele não recebe.

Em situações nas quais o usuário não esteja bem de saúde, por causa da dependência, e comprove sua passagem por uma das unidades de saúde da cidade, ele ainda receberá os R\$ 15 de um dia trabalhado.

Os usuários que serão inclusos no programa de zeladoria receberão ainda café da manhã, almoço e jantar, além de kit de higiene pessoal, vale-transporte e seguro de vida coletivo.

Segundo o secretário, o desmonte da chamada "favelinha", erguida na calçada da alameda Dino Bueno com a rua Helvetia, deverá ser feita pelos próprios usuários.

"Eles mesmos, com a ajuda da prefeitura, vão desmontar os barracos. Isso está pactuado", disse.

Todos serão encaminhados para uma das 400 vagas em hotéis da região. "Essa não é uma iniciativa higienista, não estamos varrendo o problema", disse.

Os cerca de 40 menores que estão na região deverão ser encaminhados a escolas e creches, quando for o caso. O custo total com a operação, segundo o secretário, ainda não está fechado.

## **15 - 'Favelinha' erguida na cracolândia será retirada na quarta**

Fonte: Folha de São Paulo – Online  
Autor: ARETHA YARAK Editoria: cotidiano  
Publicada em: 12/01/2014 às 00h00

A "favelinha" da cracolândia já tem data para acabar. O desmonte dos mais de 180 barracos erguidos na calçada da alameda Dino Bueno com a rua Helvétia está previsto para ocorrer na quarta-feira.

De acordo com o projeto da prefeitura, cada usuário deverá desmontar seu próprio barraco, conforme for indicado para uma das 400 vagas em três hotéis do entorno. O processo será acompanhado de perto pela ONG União Social Brasil Gigante, que confirmou a data de desmonte dos barracos. A prefeitura não confirma nem nega.

O convênio com a entidade foi publicado na sexta-feira pelo 'Diário Oficial' do município. Ele prevê que ela seja responsável por implantar e desenvolver o Programa Operação Trabalho, que tem orçamento previsto em mais de R\$ 3,6 milhões.

"Nosso convênio com a prefeitura é para gerir o projeto. Uma vez que a prefeitura decida algo, intermediaremos essa ação", diz Carlos Alberto de Souza, diretor financeiro da ONG.

De acordo com Souza, as 400 vagas já estão reservadas em três hotéis e pousadas da região. O valor da diária não foi divulgado.

O programa municipal prevê ainda o pagamento de R\$ 15 por dia aos usuários em troca de quatro horas de trabalho, mais duas horas de requalificação profissional. Poderão participar do programa de trabalho apenas aqueles em tratamento médico.

A Folha apurou que os moradores da "favelinha" têm conhecimento que o desmonte será feito na quarta. Alguns já sabem até para qual pensão serão encaminhados.

O clima no local é de apoio ao programa da prefeitura, o que indica que a ação deve ocorrer de maneira pacífica.

Desde a última semana, agentes da prefeitura cadastram e numeram os barracos. "Na quarta, vamos trabalhar com os moradores dos barracos, não com os usuários flutuantes", diz Souza.

## INQUÉRITO

Na terça, o Ministério Público Federal abriu inquérito civil público para apurar que providências o poder público está tomando na região.

"Instauramos esse inquérito após uma demanda da sociedade civil, que entende que o Estado não sabe o que fazer com o problema", diz Pedro Antônio de Oliveira Machado, procurador regional dos Direitos do Cidadão e responsável pelo caso.

No fim do ano passado, o procurador visitou a cracolândia com uma câmera escondida e presenciou menores consumindo crack.

O programa municipal prevê ainda o pagamento de R\$ 15 por dia aos usuários em troca de quatro horas de trabalho, mais duas horas de requalificação profissional. Poderão participar do programa de trabalho apenas aqueles em tratamento médico.

A Folha apurou que os moradores da "favelinha" têm conhecimento que o desmonte será feito na quarta. Alguns já sabem até para qual pensão serão encaminhados.

O clima no local é de apoio ao programa da prefeitura, o que indica que a ação deve ocorrer de maneira pacífica.

Desde a última semana, agentes da prefeitura cadastram e numeram os barracos. "Na quarta, vamos trabalhar com os moradores dos barracos, não com os usuários flutuantes", diz Souza.

## INQUÉRITO

Na terça, o Ministério Público Federal abriu inquérito civil público para apurar que providências o poder público está tomando na região.

## 16 - Viciados deixam 'favelinha' da cracolândia

Usuários hospedados nos hotéis do entorno já receberam os uniformes e começam a trabalhar com varrição hoje. Visibilidade da ação causou falta de crack na área, gerando tensão entre usuários na madrugada de ontem.

Fonte: Folha de São Paulo - Impresso

Autor: ARETHA YARAK, ANDRÉ MONTEIRO, REYNALDO TUROLLO JR., JOÃO WAINER, FÉLIX LIMA E RODRIGO MACHADO

Editoria: Cotidiano

Publicada em: 15/01/2014 às 22h00

Foi concluída ontem, de forma pacífica, a remoção da "favelinha" erguida por viciados em duas ruas da cracolândia, no centro de São Paulo.

De acordo com o secretário municipal de Saúde, José de Filippi Jr., hoje devem ser removidos os 27 barracos que restam, todos próximos ao largo Coração de Jesus.

Ao todo foram cadastrados 147 barracos e 300 pessoas --que receberão tratamento médico e trabalharão para a prefeitura. A intenção é que o programa seja estendido para outras 30 minicracolândias pela cidade.

"Tenho uma filha de dois anos que nasceu cega por causa do crack. Tenho tanta vergonha disso, que nunca tive coragem de conhecê-la. Quem sabe com essa oportunidade eu possa visitá-la", diz Vanderlei da Silva Filho, 44, usuário há 25 anos.

Trabalharam na remoção dos barracos 150 pessoas da equipe de coleta, varrição e lavagem. A operação durou quase sete horas e teve a colaboração dos usuários.

Apesar de satisfeitos com a mudança para um hotel, parte não acredita que a ação vá durar muito. "Dar uma cama quente e um ambiente limpo não é o suficiente. Participo porque minha situação é indigna", diz Thiago Moraes, 32. Para coibir a construção de novos barracos, a

Guarda Civil Metropolitana estacionou veículos nas vias desocupadas ontem e fará um reforço no efetivo da região.

A prefeitura firmou ainda um pacto com os moradores, com o objetivo de que eles ajudem a monitorar a área. "Se alguém montar barraco, vamos arrancar. É o nosso acordo", diz João Carlos, 32.

No fim da tarde de ontem, os usuários que já estavam alojados receberam o kit higiene. Foi entregue também o uniforme de trabalho, com calça, camisa e boné.

Todos devem começar a trabalhar com varrição hoje.

"Tem mais de 30 anos que não vejo um teto, vai ser estranho. Mas ter um trabalho vai me ajudar a trazer meus filhos para morar comigo pela primeira vez", diz Isaac Washington, 33.

A operação foi acompanhada de longe pela PM. Na última vez que ela protagonizou uma ação na cracolândia, em 2012, foi alvo de ações judiciais que questionaram o uso de violência.

De acordo com usuários, a visibilidade da operação afastou os traficantes da área, o que levou à escassez de crack na noite de terça. Sem a droga, houve um aumento nas crises de abstinência e o dia amanheceu tenso ontem.

Durante a madrugada, alguns drogados estavam desesperados por crack. "Vi gente chorando por um trago", diz uma usuária.

(ARETHA YARAK, ANDRÉ MONTEIRO, REYNALDO TUROLLO JR., JOÃO WAINER, FÉLIX LIMA E RODRIGO MACHADO)

### **17 - 'É tudo por causa da Copa', relata usuária removida**

Fonte: Folha de São Paulo - Impresso

Editoria: Cotidiano

Publicada em: 15/01/2014 às 22h00

"O primeiro dia no hotel: cheguei lá, fizeram o meu cadastro, no quarto 17... Arrumei as minhas coisas...É legal.

Na minha opinião isso tudo só tá acontecendo por causa da Copa...O prefeito quer esconder a realidade e ocultar os fatos."

Os parágrafos acima são de Valéria Viana, 21, que morava na "favelinha" com seu companheiro. Trata-se do relato sobre sua primeira noite no hotel, feito à pedido da Folha.

Ela deixou o barraco anteontem. Disse que o companheiro havia comprado o espaço por R\$ 30, o mesmo valor que gastava com cada diária nos hotéis na região, onde viviam.

Usuária de crack desde os 11 anos, Valéria diz ser apaixonada por leitura e por revistas de palavra-cruzada.

"Consigo ficar três dias sem usar pedra só lendo ou escrevendo", afirmou.

Ela é mãe de duas crianças. O mais novo deles, de um ano, nasceu na prisão, onde ela estava "pelo 157"-- referência ao artigo do Código Penal que trata de assalto.

Disse que pretende trabalhar, mas que não acredita no sucesso do programa da prefeitura.

### **18 - Viciados alternam trabalho e consumo**

Fonte: Folha de São Paulo - Impresso  
Editoria: Cotidiano  
Publicada em: 16/01/2014 às 22h00

Os primeiros participantes do programa da prefeitura na cracolândia alternaram a nova realidade com o cotidiano de usuários de crack.

A nova rotina incluiu vestir um uniforme da prefeitura e receber orientações sobre técnicas de varrição logo pela manhã. Em seguida, os usuários partiram para a limpeza das ruas da região.

Nos intervalos do trabalho, porém, o vício fez com que muitos procurassem traficantes na mesmas ruas que haviam acabado de varrer. Ninguém é obrigado a deixar a droga para ser atendido.

Às 13h, durante intervalo para o almoço, um homem vestido com o uniforme azul do programa segurava um cachimbo ao lado de outros usuários consumindo crack no largo Coração de Jesus.

Mais tarde, às 17h, outra usuária retirou a camisa da prefeitura e vestiu uma calça por cima do uniforme antes de comprar uma pedra.

"Você acha que alguém parou de fumar? Se alguém disser que sim, estará mentindo", disse Daniel Freeman, 45, que relatou ter usado crack duas horas antes.

Ele aderiu ao programa, mas ainda espera a definição de sua escala de trabalho. Além de varrição, o projeto prevê a zeladoria de praças.

A prefeitura espera que o vínculo criado pela nova rotina de trabalho incentive a diminuição do consumo de crack e abra portas de saída do vício.

"Se Deus quiser, eu ainda vou parar", disse o varredor Rutemberg da Silva, 32, que já notava a diminuição na frequência de uso do crack.

Não há regras oficiais proibindo o consumo no expediente, mas a prefeitura diz que os próprios usuários decidiram que não seria permitido o uso no horário de trabalho ou vestindo uniforme --não há sanção prevista.

## **19 - 'Abordagem é a mais humana que conheço'**

Fonte: Folha de São Paulo - Impresso  
Editoria: Cotidiano  
Publicada em: 16/01/2014 às 22h00

Elisaldo Carlini, médico especialista em dependência química, diz que o programa da prefeitura tem uma proposta humana na abordagem de usuários.

Diretor do Cebrid (Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas), da Unifesp, ele afirma que é importante incluir a realidade dos dependentes de drogas no tratamento.

Em sua opinião, as propostas baseadas apenas na internação acabam tendo baixa adesão, diante dos já baixos índices de sucesso dos tratamentos contra a dependência.

Folha - O que o senhor acha da abordagem feita pela prefeitura? Elisaldo Carlini - Acredito que ela seja a mais humana que conheço.

O programa é o menos desanimador, porque tem a vantagem de não ter criado uma maneira de tratar os usuários como se fossem indivíduos excluídos de moral e princípios próprios.

Menos desanimador?

Não concordo com a internação compulsória. O paciente precisa primeiro entender e querer o tratamento. Do contrário, ele foge, não adere, não tem resultados.

O êxito no tratamento da dependência química já é muito baixo, ele varia de 20% a 30%. Para o crack, essa taxa é de, no máximo, 20%.

Qual a melhor abordagem terapêutica na sua visão?

A medicina não sabe como tratar a dependência química. Não há uma fórmula de sucesso.

Hoje, já se sabe que não dá para deixar o tratamento apenas na mão da medicina, porque nós, médicos, não conhecemos a dimensão social da dependência.

É importante incluir a assistência social.

## **20 - Em 48 h, ação mudou cara da cracolândia, diz Haddad**

80 usuários começaram a trabalhar como garis; alguns resistem às regras. Nos intervalos e ao fim do expediente de quatro horas, viciados usaram a droga; ação municipal não exige abstinência

Fonte: Folha de São Paulo – Impresso  
Autor: ARETHA YARAK Editoria: Cotidiano  
Publicada em: 16/01/2014 às 22h00

Menos de 48 horas depois de lançar programa para tentar ressocializar viciados, o prefeito Fernando Haddad (PT) comemorou o desmonte da chamada "favelinha" da cracolândia.

"Em apenas dois dias, conseguimos mudar a cara da região", disse o prefeito, durante visita ao local.

Embora o tom dominante entre os usuários seja elogioso, alguns já começam a relatar dificuldades em se adequar às regras do programa.

"Tem hora para tudo. Se for para me controlarem assim, não fico no hotel", disse Valéria Viana, 21. Na manhã de ontem, dos mais de 200 usuários que já estavam abrigados, cerca de 80 começaram a trabalhar.

Eles foram escolhidos por apresentarem melhores condições de saúde e manifestaram vontade imediata de atuar na varrição das ruas do centro (por R\$ 15 o dia).

A maioria dizia que o trabalho é uma oportunidade única. Um grupo, no entanto, já começa a ter dificuldades em se adequar.

"Saí para fumar fora do hotel, por respeito, voltei depois da meia-noite [ao hotel] e não consegui entrar. Passei a noite na rua", disse Juliana, 24.

Segundo ela, o hotel fechou as portas e ninguém podia entrar na madrugada: "Mais de 10 pessoas ficaram na rua. Se for assim, não fico".

A prefeitura, a ONG que faz a gestão do programa e o hotel negam que usuários tenham sido impedidos de sair e entrar de madrugada.

A prefeitura afirma que o cumprimento de algumas regras será cobrado. "Elas servirão para que eles consigam ter uma rotina e, assim, trabalhar e se capacitar", diz José Alexandre Sanches, secretário-adjunto do Trabalho.

Ontem, os primeiros participantes alternaram a nova realidade com o cotidiano de usuários de crack. A nova rotina incluiu vestir um uniforme e receber orientações sobre técnicas de varrição pela manhã. Em seguida, partiram para a limpeza das ruas.

Nos intervalos, porém, o vício fez com que muitos procurassem traficantes nas mesmas ruas que haviam acabado de varrer. Ninguém é obrigado a deixar a droga para ser atendido no programa.

Às 13h, no intervalo para o almoço, um homem vestindo uniforme azul segurava um cachimbo ao lado de outros usuários consumindo crack no largo Coração de Jesus.

Mais tarde, às 17h, outra usuária retirou a camisa da prefeitura e vestiu uma calça por cima do uniforme antes de comprar uma pedra. "Você acha que alguém parou de fumar? Se alguém disser sim, estará mentindo", disse Daniel Freeman, 45.

Ele aderiu ao programa, mas ainda espera a definição de sua escala de trabalho. Além de varrição, o projeto prevê a zeladoria de praças.

A prefeitura espera que o vínculo criado pela rotina de trabalho incentive a diminuição do consumo e abra portas de saída do vício. "Se Deus quiser, vou parar", disse Rutemberg da Silva, 32.



De acordo com a prefeitura, os próprios usuários decidiram que não seria permitido o uso durante o horário de trabalho ou enquanto estão vestindo uniforme.

## **21 - Cracolândia volta a ter 'procissão' de viciados após ação da prefeitura**

Limpeza da rua que concentrava consumo de crack leva usuários da droga a procurar novo local Revitalização do largo Coração de Jesus é a próxima etapa, segundo Haddad, que fez visita surpresa na região

Fonte: Folha de São Paulo - Impresso  
Autor: ANDRÉ MONTEIRO, ARETHA YARAK, CARLOS CECONELLO E FABRÍCIO LOBEL  
Editoria: Cotidiano  
Publicada em: 17/01/2014 às 22h00

A ação da Prefeitura de São Paulo na cracolândia dispersou usuários do largo Coração de Jesus, região central de São Paulo, local onde a venda e o consumo de crack ocorriam livremente.

A área voltou a ser palco de "procissões" de centenas de viciados que procuram um novo local para se estabelecer.

A dispersão começou na manhã de ontem, quando assistentes sociais e funcionários de limpeza da prefeitura retiraram os usuários de drogas e limparam a rua.

Inicialmente, a "procissão" deu a volta no quarteirão e parou em frente a um dos hotéis onde estão os moradores da "favelinha" removida dois dias antes.

Horas mais tarde, o grupo foi para a calçada da rua Barão de Piracicaba, depois voltou para perto do hotel, e, por volta das 19h, estava novamente na quadra do largo, na Barão de Piracicaba.

Surpreendidos, motoristas que passavam pela região chegaram a dar marcha à ré quando viram os usuários circulando pela área.

Em 2012, a operação da Polícia Militar na região foi criticada porque policiais provocaram "procissões" semelhantes na tentativa de dispersar os viciados.

Segundo o prefeito Fernando Haddad (PT), a revitalização completa do largo Coração de Jesus é a próxima etapa do programa.

### **'FISSURA'**

A visibilidade da ação da prefeitura e as "procissões" dificultaram a compra de pedras de crack, segundo relatos ouvidos pela Folha.

A falta da droga elevou a tensão na região, que estava mais tranquila nos primeiros dias da operação.

"As coisas estão mudando por aqui, está ficando mais difícil pra gente", disse uma usuária vestida com uniforme do programa da prefeitura. Ela havia acabado de cumprir a jornada de

quatro horas de trabalho, requisito para receber os benefícios do projeto. Outro usuário disse que estava tentando reduzir o vício. "Estou quase mordendo corrente pra não fumar", disse.

Após declarar anteontem que o projeto da prefeitura havia "mudado a cara" da cracolândia, Haddad disse encarar a questão como um problema permanente.

"É um processo inédito e ousado que exige monitoramento diário. Eu orientei todos os secretários, não tratem como um programa e sim como sendo uma crise permanente", disse o prefeito, que visitou a região de surpresa.

Ele conversou com servidores e participantes do programa. Uma mulher vestida com o uniforme distribuído pela prefeitura para o serviço de varrição o cobrou diversas vezes a falta de luvas de borracha, botas e um segundo uniforme para trabalhar.

Visivelmente irritado, Haddad respondeu que iria providenciar o material.

O prefeito também foi abordado por um homem que lhe pediu ajuda para manter a guarda da filha que havia acabado de nascer. Haddad ordenou a um assessor que anotasse as informações do homem.

(ANDRÉ MONTEIRO, ARETHA YARAK, CARLOS CECONELLO E FABRÍCIO LOBEL)

## **22 - Renda vem do lixo da Santa Ifigênia**

Eletrônicos descartados por lojas da região são revendidos por moradores da cracolândia para sustentar vício Com objetos tirados do lixo de vários locais do centro, nigeriano fez 'lojinha' em seu barraco na extinta 'favelinha'

Fonte: Folha de São Paulo - Impresso

Editoria: Cotidiano

Publicada em: 18/01/2014 às 22h00

"Quem pensa que só tem ladrão na cracolândia está errado. Não preciso roubar, isto aqui é o centro de São Paulo e tá cheio de dinheiro no lixo. É só meter a mão no que jogam fora e revender", conta M., 25, enquanto se prepara para fumar a quinta pedra de crack do dia.

Na cracolândia, boa parte dos usuários vive do que é descartado pelas lojas de eletrônicos da região da rua Santa Ifigênia, próxima dali.

Quando a pedra e o dinheiro acabam, alguns saem andando pela cidade "na noia", sempre olhando para o chão, na esperança de encontrar uma pedrinha perdida na calçada. Nessa busca, muitos deles vão parar em bairros distantes do centro, como Jardins e Morumbi (zona oeste).

Alguns tentam sustentar o vício vendendo cachimbos novos por R\$ 2. Segundo um deles, esse é um ótimo negócio, porque os usuários costumam estragar seus cachimbos "tochando" --quando a pedra acaba, tentam fumar a resina que ficou grudada no cano do cachimbo.

Os melhores cachimbos são feitos unindo o cano de uma antena de rádio a uma "casinha", nome da parte em que se coloca a pedra. As "casinhas" preferidas são feitas com uma peça de fogão, mas o cachimbo de luxo na cracolândia é feito com partes de pilha.

Segundo usuários, a química da pilha aumenta os efeitos da droga.

#### 'LOJINHA'

Um nigeriano, que não disse seu nome, havia transformado seu barraco na "favelinha" em uma pequena "loja" de objetos recolhidos no lixo.

Em uma estante estavam dispostos fitas VHS, dois capacetes usados, um quadro com a célebre foto "O Beijo", do fotógrafo francês Robert Doisneau (1912-1994), metade de um manequim de loja, uma máquina leitora de cartão quebrada, um carrinho de bebê, roupas e sapatos.

Além disso, o rapaz nigeriano também revende CDs e DVDs piratas conseguidos na Santa Ifigênia. "Isto aqui eu vendo, troco, faço rolo, o que for, é tudo barato. O importante é sobreviver", diz.

"Na cidade de onde eu vim, a gente tem que andar horas pra encher uma garrafa de água. Aqui no Brasil é um desperdício total. As pessoas jogam água na calçada. Você vai ao Mercado e tem fruta à vontade no chão. Os brasileiros não dão valor."

#### **23 - - criança Loira -- polícia "Tochar" -- fumar o cano do cachimbo usado, em busca da resina que fica no...**

A língua do crack  
Fonte: Folha de São Paulo - Impresso  
Editoria: Cotidiano  
Publicada em: 18/01/2014 às 22h00

criança Loira -- polícia

"Tochar" -- fumar o cano do cachimbo usado, em busca da resina que fica no cano

Cigarreiro -- usuários que vendem cigarros avulsos

"Dou um trago" -- grito dado por viciados que não têm dinheiro para comprar uma pedra inteira e querem dividir com alguém

Bloco -- pedra de crack inteira, que custa cerca de R\$ 10,00

Ponta larga -- cachimbos para o uso de crack com o cano mais comprido.

"Bic" -- isqueiro

"Bic original" -- isqueiro Bic

"Eigth" -- cigarro barato de origem paraguaia

Casinha -- parte do cachimbo onde eles colocam a pedra de crack

Progresso -- fazer reciclagem e ganhar dinheiro

## **24 - 'TV Folha' mostra a rotina de quem vive na cracolândia**

Programa acompanha situação de imigrantes ilegais no Arizona e desenrolar da crise no presídio de Pedrinhas Pelos 460 anos de São Paulo, colunista percorreu 460 km passando pelos pontos principais da cidade

Fonte: Folha de São Paulo - Impresso

Editoria: Poder

Publicada em: 18/01/2014 às 22h00

O "TV Folha" deste domingo --exibido às 19h30 na TV Cultura, com reprise às 23h-- traz reportagem sobre a cracolândia, em São Paulo.

A reportagem passou as duas últimas semanas acompanhando a vida dos moradores e frequentadores da região. Encontrou personagens em clima familiar e regras de conduta surpreendentes.

Na quarta-feira, a prefeitura deu início a uma nova tentativa para tratar o problema. Viciados foram removidos de uma favelinha na cracolândia e levados a quatro hotéis. Eles também terão

acesso a serviços de saúde. O programa exige que eles trabalhem em funções de zeladoria em troca de R\$ 15 por dia.

A prefeitura espera que a rotina e a recuperação de direitos básicos ajudem na recuperação. Críticos do programa dizem que a não exigência da abstinência do crack fará o programa fracassar.

O "TV Folha" foi ao Arizona acompanhar a situação das deportações e da imigração ilegal de mexicanos para os EUA. O Estado vem substituindo o Texas como rota de entrada de imigrantes ilegais.

Outra reportagem mostra o complexo de Pedrinhas, em São Luís, que virou sinônimo do caos do sistema carcerário desde que veio a público vídeo obtido pela Folha mostrando presos decapitados.

Pelos 460 anos de São Paulo, o colunista Rodolfo Lucena percorreu 460 km passando pelos pontos mais representativos da cidade.

## **25 - Entre loiras e anjos**

Regras para fumar, vocabulário próprio, barracos que davam status; a Folha acompanhou as duas últimas semanas da 'favelinha' da cracolândia

Fonte: Folha de São Paulo – Impresso  
Autor: JOÃO WAINER Editoria: Cotidiano  
Publicada em: 18/01/2014 às 22h00

Quatro usuários de crack sentados na sarjeta dividem um guarda-chuva na alameda Dino Bueno, no centro de São Paulo. Não chove, mas a função do guarda-chuva, diz um deles, é proteger o "anjo" que passa na rua.

Na linguagem dos usuários, "anjo" significa criança e, no código de conduta da região, é proibido fumar crack na frente de crianças.

"Quando uma criança passa, a gente grita: Olha o anjo' e todo mundo tem que abaixar o cachimbo ou se esconder atrás do guarda- chuva", conta um usuário que não quis se identificar.

A reportagem da Folha acompanhou as duas últimas semanas da "favela da cracolândia", que foi removida pela prefeitura na última quarta-feira. Os moradores foram alocados em hotéis da região e passaram a integrar uma frente de trabalho em que ganham R\$ 15 por dia.

### **FAMÍLIA CRACOLÂNDIA**

"Quem tá na cracolândia já foi rejeitado pela família e pela sociedade porque usa crack. Aqui a família cracolândia' te recebe de braços abertos. Fora uma rixa ou outra, todo mundo aqui é irmão no sofrimento, então a gente se ajuda", diz Marcos Paulo dos Santos, 32, que vive na região há cerca de dois anos.

Na hierarquia da cracolândia, quem tinha um barraco na Dino Bueno era considerado elite. Agora vivendo em um quarto de hotel pago pela prefeitura, esse status deve continuar. As casinhas de madeira, papelão e lona mantinham alguma organização e privacidade, apesar da falta de banheiro.

A maioria dos usuários que circula na cracolândia vive na rua. Muitos têm família e passam temporadas na rua usando crack. Quando não aguentam mais as condições

insalubres, voltam para casa para repor as energias até a hora de novamente mergulhar no vício.

Com o tempo, formam-se crostas de sujeira nos pés e nas mãos, que acabam funcionando como uma espécie de casca protetora. Vivem de refeição em refeição, comem quando podem e nunca sabem quando vão comer de novo.

Quando há fartura de pedra, passam cinco dias acordados. Quando a "brisa" acaba, comem e dormem por dias. Desenvolveram anticorpos fortes para sobreviver à vida selvagem da rua. "Como comida do lixo sempre, bebo água de poça e não fico doente. O único problema é que a pedra estraga os dentes", diz o morador de rua M.

## NO GRITO

A comunicação na cracolândia é feita por meio de gritos. Alguém grita o que precisa e quem pode ajudar responde em meio à multidão de usuários. "Dou um trago" é um dos gritos mais ouvidos.

Quem não consegue completar os R\$ 10 para comprar uma pedra inteira do traficante sai gritando "Dou um trago" até que algum usuário tope revender um terço ou metade de sua pedra por um valor inferior.

Na cracolândia, ouve-se o grito de "Olha a loira" sempre que uma viatura da polícia se aproxima.

"A primeira vez que ouvi alguém gritando Olha a loira' fiquei procurando uma mulher de cabelo amarelo e quase fui presa", diverte-se E., 23, enquanto fuma uma pedra na frente da câmera da TV Folha para provar que não se altera quando está "brisada" (sob efeito da droga).

"Vou dar um trago e vou ficar igualzinha eu estou agora, vocês vão ver", diz ela, descumprindo a promessa no minuto seguinte. Outro grito constante é o de "cigarreiro", pessoa que vende cigarros avulsos. Quem é "cigarreiro" e procura clientes grita "eigth" marca de cigarro paraguaio barato.

Antes de fumar a pedra, os usuários "fazem a cinza", que é encher o cachimbo com cinzas de cigarro para acomodar a pedra de crack. "Se depois de fumar, a parte que sobrou da pedra ficar branquinha, significa que a pedra é boa. Se ficar preta, é uma porcaria", afirma um deles.

Apesar da desconfiança habitual, há um clima positivo entre os usuários de crack hoje. A proposta da prefeitura agradou, e muitos dizem que sairão do vício. Porém, em relação à epidemia de crack, a única certeza possível é a de que não existem certezas.

## **26 - Conheça gírias da Cracolândia; vídeo mostra visita surpresa de Haddad**

Fonte: Folha de São Paulo - Online  
Editoria: Cotidiano  
Publicada em: 19/01/2014 às 18h00

Quatro usuários de crack sentados na sarjeta dividem um guarda-chuva na alameda Dino Bueno, no centro de São Paulo. Não chove, mas a função do guarda-chuva, diz um deles, é proteger o "anjo" que passa na rua.

Na linguagem dos usuários, "anjo" significa criança e, no código de conduta da região, é proibido fumar crack na frente de crianças.

"Quando uma criança passa, a gente grita: 'Olha o anjo' e todo mundo tem que abaixar o cachimbo", conta um usuário no vídeo a seguir, exibido no "TV Folha" (TV Cultura) deste domingo.

A reportagem acompanhou as duas últimas semanas da "favela da cracolândia", que foi removida pela prefeitura na última quarta-feira. Os moradores foram alocados em hotéis da região e passaram a integrar uma frente de trabalho em que ganham R\$ 15 por dia.

O vídeo também mostra a visita surpresa que o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, fez à região da Cracolândia na manhã de sexta-feira (17). Ele foi abordado por dependentes de crack e prometeu ampliar o programa que busca a ressocialização de usuários.

A vistoria de Haddad, que chegou acompanhado por assessores, durou cerca de 15 minutos. Veja todas as reportagens do programa "TV Folha" aqui

## **27 - Cracolândia vive domingo tranquilo após remoção**

Segurança reforçada afasta usuários de rua

Fonte: Folha de São Paulo - Impresso Editoria: Cotidiano  
Publicada em: 19/01/2014 às 22h00

Quatro dias após a ação da prefeitura que removeu os barracos que compunham a "favelinha" da cracolândia, a área entre a alameda

Dino Bueno e a rua Helvétia, no centro de São Paulo, teve um domingo tranquilo.

Com quatro carros da Guarda Civil Metropolitana e uma base móvel da PM estacionadas no local, o espaço de pouco mais de um quarteirão tinha forte presença de agentes públicos e movimento esvaziado de usuários de crack.

Apesar de não ter sido registrado uso de drogas na área, a reportagem presenciou três discussões ríspidas entre os poucos usuários que ainda circulam pela rua.

Quem também passava por ali eram José Antonio e Roque Luis. "Sempre caminhamos por aqui", conta José, "Mas agora temos mais espaço, antes era muito lotado".

## **28 - Juventude do PT fará protesto**

Fonte: Folha de São Paulo – Impresso

Editoria: Cotidiano

Publicada em: 23/01/2014 às 22h00

A Juventude do PT programa para hoje um protesto contra a ação da Polícia Civil na Cracolândia. O ato ocorre às 15h, em frente à sede da Secretaria de Segurança Pública, na rua Líbero Badaró. A ação policial irritou integrantes do partido. Lideranças petistas de São Paulo dizem que a operação afasta dependentes de crack dos assistentes sociais, que mantêm boas relações com os viciados.

## **29 - Ação policial gera confronto na cracolândia e na política**

Haddad diz que intervenção foi 'lamentável' e 'rompe diálogo' com governo. Conflito ocorreu em ação para prender traficante; feridos acusam agentes de usar bala de borracha, mas a polícia nega

Fonte: Folha de São Paulo – Impresso

Autor: ARETHA YARAK, FABRÍCIO LOBEL, ROGÉRIO PAGNAN, ADRIANA

FARIAS e ANDRÉ MONTEIRO Editoria: Cotidiano

Publicada em: 23/01/2014 às 22h00

Uma ação da Polícia Civil realizada na tarde de ontem na cracolândia terminou em confronto entre policiais e usuários de crack e provocou uma crise entre prefeitura e Estado, que têm um acordo de atuação conjunta na área.

Ao menos três pessoas ficaram feridas, segundo testemunhas, por balas de borracha que teriam sido disparadas pelos policiais. O governo nega a utilização desse tipo de munição, mas confirma o uso das bombas de efeito moral.

Horas depois do confronto, o prefeito Fernando Haddad (PT) convocou uma entrevista em que classificou de "lamentável" a ação policial e disse que ela compromete a atuação conjunta, que prevê o uso da força policial só em situações extremas.

"[A ação] rompeu um diálogo muito produtivo e profícuo que o município tinha com o governo. Coloca em risco um trabalho que vinha sendo feito há seis meses no local", afirmou Haddad.

A prefeitura diz não ter sido avisada da ação.



A Secretaria da Segurança Pública, por sua vez, afirmou que a ação do Denarc (departamento de narcóticos) na cracolândia foi "legítima".

O Denarc diz que a chefia do departamento estava avisada e que uma ação desta natureza não precisaria ser comunicada à Polícia Militar ou à prefeitura.

De acordo com a diretora do Denarc, Elaine Biasoli, o conflito aconteceu quando três policiais foram investigar uma denúncia de tráfico.

Ao tentar prender um suspeito, os policiais foram agredidos, segundo ela, por usuários que tentaram impedir a prisão atirando pedras no veículo. Um reforço (oito carros e 24 policiais) foi acionado. A chegada dele deu início ao conflito. Viciados dizem que os policiais chegaram atirando. O departamento nega.

Segundo o Denarc, três policiais também foram feridos e três carros, danificados.

Cerca de 30 pessoas foram detidas e quatro traficantes, presos em flagrante (incluindo o primeiro suspeito).

De acordo com testemunhas, o reforço chegou no local 40 minutos após a primeira intervenção. Nessa hora, usuários tentaram se refugiar numa base da PM.

Assistentes sociais e o secretário municipal de Segurança, Roberto Porto, também se esconderam.

O grupo acompanhava o trabalho do programa Braços Abertos, no qual a prefeitura paga R\$ 15 por dia para que usuários trabalhem como garis, varrendo praças e ruas.

A prefeitura divulgou vídeo com imagens da operação.

(ARETHA YARAK, FABRÍCIO LOBEL, ROGÉRIO PAGNAN, ADRIANA FARIAS e ANDRÉ MONTEIRO)

### **30 - Caso reaviva pressão do PT para Haddad se afastar de Alckmin**

Petistas defendem tese de que ação teve objetivo de minar programa municipal, mas prefeito recomendou cautela No Estado, avaliação é de que PT pode usar episódio para justificar eventual fracasso da política anticrack

Fonte: Folha de São Paulo – Impresso  
Autor: NATUZA NERY Editoria: Cotidiano  
Publicada em: 23/01/2014 às 22h00

A ação da Polícia Civil na cracolândia pode comprometer o futuro da ação da prefeitura na região e já provoca pressão política no PT para desgastar a amistosa relação do prefeito Fernando Haddad com o governador Geraldo Alckmin (PSDB), disseram interlocutores do petista.

Ontem, enquanto gerenciava a crise de segurança em uma das vitrines de sua gestão, o petista recomendava cautela a auxiliares.

Em conversas reservadas, fez questão de afirmar que o tucano não tinha conhecimento da repressão. Fora, assim como ele, pego de surpresa.

Dentro da própria prefeitura, porém, petistas alimentavam a ideia de que o Denarc (departamento de narcóticos) agira de propósito para desmoralizar o programa municipal, cuja abordagem prioriza o resgate do dependente químico em situação de rua para, então, tratá-lo.

Essa linha, normalmente associada à esquerda, é criticada por setores mais conversadores na área de segurança pública. O governo do Estado, porém, é parceiro formal do Braços Abertos, como é batizado o programa.

A boa relação entre Haddad e Alckmin é um dos motivos do desgaste do prefeito com alas do seu próprio partido e deve fazer crescer a insatisfação interna.

Nos bastidores, porém, a ordem ontem era para evitar uma politização exagerada do episódio.

Funcionários da prefeitura ligados diretamente ao programa não escondiam a "decepção" com os efeitos da repressão sobre o projeto na cracolândia.

Na avaliação interna, a batida policial fará com que a política dê "muitos passos para trás". Segundo esses auxiliares, a base do Braços Abertos é justamente a relação de confiança que o agente público estabelece com o dependente químico.

Sem saber que horas mais tarde haveria ali uma ação policial, o ministro da Saúde, Alexandre Padilha (PT), adversário de Alckmin na disputa pelo governo do Estado, visitou discretamente o local.

Na capital para uma agenda pública com Haddad, decidiu vistoriar a área e conversar com agentes de saúde encarregados de atuar na cracolândia. A imprensa não foi avisada dessa atividade.

## GOVERNO

No governo do Estado, depois de uma série de cálculos políticos, a decisão foi apoiar a intervenção da Polícia Civil, classificada como legítima em nota oficial.

A chefia convenceu a cúpula do governo de que não houve o uso de bala de borracha --munição que não faz parte do aparato da Civil. Entre integrantes do governo prevalecia a avaliação de que o PT tentará transferir ao governo Alckmin o ônus de um possível insucesso do programa de combate ao crack.

Colaborou ROGÉRIO PAGNAN

### **31 - Confronto deixa usuários de crack feridos**

Fonte: Folha de São Paulo - Impresso

Editoria: Cotidiano

Publicada em: 23/01/2014 às 22h00

Durante o confronto da Polícia Civil com viciados na tarde de ontem, a usuária de crack Aline de Sousa Cavalcante, 23, foi ferida na cabeça.

"A polícia chegou no fluxo [local de venda e consumo de crack] e pegou dois meninos, descendo o cacete. Não deixamos e partimos para cima", diz.

Aline afirma que foi atingida por uma bala de borracha, mas diz que estava de costas e que não sabe identificar o atirador.

O Denarc (departamento de narcóticos da Polícia Civil) nega que tenha usado esse tipo de armamento.

Aline foi encaminhada por agentes de saúde a um pronto socorro da região. Segundo enfermeiros, ela recusou atendimento e não fez a radiografia nem a limpeza do ferimento.

"Fui embora porque não queria mais esperar. Estou com sono, faz sete dias que não durmo", disse.

De acordo com usuários, além de Aline mais duas pessoas ficaram feridas e foram atendidas em prontos socorros da região. "Tomei tiro de bala de borracha nas costas", diz Rogério, apontando para um ferimento nas costas.

Mesmo com a ação da Polícia Civil na cracolândia, os viciados que integram o programa da prefeitura afirmam que vão permanecer na área.

"A confusão foi da porta do hotel para fora", disse um usuário que não quis se identificar. "Agora é que ficamos mais unidos e fortalecidos. Não vamos deixar o programa", disse outra consumidora de crack.

### **32 - Em dia de pagamento, preço do crack chega a duplicar**

'Inflação da pedra' ocorreu após prefeitura pagar R\$ 120 a usuários de programa  
Com o dinheiro em mãos, usuários foram para o fluxo; outros optaram por comprar doces e refrigerante

Fonte: Folha de São Paulo – Impresso

Autor: FABRÍCIO LOBEL Editoria: Cotidiano

Publicada em: 24/01/2014 às 22h00

O preço da pedra de crack chegou a dobrar já no primeiro dia de pagamento dos 302 usuários da cracolândia que trabalham no programa Braços Abertos, da prefeitura.

A pedra, que custava R\$ 10, sofreu variação de preço na tarde de ontem e chegou a custar até R\$ 20, segundo relatos de usuários à Folha no fluxo (local de venda e consumo).

De acordo com a prefeitura, 302 usuários receberam, em dinheiro, R\$ 120 pela semana de trabalho na varrição de praças e ruas.

O pagamento também estimulou as vendas no comércio tradicional da região -- bolachas, salgadinhos, refrigerantes e outros produtos de consumo rápido foram os mais procurados.

A circulação de dinheiro na cracolândia também reforçou uma prática comum entre os usuários: a compra e revenda de pedras de crack.

No fim do dia, após o frenesi provocado pela circulação de dinheiro novo, a pedra já podia ser encontrada mais barata, a R\$ 10. O pagamento resultou numa injeção de R\$ 36.240 na economia da região.

'LUXO'

Isaac e a mulher, com R\$ 240 em mãos, correram para garantir "um luxo" ao quarto do hotel. "É hoje, é hoje que eu finalmente compro minha televisão [usada]", disse.

Outros aproveitaram para adquirir produtos de limpeza e de higiene. "Vou comprar umas coisas com mais qualidade, não gostei do kit da prefeitura", afirmou Clayton.

Adnan Rodrigues usou o dinheiro para tentar evitar as recaídas. "Quero um pote de doce de leite, o doce me ajuda a evitar abstinência", contou.

O preço da pedra na cracolândia é R\$ 10 há pelo menos dez anos, diz Bruno Ramos Gomes, presidente da ONG É de Lei, que atua na região. Ele não acredita que a inflação tenha sido causada pelo pagamento da prefeitura. "Talvez ela esteja relacionada com a dificuldade de chegar pedra na área, dada à repressão policial", diz.

Segundo Heron do Carmo, economista da USP, o que ocorreu na cracolândia tem a ver com o princípio elementar da inflação. "É a mesma coisa que ocorre com o preço dos hotéis no Rio por causa da Copa", diz.

Ele afirma que o aumento também pode ser explicado pela concentração da venda num só lugar, que restringe as opções: "Achei a experiência da prefeitura interessante, mas é uma coisa para se levar em conta na avaliação da política", diz. "O usuário precisa primeiro ter um plano de vida. E só aí receber um salário", afirma Gomes.

(COLABOROU ANDRÉ MONTEIRO)

### **33 - 'Creio na evolução da espécie', diz Haddad sobre ação da polícia**

Prefeito não acredita que o Denarc faça nova incursão na cracolândia como a de quinta, que causou tumultos. Mulher usuária de crack de 42 anos e grávida do sexto filho vai ser empregada na prefeitura como copeira.

Fonte: Folha de São Paulo - Impresso

Autor: FELIPE GUTIERREZ

Editoria: Cotidiano

Publicada em: 25/01/2014 às 22h00

O prefeito de São Paulo Fernando Haddad (PT) diz que não acredita em uma nova ação da polícia na cracolândia. "Eu sempre acredito na evolução da espécie. O ser humano comete erros, mas novos, não os antigos." Na última quinta-feira, 23, uma operação coordenada pelo Denarc (Departamento de Narcóticos) causou tumultos e deixou pelo menos quatro pessoas feridas, entre elas, um policial.

Foram utilizadas bombas de gás em usuários de crack depois de uma reação desencadeada pela prisão de um traficante na região central.

O prefeito firmou que a conversa que teve com o governador Geraldo Alckmin sobre o assunto foi "muito boa".

Em nota, a Secretaria da Segurança Pública informou que o trabalho de inteligência será mantido para "prender e retirar de circulação os traficantes que exploram a fragilidade dos viciados".

#### **GABINETE ABERTO**

Haddad também disse que vai empregar no gabinete da prefeitura uma participante do "Braços Abertos", programa que oferece tratamento médico, trabalho e moradia aos usuários de crack que estão cadastrados.

A mulher, de 42 anos e grávida do sexto filho, vai atuar como copeira. "A ideia é começar a movê-los de lugar."

De acordo com o prefeito, a estratégia é fazer com que os dependentes de droga da região parem de enxergar aquelas ruas como "o único lugar a ser frequentado".

"DÁ UMA MOEDA?"

Pela manhã o prefeito ocupou a agenda com as comemorações do 460º aniversário de São Paulo.

Às 8h, participou de uma cerimônia rápida no Pateo do Collegio. Ainda na região central, Haddad atravessou a Praça da Sé para ir à missa na catedral, acompanhado da mulher Ana Estela e de Alexandre Padilha, ministro da Saúde e pré-candidato ao governo de São Paulo.

No percurso, ouviu o seu nome gritado de longe por um mendigo. Quando Haddad o cumprimentou de volta recebeu um pedido: "Me dá uma moeda?". O prefeito apenas respondeu com um "depois, depois". Nenhum dos dois eventos contou com a participação do governador Geraldo Alckmin (PSDB).

Haddad também foi à posse de conselheiros municipais no Anhembi, onde mais de mil pessoas cantaram parabéns pelos 52 anos do prefeito.

### **34 - Diário do crack**

Por cinco dias, a Folha acompanhou três dependentes e registrou os percalços da adaptação ao programa da prefeitura que tenta recuperá-los

Fonte: Folha de São Paulo – Impresso  
Autor: ARETHA YARAK Editoria: Cotidiano  
Publicada em: 25/01/2014 às 22h00

Há pouco mais de uma semana, Narciso Rodrigues, 46, ganhava o suficiente para sustentar o vício em crack vendendo doces no semáforo. Como teto, ele tinha um barraco na "favelinha" da cracolândia, na região central de São Paulo.

"Agora, minha vida mudou", diz ele. Narciso é mais um dos 316 usuários de crack da região que integram o programa Braços Abertos.

O projeto da prefeitura, iniciado no dia 16, busca recuperá-los oferecendo tratamento, moradia e trabalho.

Mas, apesar do tom otimista de Narciso e da maioria dos inscritos, a primeira semana mostrou que a recuperação deles não será fácil. A Folha acompanhou o dia a dia de três participantes.

Eles oscilaram entre a esperança de largar o vício e crises provocadas pelo consumo da droga e a vida precária na cracolândia.

Também tiveram a rotina afetada pela ação da Polícia civil na quinta-feira, que provocou um confronto entre policiais e usuários e uma crise entre prefeitura e Estado.

Entre idas e vindas, Narciso vive na área há 30 anos. Hoje, perambula em uma cadeira de rodas. Há 17 anos, na prisão, ele pegou meningite e perdeu parcialmente o movimento das pernas.

Na segunda-feira, Narciso vestiu o uniforme azul, as botas, o boné e saiu para trabalhar. Por dia de serviço, ele e os colegas ganham R\$ 15.

"Acordei 6h30, mas veja só, não sabiam qual era minha função." Os médicos proibiram que ele empunhasse uma vassoura e ele acabou atuando como fiscal do trabalho dos colegas.

No fim da tarde, foi, sozinho, à UBS Santa Cecília. "Minha mulher está internada. Passou mal de tanto fumar. Eu falo para ir devagar, mas está difícil tirar ela dessa vida."

No dia da confusão com a polícia, ele estava no fluxo (local de venda e consumo).

"Eles vieram para cima, precisei de ajuda para fugir", diz. No fim do dia, após terminar o relacionamento com a mulher, ele mergulhou no crack. "Fumei o dia todo."

Na sexta, ele não foi trabalhar. Com os R\$ 120 do pagamento --todos receberam o valor completo de uma semana-- pagou uma diária num quarto com uma amiga e se trancou. "Quero descansar."

Assim como Narciso, Dayane Auxiliadora, 25, teve uma semana difícil, dividida entre a vontade de levar a sério o programa e a vida pessoal desestabilizada.

"Queria ter ido visitar meu filho na quarta, mas não consegui", diz. O menino de um ano vive com uma amiga.

Na terça, ela foi encontrar colegas na praça da República, chegou em "casa" encharcada da chuva e apanhou do marido. Grávida de um mês e meio, apanha quase todos os dias, diz. Na sexta, ela não conseguiu trabalhar.

Com o dinheiro do programa comprou produtos de limpeza e tinta ruiva para os cabelos. "Ainda não fumei essa semana, põe aí." Ela ainda bebe, usa maconha e tiner.

Silvana Paiva, 44, foi uma das primeiras a ter um quarto. "É uma grande oportunidade. Não vou ao fluxo essa semana. Quer apostar?" Ela passou mal de quarta a sexta e não conseguiu

trabalhar. "Na quarta eu estava com o intestino solto. Na sexta, minha vesícula atacou", diz. "Mas semana que vem estou firme no trabalho."

Silvana diz que já pediu ajuda à família diversas vezes, mas eles se recusaram. Dos seis filhos, três estão presos. Narciso, Dayane e Silvana dizem querer largar o vício. Mas têm enorme dificuldade em lidar com a abstinência e a vida desestruturada.

### **35 - Polícia dispersa usuários de crack no centro da cidade**

Uma centena de viciados foi retirada da alameda Barão de Piracicaba, onde houve confronto semana passada. Segundo a PM, a ação foi feita para a limpeza do local, que fica ao lado de colégio que voltou às aulas ontem

Fonte: Folha de São Paulo - Impresso  
Editoria: Cotidiano  
Publicada em: 27/01/2014 às 22h00

A Polícia Militar e agentes da prefeitura dispersaram, às 11h20 de ontem, ao menos uma centena de usuários de crack que ocupavam a alameda Barão de Piracicaba, na região da cracolândia, no centro de São Paulo.

Segundo a PM, a ação foi feita para realizar a limpeza do local, que fica ao lado do colégio Sagrado Coração, que voltou às aulas ontem.

Na semana passada, no cruzamento da Barão de Piracicaba com a alameda Glete, houve conflito entre policiais civis e usuários de crack que teriam reagido à prisão de um traficante local.

Após a saída dos viciados, os dependentes de crack que fazem parte do programa de recuperação da prefeitura foram destacados para varrer a área. Ao aderir ao programa, eles trabalham na limpeza, recebem salário e tratamento médico.

### PEREGRINAÇÃO

Os usuários passaram, então, a ocupar a alameda Glete, a cem metros de distância. Meia hora depois, a PM estacionou carros na Glete, próximo aos usuários.

O fato causou nova peregrinação de usuários até que eles encontrassem um local afastado da polícia, na alameda Dino Bueno, onde permaneceram até o início da noite de ontem.

O novo local escolhido para o consumo do crack fica a menos de 50 metros de três hotéis conveniados à prefeitura para o acolhimento de ex-moradores de rua da região em tratamento para deixar o vício.

Em 2012, a operação da Polícia Militar na região foi criticada porque policiais provocaram "procissões" semelhantes na tentativa de dispersar os usuários de crack.

### **36 - ONG estima baixa de 25% em programa para usuários de crack**

Fonte: Folha de São Paulo - Online  
Autor: ARETHA YARAK DE SÃO PAULO  
Editoria: Cotidiano  
Publicada em: 31/01/2014 às 01h10

Um quarto dos 386 viciados que moram na cracolândia e estão cadastrados em programa da Prefeitura de São Paulo não aderiram completamente ao programa de trabalho e tiveram frequência baixa. Por isso, não devem receber o pagamento hoje.



A estimativa é da ONG União Social Brasil Gigante, que tem um convênio com a prefeitura para a gestão do projeto e é responsável pela remuneração dos usuários.

Intitulada Braços Abertos, a ação iniciada no dia 16 busca recuperar dependentes de drogas da região oferecendo tratamento, abrigo e trabalho.

A maior parte dos usuários cadastrados foi colocada no serviço de varrição de ruas e praças. Para cada dia trabalhado, eles recebem R\$ 15.

"Esse grupo de 25% aparece de vez em quando, some e depois volta. Não há um interesse", diz Carlos Alberto de Souza, diretor financeiro da entidade e responsável pelas ações na cracolândia.

No primeiro pagamento, na semana passada, todos os participantes receberam pela semana cheia, independentemente da presença.

A partir de hoje, o programa entregará o valor apenas dos dias trabalhados. Usuários que faltaram, mas comprovaram a ausência com um atestado médico também vão receber o dinheiro.

De acordo com a organização, os usuários foram avisados da mudança.

Apesar de não trabalharem nos finais de semana, todos receberão por esses dois dias.

Isso acontece porque a ação prevê a remuneração pela presença em atividades culturais agendadas para os fins de semana, mas que ainda não tiveram início.

"Nossa tenda estará pronta apenas no segundo fim de semana de fevereiro. Lá, eles poderão fazer teatro ou ver filmes", diz Souza.

#### LISTA DE PRESENÇA

Para receber pelo dia trabalhado, o usuário precisa assinar a lista de presença duas vezes. A primeira às 9h, quando sai com o grupo, e novamente por volta das 12h, quando a jornada termina.

"Tem um pessoal que aparece uniformizado, assina a lista pela manhã, mas depois não volta. Se tiver apenas uma assinatura, não é considerado", explica Souza.

De acordo com ele, um próximo passo é abrir o diálogo com os médicos de postos de saúde da região.

"Os usuários têm apresentado um volume muito grande de atestados. Vamos alertar esses médicos do que vem acontecendo", diz. Procurada ontem, a prefeitura não se manifestou

### **37 - Programa na cracolândia atrai moradores de rua de outros bairros**

Fonte: Folha de São Paulo – Online  
Autor: DE SÃO PAULO Editoria: Cotidiano  
Publicada em: 31/01/2014 às 19h22

Moradores de rua de vários bairros de São Paulo estão sendo atraídos para a cracolândia, na região central, após o início do programa Braços Abertos, da prefeitura. O programa prevê moradia, alimentação e trabalho exclusivamente para usuários de crack da área.

De acordo com a secretária de Assistência Social, Luciana Temer, 373 moradores de rua –349 homens e 24 mulheres– procuraram o programa na cracolândia e foram encaminhados para a rede de albergues da cidade.

"Muitas pessoas foram atraídas, pessoas que nem eram da região, não tinham perfil de usuárias de droga. Acho que, devido à divulgação pela mídia, [o Braços Abertos] acabou virando referência", disse a secretária.

#### FALSA 'FAVELINHA'

Essa não é a primeira vez que pessoas que não se enquadram no perfil do programa tentam se inscrever nele.

Quando a "favelinha" da cracolândia foi extinta, há duas semanas, e seus moradores passaram a ser beneficiários do programa da prefeitura, pessoas auto declaradas "sem-teto" começaram a erguer novos barracos na região, com a esperança de também serem cadastradas.

Segundo a coordenação do Braços Abertos, porém, elas não puderam se inscrever no programa e acabaram sendo encaminhadas para outros serviços da prefeitura.

### **38 - Moradores de rua tentam aderir a ação na cracolândia**

Os 373 sem-teto foram para abrigos, afirma secretária

Fonte: Folha de São Paulo - Impresso  
Editoria: Cotidiano  
Publicada em: 31/01/2014 às 22h00

Moradores de rua estão sendo atraídos para a cracolândia (região central) por causa do programa Braços Abertos, da prefeitura. A ação iniciada no dia 16 busca recuperar usuários de crack exclusivamente da área, oferecendo tratamento, moradia e trabalho.

De acordo com a secretária de Assistência Social, Luciana Temer, 373 moradores de rua --349 homens e 24 mulheres-- procuraram o programa e foram encaminhados à rede de albergues da cidade.

"Muitas pessoas foram atraídas, pessoas que nem eram da região, não tinham perfil de usuárias de droga." Essa não é a primeira vez que pessoas que não se enquadram no perfil do programa tentam se inscrever nele.

Quando a "favelinha" da cracolândia foi extinta, há duas semanas, e seus moradores passaram a ser beneficiários da ação da prefeitura, pessoas auto-declaradas "sem-teto" começaram a erguer novos barracos na região, com a esperança de também serem cadastradas.

Segundo a coordenação do Braços Abertos, porém, elas foram encaminhadas a outros serviços municipais.

Ontem, a prefeitura fez o segundo dia de pagamento do programa. A maior parte dos usuários trabalha na varrição de ruas. Eles ganham R\$ 15 por dia, mais R\$ 30 por atividades no fim de semana.

Foi adotada regra diferente da semana passada, quando todos receberam R\$ 120: quem trabalhou de 3 a 5 dias recebeu R\$ 105, de 1 a 2 dias, R\$ 60, e quem não trabalhou recebeu os R\$ 30 do fim de semana. Alguns reclamaram.

### **39 - As escolhas racionais dos viciados em crack**

Fonte: Folha de São Paulo - Online  
Autor: JOHN TIERNEY DO "NEW YORK TIMES"  
Editoria: Cotidiano  
Publicada em: 04/02/2014 às 13h51

Muito antes que ele começasse a levar pessoas ao seu laboratório na Universidade Colúmbia para estudar como elas usam crack, Carl Hart conhecia os efeitos da droga em primeira mão. Ele cresceu pobre, e viu parentes se viciarem em crack, vivendo na miséria e roubando dinheiro de suas mães. Amigos de infância de Hart terminaram na prisão ou no necrotério.

Os viciados pareciam estar escravizados pelo crack, como os ratos de laboratório que não conseguiam deixar de acionar a alavanca que lhes fornecia cocaína ainda que estivessem a ponto de morrer de fome. A cocaína oferecia tamanho estímulo de dopamina ao centro de recompensas do cérebro que os viciados não conseguiam resistir a uma nova dose.

Ao menos era essa a impressão que o Dr. Hart tinha quando começou sua carreira como pesquisador, nos anos 90. Como outros cientistas, a esperança dele era a de encontrar uma cura neurológica para o vício, algum mecanismo que bloqueasse a atividade da dopamina no cérebro para que as pessoas não sucumbissem à vontade irresistível de cocaína, heroína e outras drogas poderosamente viciantes.

Mas em seguida, quando ele começou a estudar os viciados, ele descobriu que as drogas não eram assim tão irresistíveis, afinal. "De 80% a 90% das pessoas que usam crack e metanfetamina não se viciam", explica o Dr. Hart, professor associado de psicologia. "E o pequeno número de pessoas que se viciam não se assemelham em nada à caricatura popular que se faz dos viciados".

O Dr. Hart recrutou viciados para o seu trabalho de pesquisa por meio de anúncios no jornal "Village Voice", oferecendo pagamento de US\$ 950 e mais a oportunidade de fumar crack produzido com cocaína farmacêutica (ou seja, de alta pureza). A maioria dos inscritos, como os viciados que ele conheceu em sua infância e adolescência em Miami, eram homens, negros e moradores de bairros de baixa renda. Para participar, eles tinham de aceitar viver em uma enfermaria de hospital por diversas semanas, durante o experimento.

No começo de cada dia, com os pesquisadores assistindo por um espelho de observação, uma enfermeira colocava certa quantidade de crack em um cachimbo - a dose variava diariamente - e o acendia. Ao fumar, o participante estava vendado, o que o impedia de saber qual era o tamanho da dose do dia.

Em seguida, depois daquela amostra de crack para começar o dia, cada participante tinha novas oportunidades de fumar a mesma dose de crack, ao longo do dia. Mas a cada vez que a droga lhe era oferecida, o participante também tinha a escolha de trocá-la por outra recompensa, que receberia ao sair do hospital. A recompensa consistia ou de US\$ 5 em dinheiro ou de um vale-compra de US\$5 em uma loja.

Quando a dose de crack era muito alta, o viciado tipicamente escolhia continuar fumando crack o dia todo. Mas quando a dose era menor, a probabilidade de que rejeitasse o crack em troca dos US\$ 5 em dinheiro ou vale-compras era maior.

"Isso não se enquadrava à caricatura do viciado em drogas incapaz de parar de consumi-las depois de uma primeira dose", disse o Dr. Hart. "Quando lhes era oferecida uma alternativa ao crack, eles tomavam decisões econômicas racionais".

Quando a metanfetamina substituiu o crack como maior flagelo entre as drogas consumidas nos Estados Unidos, o Dr. Hart levou viciados em metanfetamina ao seu laboratório para experiência semelhante - e os resultados mostravam decisões igualmente racionais. Ele também constatou que, ao elevar a recompensa a US\$ 20, todos os viciados, em crack e metanfetamina igualmente, optavam pelo dinheiro. Eles sabiam que só o receberiam semanas mais tarde, quando o experimento estivesse encerrado, mas ainda assim optaram por abrir mão da recompensa imediata da droga.

As constatações levaram o Dr. Hart a repensar aquilo que havia visto quando jovem, o que ele relata em seu novo livro, "High Price", uma fascinante combinação de memória e ciência social, com cenas devastadoras de privações e violência acompanhadas por calma análise dos dados históricos e dos resultados de

laboratório. Ele conta histórias horripilantes - sua mãe foi atacada com um martelo, alguém jogou uma panela cheia de calda fervente sobre seu pai -, mas em seguida busca descobrir a tendência estatisticamente relevante.

Sim, ele afirma, algumas crianças foram abandonadas por seus pais viciados em crack, mas muitas famílias em seu bairro já estavam fragmentadas antes do crack - incluindo a de Hart. (Ele foi criado primordialmente por sua avó.) Sim, seus primos se tornaram viciados em crack, sofrendo privações e vivendo em um barraco, mas já haviam largado a escola e viviam desempregados muito antes que o crack surgisse.

"Parecia haver no mínimo tantos casos, se não mais, em que as drogas ilícitas desempenharam papel pequeno ou nenhum quanto situações nas quais seus efeitos farmacológicos pareciam ter sido importantes", escreve o Dr. Hart, 46. O crack e a metanfetamina podem ser especialmente problemáticos em alguns bairros pobres e áreas rurais, mas isso não acontece porque os dois são drogas muito potentes.

"Se você vive em um bairro pobre e não têm muitas opções, existe certa racionalidade em continuar usando uma droga que propicia prazer temporário", disse o Dr. Hart em entrevista, argumentando que a caricatura do viciado escravo do crack surgiu de uma interpretação incorreta das famosas experiências com ratos de laboratório.

"O fator chave é o ambiente, quer estejamos falando de seres humanos ou de ratos de laboratório", disse o Dr. Hart. "Os ratos que não param de acionar a alavanca da cocaína são aqueles que sofrem estresse por terem sido criados em condições solitárias, e que não têm quaisquer outras escolhas. Mas quando você enriquece seu ambiente e lhes dá acesso a doces, e permite que brinquem com outros ratos, eles param de acionar a alavanca".

Os inimigos das drogas podem se sentir céticos quanto ao trabalho de Hart, mas alguns outros cientistas estão impressionados. "O argumento geral de Carl é muito persuasivo e baseado em dados sólidos", diz Craig Rush, psicólogo da Universidade do Kentucky que pesquisa sobre abuso de estimulantes. "Ele não está dizendo que o abuso de drogas não causa mal, mas está demonstrando que as drogas não transformam as pessoas em lunáticos. Elas podem deixar de usar drogas se lhes foram oferecidos reforços alternativos".

Avaliação semelhante é oferecida pelo Dr. David Nutt, especialista britânico em abuso de drogas. "Tenho muita simpatia pela posição de Carl", diz o Dr. Nutt, professor de neuropsicofarmacologia no Imperial College de Londres. "O vício sempre teve um elemento social, e isso é amplificado nas sociedades em que não existe muito trabalho disponível, ou outras formas de encontrar realização".

Assim, por que continuamos a nos concentrar com tamanha atenção em determinadas drogas? Um motivo é a conveniência: é muito mais simples para

políticos e jornalistas tomar por foco os males da droga do que encarar os problemas sociais subjacentes. Mas o Dr. Hart também atribui parte da culpa aos cientistas.

"De 80% a 90% das pessoas não são afetadas negativamente pelas drogas, mas na literatura científica quase 100% dos relatórios são negativos", disse o Dr. Hart. "Há um foco distorcido em favor da patologia. Nós cientistas sabemos que recebemos mais dinheiro se continuarmos dizendo ao Congresso que estamos resolvendo esse terrível problema. Desempenhamos um papel menos que honroso na guerra contra as drogas".

#### **40 - 'Já vi meu filho fazendo um plano para me matar'**

Fonte: Folha de São Paulo - Impresso  
Editoria: Saúde + Ciência  
Publicada em: 09/02/2014 às 22h00

As marcas dos surtos psicóticos estão por toda a parte. No rombo do box do banheiro, nos vidros quebrados, na porta estourada a marteladas.

Há três anos, a dona de casa Ismerita Ferreira Santos, 53, tenta em vão internar o filho Julio, 22, dependente químico com transtorno bipolar e sintomas psicóticos, segundo laudo.

A seguir, o depoimento.

"O Júlio sempre foi um ótimo filho, só tirava nota alta na escola, mas, aos 18 anos, começou a sair com os amigos para as baladas e a beber. Depois, descobri que ele usava maconha.

Chegou a transformar o guarda-roupas numa plantação da droga. Com o tempo, passou a usar cocaína, LSD e até crack. Agora parou de usar drogas, mas bebe muito. Pinga, inclusive.

Já o vi várias vezes falando sozinho e elaborando um plano para me matar.

Ele teve vários surtos, em que fica muito violento. Já apanhei dele e fiquei com vários hematomas. Ele também já bateu no meu filho caçula e na minha filha.

No ano passado, foi morar com o pai que, pelo menos, tem força física para enfrentá-lo.

Em duas ocasiões, ele foi para a emergência do hospital, dopado, mas liberaram no dia seguinte porque não havia vaga para a internação.

Também não consigo levá-lo até um Caps (Centro de Atenção Psicossocial). Uma vez tentei enganá-lo, mas ele descobriu e me bateu na rua. Luto agora para que ele seja internado compulsoriamente, é a única chance.

Mas até isso é difícil porque é preciso um laudo psiquiátrico para o juiz autorizar. E eu não consigo levá-lo até um psiquiatra. Amo meu filho, mas não sei mais o que fazer."

#### **41 - 'Já vi meu filho falando sozinho e elaborando um plano para me matar'**

Fonte: Folha de São Paulo - Online  
Editoria: Equilíbrio e Saúde  
Publicada em: 10/02/2014 às 01h30

As marcas dos surtos psicóticos estão por toda a parte. No rombo do box do banheiro, nos vidros quebrados, na porta estourada a marteladas.

Há três anos, a dona de casa Ismerita Ferreira Santos, 53, tenta em vão internar o filho Julio, 22, dependente químico com transtorno bipolar e sintomas psicóticos, segundo laudo.

Em duas ocasiões de surto, em que espancou a mãe e os irmãos mais novos, ele foi atendido em prontos-socorros de hospitais gerais e liberado para seguir tratamento em casa porque não havia vaga para internação.

A mãe tenta agora internar o filho compulsoriamente, mas também enfrenta entraves. A seguir, o depoimento

"O Júlio sempre foi um ótimo filho. Inteligente, só tirava nota alta na escola. Mas, aos 18 anos, começou a trabalhar, a sair com os amigos para as baladas e a beber. Depois, descobri que ele usava maconha. Chegou a transformar o guarda-roupas numa plantação da droga. Com o tempo, passou a usar cocaína, LSD e até crack.

Foi demitido e a situação só piorou. Começou a ficar violento, a falar sozinho e ter mania de perseguição. Agora parou de usar drogas, mas bebe muito. Pinga, inclusive.

Já peguei várias vezes falando sozinho e elaborando um plano para me matar.

Ele teve vários surtos, em que fica muito violento. Já apanhei dele e fiquei com vários hematomas. Ele também já bateu no meu filho caçula e na minha filha. Ano passado, foi morar com o pai, que pelo menos tem força física para enfrentá-lo.

Em duas ocasiões, ele foi para a emergência do hospital, dopado, mas liberaram no dia seguinte porque não havia vaga para internação. Mandaram ele tomar remédios em casa, mas não adianta. Ele não aceita.

Também não consigo levá-lo até um Caps. Uma vez tentei enganá-lo, mas ele descobriu e me bateu na rua. Luto agora para que ele seja internado compulsoriamente, é a única chance.

Mas até isso é difícil porque é preciso um laudo psiquiátrico para o juiz autorizar. E eu não consigo levá-lo até um psiquiatra. Uma vez consegui trazer o médico em casa, mas ele descobriu e fugiu. Amo meu filho, mas não sei mais o que fazer.

#### **42 - Prefeitura esvazia hotel na cracolândia cheio de percevejos**

Fonte: Folha de São Paulo – Impresso  
Autor: ARETHA YARAK Editoria: Cotidiano  
Publicada em: 11/02/2014 às 22h00

Um dos hotéis alugados pela prefeitura na cracolândia será esvaziado hoje devido a problemas com o abastecimento de água e a uma infestação de percevejos.

Localizado na alameda Dino Bueno, 135, o hotel, conhecido como "hotel do Lucas", tem vagas para hospedar cerca de 40 usuários -- atualmente, 20 estão cadastrados.

O estabelecimento é um dos seis alugados no mês passado pela gestão Fernando Haddad (PT) para acolher 400 cadastrados na cracolândia em um programa no qual usuários de crack ganham R\$ 15 por dia para trabalhar com varrição --além de moradia, alimentação e tratamento.

Grávida de oito meses, Duda Barbieri, 22, tem picadas nas pernas, entre os seios e na região da barriga. "Fui ao posto de saúde e a médica me passou três pomadas."

Para tentar amenizar a infestação, Carol, 28, lava o quarto com água sanitária. "Em um mês já gastei quase R\$ 50 só em repelente. Se não passo à noite, não consigo nem dormir aqui dentro."

Apenas nas pernas, Carol tem 27 picadas de inseto.

Segundo a prefeitura, o hotel será esvaziado por problemas no abastecimento de água. Em nota, diz que "o local está com problemas na caixa d'água e a Sabesp [companhia de saneamento] deverá solucionar". A prefeitura diz não ter sido informada da infestação de percevejos.

De acordo com David Ferreira, um dos responsáveis pelo hotel, o problema com a água já foi resolvido. "Fizemos a limpeza da caixa d'água e estamos providenciando a compra de uma nova."

"A água tem uma cor amarelada e um gosto ruim", conta Renata. Para escovar os dentes, ela e os vizinhos compram água mineral.

Os usuários que estão morando no local serão encaminhados para outros dois hotéis do programa.



### **43 - ONG coloca cachimbos de crack à venda em distribuidores automáticos em Vancouver**

Fonte: Folha de São Paulo - Online  
Editoria: Mundo  
Publicada em: 12/02/2014 às 16h43

Depois de guloseimas e cigarros, cachimbos de crack agora também podem ser adquiridos em distribuidores automáticos –mas só em Vancouver, no Canadá.

A ONG canadense Portland Hotel Society (PHS) disponibiliza duas dessas máquinas para usuários de crack em seu centro de tratamento de dependentes. Cada tubinho de plástico custa 0,25 dólar canadense (cerca de R\$ 0,50).

A ideia é reduzir o risco de viciados compartilharem seus cachimbos, o que pode transmitir doenças, como hepatite e Aids (caso eles estejam quebrados e os usuários se cortem).

Segundo uma funcionária da instituição, em declaração à revista americana "Vice", o preço do produto na máquina é mais barato do que na rua.

A PHS também pretende atrair usuários para um espaço onde eles possam receber assistência médica.

O projeto é contrário às diretrizes do governo federal canadense, que restringe não apoia os chamados programas de redução de danos.

O Canadá, apesar de ter sido o primeiro país a legalizar a maconha para pacientes terminais, ainda pune a posse de drogas ilícitas para uso recreativo.

Vancouver, no entanto, é uma exceção no país. Um dos redutos de viciados e traficantes mais conhecidos da cidade, o Downtown Eastside, é palco de diversas iniciativas experimentais em redução de danos, como as chamadas injeções supervisionadas –onde usuários de heroína

têm autorização para se drogar (tendo obtido a substância previamente) com o auxílio de enfermeiros e equipe médica.

Ainda de acordo com a "Vice", cada máquina disponibiliza até 200 cachimbos e é recarregada a cada cinco dias. Alguns moradores próximos ao local, no entanto, dizem que há pessoas que chacoalham o distribuidor para que os cachimbos caiam de graça.

### **44 - Atendimento a dependente na cracolândia será ampliado até as 22h**

Fonte: Folha de São Paulo - Online  
Editoria: Cotidiano

Publicada em: 13/02/2014 às 09h40

A tenda do programa Braços Abertos, equipamento da prefeitura que atende usuários da cracolândia, passará a ficar aberta até as 22h. Atualmente, ela fecha às 17h. O anúncio foi feito ontem no final do dia pelo prefeito Fernando Haddad (PT), em visita pela região.

O prefeito não divulgou a data que o programa passará a ser estendido.

Na tenda, será montado um espaço de convivência para os usuários. Segundo a prefeitura, o Bom Prato, que hoje só oferece refeições aos usuários que participam do programa durante a semana, também passará a funcionar aos finais de semana.

O programa municipal Braços Abertos oferece moradia, alimentação, atendimento médico e trabalho aos 386 usuários de crack cadastrados. Por dia trabalhado na varrição de praças e ruas, eles recebem R\$ 15. A sede do programa fica na tenda de mesmo nome.

#### **45 - Usuários de droga da cracolândia também vão cuidar de jardins em SP**

Fonte: Folha de São Paulo – Online

Autor: CÉSAR ROSATI Editoria: Cotidiano

Publicada em: 14/02/2014 às 11h07

O prefeito Fernando Haddad (PT) disse que será criada uma nova frente de trabalho no programa Braços Abertos, que atende a usuários de drogas da região central de São Paulo.

As pessoas cadastradas na ação atuarão em jardinagem, - hoje, as frentes de trabalho atuam na varrição e alguns beneficiários trabalham na administração municipal.

O anúncio foi feito pelo prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT), durante avaliação de um mês do programa. A ideia, segundo o prefeito, é tentar levar os usuários que são atendidos pela prefeitura para lugares mais distantes da atual cracolândia. Serão oitenta vagas que

deverão ser preenchidas em até 60 dias – as 40 primeiras dentro de 20 dias e as demais após 40 dias.

Haddad no entanto disse que, por enquanto, não prevê ampliar o programa para outras áreas onde há consumidores de crack na cidade. "Estamos mapeando essas áreas e estudando como agir, pois são situações diferenciadas da região da Luz", disse o prefeito.

No total, 340 pessoas estão trabalhando no programa da prefeitura. A ação, segundo a prefeitura, tem capacidade para atender 400 dependentes.

O prefeito também disse que deve começar a atender os dependentes também no período noturno dentro de uma semana. O funcionamento será ampliado para às 22h na rua Helvétia, na região da Luz. Atualmente, a tenda funciona até as 17h.

Haddad também avaliou com "bem sucedida" a ação que começou no dia 14 de janeiro. Nesta próxima etapa o prefeito também disse que a presença do Estado será ainda maior.

"A região precisa ser a melhor da cidade. A mais iluminada, a mais limpa para não deixar que forças obscuras atuem no local", afirmou.

#### ABANDONANDO AS DROGAS

De acordo com informações das equipes municipais de Saúde que atuam no programa, o consumo de crack entre os dependentes foi reduzido de 50% a 70% em média.

No geral, 89% dos participantes conseguem manter frequência regular nas frentes de trabalho. As faltas ocorrem, geralmente, por motivo de recaídas, exaustão física, ou problemas na vida social.

Já forma presos na região 25 suspeitos de tráfico de drogas e apreendidas mais de 4.000 pedras de crack que seriam distribuídas na região.

#### **46 - Dependentes também vão cuidar de jardins**

Fonte: Folha de São Paulo – Impresso  
Autor: CÉSAR ROSATI Editoria: Cotidiano  
Publicada em: 14/02/2014 às 22h00

Participantes do programa Braços Abertos, que atende a usuários de drogas da região central de São Paulo, terão uma nova frente de trabalho.

As pessoas cadastradas na ação atuarão também na jardinagem --hoje, as atividades são varrição e trabalhos administrativos. O anúncio foi feito pelo prefeito Fernando Haddad (PT) durante avaliação de um mês do programa.

A ideia, segundo o prefeito, é tentar levar os usuários para lugares mais distantes da cracolândia. Serão 80 vagas que deverão ser preenchidas em até 60 dias --as 40 primeiras dentro de 20 dias.

Haddad disse que, por enquanto, não prevê ampliar o programa para outras áreas onde há consumo de crack na cidade. "Estamos mapeando essas áreas e estudando como agir, pois são situações diferenciadas da região da Luz", disse o prefeito.

No total, 340 pessoas estão trabalhando no programa da prefeitura. A ação, segundo a prefeitura, tem capacidade para atender 400 dependentes.

O prefeito também disse que a base do programa deve começar a atender os dependentes no período noturno dentro de uma semana. O funcionamento será ampliado para às 22h na rua Helvécia (hoje, funciona até as 17h).

Haddad também avaliou com "bem sucedida" a ação. "A região precisa ser a melhor da cidade."

#### **47 -Diário de uma quase sobrevivente da crackolândia: 'Perda total'**

Fonte: Folha de São Paulo - Online

Editoria: Colunistas

Publicada em: 10/03/2014 às 23h01

A gaúcha Magali passara os últimos cinco dos seus 30 anos rezando pela mesma cartilha. "O crack é o meu pastor e nada me faltará", disse ela, parafraseando os primeiros versos bíblicos do Salmo 23, no nosso primeiro encontro em 2011.

Devota das pedras que resultam de misturas variadas da pasta de cocaína, ela vagava pela crackolândia paulistana desde 2006.

No início da manhã daquele 12 de maio, ela se espreguiça ao despertar sobre um colchonete roto. Sobrevivera a mais uma madrugada dividindo uma das tantas calçadas que lhe serviram de leito nos últimos tempos.

A turma maltrapilha começa a se dispersar. Entre sonolenta e arredia, Magali vai, aos poucos, entrando no papo. "Não gosto de reportagem", avisa, sem rodeios.

Fecho o bloco de notas e estendo a mão: "Eu me chamo Eliane Trindade. Sou jornalista e trabalho para um jornal chamado Folha de São Paulo".

Ela devolve a bola na mesma toada: "Eu me chamo Edna Magali, já me esqueci quem eu sou e faz um tempão que trabalho pro crack". Risos e um longo aperto de mão.

Estava selada, com toques de ironia e humor, uma empatia que fez da Gaúcha, como Magali é mais conhecida pelos colegas de "trampo", personagem desta crônica.

Pergunto se ela me concede uma entrevista. Marca para depois do banho e do café da manhã. Faz fila, junto com outros usuários de crack, à porta da Cristolândia, missão da igreja Batista que atua na área.

Retorna 45 minutos depois e se esparrama no colchonete. Cruza as pernas e monopoliza a conversa. Leva um lero com "noias" que também filaram o "rango dos crentes".

Magali fica mais tempo conversando com Alemão, um dos "radicais", como são chamadas os ex-usuários que viraram missionários e tentam convencer a galera a trocar crack por Cristo.

## MENOS SERMÃO

Ela lavou os cabelos tingidos de louro e trocou de roupa -pegou uma muda nova na montanha de peças doadas pelos evangélicos. Jogou os trapos sujos que usava "não sei há quantos dias" no lixo.

Revigorada pelo banho quente e pela cafeína, participa do culto. "Gosto das músicas, mas o sermão me deixa mal."

É quase meio-dia quando nos sentamos no bar da esquina da rua Barão de Piracicaba, no centro de São Paulo. Magali pede dinheiro para dar entrevista. Explico que nem eu nem o jornal pagaríamos para ter o seu depoimento. Ela conta que ganhou R\$ 10 de um produtor de tevê. "É uma ajuda, né? Descolei duas pedras. Do contrário, ia pra viração: R\$ 5 por um programa básico. Os caras me zoaram. Fui pra cima de um que veio com gracinha dizendo que minha história valia mais do que eu."

Ofereço coxinha e Coca-Cola, o mesmo que eu e o fotógrafo Apu Gomes, escalado para me acompanhar naquela reportagem, comemos na hora do almoço.

Com o estômago forrado e convencida de que não iria conseguir levar uma graninha da dupla, ela relaxa e desfia sua trajetória.

"Tava na noia e fiquei cinco dias direto sem comer. O crack tira o apetite e mata todos os desejos, menos o de buscar por mais pedra. Já roubei e me vendi por R\$ 1 ou um farelo de crack. Já vi matar e quase morri. Fui estuprada não sei quantas vezes. Nada me fez parar."

Magali aponta para a própria "carcaça" de 46 kg perdidos em seus 1,70 m. "Meu corpo não aguenta mais."

Pele e osso, exhibe inúmeras cicatrizes espalhadas por uma silhueta de "modelo anoréxica". Sua passarela são as ruas do centro até então território livre para consumo e venda da "filha pobre e maldita" da cocaína.

Duas noites antes, ela conta ter rastejado por grãos de crack de péssima qualidade. Gaúcha destila um vocabulário rico, de quem concluiu o Ensino Médio em uma boa escola. Filha de uma família de classe média baixa, ela evita falar da vida pré-cracolândia.

## PEREBOLÂNDIA

Naqueles dias, ganhava o noticiário a chegada do óxi, um crack batizado, logo apontado pela polícia e especialistas como mais letal e viciante.

Magali constata na carne outros malefícios não propalados: "Sai pereba pra todo lado. Esse crack de merda vai comendo a pele. É pra matar mesmo. Com esse óxi, a cracolândia vai virar 'perebolândia'", profetiza.

Ela mostra feridas recentes e outras cicatrizadas. Marcas visíveis dos efeitos devastadores do crack no organismo e na vida. "Choro de saudade dos meus filhos, mas nem por eles fui capaz de sair dessa", diz. Com olhos marejados, limita-se a informar a idade deles: 11, 9 e 6 anos.

Enquanto faz um breve inventário de perdas, vai contando as perebas nas pernas e no braço. "Olha aqui, cinco, seis, sete..." Pula uma cicatriz grande na barriga, grossa e mal costurada. É a pista de outras feridas. "Foi uma facada. Coisa de rua. Não gosto de lembrar."

É melhor não insistir. "O que ficou pela estrada?", indago. Ela fica muda por um tempo e repete como se dialogasse consigo mesma. "O que ficou pela estrada? Três filhos, a minha saúde,

tantos amores e uma família cansada do que eu chamo de minhas dores e fraquezas e que para eles é só falta de vergonha na cara."

Magali faz da sarjeta divã. "Odeio sermão de quem acha que como a gente tá dormindo imundo no chão não tem consciência do abismo. É o contrário. Temos tanta que nos afundamos mais, justamente por saber o quanto é penoso sair."

O caminho é de pedra: ela contabiliza internações, prisões por porte e consumo da droga, condenação por roubo. "Cada recaída é pior que a outra. Vem aquela angústia de que o crack ganhou mais uma. Até quando? Não sei."

O começo, o meio e o fim são sempre o mesmo: alimentar um vício que a fez debutar nos perigos da estrada aos 15 anos. Ela pede para não colocar no jornal o nome da sua cidade natal para não expor as crianças nem provocar a ira do ex-marido.

Da menina que se deixou seduzir pelo primeiro cigarro da maconha no Rio Grande do Sul à mulher que vira bicho na disputa por farelos de crack, Magali faz um balanço com a frieza de um auditor: "É perda total".

Com um auto diagnóstico tão pouco animador, ela resolveu recorrer à Cristolândia. Dois dias antes, fizera uma ficha para conseguir vaga para sua terceira internação.

"Eu ficava vendo os crentes e ria deles. Até gritava pra todo mundo ouvir: 'O crack é meu pastor e nada me faltará'. Agora, estou aqui, tentando o remédio deles. Só Deus mesmo, como eles dizem, um ser mais poderoso, para me tirar dessa. O bagulho é do outro mundo."

NOVO RG

A Folha acompanhou por quase dois anos as idas e vindas de Magali em sua aposta de abandonar o crack tendo o Evangelho como remédio e Jesus como terapeuta.

Quinze dias depois do nosso primeiro encontro, a devota do crack embarcou para Campos, no Rio de Janeiro. Em 26 de maio de

2011, trocou as noites ao relento por um leito numa clínica.

Exibia também uma segunda via do RG, obtida no Poupatempo dois dias antes. Na bagagem, Magali levava péssimas recordações de outras tentativas de tratamento, entre elas no serviço oferecido pela Prefeitura de São Paulo. "É muita burocracia. Tem que passar no psicólogo, confirmar que é dependente e ficar esperando. Nunca tem vaga. Quando tem, não funciona. Ninguém tá preocupado com a gente, só querem tirar os zumbis da rua. Só que o capeta manda um mensageiro e a gente volta pra cracolândia rapidinho."

Dois meses antes, ela só aguentou dez dias numa clínica em Juquitiba, interior de SP, para onde foi mandada em sua primeira aproximação com a Cristolândia. "O bagulho lá era desorganizado. Não era uma clínica mesmo. A gente ficava lá sem ter o que fazer e eu logo arrumei briga", relata. "Só sonhava com a droga."

A cracolândia ganhou a parada e ela voltou para a velha rotina de prostituição e roubos. "Agora vai ser diferente. Fiz meus documentos e vou poder viajar para o Rio. Lá é uma comunidade terapêutica, vai ser melhor", afirma, na véspera do embarque.

Uma paixão platônica faz sua confiança aumentar. Ela voltou a flertar com a Cristolândia, embalada por um novo amor. Alemão, também em tratamento, está em outra fase e trabalha agora como elo da missão com os usuários. "Ele tá limpo há mais tempo que eu. A gente namora, mas não pode beijar nem nada. Só vamos ficar quando eu também tiver limpa."

Em 16 de junho, por telefone, Magali relata sua nova rotina. "Tô gorda, ou melhor, tô gostosa", diz. Ganhou 12 kg em 20 dias. "Nos primeiros dias, só comia e dormia. Senti mais falta do cigarro do que do crack, mas fiquei firme."

Interrompe a ligação e pede para uma terapeuta mandar uma foto dela para o meu celular. A foto impressiona. O rosto de Magali ganhou bochechas que rejuvenesceram as suas feições em uma década. Os cabelos estão alisados e negros. "Já sou outra pessoa, né? Por fora e por dentro."

Conta ter enviado a foto também para Alemão. Os dois não se falam desde a partida de São Paulo. Ela me pede um favor: "Quando você encontrar com ele na Cristolândia diz que eu tô bem e com muita saudade e que a gente vai sair dessa junto".

A adaptação na Comunidade Terapêutica Elcia Barreto Soares, em Campos (RJ), está sendo complicada. "Magali chegou muito agressiva, com hábitos de fora. Aqui

não pode falar palavrão", explica a missionária Roseana Pereira, responsável pela estrutura mantida pelos batistas. O local só acolhe mulheres, ao custo de R\$ 300 mensais por paciente.

Ao se despedir, Magali pede: "Não me esquece, viu? Vou ficar aguardando você ligar de novo. Manda um beijo para o meu amor". Faço as vezes de cupido. Alemão é reticente quanto ao envolvimento emocional e só diz: "Espero que dessa vez ela consiga encontrar a paz".

### CRISE DE ABSTINÊNCIA

No começo de setembro, em um novo contato telefônico, Magali passa uma certa tranquilidade na voz. "Não tive mais crise de abstinência de droga, só de liberdade. Mas tem que ser assim." Ela segue a toada de comer, ler a Bíblia e fazer tarefas terapêuticas em grupo. "É legal, mas não aguento mais de saudade do meu amor."

Já se passaram quase quatro meses de internação, ela tem pela frente outros três. Faz um balanço positivo: "Descobri que minha vida ainda vale a pena." Faz planos de casar com Alemão na Cristolândia. Parece fácil, mas O que é mais difícil no processo? "O preconceito por eu ter vindo da cracolândia. Ter que lidar com os olhares de nojo e as desconfianças de todos por eu ter saído da rua. Quando você conta que veio da cracolândia, te tratam como verme. Pior do que lidar com a abstinência é encarar a seco a discriminação. Na noia é fácil. A gente é tudo bicho. Não pensa em nada, não sente frio nem dor."

Das oito colegas de internação, ela e outra menina têm o mesmo perfil. "O preconceito só começou a ser superado com o convívio. Peço exemplos de algumas situações. "Prefiro não falar disso. É passado."

Mais uma das tantas lembranças que quer esquecer. Nos falamos 20 dias antes de ela deixar a clínica, com a promessa de que ela vai me ligar do Rio, quando se instalar como missionária da Cristolândia, tendo como currículo a sua "cura do crack".

E o futuro? "Eu ainda não tô pronta para reencontrar meus filhos. Tenho muito raiva dentro de mim. Às vezes, sou muito agressiva, me culpo muito. Acho que eu nunca vou me perdoar de verdade. Depois de 15 anos nesse buraco, não sobra muita coisa. Que droga é essa que faz uma mãe abandonar três filhos? Dá para imaginar a força dessa merda. Preciso dizer mais?"

### RECAÍDA

Perdi o rastro de Magali por vários meses, logo depois sua saída da comunidade terapêutica. A internação durou sete meses e terminou antes do Natal, quando ela ainda chegou a fazer uma viagem missionária, relatando o seu caso em igrejas no Espírito Santo.



Ela frequentou a unidade da Cristolândia no centro do Rio por algum tempo. "Infelizmente, ela não está mais conosco. Voltou para as ruas", relatou Diego Machado, coordenador da missão no Rio, em fevereiro de 2012.

Tentei localizá-la diversas vezes com a ajuda dos missionários. A última pista do seu paradeiro foi dada por um pastor que a visitara, em junho, em um hospital onde passou por uma cirurgia de emergência, após ser esfaqueada em uma briga de rua. Quando conseguir falar na enfermaria onde ficara uma semana, ela já tinha tido alta e voltado para as ruas.

O crack ganhara mais uma.

Um tempo depois, seria novamente internada com infecção generalizada. A última cicatriz não cicatrizou. Magali morreu em setembro de 2012. "Recebemos a notícia com tristeza, mas sem fazer julgamentos. Nossa luta continua. Mesmo que 10 mil caíam e apenas um se levante, nós não vamos desistir", diz o pastor Humberto Marchado, da Cristolândia, em São Paulo.

Aos 33 anos, Gaúcha foi mais uma baixa na batalha contra o crack. "Eu não tenho medo de morrer, tenho medo de viver", ela me disse quando nos despedimos às vésperas de sua saída da reabilitação. "Não me esquece, viu?", foi o seu último pedido naquele telefonema.

#### **48 - Quase 40% dos usuários deixam programa da prefeitura na cracolândia**

Fonte: Folha de São Paulo - Online  
Editoria: Cotidiano  
Publicada em: 13/03/2014 às 19h39

Quase 40% dos usuários de crack cadastrados desistiram de frequentar o programa Braços Abertos, da Prefeitura de São Paulo. Balanço divulgado pela administração municipal aponta que foram 158 desistências das 400 vagas iniciais.

Iniciado há dois meses, o programa paga R\$ 15 por dia para que viciados trabalhem com varrição. Apesar das desistências, a prefeitura afirmou que abriu mais 65 vagas, totalizando 465. Isso porque há 79 consumidores que frequentam quase diariamente a cracolândia, mas não moram na região.

A prefeitura também anunciou nesta quinta-feira que a segurança ganhará peso na região da cracolândia e que os guardas vão ocupar as ruas para ajudar a acabar com a "feira livre" do crack. Isso contraria o discurso do início do programa, quando a figura policial era minimizada.

Embora tenha anunciado a presença ostensiva da Guarda Civil Metropolitana hoje, a corporação já chegou a se envolver em confrontos recentes com usuários de crack

-como na última terça-feira. Um guarda chegou a usar bombas contra os dependentes. Haddad diz que ele foi afastado e será alvo de uma sindicância.

"A segurança é um dos tripés do programa. Se você abrir mão do combate ao tráfico, há comprometimento do programa", disse Roberto Porto, secretário de Segurança Urbana de Haddad. Até então, a guarda ficava parada com um ônibus em um ponto para monitorar as imagens de câmeras. "Agora não estará concentrado ali e irá abranger outras áreas."

O efetivo atual de 50 guardas na cracolândia não deve variar muito, mas a ação será mais ostensiva. "Faremos uma mudança de postura, estaremos mais presente, ocupando mais as ruas e vias", afirmou Porto, ressaltando que a utilização "das bombas de gás está terminantemente proibida".

Os guardas que atuarem no local deverão usar só os equipamentos tradicionais de trabalho -revólver na cintura e tonfa (tipo de cassetete).

#### **49 - Haddad endurece ação na cracolândia**

Prefeitura muda estratégia e diz agora que trabalho de guarda terá peso equivalente ao da saúde e assistência social Em janeiro, município atenuava importância policial; 40% dos usuários de crack desistiram de programa

Fonte: Folha de São Paulo – Impresso  
Autor: ARETHA YARAK Editoria: Cotidiano  
Publicada em: 13/03/2014 às 21h00

A Prefeitura de São Paulo decidiu endurecer a ação da Guarda Civil Metropolitana na região da cracolândia.

O prefeito Fernando Haddad (PT) anunciou ontem que a segurança ganhará peso e que os guardas vão ocupar as ruas para ajudar a acabar com a "feira livre" do crack.

Quando lançou em janeiro um programa para atender os usuários de droga, a prefeitura minimizava a presença da figura policial e defendia uma ação mais centralizada nas áreas sociais e de saúde.

O projeto municipal paga R\$ 15 por dia para que viciados trabalhem com varrição. Dois meses depois, os pontos de concentração de venda e consumo de crack persistem.

"Teremos a tarefa de equilibrar as três áreas: saúde, assistência e segurança", disse Haddad. "Não podemos permitir essa permissividade de consumo em vias públicas, o que gerou uma situação de descontrole", afirmou.

No começo do ano, a prefeitura tratava a guarda como um apoio secundário. Ontem, porém, disse que a estratégia de reforçar a presença da guarda já era prevista.

"A segurança é um dos tripés do programa. Se você abrir mão do combate ao tráfico, há comprometimento do programa", disse Roberto Porto, secretário de Segurança Urbana de Haddad.

Até então, a guarda ficava parada com um ônibus em uma área para monitorar as imagens de câmeras. "Agora não estará concentrada ali e irá abranger outras áreas."

O efetivo atual de 50 guardas não deve variar muito, mas a ação será mais ostensiva. "Faremos uma mudança de postura, estaremos mais presente, ocupando mais as ruas e vias", disse Porto, ressaltando que a utilização "de bombas de gás está terminantemente proibida".

Em janeiro, Haddad chamou de "lamentável" uma ação policial que terminou em confronto com viciados.

Nos últimos dias, GCMs se envolveram em confronto com usuários --um deles usou bomba de gás, foi afastado e será alvo de sindicância.

A mudança de estratégia da prefeitura também atinge os estabelecimentos da cracolândia --como bares e hotéis, que, na avaliação da polícia, servem às vezes como base de viciados. Ontem, três bares foram emparedados e lacrados por falta de licença.

Quase 40% dos usuários de crack cadastrados já desistiram do programa da prefeitura na cracolândia. São 158 das 400 vagas iniciais.

Agora, a prefeitura abriu mais 65 vagas, sendo integrados ao programa 79 consumidores que frequentam quase diariamente a cracolândia, mas não moram na região.

Na tarde de ontem, a presença de 70 homens da GCM na cracolândia causou tensão com usuários de crack. Um policial também foi ferido após uma abordagem.

A unidade de apoio a usuários do programa Recomeço, do governo estadual e que atende dependentes, fechou as portas e dispensou funcionários três horas mais cedo.

## **50 - Quase 40% abandonaram o programa**

Fonte: Folha de São Paulo – Impresso  
Autor: ANA KREPP Editoria: Cotidiano  
Publicada em: 13/03/2014 às 21h00

Quase 40% dos usuários de crack cadastrados desistiram de frequentar o programa Braços Abertos, da Prefeitura de São Paulo. São 158 das 400 vagas iniciais.

Agora, após dois meses, a prefeitura abriu mais 65 vagas, totalizando 465. Isso ocorreu porque foram integrados ao programa 79 consumidores que frequentam quase diariamente a cracolândia, mas não moram na região.

Na tarde de ontem, a presença de 70 homens da GCM (Guarda Civil Metropolitana) na cracolândia causou tensão entre os usuários de

crack e moradores. O número de guardas que fazem a ronda diariamente na região costuma ser entre 30 e 50.

O clima tenso levou a unidade de apoio a usuários do programa Recomeço, do governo estadual, a fechar as portas e dispensar funcionários às 15h. O fim do expediente é às 18h.

Os agentes do programa disseram que não havia condições de permanecer no local por falta de segurança. A tensão aumentou quando um ônibus da GCM parou na esquina das ruas Dino Bueno e Helvécia.

Os guardas fizeram um cordão diante do veículo para abrir caminho na rua tomada por viciados, que, resistiram a deixar o local e chegaram a atirar frutas contra os agentes.

"Se vocês tratarem a gente bem, a gente vai tratar vocês com o máximo de urbanidade", disse um dos guardas, que tentava negociar a passagem do ônibus pela rua.

Segundo ele, a ideia era remover os usuários para uma praça para limpar o local.

"Se é pra varrer a rua, deixa que a gente varre", disse Thiago, representante dos dependentes químicos na negociação. "Não dá pra confiar neles. Querem tirar a gente daqui e vai saber o que eu vou encontrar do outro lado."

## BARES

Mais cedo, uma equipe da prefeitura lacrou e emparedou três bares na rua Dino Bueno, que, segundo a administração municipal, não tinham licença para funcionar.

De acordo com o prefeito Fernando Haddad (PT), a ação foi recomendada pela PM.

Hotéis também estavam na lista da polícia, mas a prefeitura argumentou que eles seriam aproveitados como alojamento do que fechados.

"Julgamos que o fechamento [dos bares] iria contribuir com o combate às drogas", disse Haddad.

## **Crimes que são associados a pessoas que usam crack**

## **1 - Polícia do Rio busca câmeras de segurança para identificar assassino de jovem**

Fonte: Folha de São Paulo – Online  
Autor: DO RIO Editoria: cotidiano  
Publicada em: 02/12/2013 às 11h22

A Polícia Civil do Rio de Janeiro está procurando imagens de câmeras de segurança de prédios na região da Lapa para identificar o assassino de Conrado Chaves das Paz, 19.

O jovem morreu após ser esfaqueado quando voltava de uma casa noturna próxima aos Arcos da Lapa, no centro. Segundo a polícia, ele foi abordado na madrugada de ontem na avenida República do Chile e depois atingido por um golpe de faca no peito.

Ele será enterrado nesta segunda-feira (2) em um cemitério de Realengo, bairro da zona oeste da cidade.

De acordo com o delegado Clemente Braune, da Divisão de Homicídios, é possível que o crime tenha sido cometido por usuários de crack existentes naquela região.

## **2 - Migração de usuários de crack isola moradores de asilo**

Idosos reclamam de ameaças e roubos feitos por viciados que se instalaram na área após ação da prefeitura

Fonte: Folha de São Paulo – Impresso  
Autor: ARETHA YARAK Editoria: Cotidiano  
Publicada em: 14/02/2014 às 22h00

Cerca de cem idosos que vivem em um asilo público na região da cracolândia, no centro de São Paulo, estão isolados dentro de casa. Há duas semanas, por uma ação da prefeitura, traficantes e consumidores de crack foram retirados do largo Coração de Jesus. Eles então se instalaram bem em frente à porta do asilo Morada Nova Luz, na rua Helvétia.

Segundo idosos e comerciantes do entorno ouvidos pela Folha, é comum os usuários abordarem os idosos que saem durante o dia. "Eles querem cigarro, R\$ 1, coisa miúda. Se os idosos não dão, o pessoal arranca no tapa ou tenta passar rasteira", diz um comerciante da área.

Com as ameaças, muitos preferem na morada. "Eu costumava sair durante o dia. Ia tomar um sol, dar umas voltas e até sentar na praça. Agora, só desço rápido para fumar um cigarro", diz um morador de 66 anos que não quis ter o nome divulgado.

Há uma semana, José Lins de Aragão, 61, foi assaltado a uma quadra do asilo. Segundo ele, dois assaltantes o abordaram com um facão, roubaram documentos, tênis e dinheiro e o deixaram com duas cicatrizes no braço.

"Só escapei porque sei lutar caratê e duas viaturas da polícia apareceram", conta.

Aragão mora há cinco meses na morada e diz ter ao menos três amigos que já sofreram tentativas de assalto nas duas últimas semanas. Segundo ele, uma colega de 66 anos foi agredida recentemente na porta do asilo. "Deram tapa na cara dela para roubar um cigarro", conta.

Os idosos que moram nos quartos com janela virada para a rua têm tido ainda dificuldades para dormir. "De madrugada, a rua fica cheia e eles fazem uma barulheira danada", diz Luis Tau, 75.

De acordo com um funcionário da morada, dos 97 idosos que moram ali, cerca de 20% têm problemas psiquiátricos. "Por não estarem dormindo direito, eles ficam mais agitados e agressivos."

Em reunião do Conseg Santa Cecília (conselho de segurança comunitário), moradores da região relataram que os idosos estão isolados e não conseguem receber visitas.

"Existe ali uma situação de extremo constrangimento a esses idosos", diz Fábio Fortes, presidente do conselho.

## OUTRO LADO

De acordo com Roberto Porto, secretário de Segurança Urbana, a prefeitura já tem conhecimento da situação. "Estamos intensificando as ações para minimizar o problema, inclusive no trabalho em conjunto com a PM para prender traficantes", diz.

Segundo o secretário, um ônibus da Guarda Civil foi estacionado próximo ao asilo, para fazer a vigia da entrada. Na esquina do lado oposto do quarteirão, um carro da Polícia Militar fica parado.

Para tentar reduzir o número de usuários que se reúnem no local durante a madrugada, a prefeitura expandiu as ações de abordagem feitas por agentes de saúde e da assistência social.

Em nota, a Secretaria da Segurança Pública, do Estado, informou que há apenas um registro de roubo contra uma moradora da Nova Luz.

A pasta afirma ainda que irá intensificar o policiamento em frente ao asilo para tentar inibir os crimes.

### **3 - Morre suspeito de roubo que teve infarto depois de ser imobilizado**

Pai de jovem de 16 anos que rendeu homem disse que filho errou, mas que morte foi acidental Corpo do suspeito foi enterrado ontem em São José da Bela Vista; polícia investiga o caso e pode indiciar jovem

Fonte: Folha de São Paulo - Impresso  
Autor: ISABELA PALHARES Editoria: Ribeirão  
Publicada em: 26/02/2014 às 21h00

O carregador de caminhão Lucas César de Oliveira, 22, suspeito de roubar o celular de uma mulher em Franca, morreu no final da noite de anteontem depois de ser rendido por um jovem de 16 anos e sofrer um infarto.

Junio César Martins, 46, pai do jovem que deu o golpe de artes marciais conhecido como "mata leão", disse que o filho errou ao imobilizar o suspeito, mas que a morte dele foi um acidente.

Na segunda-feira, Oliveira foi visto por testemunhas pegando o celular da vítima do crime no bairro São Joaquim. Ele fugia correndo por um campo de futebol quando foi imobilizado pelo jovem.

O delegado João Walter Tostes Garcia, responsável pelo caso, disse que o adolescente poderá ser responsabilizado pela morte de Oliveira se for comprovado que o golpe desencadeou o infarto. Ele pode responder por ato infracional de lesão corporal seguida de morte.

A polícia aguarda laudos do IML (Instituto Médico Legal) para identificar a causa da morte. "Se o exame indicar que houve excessos na imobilização, ele (o adolescente) será responsabilizado pela agressão", disse Garcia.

Garcia também solicitou um exame toxicológico de Oliveira para identificar se ele havia consumido alguma droga antes do incidente. José Henrique Spécie, especialista em direito criminal pela PUC-Campinas (Pontifícia Universidade Católica), disse que a falta de confiança nos órgãos de segurança pública colaboram para que as pessoas sintam necessidade de resolver os problemas de criminalidade sozinhas.

"A pessoa não está preparada para se expor a uma situação de risco", disse.

## DROGA

Segundo a polícia, Oliveira tinha passagem por furto. O pai do suspeito, Ednilson da Silva, 40, disse que o filho era usuário de droga.

"Pedimos o exame para identificar se ele havia usado algum entorpecente no dia e de qual tipo. Dependendo da droga, ela pode ter influenciado no ataque cardíaco", disse o delegado.

Oliveira foi enterrado na tarde de ontem no cemitério de São José da Bela Vista, onde ele morava com a mãe antes de se mudar para Franca, há cerca de um mês.

Mãe do suspeito, Eliana Silva de Oliveira, 39, disse que o filho era usuário de drogas desde os 13 anos, mas que não merecia ter morrido.

Ela afirmou que o filho era dependente de crack e realizava furtos para comprar a droga. Ele, inclusive, roubou a própria casa em diversas ocasiões, disse a mãe.

"Ele roubou cinco celulares meus, vendeu nosso micro-ondas. Ele não era fácil, mas não merecia ser agredido e morrer dessa forma", disse a mãe do suspeito.

Eliana afirmou que ele se mudou para Franca porque queria uma "vida nova".

#### **4 - Homem invade pista do aeroporto de Ribeirão Preto e alega perseguição, diz PF**

Fonte: Folha de São Paulo - Online  
Editoria: Cotidiano  
Publicada em: 07/03/2014 às 14h17

A pista do Aeroporto Leite Lopes, em Ribeirão Preto (313 km de São Paulo), foi invadida no início da tarde desta sexta-feira (7) por um homem que alegava estar sendo perseguido.

De acordo com a Polícia Federal, o homem de 28 anos estava sob efeito de crack e alegou que invadiu a pista porque estava fugindo de pessoas que queriam matá-lo. A invasão ocorreu por volta das 12h.

O invasor foi detido por vigilantes do aeroporto, que acionaram a polícia. O Daesp (Departamento Aeroviário do Estado de São Paulo), que administra o aeroporto, informou que as operações e os voos não foram afetados.

O homem foi preso em flagrante por impedir ou dificultar navegação aérea. A pena prevista para o crime é de dois a cinco anos de prisão.

A polícia informou que o invasor já tinha passagens criminais por furto, roubo, homicídio e receptação. Ele foi encaminhado para o CDP (Centro de Detenção Provisória) de Ribeirão Preto.

De acordo com o Daesp, o aeroporto possui sistema vigilância em toda área aeroportuária que contempla, inclusive, a pista.

Em dezembro de 2012, o aeroporto ficou fechado para pousos e decolagens por mais de uma hora porque crianças invadiram a pista para soltar pipas. Dois voos atrasaram e o aeroporto só foi liberado depois que a Polícia Militar foi acionada.



Na noite de quarta-feira (5), quatro homens armados invadiram o Aeroporto Bartolomeu de Gusmão, em Araraquara (273 km de São Paulo). Eles renderam dois bombeiros e roubaram uma televisão, rádio comunicadores e a aliança de uma das vítimas.

## INVASÃO

Em menos de três semanas, mais que dobrou o número de invasores em uma área localizada a apenas 50 metros do aeroporto Leite Lopes. Quando invadida, a área, no Jardim Jôquei Clube, tinha 150 famílias. Nesta quinta-feira (6), já eram cerca de 400.

No final de outubro do ano passado, a prefeitura retirou 53 famílias de um assentamento no entorno do aeroporto e disse que era sua "última ação" para a internacionalização do Leite Lopes.

Os invasores relatam ter medo da proximidade dos barracos com a pista de pouso, mas dizem não ter alternativa de moradia.

## **Pessoas famosas e uso de crack**

### **1 - Após escândalo, vereadores de Toronto aprovam limitar poderes do prefeito**

Fonte: Folha de São Paulo – Online  
Autor: DA EFE Editoria: mundo  
Publicada em: 15/11/2013 às 15h21

Os vereadores da Prefeitura de Toronto aprovaram nesta sexta-feira limitar os poderes do prefeito da cidade, o polêmico Rob Ford, que admitiu consumir drogas e ter vivido múltiplos episódios de embriaguez.

Por 41 votos a favor e dois contra, o órgão decidiu eliminar sua autoridade em situações de emergência. Em uma segunda votação, aprovada por 39 a 3, o prefeito perdeu o poder para designar e mudar tanto o vice-prefeito como os integrantes de seu comitê executivo.

Segunda-feira, a Câmara de Toronto votará para reduzir o orçamento do escritório do prefeito assim como seu pessoal.

Após as votações de hoje, Ford disse que recorrerá aos tribunais para tentar recuperar os poderes que os vereadores lhe retiraram.

As votações são consequência direta da admissão nos últimos dias, por parte de Ford, que consumiu crack, que comprou narcóticos e que se embêbedou em várias ocasiões desde que se tornou prefeito em 2010.

Apesar de todas as revelações das últimas semanas, Ford não foi acusado pela Polícia de nenhum delito e não existe mecanismo legal para forçá-lo a deixar a Prefeitura de Toronto.

## **2 - Prefeito de Toronto que admitiu uso de crack ganha reality show ao lado de irmão**

Fonte: Folha de São Paulo - Online  
Editoria: televisão  
Publicada em: 18/11/2013 às 14h04

O prefeito de Toronto, Rob Ford, 44, se envolveu em um escândalo este ano após ser flagrado consumindo crack.

Em maio, quando a informação foi publicada pela imprensa, Rob negou, mas ao ser informado que a polícia possuía um vídeo onde ele aparecia consumindo a droga, o prefeito voltou atrás e admitiu o uso da substância.

Para surpresa de muitos, a popularidade do político aumentou na cidade canadense, tanto que ele vai ganhar um programa na emissora Sun News Network.

Rob e seu irmão Doug Ford tinham um programa na rádio local Newstalk 1010, mas ele foi cancelado sem muitas explicações no começo do mês. Com a dupla disponível, o canal convidou os dois para protagonizarem um reality, chamado "Ford Nation" --a "nação Ford" é como ficou conhecida a base aliada do prefeito.

"Por que ele é a única pessoa com problemas que é perseguido?", questiona o repórter David Menzies no site da emissora.

"A única coisa que a 'Ford Nation' me diz é que 'Rob tem seus demônios pessoais que são difíceis de defender, mas diferente dos gangsters de Queens Park (região de drogas de Toronto), ele não enfia a mão nas nossas carteiras", acrescentou Menzies.

A expectativa do canal é que a dupla sem muitas papas na língua chame a atenção no programa, que promete não censurar as declarações dos irmãos.

A estreia está prevista para esta segunda-feira (18).

## **3 - Toronto transforma prefeito que fumou crack em figura decorativa**

Fonte: Folha de São Paulo – Online  
Autor: DA EFE Editoria: mundo  
Publicada em: 18/11/2013 às 21h53

Em uma decisão histórica, o conselho de Toronto, a maior cidade do Canadá, decidiu nesta segunda-feira, por 36 votos a favor e cinco contra, retirar a maioria dos poderes de seu prefeito, Rob Ford, que foi filmado fumando crack.

Embora Ford continue sendo nominalmente o prefeito da cidade, o conselho decidiu hoje limitar seu orçamento e sua equipe a menos da metade, assim como delegar a maioria de seus poderes ao vice-prefeito, Norm Kelly.

Antes da votação, Rob Ford ameaçou os vereadores dizendo que a votação significava "guerra" e um "golpe de Estado".

Após a votação, o irmão do prefeito, Doug Ford, que é vereador, disse que Rob Ford estava "muito triste" e repetiu as ameaças de seu irmão contra os vereadores que votaram em favor da moção.

"Isto é um golpe de Estado que aconteceu pela primeira vez no Canadá. A primeira vez na história do país que os direitos democráticos foram totalmente pisoteados", disse Doug Ford.

## ÚLTIMO CAPÍTULO

A votação é o último capítulo de um drama que se iniciou em maio deste ano quando vários meios de comunicação afirmaram ter assistido um vídeo de Rob Ford no qual aparecia fumando crack.

Ao mesmo tempo, o jornal "The Toronto Star" publicou uma foto de Ford abraçando três indivíduos, todos eles conhecidos por seus vínculos com o crime organizado e um deles falecido em um tiroteio na cidade.

Rob Ford se negou durante dias a responder a perguntas sobre as acusações, mas finalmente realizou uma declaração nas quais afirmou que não fumava crack e que o vídeo não existia.

Mas, no início de novembro, o chefe policial de Toronto, Bill Blair, confirmou que o vídeo estava em sua posse após uma série de batidas entre grupos de traficantes da cidade.

Ford se viu forçado então a admitir que tinha fumado crack, mas negou que fosse um viciado.

Uma investigação policial realizada durante os últimos seis meses recolhe acusações de frequentes bebedeiras, abusos verbais e físicos a seus subordinados e relações com supostos traficantes e prostitutas.

Na semana passada, Ford admitiu também que comprou narcóticos desde que se tornou prefeito de Toronto em 2010 e que dirigiu bêbado, mas acrescentou que todo o mundo comete "erros".

## RENÚNCIA

O prefeito se negou a renunciar ou inclusive a deixar temporariamente o posto para receber tratamento. Ele e sua família negaram que seja um viciado ou tenha problemas com álcool.

Hoje, durante uma acalorada e caótica reunião do consistório municipal, Rob Ford voltou a mostrar um comportamento errático e belicoso.

Ford, que há anos foi detido na Flórida por dirigir bêbado, ironizou um dos vereadores gesticulando com os braços como se estivesse conduzindo um automóvel embriagado.

O prefeito, que pesa mais de 160 quilos e diz que seu único problema é sua obesidade, ainda "atropelou" um vereador quando tentava ajudar seu irmão, que enfrentava as ofensas do público.

Este enfrentamento se iniciou quando Doug Ford chamou o público de "porcos", enquanto o prefeito ordenava que seu motorista filmasse o público para comprovar se eram funcionários municipais.

Rob Ford é filho de um poderoso político conservador de Toronto e conta com o apoio do primeiro-ministro do Canadá, Stephen Harper.

#### **4 - Tragicomédia em Toronto**

"Não tenho nada a esconder", garante um prefeito acuado

Fonte: Folha de São Paulo - Impresso  
Editoria: New York Times  
Publicada em: 18/11/2013 às 22h00

Toronto

A megacidade multicultural de Toronto está crescendo tão rapidamente que sua administração mal consegue acompanhá-la. A tragicomédia da sua liderança ao longo dos anos tipifica suas dores do crescimento.

Mel Lastman, primeiro prefeito da Grande Toronto, manifestou publicamente essa preocupação antes de viajar ao Quênia para acompanhar a frustrada candidatura local a sede da Olimpíada de 2008: "Eu me vejo simplesmente num caldeirão de água fervente com todos esses nativos dançando ao meu redor".

Giorgio Mammoliti, outro ocupante da prefeitura, certa vez propôs que os militares fossem mobilizados para impor um toque de recolher a adolescentes e que a ilha de Toronto, localizada no lago Ontário, em frente ao centro da cidade, fosse transformada em zona de prostituição.

E agora Toronto tem o prefeito Rob Ford -um sujeito grosseiro, beberrão, homofóbico, fumador de crack e metido a valentão, sempre propenso a regurgitar comentários

racistas ("Esses orientais trabalham feito cães, eles dormem ao lado das suas máquinas", disse certa vez).

No entanto, a despeito do que o prefeito diga ou faça, seus adversários continuam frustrados, e os apoiadores da "Nação Ford" não se abatem: depois de o prefeito ter recentemente admitido que fumou crack, sua popularidade aumentou quatro pontos percentuais.

O que todo habitante de Toronto sabe é que há mais notícias pela frente. Um vídeo amplamente divulgado em que Ford aparece xingando e ameaçando alguém de morte indica que ainda poderá haver outras revelações sinistras. Para a maioria da população, não resta nada a fazer além de baixar a cabeça e aguentar firme enquanto o prefeito se aferra ao cargo e insiste contra todas as expectativas racionais: "Não tenho nada a esconder".

Ford e o desafiador grupo de canadenses que ele representa não existem num vácuo. Eles são parte de um fenômeno, velho de uma década, pelo qual canadenses de direita, tendo seus ressentimentos por tanto tempo ignorados, rejeitam as ideias liberais sobre o sentido de comunidade, em nome de um benefício próprio desenfreado. Empregos, menos impostos e economia são o mantra desse eixo conservador presente nos governos municipais, provinciais e federal.

A conduta moral é irrelevante para a plataforma que Ford representa. Em 2010, ele ganhou com facilidade a eleição em Toronto ao prometer acabar com a "mamata" na prefeitura e "respeitar o contribuinte". O linguajar é revelador. Conservadores como Ford falam em "contribuintes", não em cidadãos, grupo que exclui qualquer um que não tenha condição de pagar impostos ou que usufrua dos seus benefícios.

Os subúrbios e as cidades-dormitórios formam a base eleitoral de Ford. Esses não são apenas lugares onde os conservadores brancos tradicionais residem, mas são também a primeira parada de neocanadenses fartos dos paradigmas liberais que apresentam os imigrantes como recém-chegados que deveriam estar gratos por serem resgatados no Canadá, a Terra da Segunda Chance. Esses novos suburbanos não querem ser associados aos menos afortunados, nem que seus impostos os ajudem simplesmente porque a cor da sua pele é igual. Como o resto da Nação Ford, eles querem escolher aquilo pelo que pagam, e nada mais.

Esse materialismo está agora entrincheirado em um país desproporcionalmente afortunado. No resto do mundo, as campanhas políticas são travadas em torno de questões como guerras e vazamentos de segurança. Mas uma das mais recentes iniciativas do primeiro-ministro Stephen Harper foi uma promessa a assinantes de TV a cabo de que eles poderão escolher canais individuais, em vez de precisar comprá-los em pacotes.

Ford e Harper, frequentemente fotografados juntos, falam a mesma língua, embora o primeiro-ministro lide com mais galhardia com seus próprios escândalos. No

entanto, o prefeito de Toronto agrada à sua base eleitoral justamente por parecer um homem comum, com falhas que parecem familiares e até sedutoras. Ele é o técnico obeso de um time colegial de futebol americano, incapaz de entrar em campo e jogar, mas que, quando um importante programa jornalístico liga, ele bate o telefone, porque os meninos estão jogando e ele tem um trabalho a fazer. Ele é o beberrão que urina em um parque público (como certamente todos os homens já fizeram), mas que é perseguido por jornalistas até na sua propriedade.

Suas negativas e evasivas são do tipo "pego no flagra": "Eu não fumei crack, sério, não fumei. Ok, ok, sim, fumei, me perdoem. Foi só uma vez". Ford é um desastre ambulante e suarento, e o constrangimento da cidade é compensado só ligeiramente por vê-lo sendo ridicularizado nos programas de fim de noite da TV americana ou por visitantes fazendo piadas que os canadenses são educados demais para fazer.

Esse arraigado senso de decoro, totalmente ausente no prefeito, aflige seus críticos. Porque até os mais indignados dos seus adversários, em alguma parte desse enredado ser canadense, lamentam pelo prefeito e estão dispostos a relevar. Logo eles vão se arrepender, e aí baixarão a cabeça e aguentarão firmes.

Noah Richler é escritor, e seu livro mais recente é "What We Talk About When We Talk About War". Envie comentários para [intelligence@nytimes](mailto:intelligence@nytimes)

## **5 - Prefeito de Toronto derruba vereadora no plenário; veja**

Fonte: Folha de São Paulo – Online  
Autor: DA BBC BRASIL Editoria: bbc  
Publicada em: 19/11/2013 às 09h52

Em uma sessão tumultuada na Câmara dos vereadores de Toronto na segunda-feira, o prefeito da cidade, Rob Ford, acabou "atropelando" uma vereadora no plenário.

A política Pam McConnell só não foi totalmente ao chão porque o prefeito conseguiu segurá-la.

Na sessão, os vereadores caçaram diversos poderes do prefeito, que está envolvido em um escândalo desde que admitiu ter comprado e consumido drogas ilegais, como crack.

Ele se recusa a deixar o cargo, à frente da maior cidade do Canadá. Ele considerou a decisão dos vereadores "um golpe de Estado" e prometeu travar uma guerra nas urnas contra os vereadores que fazem oposição a ele.

## **6 - O inventor do taco coreano**

Ex-valentão, Roy Choi é o chef do momento

Fonte: Folha de São Paulo - Impresso

Autor: FERNANDA EZABELLA  
Editoria: Ilustrissima  
Publicada em: 30/11/2013 às 22h00

No caldeirão cultural de Los Angeles, o chef do momento é Roy Choi. Transformado em rei das ruas com um premiado "food truck" [restaurante móvel] em 2008, ele agora pilota restaurantes "fixos" na cidade e lança uma autobiografia, "L.A. Son" (Ed. Ecco, US\$ 30, cerca de R\$ 69), na qual descreve sua montanha-russa pessoal desde que aqui chegou, aos dois anos, vindo da Coreia do Sul.

O livro é o primeiro do selo de Anthony Bourdain, o chef rebelde que virou apresentador de TV e autor de sucesso. Choi também tem ou teve sua dose de rebeldia e escreve sobre como se envolveu com crack, viciou-se em jogatina e integrou uma gangue na adolescência.

Ao final, era sempre salvo pela família e por banquetes de bibimbap e dumplings. Na última intervenção, a mãe o mandou para uma escola de culinária e, desde então, Choi aposentou-se dos becos.

A grande sacada veio aos 38 anos. Com ajuda de um amigo, inventou o "taco coreano" (tortillas com churrasco e temperos coreanos) e outras misturas (kimchi quesadilla e burrito de tofu) para vender na sua lanchonete-caminhão Kogi, hoje uma cadeia de quatro veículos.

"O taco é puro L.A. num prato", diz Choi, hoje aos 43. "É Koreatown com Melrose com Alvarado com Venice com Crenshaw, todos misturados e embrulhados como um presente."

O taco coreano se espalhou pelo país e fez a fama de Choi, o primeiro operador de "food truck" a figurar entre os "melhores novos chefs" da revista "Food and Wine", em 2010.

Foi nesse ano que ele começou a se assentar. Abriu o restaurante Chego, especializado em tigelas de arroz com diferentes acompanhamentos, e depois as casas Alibi Room, Sunny Spot e A-Frame.

Aos brasileiros com pouco tempo na cidade, ele recomenda o prato "crackling beer can chicken", do A-Frame, em Culver City. "É minha versão do frango frito num ambiente cheio de amor e com hospitalidade e humor genuinamente L.A", propagandeia.

## PORTAS ABERTAS

Neste mês, Jim Morrison (1943-71) completaria 70 anos. Para comemorar o aniversário do vocalista do The Doors, o museu Lacma fará no dia 5 (às 19h30) uma

exibição especial do documentário "Mr. Mojo Risin': The Story of L.A. Woman" (2012), sobre os bastidores da criação do sexto disco da banda.

O guitarrista Robby Krieger e o baterista John Densmore, os sobreviventes do grupo, estarão lá, numa rara aparição juntos, para discutir o legado da banda.

Krieger e Densmore, que trocaram farpas e processos durante anos após o fim do The Doors, voltaram a se falar neste ano, depois da morte do tecladista Ray Manzarek, em maio. Em entrevistas, os dois anunciaram um show tributo ao colega, em 2014.

## MULHERES DE AVEDON

Marilyn Monroe, Twiggy e Gisele Bündchen são algumas das muitas belezas capturadas pelas câmeras de Richard Avedon (1923-2004) e reunidas na Gagosian Gallery, em Beverly Hills, até o dia 21.

São mais de cem retratos selecionados de quase seis décadas de carreira de um dos fotógrafos americanos mais influentes do século

20. Bündchen aparece num registro de 2000, enquanto Monroe surge numa série de 1957.

Diversos clássicos da fotografia estão pendurados na galeria, a exemplo da imagem da atriz Nastassja Kinski deitada com uma cobra

(1981) e a da modelo Dovima (1927-90) com um elegante vestido branco Dior, à frente de três elefantes, num circo, em 1955.

Além de fotos marcantes do universo da moda, a mostra reúne exemplos de fotorreportagens, como os registros de um baile de debutantes afro-americanas em Nova Orleans, nos anos 60.

## DINOSSAUROS E VACAS

Cocô de vaca e Charles Chaplin (1889-1977) estamparam pôsteres para divulgar a nova exposição permanente do Museu de História

Natural do Condado de Los Angeles, chamada "Becoming L.A." (virando L.A.).

São 250 objetos selecionados para contar a história da cidade. Há, por exemplo, um figurino de Carlitos, doado por Chaplin ao museu, que explica como a indústria do cinema veio parar na Costa Oeste para aproveitar cenários ensolarados e terrenos baratos.

E há também uma vaca empalhada, como exemplo do gado que ajudou a fertilizar os pastos dourados da região. A mostra é parte da reforma de US\$ 135 milhões (R\$



310 milhões) feita por ocasião do centenário do museu e que trouxe alegria para os três *Tyrannosaurus rex* da ala dos dinossauros.

## **7 - Prefeito de Toronto volta a se desculpar por ter insultado jornalista**

Fonte: Folha de São Paulo - Online  
Autor: DA EFE  
Editoria: mundo  
Publicada em: 17/12/2013 às 18h07

O polêmico prefeito de Toronto, Rob Ford, se viu forçado a pedir desculpas publicamente nesta quarta-feira após insinuar em várias entrevistas que um jornalista do principal jornal da cidade era pedófilo.

Ford se retratou de várias afirmações que fez recentemente para reforçar a ideia de que o jornalista Daniel Dale, do "Toronto Star", era um pedófilo que tentou fotografar seus filhos.

A desculpa veio um dia depois de expirar o prazo que Dale tinha dado a Ford para retirar os comentários, que podem desembocar em uma processo contra o prefeito de Toronto.

Ford disse hoje durante uma reunião do conselho municipal de Toronto que "não queria sugerir que (o jornalista) é um pedófilo". "Eu gostaria me desculpar de novo com Dale se minhas palavras causaram dano ou ofensa", acrescentou Ford.

Durante uma entrevista na televisão Ford disse: "Daniel Dale está em meu pátio traseiro tirando fotos. Tenho crianças pequenas. Está fazendo fotos das minhas crianças. Não quero dizer a palavra, mas começo a pensar que é o que quer".

Dale decidiu apresentar uma ação contra Ford quando o prefeito voltou a repetir a sugestão de pedofilia durante outra entrevista em uma rádio americana.

O incidente ao que Ford se referia aconteceu em maio de 2012 quando Dale investigava o pedido do prefeito de Toronto de comprar parte de um parque público que ficava ao lado de sua própria casa.

Quando Ford viu Dale saiu de casa e perseguiu o jornalista, que perdeu seu telefone celular no incidente.

A polícia checkou o celular de Dale e as imagens das câmaras de segurança da casa da Ford e concluiu que o jornalista não tomou nenhuma fotografia do casa do prefeito ou de seus filhos, e que nunca ultrapassou os limites da propriedade.

O "Toronto Star" se destacou por publicar informações sobre o polêmico prefeito. Revelou em maio passado a existência de um vídeo no qual Ford aparece fumando " crack".

Ford negou durante meses que usasse drogas ou a existência do vídeo. Mas em novembro, a polícia de Toronto revelou que tinha em seu poder imagens do prefeito usando drogas em um vídeo confiscado durante batidas a traficantes de Toronto.

A polícia também revelou que subordinados e amigos da Ford tentaram em maio comprar o vídeo de narcotraficantes, supostamente por ordens de Ford.

Finalmente, Ford admitiu que tinha fumado " crack" uma vez e se desculpou pelas mentiras. Ele também admitiu já ter dirigido alcoolizado.

"Toronto Star" também publicou uma foto do prefeito de Toronto com três conhecidos delinquentes. Um deles morreu em um tiroteio pouco depois da hora em que a foto foi tirada.

Um subordinado e amigo de Ford que tentou comprar o polêmico vídeo disse à polícia que sua morte estava relacionada com essa gravação.

## **8 - Prefeito de Toronto volta a se candidatar após admitir uso de crack**

Fonte: Folha de São Paulo - Online  
Autor: DA ASSOCIATED PRESS  
Editoria: mundo  
Publicada em: 02/01/2014 às 15h50

O prefeito de Toronto, Rob Ford, apresentou sua candidatura a um novo mandato, desafiando quem pressionou por sua renúncia depois que ele admitiu ter fumado crack "num estupor de embriaguez".

Ford foi o primeiro candidato a se apresentar quando foram abertos os registros, nesta quinta-feira, de candidaturas para a eleição municipal, que ocorre em 27 de outubro.

Segundo o jornal "Toronto Start", ele disse ser "o melhor prefeito que esta cidade já teve".

"Se quiser levar para o lado pessoal, tudo bem", disse Ford a repórteres, segundo o jornal. "Eu defendo o que realizei, e falar é fácil. Vocês vão ver ações que nunca viram antes."

No Twitter, ele foi mais contido. Postou uma foto sua assinando o pedido de candidatura e escreveu: "Acabo de preencher os documentos para a eleição de 2014. Vote em 27 de outubro."

Após as revelações sobre seu uso de crack, o prefeito ficou internacionalmente conhecido. A investigação do uso de crack continua.

O escândalo e o seu comportamento excêntrico, que causou embaraços a muitos canadenses, fizeram com que ele sofresse uma intensa pressão para renunciar.

A Câmara Municipal de Toronto já tirou a maior parte dos poderes de Ford, mas ele continua a receber apoio de alguns dos subúrbios mais conservadores da cidade. Seu primeiro mandato como prefeito foi obtido ao prometer "deter o trem da alegria" dos gastos públicos.

## **9 - Um prefeito do barulho (o retorno)**

Depois de escândalos envolvendo álcool, crack e assédio, Rob Ford se inscreve para disputar reeleição como prefeito de Toronto

Fonte: Folha de São Paulo – Impresso  
Autor: ROGÉRIO ORTEGA Editoria: Mundo  
Publicada em: 02/01/2014 às 22h00

Era uma vez o Canadá, um país tão desenvolvido (11º lugar no Índice de Desenvolvimento Humano da ONU) e tão plácido que quase nunca era mencionado no noticiário internacional --até que apareceu um prefeito do barulho aprontando altas confusões.

Essa introdução à moda da "Sessão da Tarde" resume o impacto provocado por Rob Ford, 44 anos e estimados 118 quilos, em

Toronto, maior cidade canadense (2,8 milhões de habitantes) e líder em rankings de qualidade de vida.

Os escândalos que chamaram a atenção para Ford fora do Canadá envolvem crack, aparições bêbadas em vídeo, acusações de assédio e declarações desconcertantes.

Apesar de tudo isso, ele se tornou ontem o primeiro candidato inscrito para a eleição municipal de outubro. Prometeu "Ford more years" (trocadilho com "four more years", mais quatro anos) e disse ser o melhor prefeito da história de Toronto.

A chance de reeleição é concreta. A popularidade dele se mantém --o que não impediu a Câmara de Toronto de cortar 60% de suas verbas de gabinete e autorizar assessores a se reportar ao vice, o discreto Norm Kelly.

**\*ESTUPOR ALCOÓLICO\***

Filho de um empresário e político, Ford começou a trabalhar no negócio da família (fábrica de etiquetas Deco, vendas anuais de US\$

100 milhões) depois de deixar a faculdade de ciência política.

Em 2000, ele se casou com a namorada do ensino médio, Renata, com quem tem hoje um casal de filhos. Vereador em Toronto por dez anos, assumiu a prefeitura em 2010.

Sua gestão foi polêmica desde o início: logo no primeiro ano, gastou US\$ 400 mil para remover ciclovias cuja instalação custara US\$

59 mil e se recusou a comparecer à Parada Gay de Toronto, ações que o indispueram com setores mais à esquerda.

Seus problemas com álcool e drogas, porém, só começaram a ficar evidentes em maio de 2013, quando imagens que o mostravam fumando crack vieram à tona. O vídeo fazia parte da investigação policial sobre um amigo de Ford acusado de tráfico e extorsão.

Em novembro, após meses dizendo que as alegações eram "ridículas", Ford viu-se obrigado pela polícia --que informara ter cópia do vídeo-- a reconhecer que consumira a droga. E admitiu que poderia também estar bêbado: "Fumei crack, OK? Sou viciado? Não. Experimentei? Talvez, numa das minhas situações de estupor alcoólico".

Logo apareceram outro vídeo --cheio de palavrões, em que Ford ameaça matar uma pessoa não identificada--, outra confissão de culpa do prefeito ("eu estava extremamente embriagado") e outro pedido de desculpas aos eleitores.

Em seguida, descobriu-se que ex-assessores seus o acusaram de "comportamento impróprio" numa festa em 2012, incluindo cocaína, prostitutas, alusões racistas a um motorista de táxi, insultos sexistas a assessoras e a alegação de que teria feito sexo com uma delas, Olivia Gondek.

A resposta do prefeito chocou ainda mais a família canadense: "[A acusação] diz que eu queria comer a xoxota dela'. Eu jamais diria uma coisa dessas. Sou casado e feliz e tenho mais que o suficiente para comer em casa".

Na sequência --adivinha--, Ford pediu desculpas pela "linguagem inaceitável" (vídeo com os "greatest hits" do prefeito, editado pelo jornal "The Guardian", termina com cinco pedidos de perdão).

Para coroar um mês difícil, o prefeito tornou literal seu estilo "trator": na sessão da Câmara que votou a redução de seus poderes, ele investiu contra manifestantes nas galerias e, no caminho, atropelou a vereadora Pam McConnell (é verdade que a ajudou a se levantar em seguida).

Depois da admissão do uso de crack, em vez de cair, a aprovação do prefeito subiu 5%. No fim de 2013, embora a maioria dos eleitores da cidade pedisse sua renúncia, 40% elogiavam sua gestão.

Para a jornalista americana Hadley Freeman, Ford representa a "parte insatisfeita" de Toronto, avessa aos liberais de classe média- alta. Esse segmento vê o prefeito como trabalhador, apesar da riqueza dos Ford, e homem de família, apesar das acusações de traição e sexismo.

O investimento na imagem de "cara comum", por oposição à elite, é o que explica sua popularidade, analisa Freeman, que lembra a ex- governadora do Alasca e resume: "Rob Ford é Sarah Palin com um cachimbo de crack".

## **10 - Prefeito de Toronto que fumou crack defende Bieber após nova acusação**

Fonte: Folha de São Paulo - Online  
Autor: CAMERON FRENCH DA REUTERS  
Editoria: Ilustrada  
Publicada em: 31/01/2014 às 07h37

Justin Bieber se envolveu em casos de polícia no Canadá e nos Estados Unidos em apenas uma semana, mas o cantor pop adolescente tem pelo menos um defensor que sabe algo sobre experiências negativas: o colega canadense e prefeito de Toronto, Rob Ford.

Ford, que admitiu em novembro ter fumado crack durante uma "bebedeira", defendeu Bieber nesta quinta (30) durante uma entrevista a um programa de rádio de Washington D.C. chamado "Sports Junkies".

"Bem, vocês sabem, ele é um cara jovem", disse Ford, um ávido fã de futebol que é frequentemente convidado para participar do programa de esportes.

"Aos 19 anos, eu gostaria de ser tão bem sucedido quanto ele. Ele tem apenas 19 anos, pessoal. Olhem para trás e lembrem quando vocês tinham 19 anos."

Ford fez o comentário depois que um dos apresentadores chamou Bieber de a "pior exportação do Canadá".

Questionado se ele era fã da música de Bieber, Ford disse que seus gostos se inclinavam mais para bandas de rock clássico, como Led

Zeppelin, Rolling Stones e os Eagles. "Eu tenho 45 anos, por isso há uma grande diferença aqui", disse ele.

Bieber foi acusado na quarta (29) de agredir um motorista de limusine em Toronto, em dezembro de 2013. O advogado canadense do cantor disse em comunicado que Bieber é inocente.

Na semana passada, o cantor canadense foi acusado de dirigir alcoolizado em Miami, depois de ser pego pela polícia em um racha com uma Lamborghini alugada.

A Polícia de Miami Beach afirmou que Bieber assumiu ter tomado remédio controlado, fumado maconha e consumido álcool. O cantor se declarou inocente destas acusações.

O prefeito Rob Ford —que concorre à reeleição como prefeito da maior cidade do Canadá— chegou aos noticiários internacionais em polêmicas envolvendo drogas, aparições bêbadas em vídeo, acusações de assédio e declarações desconcertantes.

Em maio de 2013, foram divulgadas imagens que o mostravam fumando crack, o que foi admitido alguns meses depois com uma declaração controversa.

"Fumei crack, OK? Sou viciado? Não. Experimentei? Talvez, numa das minhas situações de estupor alcoólico", disse o prefeito em novembro. Após o escândalo, sua aprovação subiu 5% —embora a maioria dos eleitores da cidade pedisse sua renúncia.

## **Editoriais/Opinião do leitor/resumo de notícias**

### **1 - Opinião - 'Bad Boys'**

Fonte: Folha de São Paulo - Online

Editoria: fsp

Publicada em: 20/11/2013 às 22h00

Rob Ford, o prefeito de Toronto (Canadá), perdeu seus poderes depois de ter sido filmado fumando crack e fortemente embriagado. Em uma sessão do Legislativo municipal de Toronto, ele atravessou o plenário zangadamente para confrontar as pessoas que o apupavam e terminou derrubando uma velhinha franzina.

O prefeito é um homem muito robusto. Foi eleito ao prometer reduzir os gastos públicos e manter os impostos baixos. Seu índice de aprovação caiu, mas ele diz que não renunciará. Mantém o apoio fervoroso de seus eleitores conservadores de classe operária, nos subúrbios da cidade.

Toronto, no passado, tinha o apelido de "a boa Toronto". O nome nunca teve substância. Herdei uma carta escrita em 1904 por um tio-avô que emigrou para o Canadá. Quando cheguei aos EUA, escrevi para o endereço que constava dela. Surpreendentemente, recebi uma resposta. Por isso, aproveitei a carona de um amigo canadense e fui a Toronto.

Meus parentes viviam em uma casa vitoriana nas cercanias da cidade, cercada por centenas de residências modestas. Estavam jogando pôquer e não demonstraram qualquer interesse por mim, até que o filho do meu tio-avô, assistente de padeiro, chegou para me apanhar. Ele me levou ao apartamento que dividia com outro jovem, à beira do lago. Os dois andavam nus pelo apartamento. Tinham a companhia de

três cantoras negras de Detroit. Mais tarde, eu gostava de imaginar que elas se tornaram as Supremes.

Nesta semana, o presidente do conselho do Co-op Bank, reverendo Paul Flowers, um ministro metodista, apareceu em um vídeo comprando cocaína e cristais de metanfetamina. O reverendo Flowers renunciou ao seu posto no conselho local depois que conteúdo "inapropriado" foi descoberto em seu computador. Os jornais sensacionalistas londrinos se divertiram ao revelar que ele costumava contratar garotos de programa regularmente para sessões de sexo e drogas em hotéis de Manchester.

O reverendo Flowers, como o prefeito Ford, é um homem muito robusto. Não tem experiência bancária. O Co-op Bank fez contribuições financeiras significativas ao Partido Trabalhista. O mais conhecido membro do movimento cooperativo no Parlamento é Ed Balls, ministro de Finanças no governo paralelo dos trabalhistas, que recebeu uma doação de 50 mil libras para sua campanha. O reverendo Flowers era membro do conselho de consultoria empresarial que assessora Ed Miliband, o líder do Partido Trabalhista. O banco agora está sendo resgatado por fundos de hedge norte-americanos. Seus muitos pequenos acionistas enfrentarão pesados prejuízos.

Não é só o Brasil que tem "bad boys".

## **2- Thiago M. Fidalgo: Três pilares que salvarão a cracolândia**

Fonte: Folha de São Paulo - Online

Editoria: opiniao

Publicada em: 29/11/2013 às 01h30

Não é de hoje que várias ações vêm sendo tomadas para tentar mudar a situação da região da cracolândia. Tais medidas, no entanto, embora realizadas continuamente, não se dão de forma articulada, ou seja, a ação atual não se coordena com a anterior e não se coordenará com a próxima. É nítida a falta de um planejamento coeso, que deixe de ter a segurança como foco central. O cenário retratado esta semana, em que o "casarão do crack" em São Paulo foi retomado pelos dependentes, é resultado desta ineficiência, já que nada do proposto está funcionando. Em janeiro de 2012, quando tiveram início as ações de dispersão dos usuários e dependentes da cracolândia pela Polícia Militar, diversas vezes se levantaram dizendo que se tratava de uma medida paliativa, cuja eficácia seria temporária, uma vez que não focava no cerne do problema. Hoje, quase dois anos depois, infelizmente essa previsão se confirma.

Nos primeiros meses deste ano, quando o foco passou a ser no tratamento dos dependentes, teve início um programa centrado na internação. É sim uma medida importante, muitas vezes necessária, mas que se destina a situações extremas,

pontuais e que significa apenas o início de um tratamento longo, que deve primar pela reinserção do paciente na sociedade. A internação não pode ser a política de saúde privilegiada no manejo dos dependentes. O centro do cuidado deve acontecer nos Centros de Atenção Psicossocial - Álcool e Drogas (CAPS-AD), focados no atendimento de pacientes com problemas com álcool e drogas. É neste espaço que o tratamento multidisciplinar acontece e que a reinserção do paciente pode ser desenvolvida. É lá que o sujeito vai recuperar sua autonomia e se apoderar novamente de sua vida, retomando a liberdade para assumir suas próprias decisões.

A pesquisa da Fiocruz divulgada na última semana, no entanto, trouxe um dado revelador: 80% dos pacientes dependentes de crack desejam tratamento, mas somente 20% conseguem acessar o sistema de saúde. Isto só comprova a extrema importância do investimento em ações que façam a ponte entre a rua e a unidade de saúde. Os técnicos dos consultórios de rua, os agentes comunitários de saúde bem treinados, os redutores de danos que conhecem a fundo as cenas de uso, são eles os profissionais mais capacitados para essa ligação, que podemos chamar de primeiro pilar.

Não devemos esquecer, também, que a crackolândia, em vez de ser uma experiência de "legalização da droga" é na verdade uma experiência de abandono completo do Estado. As pessoas que ali estão precisam, além de todo o atendimento de saúde, de cuidados básicos como segurança alimentar, moradia, ou simplesmente alguém que os auxilie a tirar novamente seus documentos, que foram perdidos em meio à desorganização da dependência. O auxílio na busca por um emprego é outra etapa nesse processo de retomada da dignidade, que casa perfeitamente com as diretrizes de atuação do CAPS-AD. Um trabalho de assistência social forte é o segundo pilar fundamental para garantir uma solução permanente para o problema da crackolândia.

Por fim, é inegável que ações de segurança pública são importantes para coibir o tráfico e, conseqüentemente, a violência que sempre caminha junto com ele. Esse terceiro pilar, não pode, no entanto, ser o único e nem o mais importante. Caso contrário, continuaremos a viver a situação paradoxal atual, em que inúmeras medidas são tomadas, mas o problema se mostra longe do fim.

#### \*PARTICIPAÇÃO

Para colaborar, basta enviar e-mail para [debates@uol.com.br](mailto:debates@uol.com.br).

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

### **3 - Drogas pesadas no Brasil: inépcia e ideologia**



É preciso evidenciar a natureza terrível da dependência química e estigmatizar o consumo de crack, não o consumidor

Fonte: Folha de São Paulo - Impresso

Editoria: Opinião

Publicada em: 14/12/2013 às 22h00

O debate sobre o consumo de cocaína no Brasil pode e deve ser uma pauta em 2014. O que se deve rejeitar é a inércia e a multiplicação da pirrotécnia na área. O que tem de ser feito não é mistério: combater o tráfico, promover campanhas educacionais e tratar os dependentes químicos. Nada disso vem sendo executado a contento.

Para os céticos sobre a gravidade do problema, conviria mencionar um estudo da União Europeia noticiado pela Folha, segundo o qual o Brasil é considerado hoje o epicentro do narcotráfico mundial.

Passou a ser "um refúgio para chefões do tráfico da América Latina, ponte principal para distribuição da droga produzida no continente para a Europa, provedor de produtos químicos para a produção de algumas delas e também agora um importante mercado consumidor. O país virou a base das novas rotas do tráfico mundial, que passa pela África para seguir à Europa e à Ásia".

Estima-se que 2,5 milhões consomem a droga --o segundo mercado do mundo. Essas são as vítimas diretas. As indiretas são 7,5 milhões, incluindo familiares. Mencione-se a população, que paga o preço da violência urbana no cotidiano.

O crack, derivado da cocaína, ampliou a difusão da droga no mundo. Mas há uma particularidade no caso brasileiro: uma pedra de crack custa uma pechincha: R\$ 2. Dezenas de vezes menos do que nos Estados Unidos ou na Inglaterra. Isso porque desenvolveu-se no Brasil nos últimos 12 anos uma eficiente rede de pequenos traficantes.

Além do mais, somos vizinhos de três grandes produtores da matéria-prima: Colômbia, Peru e Bolívia. São 8.000 quilômetros de fronteiras, as mais escancaradas do mundo. Mas a Polícia Federal não tem efetivo nem equipamentos para fazer seu trabalho. Nem o governo dá prioridade ao assunto. A Bolívia é de longe o principal fornecedor. Por que não usar a ajuda econômica que o Brasil dá a esse país para induzi-lo a encolher a produção e o contrabando? Sobra propaganda, como a do avião-morcego sem tripulantes, que sumiu sem ter aparecido, para filmar o tráfico nas fronteiras...

Em parte, a inépcia explica a inação. Mas a falta de vontade tem um papel relevante. Basta lembrar que a Secretaria Nacional Antidrogas nega que haja uma epidemia de crack no Brasil e que o PT resiste à internação de dependentes químicos para desintoxicação, recusando dinheiro do SUS para essa atividade. Além disso, a

política externa é leniente com os aliados do governo boliviano e das Farc colombianas, hoje grandes agentes do narcotráfico.

A luta contra a droga exige, além da assistência às vítimas, cortar a oferta e a demanda. A omissão nesse último caso tem sido surpreendente. Faltam campanhas educacionais intensas e abrangentes, a exemplo do que foi feito com o cigarro, que, diga-se, é menos letal.

A experiência das medidas e campanhas antitabagistas no Brasil, iniciadas no governo FHC e consagradas internacionalmente, derrubaram à metade a proporção de fumantes do país, mas não serviu de inspiração aos governos petistas.

É preciso evidenciar, especialmente aos jovens e suas famílias, a natureza terrível da dependência química. Mais claramente: é preciso estigmatizar não o consumidor, mas o consumo do crack. De forma inteligente, intensa, prolongada, convicta e não envergonhada.

JOSÉ SERRA, 71, doutor em economia, foi ministro do Planejamento e da Saúde (governo FHC), prefeito de São Paulo (2005-2006) e governador de São Paulo (2007-2010)

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.  
[debates@uol.com.br](mailto:debates@uol.com.br)

#### **4 - Opinião -**

Fonte: Folha de São Paulo - Online  
Editoria: fsp  
Publicada em: 17/12/2013 às 22h00

Propaganda de governo

Estão errados o título "Alckmin dobra gasto mensal com propaganda em 2014" ("Poder", 15/12) e a manchete "Eleição faz Alckmin dobrar gasto mensal com propaganda" ("Primeira Página"). O gasto previsto com publicidade do governo de São Paulo vai diminuir ou se manter igual em 2014. O governo poderá fazer publicidade durante oito meses (nove, se não houver segundo turno). Mas a reportagem dividiu o valor por seis, inflando o cálculo. Outro erro grave: para o ano que vem, a reportagem tomou como base a proposta orçamentária em discussão no Legislativo. Ao invés de compará-la ao orçamento atualizado de 2013, cotejou-a com o gasto até 12 de dezembro, quando campanhas publicitárias ainda não tinham sido liquidadas.

A dotação orçamentária atualizada de 2013 é de R\$ 281 milhões. Já a proposta prevê R\$ 188 milhões para 2014. Diluída em gasto mensal, será de R\$ 23,5 milhões (oito meses) ou de R\$ 20,8 milhões (nove meses).

FELIPE NEVES, coordenador de atendimento à imprensa do governo do Estado de SP (São Paulo, SP)

RESPOSTA DOS JORNALISTAS MARINA DIAS E PAULO GAMA - A comparação feita pela reportagem é correta e o critério adotado foi descrito de forma transparente. O governo planeja concentrar no primeiro semestre de 2014 seus investimentos em propaganda e a comparação feita pela reportagem mostra o impacto que essa escolha pode ter num ano de eleição.

Portuguesa

Desde criança, aprendi a amar a Associação Portuguesa de Desportos. A Lusa fez e faz parte dos meus 43 anos de vida, companhia de quase todos os dias. Já tive muitas alegrias, mas também muitos reveses com a Lusa, que revelou muitos craques durante sua linda história desde 1920.

Mas o futebol acabou para mim ontem. Fica minha indignação silenciosa e um choro contido pela incompetência da diretoria do clube e pela manipulação de um regulamento injusto.

Ser rebaixada dessa maneira foi o maior golpe que a Associação Portuguesa de Desportos já sofreu. DAVID DE PINHO FILHO (São Paulo, SP)

-

A Portuguesa mereceu ser rebaixada para a segunda divisão por sua irresponsabilidade. Cabe ao clube saber quem pode ou não ser escalado. Ignorar responsabilidades mostra descaso com o trabalho. Somente com punições severas é que as pessoas e instituições se preocuparão com as responsabilidades que lhes são atribuídas.

TIAGO DAVI CURI BUSARELLO (Campinas, SP)

-

A partir de hoje os clubes podem parar de investir em jogadores e treinadores. Devem contratar os melhores advogados, pois as jogadas destes são mais decisivas do que as geradas em campo.

MAURO ZENHITI AZANA (São Paulo, SP) Belo Monte

A ótima série de reportagens da Folha sobre a usina hidrelétrica suscita alguns questionamentos. Não seria mais razoável construir uma central equipada com três usinas semelhante à Angra 3 (1.405 MW), que ocuparia cerca de 10 km<sup>2</sup> e ficaria mais perto dos principais centros consumidores, em vez de alagar 516 km<sup>2</sup> da

Amazônia para gerar uma média de 4.571 MW a serem conduzidos por linha de transmissão que se estenderá por 2.140 km?

LUÍS ANTÔNIO ALBIAC TERREMOTO, pesquisador do Ipen - Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (São Paulo, SP).

-

Parabenizo a Folha pela excelente série de reportagens sobre a usina de Belo Monte, que aborda aspectos positivos e negativos da construção. Trabalhei 17 anos num centro de operação do sistema elétrico do Ceará e posso atestar a qualidade e a necessidade dessa série, que pode servir de material de sala de aula para alunos de engenharia.

VALDI FERREIRA LIMA (Sobral, CE)

Publicidade

Sobre a reportagem "Skaf celebra na TV decisão sobre IPTU e tucanos reagem" ("Poder", ontem), gostaria de esclarecer que, ao contrário do que afirma o texto, não sou sócio da empresa DM/Blackninja desde o dia 20 de novembro de 2012, cujo registro comercial já foi registrado na junta comercial de São Paulo, datada de 1º de setembro de 2013.

DUDA MENDONÇA, publicitário (São Paulo, SP)

NOTA DA REDAÇÃO - Leia a seção "Erramos". Uruguai

Vladimir Safatle em seu artigo "Uruguai na frente" ("Opinião", ontem) esclarece o falso dilema sobre temas tabus como aborto, drogas e prostituição. Nem todas as soluções uruguayas podem ser reproduzidas no Brasil. Há que se refletir, no entanto, sobre alguns pontos, como o jogo, indústria pujante no vizinho, mas contravenção entre nós.

JOSÉ CARLOS PEREIRA (Brasília, DF)

-

Se o governo uruguaio entrará para a história por abrigar uma suposta modernização dos costumes, entre os quais a legalização da maconha, talvez se possa considerar o governo de São Paulo muito mais arrojado, já que, na prática, a comercialização e o consumo de crack são liberados em regiões da capital, frequentemente mostradas pela mídia.

ADEMIR VALEZI (São Paulo, SP) Boas-festas

A Folha agradece e retribui os votos de boas-festas recebidos de Juan Carlos Marroquín, presidente da Nestlé no Brasil (São Paulo, SP), da Andrade Gutierrez (Rio de Janeiro, RJ), do Grupo Boticário (São José dos Pinhais, PR), de Andrea

Ceccherini, presidente do Osservatorio Permanente Giovani-Editori (Florença, Itália), e de Domingos Braga (Ribeirão Preto, SP).

## **5 - Leitores comentam coluna de Vladimir Safatle sobre políticas uruguaias**

Fonte: Folha de São Paulo - Online  
Editoria: paineldoleitor  
Publicada em: 18/12/2013 às 02h18

Vladimir Safatle em seu artigo "Uruguai na frente" ("Opinião", ontem) esclarece o falso dilema sobre temas tabus como aborto, drogas e prostituição. Nem todas as soluções uruguaias podem ser reproduzidas no Brasil. Mas há que se refletir sobre alguns pontos, como o jogo, indústria pujante no vizinho e contravenção entre nós.

\*

Se o governo uruguaio entrará para a história por abrigar uma suposta modernização dos costumes, entre os quais a legalização da maconha, talvez se possa considerar o governo de São Paulo muito mais arrojado, já que, na prática, a comercialização e o consumo de crack são liberados em regiões da capital, frequentemente mostradas pela mídia.

Curta o Painel do Leitor no Facebook

Siga o Painel do Leitor no Twitter

### **\* PARTICIPAÇÃO**

Os leitores podem colaborar com o conteúdo da Folha enviando notícias, fotos e vídeos (de acontecimentos ou comentários) que sejam relevantes no Brasil e no mundo. Para isso, basta acessar [Envie sua Notícia](mailto:Envie_sua_Noticia_ou_enviar_mensagem_para_leitor.online@grupofolha.com.br) ou enviar mensagem para [leitor.online@grupofolha.com.br](mailto:leitor.online@grupofolha.com.br)

## **6 - Ricardo Young: Os intocáveis de São Paulo**

Fonte: Folha de São Paulo - Online  
Editoria: opiniao  
Publicada em: 24/12/2013 às 01h00

Eles se alimentam em lugares públicos, em utensílios separados. Não podem entrar em prédios ou casas. São evitados, insultados e, por vezes, linchados, queimados e mortos.

Essa é a casta dos "dálits", os intocáveis da Índia. A classificação das pessoas em categorias, associada à religião hindu, é uma maneira de justificar a manutenção da desigualdade social naquele país.

Qualquer semelhança não é mera coincidência. O quadro também poderia retratar as quase 15 mil pessoas que vivem pelas ruas de São Paulo. São os nossos intocáveis. O incômodo que geram, dia após dia, é substituído pelo sentimento de impotência do paulistano. O que sobra é o estigma e a indiferença.

Para o padre Júlio Lancellotti, responsável pela Pastoral da Rua, nossos intocáveis têm sua cidadania negada na vida e na morte. Em outubro, ele levou à Comissão Municipal da Verdade os números do serviço funerário da cidade, que mostram um extermínio semelhante ao que acontecia durante a ditadura.

Em 2012, 845 pessoas foram sepultadas como indigentes. O padre testemunhou ter visto corpos chegarem empalhados para o enterro. E denunciou a ação do tráfico de órgãos, salientando que "há um mercado internacional de hipófise" (glândula localizada no cérebro). A experiência mostra que só há um passo entre ser intocável e ser eliminável.

Formular uma sociedade que não gere moradores de rua implica uma equação complexa, mas é preciso começar a pensá-la. A primeira pergunta é: o que leva essas pessoas à situação de extrema vulnerabilidade?

O crack é um dos aspectos, mas não o mais importante: menos de 20% dos moradores de rua são viciados na droga. Para as entidades que trabalham na recuperação da sociabilidade de quem vive nas ruas, o alcoolismo é questão central, mais presente que o uso de drogas ilícitas.

Segundo o censo da população em situação de rua feito pela Secretaria Municipal de Assistência Social em 2011, o alcoolismo é a segunda maior causa que leva as pessoas para as ruas. A primeira resposta dada por elas é "brigas familiares" —e eu pergunto: não estaria o álcool entre os motivos que mais geram esses desentendimentos?

Daí, é preciso levar em conta o consumo consciente e a responsabilidade social empresarial. A indústria de bebida alcoólica deve se responsabilizar pelas consequências dos produtos que vende. O consumo de álcool na cidade deve ser taxado e servir diretamente a um fundo de financiamento para o tratamento sistêmico da situação, possibilitando a consolidação de políticas públicas conjuntas que envolvam desde as pastas da saúde e assistência social até as de trabalho e planejamento urbano.

Enquanto a maior reclamação dos movimentos da população em situação de rua é que o setor público age sem falar com eles, a Câmara Municipal tem exatamente esse papel: ser o fórum permanente para o diálogo com a cidade. A Comissão de Direitos Humanos, da qual sou membro, deve ser o espaço para discutir essa questão com prioridade, promovendo a unificação das legislações, convocando autoridades implicadas e fiscalizando ações.

Na cidade sustentável, a rua é uma extensão da vida. Não cuidar de quem mora nela não é apenas perpetuar a exclusão, mas expulsar todos do espaço público, obrigando as pessoas a não se apropriarem do que lhes pertence. Não se trata apenas de incluir os moradores de rua à sociedade, mas incluir a cidade na vida das pessoas.

#### \* PARTICIPAÇÃO

Para colaborar, basta enviar e-mail para [debates@uol.com.br](mailto:debates@uol.com.br).

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

### 7 - Opinião -

Fonte: Folha de São Paulo – Online

Editoria: fsp

Publicada em: 25/12/2013 às 22h00

Renan Calheiros

O senador Renan Calheiros envergonha o meu orgulho de ser brasileira. Como pode usar jato da FAB para uso pessoal? Devolver o dinheiro é pouco. O Brasil não pode mais compactuar com políticos viciados no uso do bem público em benefício pessoal.

LENIR SANTOS (Campinas, SP)

-

Frustração, indignação e revolta já se tornaram comuns, para alguns contribuintes, em relação ao que alguns políticos fazem com o nosso dinheiro. Mas Calheiros demonstra, mais uma vez, que pouco se importa com isso. Ainda mais quando decide que a solução para o caso é somente devolver dinheiro, sem maiores consequências. Pelo jeito, ele nunca vai se importar.

FLÁVIO CABRAL COSTA (Jundiaí, SP)

-

O presidente do Senado usa avião oficial para fazer implante de cabelo e ainda precisa consultar se sua atitude é correta ou não? O que ele está fazendo no Legislativo? Conhece as normas, lembra-se do seu juramento quando tomou posse?

Agora, de forma clássica, diz que vai ressarcir caso tenha utilizado indevidamente o avião da FAB. E o ressarcimento moral dos cidadãos? Os demais senadores vão apenas assistir a isso ou vão tomar alguma atitude?

EDSON R. VECHIATO (São José do Rio Preto, SP)

-

Sobre o texto de Elio Gaspari ("Em 2014, vem pra rua você também", "Poder", ontem), tenho a dizer que os políticos são criticados como se fossem os únicos desonestos do Brasil.

Há pessoas desonestas em todo lugar. Esqueci meu celular último modelo no banco de uma igreja de Perdizes, em São Paulo, e, quando me dei conta, voltei ao local, mas ele não estava.

Quem achou rezou por mais honestidade dos políticos, como o padre pediu durante a missa, mas, na primeira oportunidade, portou-se igual, não devolveu meu aparelho. Prezado Gaspari, não nos iludamos, muitos, se estivessem no lugar de Calheiros, fariam igual ou pior. Agradeço seu convite de ir para a rua, mas, lamentavelmente, eu não vou.

MARIA DE FÁTIMA DE O. LEMOS (São Paulo, SP) Cartel dos trilhos

Sobre o editorial "Interesses partidos" (Opinião, 24/12), o governo do Estado esclarece que é o maior interessado na rigorosa investigação das suspeitas de cartel, com o devido ressarcimento dos cofres públicos e a punição dos responsáveis. A ampla investigação deflagrada pela Corregedoria Geral da Administração já resultou em processo na Justiça contra as empresas acusadas. Estão em curso na CPTM e no Metrô processos para a declaração de inidoneidade dessas empresas.

Já foram ouvidas cerca de 50 pessoas, entre servidores, ex-servidores e representantes de empresas. Servidores de carreira foram afastados de suas funções e respondem a processos administrativos que podem resultar na expulsão do serviço público.

-

Além disso, um grupo externo, formado pela sociedade civil e com pleno acesso às investigações, já apresentou sugestões, muito bem-vindas, de mudanças em procedimentos, para deixar licitações menos vulneráveis à formação de cartel.

FELIPE NEVES, coordenador de atendimento à imprensa do governo do Estado (São Paulo, SP)

-

Em relação à reportagem "Governo ignorou recomendação para demitir assessor" ("Poder", ontem), Pedro Pereira Benvenuto esclarece que ele e seu advogado não tiveram acesso ao relatório mencionado da Corregedoria.

Também informa que sua prestação de serviços, registrada e regular, em favor do Banco Mundial, não viola o Estatuto do Funcionário Público. A gestão vedada pelo



preceito legal seria a do Banco Mundial, que possui relação direta com o governo do Estado, e não da empresa Benvenuto Engenharia, que prestou consultoria ao banco em outros Estados da Federação e sem nenhuma relação com São Paulo.

Sobre a suposta informação privilegiada, quando ouvido na Corregedoria, esclareceu que Jorge Fagali Neto ocupava um cargo de consultor contratado pela Secretaria de Transportes Metropolitanos, e o envio de informações a ele era institucional e inexorável à própria prestação dos serviços, não havendo nenhuma irregularidade nisso.

HUGO LEONARDO, advogado de Pedro Pereira Benvenuto (São Paulo, SP)  
Consumo de álcool

"Os intocáveis de São Paulo" (Tendências/Debates, 24/12) é revelador ao confirmar o alcoolismo como questão central para moradores de rua. Política de combate ao álcool em vez de ao crack, atual prioridade do governo paulista, não seria mais eficiente?

JOSÉ REINALDO BALDIM (Dourado, SP) Defensoria Pública

No editorial "Triste Defensoria" ("Opinião", 22/12), a Folha trouxe a público as preocupantes conclusões do "Atlas de Acesso à Justiça", o qual constata a falta de defensores públicos no país.

A Defensoria Pública da União conta só com 560 membros, estando presente em apenas 22% das subseções da Justiça Federal, fato que impede que milhões de brasileiros sem condições de arcar com os custos de um advogado possam litigar de forma efetiva contra órgãos federais como INSS e Caixa Econômica Federal, além de não contarem com defesa criminal de qualidade.

Assim, também no plano federal, é urgente a devida estruturação da Defensoria Pública. DANIEL CHIARETTI, defensor público federal (São Paulo, SP)

Boas-festas

A Folha agradece e retribui os votos de boas-festas recebidos das professoras doutoras Sheila Walbe Ornstein, diretora, e Solange Ferraz de Lima, vice-diretora do Museu Paulista da Universidade de São Paulo (São Paulo, SP), da editora Mauad X (Rio de Janeiro, RJ), da Associação Parceria Contra Drogas (São Paulo, SP) e da CL-A Comunicações (São Paulo, SP).

## **8 - Não seria mais eficiente fazer política contra álcool, questiona leitor**

Fonte: Folha de São Paulo - Online

Autor: JOSÉ REINALDO BALDIM

Editoria: paineldoleitor

Publicada em: 26/12/2013 às 01h11

"Os intocáveis de São Paulo" (Tendências/Debates, 24/12) é revelador ao confirmar o alcoolismo como questão central para moradores de rua. Política de combate ao álcool em vez de ao crack, atual prioridade do governo paulista, não seria mais eficiente?

#### \* PARTICIPAÇÃO

Os leitores podem colaborar com o conteúdo da Folha enviando notícias, fotos e vídeos (de acontecimentos ou comentários) que

sejam relevantes no Brasil e no mundo. Para isso, basta acessar Envie sua Notícia ou enviar mensagem para leitor.online@grupofolha.com.br

### **9 - FAIXA EXCLUSIVA O prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, implementou mais de 200 km de faixas para ônibus...**

Fonte: Folha de São Paulo - Impresso

Editoria: Especial

Publicada em: 26/12/2013 às 22h00

#### FAIXA EXCLUSIVA

O prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, implementou mais de 200 km de faixas para ônibus no primeiro ano de mandato. A velocidade dos coletivos aumentou, mas a medida enfrenta críticas. Ele iniciará o ano discutindo a liberação de táxis nos corredores

#### MORTES VIOLENTAS

Marcelo Eduardo Bovo Pessegini, 13, foi apontado como assassino dos pais, da avó e da tia-avó na Brasilândia (zona norte). O garoto teria se matado em seguida. Em Ribeirão Preto (SP), o corpo do menino Joaquim, 3, foi achado em um rio. O padrasto é suspeito

-

#### INCÊNDIO EM SANTA MARIA

O maior incêndio do país ocorreu em 27 de janeiro e deixou 242 mortos. Os jovens assistiam ao show da banda Gurizada Fandangueira na Boate Kiss, em Santa Maria (RS), quando o fogo começou após os músicos acenderem uma espécie de sinalizador no palco. A boate tinha só uma porta.

O resgate das vítimas foi confuso. A maioria morreu asfixiada ou intoxicada pela fumaça. Os sócios da Kiss e dois músicos respondem por homicídio doloso e

tentativa de homicídio. A polícia apontou que bombeiros e a prefeitura falharam na fiscalização. A tragédia abriu uma corrida de governos pelo país para apertar a segurança desses locais

-

### BEAGLES À SOLTA

Mais de cem manifestantes invadiram o Instituto Royal, em São Roque (SP), e resgataram 178 beagles usados como cobaias para pesquisa de medicamentos.

O grupo afirma ter agido porque os cachorros sofriam maus-tratos. O instituto nega e diz que a pesquisa de seis remédios foi afetada. O Royal fechou a unidade no interior de SP.

Após o resgate dos beagles, outro grupo invadiu o local e soltou os ratos que também eram usados como cobaias

-

### CHUVAS O ANO TODO

No início de 2013, só no Rio, foram ao menos dois mortos e quase 40 mil afetados. Cantor e dono de sítio em Xerém, em Duque de Caxias, Zeca Pagodinho saiu de quadriciclo para ajudar as vítimas. No fim do ano, a água voltou a cair forte. No Rio, foram dois mortos e 2.000 desabrigados

-

### CRACOLÂNDIA

O governo de SP iniciou em janeiro, na Cracolândia, centro da capital, um plantão para internação de viciados em crack. Em 23 de maio ocorreu a primeira compulsória. Os viciados, no entanto, continuam na região

-

391

artistas internacionais passaram pelo Brasil neste ano

DIVA Beyoncé, que fez cinco shows no país, enfileirou hits para 85 mil pessoas no primeiro dia do Rock in Rio

-

### A VIDA DOS OUTROS

Caetano Veloso, Chico Buarque e Milton Nascimento são alguns dos nomes que se juntaram a Roberto Carlos contra a publicação de biografias não autorizadas. Juntos,

formaram o grupo Procure Saber, presidido por Paula Lavigne, empresária e ex-mulher de Caetano.

Eles se escoram em trecho do Código Civil que afirma que a divulgação de escritos e o uso da imagem de alguma pessoa necessita de autorização prévia se atingir sua honra ou se a destinação da obra for comercial.

A iniciativa foi criticada por biógrafos e editores. Com o argumento de que a Constituição garante a liberdade de expressão, a Anel

(Associação Nacional de Editores de Livros) entrou com ação no STF questionando o código. Também tramita no Congresso um projeto de lei que libera a publicação de biografias não autorizadas

-

## LEILÕES

O governo teve de se contentar com resultados modestos para seu plano de concessões em 2013. A rodovia BR-262 (MG/ES), parte dos 7.000 km que foram oferecidos, não atraiu interessados.

A licitação do trem-bala entre Rio e São Paulo teve de ser adiada pela terceira vez. A privatização dos aeroportos de Galeão (RJ) e

Confins (MG) trouxe alento.

Os R\$ 20,84 bilhões foram 251% superiores ao lance mínimo esperado, R\$ 5,9 bilhões. Em meio a protestos, o campo de Libra, no pré-sal da bacia de Campos, foi arrematado por um superconsórcio liderado pela Petrobras. Não houve ágio

-

R\$ 2,45

maior cotação do dólar comercial para venda desde 2008, registrada em 21 de agosto

-

## DENTRO DE CASA

A PEC das domésticas foi promulgada em abril. O texto limita a jornada de trabalho a 44 horas semanais -ou oito horas diárias- e institui o pagamento de hora extra. Benefícios como recolhimento do FGTS aguardam regulamentação

## 10 - A derrota do Brasil para o crack

O governo reconhece que ainda não entendeu o problema do crack. A política pública não pode ser só internação compulsória

Fonte: Folha de São Paulo - Impresso

Editoria: Opinião

Publicada em: 29/12/2013 às 22h00

Neste mês, o programa Crack, É Possível Vencer, do governo federal, completou dois anos. No entanto, infelizmente, a vitória não é uma realidade. Nem mesmo está próxima.

O ministro da Justiça disse que o programa foi o segundo em verbas aplicadas pela pasta da qual é titular. A afirmação é assustadora, pois dos R\$ 4 bilhões prometidos para o combate ao crack, apenas R\$ 368 milhões foram de fato empregados.

Recente pesquisa da Universidade Federal de São Paulo estima em 2,8 milhões de usuários de crack em todo o país. Esse número dobra a cada dois anos.

Afinal, como as autoridades estão enfrentando esta que já é a mais grave epidemia da história recente do Brasil? Trata-se de uma derrota em três frentes: política, estratégica e de saúde pública.

Política porque, segundo deputados da base aliada da presidente Dilma Rousseff, apesar de o assunto ser prioritário, há resistência interna dentro do próprio governo que ela lidera.

O segundo escalão do Ministério da Saúde é contra o programa Crack, É Possível Vencer, inclusive defendendo a liberação das drogas. No Ministério da Justiça, um secretário teve que deixar suas funções depois de declarações desastrosas acerca do assunto. Uma torre de Babel: há uma corrente ideológica ligada ao governo que defende o contrário do que a presidente fala.

Se a articulação política é uma questão grave, a estratégia de proteção de fronteiras é ainda mais urgente. O Brasil não planta uma única folha de coca. Como então temos tanta droga circulando no país?

Depois que Evo Morales --pasmee, presidente da confederação dos cocaleiros-- assumiu a Presidência da Bolívia, a área plantada chegou a 25 mil hectares. Sua política de liberar o plantio por lá criou um pico do consumo do crack por aqui.

Além disso, o Uruguai acaba de legalizar a maconha, sem ninguém ter certeza de como isso impactará na saúde e na segurança do país e, em última instância, do continente. A maconha não é uma droga simples. É uma bomba de aditivos e componentes químicos que causam comprovados transtornos mentais.

Outros países que fizeram movimentos semelhantes foram obrigados a recuar. A Suécia, por exemplo, é o país que mais reprime o uso de drogas e conseguiu eliminar

a tempo a epidemia de crack que tomou conta do país logo após a malsucedida legalização das drogas.

O terceiro escorregão do governo ocorre no terreno da saúde pública. A educação é capenga. A Universidade de Michigan fez um estudo com a duração de 35 anos sobre o consumo de maconha nos Estados Unidos. Nesse período, notaram que quanto maior a percepção do risco, menor o consumo. Ou seja, informação é fator primordial. Quando há informação cruzada --de que a maconha não faz mal--, aumenta o consumo e os números de dependentes.

Cerca de 37% dos jovens que usam maconha ficam viciados. É uma loteria cruel, especialmente com essa faixa etária, ainda não madura o suficiente para ter a dimensão das consequências dos seus atos. E que não tem acesso às informações das verdadeiras ações deletérias dessa droga maldita.

Há uma incompreensão de que a dependência química é de altíssima complexidade. Enquanto o tratamento do vício em crack no sistema privado é digno e obtém boa resposta, o dependente pobre está entregue à própria sorte ao despreparo da maioria dos serviços disponíveis na rede pública.

O governo reconhece que ainda não entendeu o problema do crack. A política pública não pode ser só internação compulsória, pois parece apenas a preocupação em "limpar as ruas". Qual é a consequência do tratamento? O que fazer com esses dependentes depois da internação? Como reinseri-los na sociedade de forma produtiva? Quais as diretrizes de tratamento?

A Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) já se colocou e se coloca à disposição do governo federal para esclarecer dúvidas e colaborar nas diretrizes a serem seguidas. Até agora, nada. Devem saber o que estão fazendo.

A única constatação possível é que o Brasil enxuga gelo quando o assunto é o combate ao crack e outras drogas.

ANTONIO GERALDO DA SILVA, 50, é presidente da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP)

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.  
debates@uol.com.br

**11 - O "Painel do Leitor" recebe colaborações por e-mail (leitor@uol.com.br), fax (0/xx/11/3223-1644) e correio...**

Fonte: Folha de São Paulo - Impresso  
Editoria: Opinião

Publicada em: 03/01/2014 às 22h00

O "Painel do Leitor" recebe colaborações por e-mail ([leitor@uol.com.br](mailto:leitor@uol.com.br)), [fax \(0/xx/11/3223-1644\)](mailto:leitor@uol.com.br) e [correio \(al. Barão de Limeira, 425, 4º andar, São Paulo-SP, CEP 01202-900\)](mailto:leitor@uol.com.br). As mensagens devem ser concisas e conter nome completo, endereço e telefone. A Folha se reserva o direito de publicar trechos.

Leia mais cartas na [Folha.com](http://Folha.com)

Tribunal de Justiça

Em tese, é boa a ideia do recém-empossado presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo, José Renato Nalini, de funcionários do Judiciário trabalharem até dois dias por semana em casa. Entretanto, sabendo que metade do funcionalismo só finge que trabalha enquanto a outra metade carrega a máquina pública, a ideia é péssima --ao menos até que haja um controle sério de produtividade individual.

Oney Oliveira Leite (Ribeirão Preto, SP) Honorários

O artigo "Trabalhador preterido" (Tendências/Debates, ontem) é omissos quanto a aspectos também importantes sobre a remuneração dos advogados. Esquecem-se os autores de que, frequentemente, os juízes adotam de modo inadequado a chamada sucumbência recíproca e, nessa hipótese, mesmo o advogado da parte vencedora ficará sem ter honorários fixados em seu favor, sendo necessários, às vezes, prolongados recursos para que o advogado obtenha incremento ínfimo nesses honorários.

Sem falar da estipulação de honorários de sucumbência irrisórios que beiram a afronta ao profissional. Essas são apenas algumas das razões pelas quais os advogados fixam previamente honorários contratuais. Abdicar de parte da indenização em favor do advogado é um direito e uma opção do cliente.

Elcio Domingues Pereira, advogado (Campinas, SP)

-

Muito apropriado o debate sobre honorários de sucumbência. Apenas acho que as ideias se aplicam a todas as causas, não apenas às trabalhistas. A maioria da população não tem dinheiro para buscar seus direitos na Justiça e, quando consegue fazê-lo, paga ao advogado até dez vezes ou mais do que os custos de sucumbência atribuídos pelo juiz.

Paulo Cesar de Queiroz Faria (São Paulo, SP)

PM do Rio

A Polícia Militar do Rio de Janeiro deu um show de incompetência na passagem do ano em Copacabana, ao atirar num casal que brigava. Vários policiais não souberam

resolver uma briga entre marido e mulher. Há o argumento, provavelmente falacioso, de que o marido tirou o revólver de um PM e nele atirou. Um inquérito promete examinar as câmeras de segurança, mas quem fará a investigação? A PM.

Antonio Negrão de Sá (Rio de Janeiro, RJ)

Crack

De fato, o governo ainda não entendeu o problema do crack. O douto presidente da Associação Brasileira de Psiquiatria, Antônio Geraldo da Silva, afirma em "A derrota do Brasil para o crack" (Tendências/Debates, 30/12) tratar-se de uma perda em três frentes: política, estratégica e de saúde pública. Tal derrota é bem anterior à questão do crack. Está na desigualdade social e, por consequência, na ampla falta de acesso à cultura, ao conhecimento, à educação e ao lazer de grande parte da população. A essas pessoas, o Estado não garante uma condição digna de sobrevivência.

Mauro Chaiben (Brasília, DF)

Educação

A PUC-SP considera pertinente o debate sobre novas metodologias de ensino, tema abordado na reportagem "Faculdades privadas modernizam aulas com método dos EUA" ("Cotidiano", 29/12). As instituições de ensino superior devem mesmo buscar a inovação nesse campo --não apenas por meio do uso de tecnologia, mas também pela descoberta de novos modelos de apreensão do conteúdo pelos alunos.

Ciente dessa necessidade, há oito anos a PUC-SP começou a utilizar a metodologia ativa de ensino Problem Based Learning (aprendizagem baseada em problemas, em inglês).

José Eduardo Martinez, vice-reitor da PUC-SP (São Paulo, SP)

-

Excelente o artigo do professor Roberto Berlinck, "Ciência para políticas públicas" (Tendências/Debates, 2/1). Gostaria de acrescentar que, lamentavelmente, os sucessivos governos brasileiros não conseguiram ser felizes na formação de suas equipes de colaboradores na área. Poderíamos esperar que a academia perdesse o medo e formasse uma corrente de pensamento capaz de orientar nossos estudantes não apenas para a hora de votar, mas também para o momento de avaliar o desempenho dos políticos.

Gil dos Santos Neto (São Paulo, SP) Falta de luz em Manaus

Os ambientalistas deveriam pensar numa proposta para o abastecimento de energia elétrica em Manaus. Não há queda para a construção de hidrelétricas, há excesso de nuvens e falta vento. A exploração do gás natural na Amazônia pode destruir a



natureza e a energia nuclear é um monstro de sete cabeças. Sobraram as térmicas a diesel que vêm pelo rio a um custo alto e que liberam gases do efeito estufa.

O que fazer? A linha de transmissão Macapá-Manaus foi concluída e vai levar para a cidade a energia de dois "crimes ecológicos": Tucuruí e Belo Monte. Resolvam eles a situação. Eu tenho minha opinião: energia nuclear.

Rodrigo De Filippo (Rio de Janeiro, RJ) Michael Schumacher

Os fãs de Senna não gostam de admitir, mas nunca houve piloto tão parecido com Ayrton quanto Schumacher: preciso, frio, destemido, velocíssimo, inteligentíssimo e, digamos, pragmático.

Marcelo Melgaço (Goiânia, GO) Boas-festas

A Folha agradece e retribui os votos de boas-festas recebidos de Marcos da Costa, presidente da OAB-SP (São Paulo, SP), Eduardo Portella, ex-ministro da Educação e Cultura e membro da Academia Brasileira de Letras (Rio de Janeiro, RJ), da Volkswagen do Brasil (São Bernardo do Campo, SP), do banco BBM (São Paulo, SP), da Abear - Associação Brasileira das Empresas Aéreas (São Paulo, SP), da Embaixada de Cingapura (Brasília, DF), da Zoom Comunicação (Belo Horizonte, MG), do Sindipeças (São Paulo, SP), do Tatini Restaurante (São Paulo, SP) e da Oscip (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público) Aliança da Terra (Goiânia, GO).

Serviço de Atendimento ao Assinante: 0800-775-8080

Grande São Paulo: 0/xx/11 3224-3090

Ombudsman: 0800-15-9000

## **12 - Ronaldo Laranjeira: O papa e as drogas**

Fonte: Folha de São Paulo - Online

Editoria: opiniao

Publicada em: 04/01/2014 às 01h00

O mundo vem se surpreendendo com o papa Francisco, suas demonstrações de humildade e também, talvez principalmente, com sua firme disposição em promover reformas na Igreja, punindo severamente práticas de pedofilia e desvios de dinheiro do banco do Vaticano.

Entre os temas controversos e considerados tabus, Francisco já disse que os gays não deveriam ser julgados por sua opção.

Sobre as drogas, o papa deixou clara sua crítica aos que discutem a liberalização dos entorpecentes, afirmando que não é por este caminho, como se discute em países da América Latina, que será possível diminuir a difusão da dependência.

Quando visitou o Brasil, Francisco visitou um centro de recuperação e reconheceu o "santuário do sofrimento humano" que ocorre nesses locais.

A mensagem do papa ponderou, entretanto, que os dependentes são os principais protagonistas de sua recuperação, e que, apesar de a Igreja e muitas pessoas estarem do lado dos usuários de drogas, ninguém pode fazer a "subida" no lugar deles.

É consenso, tanto do ponto de vista da Igreja como dos líderes políticos da América Latina, e mesmo de integrantes da OEA, que a criminalização do uso de drogas, com severa punição dos usuários, é um modelo que fracassou na região.

Vejo, no entanto, com muita preocupação as tentativas de se liberar o comércio de crack, cocaína, maconha, ecstasy e outros entorpecentes. Tal medida, sob o argumento de neutralizar o tráfico, combater os traficantes e a influência que exercem sobre os dependentes, abre um caminho sem volta para que mais pessoas tornem-se reféns das drogas.

No Estado de São Paulo, o programa Recomeço, de combate à dependência química, em especial à epidemia do crack que reina nas principais capitais e regiões metropolitanas brasileiras, segue diretriz bem similar à nova visão mundial sobre o enfrentamento desta problemática, tratando o tema menos como uma questão de polícia e mais de saúde pública e resgate da cidadania.

O governo paulista vem promovendo uma verdadeira revolução na assistência aos dependentes de crack, com expressiva ampliação dos leitos de enfermaria para internação dos casos mais graves, articulação e integração com outros serviços de saúde e assistência social de perfis complementares, como os Caps Ad (Centros de Atenção Psicossocial - Álcool e Drogas), comunidades terapêuticas e moradias assistidas.

Na capital paulista, o Plantão Judiciário e a Unidade Social implantados no Cratod (Centro de Referência em Álcool Tabaco e outras Drogas) vem proporcionando agilidade a processos de encaminhamento dos dependentes tanto para assistência ambulatorial quanto para internações voluntárias, involuntárias e compulsórias, todas previstas em lei. E a oferta de leitos de enfermaria para tratamento dos dependentes no Estado mais do que duplicou desde 2011.

Já o Cartão Recomeço soma esforços ao financiar uma fase importante do tratamento de alguns pacientes em comunidades terapêuticas, período em que, após a desintoxicação, é necessário um tempo para que o dependente reaprenda como é o mundo sem a droga.

A estruturação e a expansão da rede Recomeço são essenciais para oferecer todas as alternativas terapêuticas possíveis visando à recuperação e reinserção social dos dependentes químicos. Mas o esforço próprio de cada paciente é que determinará se o final da caminhada será ou não bem sucedida.

#### \* PARTICIPAÇÃO

Para colaborar, basta enviar e-mail para [debates@uol.com.br](mailto:debates@uol.com.br).

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

### **13 - 'De fato, o governo ainda não entendeu o problema do crack', diz leitor**

Fonte: Folha de São Paulo - Online  
Autor: LEITOR MAURO CHAIBEN  
Editoria: paineldoleitor  
Publicada em: 04/01/2014 às 03h08

De fato, o governo ainda não entendeu o problema do crack. O douto presidente da Associação Brasileira de Psiquiatria, Antônio Geraldo da Silva, afirma em "A derrota do Brasil para o crack" (Tendências/Debates, 30/12) tratar-se de uma perda em três frentes: política, estratégica e de saúde pública. Tal derrota é bem anterior à questão do crack. Está na desigualdade social e, por consequência, na ampla falta de acesso à cultura, ao conhecimento, à educação e ao lazer de grande parte da população. A essas pessoas, o Estado não garante uma condição digna de sobrevivência.

Curta o Painel do Leitor no Facebook

Siga o Painel do Leitor no Twitter

#### \* PARTICIPAÇÃO

Os leitores podem colaborar com o conteúdo da Folha enviando notícias, fotos e vídeos (de acontecimentos ou comentários) que

sejam relevantes no Brasil e no mundo. Para isso, basta acessar [Envie sua Notícia](#) ou enviar mensagem para [leitor.online@grupofolha.com.br](mailto:leitor.online@grupofolha.com.br)

### **14 - Editorial: Bufão canadense**

Fonte: Folha de São Paulo - Online  
Editoria: opiniao  
Publicada em: 05/01/2014 às 01h31

Com a retirada de Silvio Berlusconi da cena política, parecia estar vago o lugar dos políticos bizarros no noticiário internacional. Passado o misto de consternação e riso que despertavam as noites de "bunga bunga" do ex-premiê italiano, eis que rapidamente surge outra figura pródiga em ultrajes, e com bons índices de popularidade, nas plagas desenvolvidas e educadas do hemisfério Norte.

Rob Ford, o prefeito de Toronto, ocupa com seus quase 120 quilos o posto vacante. Em maio de 2013, o governante da maior cidade canadense foi flagrado fumando crack.

Durante meses, incidiu no vício comum a políticos surpreendidos em alguma ação condenável: negou o fato. A polícia tinha cópia do vídeo, contudo, e Ford acabou admitindo o que fizera.

Indo além do ex-presidente americano Bill Clinton –célebre por sustentar ter fumado maconha sem tragar–, Ford admitiu o consumo da droga, mas não a dependência química. Teria sido um deslize cometido, segundo afirmou, "numa das minhas situações de estupor alcoólico". As quais, pelo que se comenta, seriam frequentes o bastante para impor reservas à presença de Ford na prefeitura de Toronto.

Algum outro tipo de estupor ou intoxicação toma conta, entretanto, de boa parte dos 2,8 milhões de habitantes da cidade. Pesquisas detectam consideráveis chances de Ford ser reconduzido ao cargo.

Para 40% dos eleitores de Toronto, seu desempenho na prefeitura merece aprovação. Tendo gasto US\$ 400 mil para remover da cidade ciclovias cuja instalação custara cerca de 15% dessa quantia, Ford parece ser daquelas figuras públicas que representam uma válvula de escape contra as pressões do politicamente correto.

Numa bebedeira, fez ameaças de morte; investiu fisicamente contra manifestantes; recusou-se a participar da Parada Gay da cidade; teria proferido insultos racistas a um motorista de táxi; refutando a acusação sobre suposta traição, disse que tinha "mais que o suficiente para comer em casa".

A grosseria e o descontrole de Rob Ford –além de seus protocolares pedidos de perdão– talvez atraiam, por romper o tédio e fugir a não poucas hipocrisias, os descontentes com a civilização.

Esta cobra, como se sabe desde Freud, um preço em impulsos reprimidos sobre o ser humano; por outro lado, a espetacularização do poder político (com tantos sorrisos pasteurizados e frases inócuas) comportaria seu contraponto de bufões e trogloditas. É o vandalismo de cúpula, respondendo ao vandalismo das sarjetas.

**15 - Doutora, me ajuda!**

Cada história contada por um usuário de crack vem humanizar as estatísticas, que nos alertam para o crescimento do uso no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo - Impresso

Editoria: Opinião

Publicada em: 09/01/2014 às 22h00

Este mês em que comemoramos um ano de instalação do Plantão Judiciário no Centro de Referência de Álcool, Tabaco e Outras Drogas do Estado de São Paulo (Cratod) instiga-me a fazer algumas reflexões e aguça na minha memória momentos marcantes vivenciados nesse projeto de resgate de pessoas vitimadas pela drogadição e de assistência às suas famílias.

"Doutora, me ajuda, me ajuda a salvar meu filho! Para ele nada importa mais que a maldita pedra de crack. Eu tenho medo de que ele vire um traficante para poder alimentar o vício. Já não tenho mais forças."

A voz embargada a mim dirigida era de uma das centenas de mães que recorreram no ano passado ao Plantão Judiciário do Cratod em busca de apoio para tirar seus filhos do mundo degradante da droga, a maioria dependente do crack.

Cada história contada por um usuário ou por seus familiares é um depósito de dores e vem humanizar as estatísticas, que nos alertam para o crescimento contínuo do crack no Brasil, o maior consumidor mundial dessa droga. Estima-se que haja 370 mil usuários regulares de crack nas capitais brasileiras, e a droga avança a passos largos para as cidades do interior.

Um estudo da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) revela que quase 80% daqueles que caíram no labirinto do crack desejam se tratar. Nesse contexto, o Plantão Judiciário é mais uma porta aberta para que milhares de famílias possam ter uma via de acesso aos seus direitos e tenham o Estado como parceiro.

Confessamos que a procura nos surpreendeu. No primeiro dia, mais de cem pessoas acessaram o plantão e, desde então, a demanda tem sido ascendente. Sabemos, entretanto, que nem todas as expectativas foram atendidas.

Lembro-me do caso de uma mulher que, sucumbida pela tristeza, queria que o filho ficasse internado durante um ano quando a recomendação do atendimento era apenas ambulatorial. É a avaliação médica de um clínico e de um psiquiatra, feita após o atendimento pela área social, que define a modalidade do tratamento a ser ministrado.

Neste primeiro ano do Plantão Judiciário, houve apenas dois casos de internação involuntária e compulsória. Ao todo, foram 26.988 encaminhamentos, sendo que 13.586 pessoas foram atendidas diretamente pelo Cratod. Não temos dúvidas, portanto, de que essa ferramenta impulsionou o programa Recomeço, iniciativa

pioneira do governo de São Paulo para ampliar a assistência às famílias que sofrem as consequências da nefasta drogadição.

Em novembro passado, tivemos um reconhecimento importante com a menção honrosa concedida pelo prêmio Innovare ao Plantão Judiciário. Agradecemos ao Innovare e a todos que nos impulsionam a ir avante nessa jornada árida, entremeada de amargura.

Asseguramos que as instituições que compõem o sistema de Justiça e o governo de São Paulo vão continuar no firme propósito de acolher, orientar e assistir os dependentes químicos e as suas famílias que clamam por ajuda.

Reconhecemos, contudo, que ainda há muito a ser feito. O enfrentamento a essa droga devastadora passa por um conjunto complexo de ações que envolvem as áreas de saúde, assistência social, Justiça e segurança pública. Somente essa teia de interação pode resultar em êxito.

Façamos revigorar neste ano novo a nossa luta contra o crack. Para todos que estão empenhados nesse propósito, trazemos uma semente de esperança ao reproduzir aqui a fala de um rapaz que tem a idade do meu filho e, como ele, é corintiano.

Sozinho, desamparado e desesperado, o jovem dependente do crack nos procurou no plantão do Cratod e disse: "Conto com vocês para não desistir e não voltar a cair". Ele contou conosco, não desistiu e não haverá de cair de novo.

ELOISA DE SOUSA ARRUDA, 52, procuradora de Justiça, é secretária estadual da Justiça e Defesa da Cidadania de São Paulo

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo. debates@uol.com.br

## **16 - ANA HARA Amo minhas clientes. Sei que R\$ 3.000 é muito dinheiro. Mas todo mundo é rico. Com certeza não...**

Fonte: Folha de São Paulo - Impresso  
Editoria: Folha Corrida  
Publicada em: 18/01/2014 às 22h00

ANA HARA

Amo minhas clientes. Sei que R\$ 3.000 é muito dinheiro. Mas todo mundo é rico. Com certeza não vai fazer falta dona de um spa nos Jardins que, antes de falir, vendeu pacotes de até R\$ 3.000 em dezembro

BARACK OBAMA

Se eu quero saber o que nossos amigos e aliados pensam, vou pegar o telefone e ligar para eles, em vez de recorrer à espionagem presidente dos EUA, muy amigo

GERALDO ALCKMIN

Antigamente eu dava um rolé na praça, me lembro do meu tempo de jovem, em Pindamonhangaba governador de SP, que adere à moda do "rolezinho"

Fora da vista

FERNANDO HADDAD

Em apenas dois dias, conseguimos mudar a cara da região prefeito de SP comemorando a remoção dos viciados da "favelinha da cracolândia"

VALÉRIA VIANA

Tem hora para tudo. Se for para controlarem assim, não fico no hotel viciada em crack, removida da "favelinha", insatisfeita com o novo endereço

Pré-Oscar

TINA FEY

É a história de como George Clooney prefere flutuar no espaço e morrer a passar mais tempo com uma mulher da sua idade apresentadora do Globo de Ouro, explicando "Gravidade"

GEORGE CLOONEY

Cuarón é um gênio. Meu único porém com o filme é que ele vem num crescendo até a primeira meia hora, mas depois desaba, né? ator de "Gravidade" (do diretor indicado ao Oscar Alfonso Cuarón), que praticamente sai de cena depois da primeira meia hora

CATE BLANCHETT

Estou em estado de felicidade e delírio após sua indicação ao Oscar de melhor atriz pelo drama "Blue Jasmine"

INTERNAUTA

No futuro, os pais dirão a seus filhos: 'Se Jonah Hill conseguiu duas indicações ao Oscar, você pode fazer qualquer coisa' um dos muitos comentários no Twitter sobre a indicação de Jonah Hill para ator coadjuvante por "O Lobo de Wall Street"

O choro de ouro

PELÉ

Prometi para minha família que não ia chorar, mas sou um cara emotivo tricampeão com a seleção, ao ganhar uma Bola de Ouro especial pela carreira

CRISTIANO RONALDO

Todos sabem como foi difícil ganhar essa bola. Eusébio e Madiba [Mandela] também foram importantes para mim. É muito emocionante. Não consigo falar jogador do Real Madrid, eleito melhor do mundo pela Fifa

SILVANO TOMASI

Existem abusadores entre os membros das profissões mais respeitadas do mundo, inclusive entre membros do clero representante do Vaticano na ONU, afirmando que a igreja está tomando providências nos casos de pedofilia

## 17 - Vício estatal

Fonte: Folha de São Paulo - Impresso

Editoria: Opinião

Publicada em: 19/01/2014 às 22h00

A estratégia de governos para lidar com o vício de seus cidadãos sempre se dividiu em duas: largar mão ou sentar a mão. Deixar drogados ou alcoólatras entregues ao problema, ou usar de força policial para tentar resolver a situação na marra.

Haveria uma terceira via? Em São Paulo, na semana passada, a prefeitura começou a pagar R\$ 15 diários a usuários de crack para que varram ruas. Em Amsterdã, na Holanda, a administração faz algo parecido com dependentes de álcool. Só que lá é mais direta: paga em latas de cerveja para que recolham lixo de locais públicos.

"Vim pela cerveja. Se não houvesse cerveja, por que eu viria?", disse, com crua franqueza, um dos participantes do programa holandês à rede britânica BBC.

Pode parecer chocante usar dinheiro público para incentivar o vício, mas a lógica da iniciativa é assumida: comprar (a palavra é essa) a atenção de pessoas que só se relacionavam com o Estado para fugir da polícia. Atraí-los usando suas próprias armas para, num segundo momento, dar a eles algum sentido de responsabilidade e tentar gradativamente reduzir, com acompanhamento especializado, a dependência.

Desde que o programa holandês foi implantado, há 12 meses, a polícia percebeu uma queda no índice de roubos na região onde os alcoólatras-catadores atuam.

Em São Paulo, ainda é impossível ter um diagnóstico da ousada iniciativa. No primeiro dia, os novos garis terminaram o expediente como fazem milhões de trabalhadores mundo afora, acendendo um cigarrinho para relaxar. A diferença é que



era de crack. Não que se esperasse algo diferente, num dos vícios mais escravizantes de que se tem notícia.

Mas os sinais desanimadores não deveriam deter a prefeitura. Se não esmorecer, o prefeito Fernando Haddad tem a chance de criar uma rara marca positiva numa gestão desesperada por mostrar algo de bom.

### **18 - LEÃO SERVA Bitucas no caminho Fábio Assunção foi multado no Rio por jogar uma bituca no chão. No caso...**

Fonte: Folha de São Paulo - Impresso  
Editoria: Folha Corrida  
Publicada em: 19/01/2014 às 22h00

LEÃO SERVA Bitucas no caminho

Fábio Assunção foi multado no Rio por jogar uma bituca no chão. No caso da ponta de cigarro, o castigo é de R\$ 157. O valor é baixo se considerarmos o estrago que essas "chicas" provocam.

FÁBIO ZANINI Vício estatal

Em São Paulo, a prefeitura começou a pagar R\$ 15 diários a usuários de crack para que varram ruas. A lógica é comprar a atenção de pessoas que só se relacionavam com o Estado para fugir da polícia.

### **19 - Luís Fernando Tófoli: Enxugando gelo e sangue**

Fonte: Folha de São Paulo - Online  
Editoria: Opinião  
Publicada em: 20/01/2014 às 01h00

Nos últimos dias, a expressão "enxugar gelo" foi usada duas vezes nesta Folha para referir-se à atuação do Estado em relação aos problemas gêmeos das drogas e da criminalidade. O curioso é que ela marca duas avaliações opostas da questão.

Em entrevista ao jornal no dia 11, a socióloga Julita Lemgruber diz que a guerra "falida" contra as drogas está ajudando a produzir o caos nos nossos presídios e aumentar a violência ao multiplicar as prisões de pequenos traficantes. "Estamos enxugando gelo", diz.

No dia 30 de dezembro, o colega psiquiatra Antônio Geraldo da Silva reconhece em artigo que o governo enxuga gelo no combate às drogas. Seu diagnóstico parece ser o de que falta pulso firme ao Palácio do Planalto para vencer essa guerra.

Antes de analisar essa tensão, permita-me contar uma história: não muito tempo antes da legalização da produção e da distribuição de maconha no Uruguai (porte pessoal para consumo já não era crime por lá), eu fui a um bairro da periferia de uma cidade brasileira para orientar ações de saúde mental. Circulando pelo bairro, perguntei a um profissional de saúde que conhecia muito bem a região: "É difícil comprar drogas por aqui?". A resposta: "Não, doutor. O difícil é não comprar. Está tudo liberado aqui".

Produz-se, dessa forma, uma situação paradoxal: a maconha, o crack e outras drogas são, ao mesmo tempo, proibidíssimas e completamente liberadas. Essa sobreposição de estados se faz acompanhar de um conjunto nefasto de implicações sociais, penais e sanitárias. Tais consequências são particularmente proeminentes no caso daqueles com maiores riscos: os adolescentes —em especial os pobres.

Ainda assim, o rigor me obriga a apontar que, em seu artigo, Antônio Geraldo da Silva se equivoca na interpretação dos dados da Universidade Federal de São Paulo ao afirmar que "37% dos jovens que usam maconha ficam viciados". Na verdade, o estudo citado aponta uma estimativa de que 10% dos adolescentes que usaram maconha no ano anterior à pesquisa sejam dependentes. Da mesma forma, ainda inexistem dados científicos que permitam sustentar a afirmativa de Silva de que o número de usuários de crack "dobra a cada dois anos".

No caso da maconha, a proibição suprime benefícios do uso medicinal, reprime quem não quer alimentar a criminalidade plantando a própria erva e impossibilita a existência de controle e conhecimento sobre teores de canabinoides, algo particularmente importante para diminuir riscos e maximizar benefícios.

O resultado todos conhecemos: o impacto negativo do consumo de drogas sobre, a pressão sobre o SUS também, a violência relacionada ao comércio de drogas ilícitas idem e a população amedrontada dá força a políticos que prometem ainda mais rigor: mais da suposta solução que é, em última análise, o próprio problema. A tragédia do presídio de Pedrinhas é parte dessa equação, como bem aponta Julita Lemgruber.

Quebrar esse círculo vicioso depende, primeiramente, de reconhecer que o cenário atual é insustentável. Depois, é preciso desadjetivar o debate, por assim dizer. Expressões como "droga maldita", "reféns das drogas" e "exército de zumbis" podem ser boas para explorar o medo dos telespectadores nos programas vespertinos e no horário eleitoral gratuito, mas não ajudam a avançar as políticas públicas.

Para isso é preciso menos preconceito e mais coragem, como a que demonstraram o Uruguai e os Estados americanos de Colorado e Washington ao decidirem regulamentar sem hipocrisia seus mercados locais de maconha.

Essas experiências devem ser avaliadas de forma atenta e desapaixonada no Brasil, em especial neste ano de eleições presidenciais, no qual a tendência dos candidatos é repetir 2010 e endurecer o discurso da repressão na disputa pelo voto conservador.

Enquanto diversos países avançam em direção a uma abordagem distinta da fracassada guerra às drogas, seria muito ruim se a sociedade brasileira condenasse a si própria a passar os próximos anos enxugando gelo –e sangue.

#### \* PARTICIPAÇÃO

Para colaborar, basta enviar e-mail para debates@uol.com.br.

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

### **20 - Para a maioria dos leitores, abordagem mais tolerante em relação à crackolândia é melhor**

Fonte: Folha de São Paulo - Online  
Editoria: paineldoleitor  
Publicada em: 24/01/2014 às 21h33

O Painel do Leitor perguntou nesta semana se os leitores acham que a atual política da Prefeitura de São Paulo em relação ao crack, mais tolerante, é melhor do que as abordagens puramente repressivas.

Para 54%, a abordagem repressiva anterior não teve sucesso e serviu apenas para espalhar os usuários de crack pela cidade.

Para 46%, a repressão ainda é o melhor caminho para acabar com a crackolândia e lidar com a questão dos viciados em crack.

Ao todo, 1.357 leitores votaram na enquete. "Rolezinho"

O Painel do Leitor perguntou nesta semana se os leitores concordavam com o uso do parquímetro eletrônico na Zona Azul. Para 75%, grande quantidade de jovens agrupados pode causar tumulto e favorecer a ação de ladrões.

### **21 - Fotógrafo italiano retrata a rotina de dependentes na crackolândia**

Fonte: Folha de São Paulo - Impresso  
Editoria: Ilustrada  
Publicada em: 24/01/2014 às 22h00

SescTV, 20h, 16 anos. Durante um ano, o fotógrafo italiano Alessio Ortu visitou a crackolândia, no centro de São Paulo, captou imagens dos dependentes de crack e ouviu suas histórias. O resultado agora pode ser conferido no documentário inédito "Simulacrum Praecipiti" --"A visão do abismo", em latim-- que o canal pago leva ao ar hoje.

As imagens em preto e branco feitas por Alessio, ao mesmo tempo que buscam um olhar mais humano, captam também a situação de degradação física, mental e moral pela qual passam. Muitas dessas imagens têm mãos e rostos como foco.

Ortu mora em São Paulo desde 2009. A direção do filme é de Humberto Bassanelli.

-

Bruce Willis comanda o 'Saturday Night Live'

Sony, 18h30, classificação não informada. Como apresentador especial nesta edição, o ator de filmes de ação recebe Katy Perry, que interpreta duas músicas suas: "Roar" e "Walking on Air".

-

John Lennon é tema em sessão dupla de filmes

TC Touch, 15h45, 14 anos. Primeiro, "Capítulo 27" narra a vida de Mark Chapman dias antes de ele matar o ex-beatle. Às 17h25, "O Garoto de Liverpool" mostra a infância e a juventude do músico.

## **22 - Ética do cuidado**

Programas voltados ao cuidado com a primeira infância seriam mais eficazes no combate ao crack do que as campanhas em vigor

Fonte: Folha de São Paulo - Impresso

Editoria: Opinião

Publicada em: 25/01/2014 às 22h00

Sucessivas ações de combate à epidemia de crack têm acumulado derrotas no decorrer dos anos.

Especialistas e leigos reconhecem a profundidade do problema e a insalubridade a que se submetem os dependentes químicos.

Até o ex-presidente da República Fernando Henrique Cardoso, em 2011, apresentou-se como protagonista do documentário

"Quebrando o Tabu", reconhecendo a urgência de uma ação mitigadora.

Muito investimento financeiro e afetivo e, o que é pior, muitas vidas são ceifadas. A prevenção, em geral, aparece na forma de campanhas dedicadas a mostrar os malefícios da droga (como se os usuários não soubessem, a cada uso, de seu poder corrosivo), ou na forma de práticas repressivas, sob o lema da "tolerância zero!". A experiência mostra, porém, que a repressão, ainda que não possa deixar de existir, não tem logrado vitórias.

O problema fundamental, que deveria ser o foco de qualquer ação preventiva, mas não é, concentra-se no motivo pela qual alguns seres humanos procuram e ficam dependentes das drogas. A resposta padrão dá conta de que a droga fornece prazer imediato. Basta um olhar um pouco mais demorado para que se note que, principalmente nos casos de dependência patológica, não é o prazer que dá as cartas.

É certo que o uso de substâncias alteradoras dos estados de consciência faz parte dos hábitos humanos. Mas é o uso patológico e destrutivo, a escravidão à droga, que está em questão. Onde poderíamos encontrar a gênese dessa patologia?

Psicanalistas como Donald Winnicott e Joyce McDougall propuseram a hipótese de que as drogas são uma tentativa do indivíduo de encontrar-se a "simesmo" ("self"), ainda que, paradoxalmente, elas desintegram o corpo e a vida.

Para nós, as drogas são uma tentativa fadada ao fracasso, uma vez que não fornece duradouramente a integração procurada. Trata-se de uma solução, além de efêmera, externa para um problema interno!

A origem das adições deve ser buscada na primeira infância, não propriamente localizada em algum trauma, mas em situações que possam ter produzido quebras significativas no sentimento de ser e de continuar sendo. São elas que estão na origem das adições, como também na de outros distúrbios mais graves, como a psicose e a atitude antissocial (ainda que fatores constitucionais possam contribuir, como uma série complementar, para a instalação dessas patologias).

Se houvesse programas voltados para os cuidados com as mães e o ambiente de sustentação da primeira infância, ou seja, o fornecimento de ambientes humanos confiáveis, estáveis e previsíveis, atendendo às necessidades básicas de comida e contato afetivo, isso nos levaria à constituição de pessoas eticamente mais estruturadas. Uma ética do cuidado produzindo seres humanos que cuidam de "simesmos" ("selves") e dos outros.

Não é vaga a afirmação de Winnicott segundo a qual é no brincar (infantil ou adulto) que o ser humano encontra a "simesmo". Esse brincar, mais do que uma ação que faz rir, corresponde a uma atividade criativa, individual ou coletiva, na qual o ser humano encontra tanto a "simesmo" quanto, no brincar compartilhado, os outros; tal como ocorreria na vida cultural saudável, que nada mais seria do que o brincar do adulto.

A constituição de ambientes de sustentação da infância, nessa perspectiva de compreensão do desenvolvimento emocional dos seres humano, seria uma atitude preventiva que, como se diz, poderia cortar o mal pela raiz. Programas sociais com esse objetivo seriam mais eficazes e menos custosos do que os bilhões que têm sido gastos com as propagandas de conscientização e com as atividades de repressão.

LYGIA VAMPRE HUMBERG, 44, é membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e faz doutorado sobre vícios na USP

LEOPOLDO FULGENCIO, 54, é professor doutor do programa de pós-graduação em psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo. debates@uol.com.br

### **23 - Famigerada cracolândia**

Atuação canhestra da Polícia Civil na região central de São Paulo contraria programa da prefeitura, com ênfase em ações sociais e sanitárias

Fonte: Folha de São Paulo - Impresso

Editoria: Opinião

Publicada em: 25/01/2014 às 22h00

O governador de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB), tem razão ao dizer que não pode se transformar em "picuinha partidária" o confronto entre policiais civis e usuários de crack na região central da capital, na tarde de quinta-feira.

A população está farta de ver políticos perderem-se em alterações inúteis, destinadas à exploração eleitoral, enquanto os problemas se acumulam na cracolândia.

Mas também tem razão o prefeito Fernando Haddad (PT) ao classificar como "lamentável" a operação da Polícia Civil. A utilização de bombas de efeito moral, por exemplo, levou o Ministério Público a abrir inquérito a fim de apurar a investida, considerada estranha.

A despeito do que as investigações permitam concluir, é inegável que faltou controle, por parte do governo do Estado, sobre as forças de segurança.

Segundo consta, a operação foi levada a cabo sem que Alckmin e Haddad tivessem sido avisados. Não que essa comunicação fosse legalmente necessária. Era, contudo, oportuna, porque a prefeitura e o governo têm um recente acordo de atuação conjunta na área.

Nenhum projeto terá êxito na cracolândia sem a coordenação das esferas municipal e estadual. Tampouco haverá sucesso se não houver o devido equilíbrio entre a repressão policial, de um lado, e a atenção social e sanitária, de outro.

Com peso maior ora num prato dessa balança, ora no outro, diversas abordagens foram postas em prática --todas fracassaram. As mais recentes, também frustradas,

basearam-se sobretudo na força. Decerto por essa razão Fernando Haddad decidiu tentar algo novo.

A ação da prefeitura consiste em oferecer alojamento em hotéis da região, comida e um auxílio financeiro de R\$ 15 por dia aos usuários de crack que, de forma voluntária, aceitem participar do programa. Em troca, exige-se que trabalhem quatro horas diárias na varrição de ruas locais e participem de um curso de qualificação profissional. A força policial seria utilizada somente em situações extremas.

É cedo, sem dúvida, para emitir juízos a respeito da Operação Braços Abertos. Quando se trata de droga tão destrutiva e barata quanto o crack, todo ceticismo é infelizmente recomendável.

Reconheça-se, contudo, que o projeto tem méritos de um ponto de vista da redução de danos. Embora ainda precise passar pelo teste da realidade no médio prazo, o programa representa possibilidade de saída para almas devastadas e sem perspectivas.

Além disso, o mero cadastro desses cerca de 500 indivíduos permite ao poder público estabelecer com alguns deles uma relação, mesmo que precária --é pouco, mas é mais do que se tem hoje.

Muito ainda precisará ser feito, de todo modo, até os paulistanos terem motivos para acreditar numa cidade sem a cracolândia. A solução não virá sem verdadeira restauração urbanística da região ou maior eficiência no combate ao tráfico de drogas. A população agradecerá se, nessa longa caminhada, prefeito e governador andarem juntos.

## **24 - Lygia Vampré Humberg e Leopoldo Fulgencio: Ética do cuidado**

Fonte: Folha de São Paulo - Online  
Editoria: Opinião  
Publicada em: 26/01/2014 às 01h00

Sucessivas ações de combate à epidemia de crack têm acumulado derrotas no decorrer dos anos.

Especialistas e leigos reconhecem a profundidade do problema e a insalubridade a que se submetem os dependentes químicos.

Até o ex-presidente da República Fernando Henrique Cardoso, em 2011, apresentou-se como protagonista do documentário "Quebrando o Tabu", reconhecendo a urgência de uma ação mitigadora.

Muito investimento financeiro e afetivo e, o que é pior, muitas vidas são ceifadas. A prevenção, em geral, aparece na forma de campanhas dedicadas a mostrar os

malefícios da droga (como se os usuários não soubessem, a cada uso, de seu poder corrosivo), ou na forma de práticas repressivas, sob o lema da "tolerância zero!". A experiência mostra, porém, que a repressão, ainda que não possa deixar de existir, não tem logrado vitórias.

O problema fundamental, que deveria ser o foco de qualquer ação preventiva, mas não é, concentra-se no motivo pela qual alguns seres humanos procuram e ficam dependentes das drogas. A resposta padrão dá conta de que a droga fornece prazer imediato. Basta um olhar um pouco mais demorado para que se note que, principalmente nos casos de dependência patológica, não é o prazer que dá as cartas.

É certo que o uso de substâncias alteradoras dos estados de consciência faz parte dos hábitos humanos. Mas é o uso patológico e destrutivo, a escravidão à droga, que está em questão. Onde poderíamos encontrar a gênese dessa patologia?

Psicanalistas como Donald Winnicott e Joyce McDougall propuseram a hipótese de que as drogas são uma tentativa do indivíduo de encontrar-se a "simesmo" ("self"), ainda que, paradoxalmente, elas desintegrem o corpo e a vida.

Para nós, as drogas são uma tentativa fadada ao fracasso, uma vez que não fornece duradouramente a integração procurada. Trata-se de uma solução, além de efêmera, externa para um problema interno!

A origem das adições deve ser buscada na primeira infância, não propriamente localizada em algum trauma, mas em situações que possam ter produzido quebras significativas no sentimento de ser e de continuar sendo. São elas que estão na origem das adições, como também na de outros distúrbios mais graves, como a psicose e a atitude antissocial (ainda que fatores constitucionais possam contribuir, como uma série complementar, para a instalação dessas patologias).

Se houvesse programas voltados para os cuidados com as mães e o ambiente de sustentação da primeira infância, ou seja, o fornecimento de ambientes humanos confiáveis, estáveis e previsíveis, atendendo às necessidades básicas de comida e contato afetivo, isso nos levaria à constituição de pessoas eticamente mais estruturadas. Uma ética do cuidado produzindo seres humanos que cuidam de "si mesmos" ("selves") e dos outros.

Não é vaga a afirmação de Winnicott segundo a qual é no brincar (infantil ou adulto) que o ser humano encontra a "si mesmo". Esse brincar, mais do que uma ação que faz rir, corresponde a uma atividade criativa, individual ou coletiva, na qual o ser humano encontra tanto a "simesmo" quanto, no brincar compartilhado, os outros; tal como ocorreria na vida cultural saudável, que nada mais seria do que o brincar do adulto.

A constituição de ambientes de sustentação da infância, nessa perspectiva de compreensão do desenvolvimento emocional dos seres humano, seria uma atitude



preventiva que, como se diz, poderia cortar o mal pela raiz. Programas sociais com esse objetivo seriam mais eficazes e menos custosos do que os bilhões que têm sido gastos com as propagandas de conscientização e com as atividades de repressão.

#### \* PARTICIPAÇÃO

Para colaborar, basta enviar e-mail para debates@uol.com.br.

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

### **25 - Vandalismo Não sei qual a intenção da Folha ao disponibilizar o vídeo da repressão policial aos ditos...**

Fonte: Folha de São Paulo - Impresso

Editoria: Opinião

Publicada em: 26/01/2014 às 22h00

Vandalismo

Não sei qual a intenção da Folha ao disponibilizar o vídeo da repressão policial aos ditos "manifestantes" refugiados em um estabelecimento comercial privado após promoverem transtornos nas vias públicas. Se o objetivo foi imputar excessos à corporação, não teve sucesso. Pelo documentário assistimos a uma polícia que é capaz de proteger propriedades privadas e públicas e ajudar a população na reprovação da baderna travestida de protesto, que tanto nos cansa.

Manoel Ildfonso Paz Landim (Jales, SP)

-Alguém precisa dizer a Marcio A. Macedo (Painel do Leitor, 26/1) que o Brasil é um país democrático e que protestar faz parte da democracia. O governo foi eleito, mas não temos que concordar com todas as suas decisões.

Fábia Regina de Britto Wanderley (São Paulo, SP)

As manifestações contra a Copa poderiam acender a luz vermelha nos governantes e nas casas legislativas, que têm prestado péssimos serviços à população. Em vez disso o que se viu foi um vandalismo absurdo, principalmente em São Paulo, que não leva a lugar nenhum, a não ser à prisão --que é o lugar onde os baderneiros merecem estar.

Izabel Avallone (São Paulo, SP)

Somos otimistas e pensamos que o governo poderá mudar o rumo dos acontecimentos no país. Mas os discursos em Davos mostram um quadro de completo desalento em termos de governabilidade. A população resolveu agir de

forma baderneira, na base do quanto pior, melhor, e quanto mais danificado, mais bem quebrado. É tempo inadiável de se pôr um freio em tudo isso.

Yvette Kfoury Abrão (São Paulo, SP)

As jornadas de junho do ano passado provocaram um interessante fenômeno social e político no Brasil. Os contratos não precisam mais ser cumpridos, pois os aumentos de ônibus e metrô puderam ser revogados por pressão das ruas. Desde então, protesta-se por vários motivos para se obter o que não se consegue pelos canais institucionais. Há uma total inversão da democracia que sai do Parlamento para a rua. O último embate nas ruas, em 1964, terminou num golpe de Estado.

Luiz Roberto Da Costa Jr. (Campinas, SP)

Rolezinhos

Não acredito que o rolezinho ameace o mundo idealizado dos shoppings. Mas hoje, infelizmente, uma aglomeração, mesmo legítima, com mais de 50 pessoas, sofre com a infiltração de "black blocs", arruaceiros e pivetes. Então há de se preservar as instituições, o comércio e as pessoas.

Ricardo C. Siqueira (Niterói, RJ) Cracolândia

Achei legal essa Operação Braços Abertos do prefeito Fernando Haddad. É uma tentativa válida para tentar tirar do crack essas pessoas viciadas, sem rumo. E errou a Polícia Civil ao agir com truculência contra os viciados. Tráfico se combate com inteligência.

Arcangelo Sforcin Filho (São Paulo, SP) Diretas-Já

Politizado, pacífico, objetivo e marcado por uma febre de rebeldia e civismo que contagiou todas as classes sociais, a campanha pelas Diretas-Já completa 30 anos como o maior e mais consequente movimento de massas do Brasil. Não há registro de que uma lixeira sequer tenha sido virada. É consenso que o movimento pelas Diretas-Já teve enorme importância na redemocratização do país.

O papel da imprensa foi fundamental. O primeiro veículo a encampar a emenda foi a Folha. O jornal se envolveu na campanha, publicando até o roteiro dos comícios. Se o povo nas ruas não derrubou imediatamente a ditadura, ao menos apressou seu fim.

Aníbal Teixeira, presidente do Instituto JK e ex-ministro do Planejamento (Belo Horizonte, MG) Sistema político

Sobre a discussão entre parlamentarismo ou presidencialismo ("Opinião", 25/1), concordo com Cláudio G. Couto, ao demonstrar que as eleições diretas para presidente foram fundamentais para a consolidação de nossa democracia e que os constituintes de 1988 acertaram ao optar pelo presidencialismo. Por outro lado é

difícil estabelecer uma política partidária séria numa cultura tradicionalmente fisiológica. Nesse ponto Ives Gandra Martins foi feliz ao dizer que, no Brasil, temos "donos" de 32 partidos, mas não existem 32 ideologias diferentes!

Luiza Nagib Eluf, advogada (São Paulo, SP) Yoko Ono

Muito interessante a reportagem com Yoko Ono ("Serafina", 26/1), mas os fãs de John Lennon já sabiam que ela nunca foi o motivo da separação dos Beatles. Quando Lennon falou "o sonho acabou" é porque já não estava interessado em manter um posicionamento comercial, com gravações impostas, shows etc.

Nilton Nazar (São Paulo, SP) Janio

Janio de Freitas ("Poder", 26/1) ressalta um aspecto muito pouco abordado quando se discute atividade industrial. Fala-se muito em custo Brasil, mas nunca vi alguém citar o mais pesado dos encargos: o próprio empresário e a sua fome de ganhos. Em décadas como analista de crédito em grandes bancos, pude comprovar que em nenhum outro lugar do mundo o binômio "empresa pobre, sócio rico" é tão verdadeiro como no Brasil. No Brasil há poucos empresários, mas muitos gigolôs de empresa. A grande expertise do empresário brasileiro é a choradeira: querem que o governo banque tudo e saia de cena.

Celso Balloti (São Paulo, SP)

No mesmo dia e no mesmo caderno em que uma empresária mineira diz que teve que "doar" R\$ 200 mil ao ex-ministro Carlos Lupi para "destravar" alguns processos, mostrando que esse tipo de procedimento infelizmente é mais do que comum, vem o sr. Janio de Freitas declarar que o empresário brasileiro é atrasado como pessoa e como dirigente.

Janio --como a grande maioria da esquerda-- comete o erro de apontar como culpado pela estagnação o único grupo de pessoas que ainda faz com que este país tenha um PIB acima de zero.

Ricardo Barrera (São Paulo, SP)

## **26 - Inflação da pedra**

Fonte: Folha de São Paulo – Impresso

Editoria: Opinião

Publicada em: 26/01/2014 às 22h00

A prefeitura paulistana produziu nesta sexta um raro experimento de laboratório em economia. Despejou um balde de dinheiro novo no mercado do crack na região central. O resultado, a inflação da pedra, confirmou a cartilha.

Dependentes receberam da prefeitura o primeiro pagamento semanal de R\$ 120 por atuar em atividades como limpeza e varrição. Foi um choque potencial de R\$ 36 mil na procura pela droga.

A oferta não estava preparada --falamos de um micromercado de 500 a 800 pessoas pobres--, e o preço subiu. Nesta semana, se a polícia não interferir, o tráfico deve reequilibrar um pouco a balança, elevando a disponibilidade da pedra

O que foi inicialmente inflação tende a transformar-se, com o tempo, em aumento do consumo. A expectativa se reforça porque, como se depreende da confusão com policiais civis na quinta-feira, o combate ao tráfico ficará dificultado no novo mix de abordagens apregoado pela gestão Fernando Haddad (PT), apoiado pelo governador Geraldo Alckmin (PSDB).

Esse incentivo financeiro ao consumo da droga é a nota mais duvidosa do programa "Braços Abertos". Acolher dependentes em hotéis e pagar-lhes por pequenos serviços públicos pode dar-lhes mais dignidade e até reduzir danos associados ao vício. Mas mantê-los a poucos passos do pregão do tráfico é arriscar tudo isso.

Em toda a já longa discussão sobre a melhor abordagem para a crackolândia, talvez tenhamos nos acostumado a vincular uma coisa a outra, um local da cidade ao consumo dessa droga. Que tal, apenas para variar, separar essas duas categorias?

Tráfico e consumo de crack são tenazes e flexíveis, podendo desenvolver-se em vários locais, públicos e privados --são temas de repressão policial e saúde pública. É a crackolândia que não precisa necessariamente continuar. A solução, sempre adiada, é sobretudo urbanística.

## **27 - Braços abertos**

Fonte: Folha de São Paulo - Impresso

Editoria: Opinião

Publicada em: 30/01/2014 às 22h00

Exceto pelo nome brega, "Braços Abertos", vejo com simpatia o plano da Prefeitura de São Paulo para lidar com os viciados em crack no centro da cidade.

É claro que eu mudaria duas ou três coisinhas, para tentar modular melhor os efeitos urbanísticos do uso da área, mas o programa tem o grande mérito de reconhecer, ainda que implicitamente, que a repressão policial não é solução para a questão das drogas. Ela até pode ajudar a inibir o consumo, mas cria tantos efeitos colaterais indesejáveis que não parece exagero afirmar que, no final das contas, agrava o problema.

Um dos bons livros que li no ano passado foi "High Price" (preço alto), de Carl Hart. O autor é neurocientista, professor em Columbia e pesquisa drogas. Ele também é

negro, criado nos piores bairros de Miami e que por pouco não se tornou um traficante. Hart combina suas experiências acadêmica e pessoal para sustentar a tese de que quase todas as ideias comumente aceitas sobre drogas estão erradas. Elas se baseiam em má ciência quando não em mitos.

Um deles é o de que basta experimentar o crack uma vez para tornar-se dependente e logo estar vagando pelas ruas esquelético como um morto-vivo. Segundo Hart, mais de 75% dos usuários de crack, a exemplo dos de heroína, jamais se torna dependente da substância. Não é só. Engenhosas pesquisas do autor mostram que mesmo um dependente grave ainda conserva alguma capacidade de tomar decisões racionais, trocando, por exemplo, uma dose que sabe ser de baixa qualidade por recompensa futura. A ideia de que, para obter a próxima dose o viciado rouba, se prostitui e mata, é exagerada.

A dependência é um fenômeno complexo que envolve bioquímica, personalidade e fatores sociais. A ciência ainda está longe de entender como tudo isso interage, mas já sabemos o bastante para ver que não faz sentido acrescentar uma dimensão penal à já difícil vida do dependente.

## **28 - Maioria dos leitores é favorável a manifestações contra Copa do Brasil**

Fonte: Folha de São Paulo – Online

Autor: DE SÃO PAULO Editoria: Painel do leitor

Publicada em: 31/01/2014 às 20h00

O Painel do Leitor perguntou nesta semana se os leitores são a favor dos protestos contra o Mundial no Brasil.

Para 70%, o dinheiro público gasto na construção de estádios para a Copa deveria ter sido usado em outras prioridades do país, como saúde e educação. Mesmo que não cancelem o evento, os protestos são necessários para demonstrar a insatisfação dos brasileiros.

Para 30%, os protestos contra a Copa deveriam ter ocorrido quando o país se candidatou a sediar o evento, em 2006. Cancelar ou prejudicar a realização do mundial, agora, só tornaria maiores os prejuízos e impediria o país de desfrutar de seus eventuais benefícios.

Ao todo, 4.426 leitores votaram na enquete. "Cracolândia"

O Painel do Leitor perguntou na semana passada se os leitores achavam que a atual política da Prefeitura de São Paulo em relação ao crack, mais tolerante, seria melhor do que as abordagens puramente repressivas.

Para 54%, a abordagem repressiva anterior não teve sucesso e serviu apenas para espalhar os usuários de crack pela cidade.

**29 - Veja as manchetes dos principais jornais e revistas deste domingo**

Fonte: Folha de São Paulo – Online  
Autor: DE SÃO PAULO Editoria: Poder  
Publicada em: 02/02/2014 às 05h20

\*

Jornais nacionais

Folha de S.Paulo

Com novo aumento, auxílio-doença infla o deficit do INSS

Agora S.Paulo

Tire 30 dúvidas sobre tempo de contribuição para se aposentar

O Estado de S.Paulo

BC cobra de empresas e clubes R\$ 39,8 bi em multas

O Globo

Policiais não sabem como conter protestos violentos

Correio Braziliense

Acima de policiais, o rigor da lei

Estado de Minas

Já usei crack, cocaína, LSD e outras drogas... mas da maconha não consigo me livrar

Zero Hora

Seis pontos que podem mudar: o transporte da capital

\* Revistas Veja

O homem que venceu a máquina

Época

O Risco da Copa

Isto É

A revolução na queima de calorias

Carta Capital

Quem pretende parar o Brasil em 2014?

\*

Jornais internacionais

The New York Times (EUA)

Regras de lobby não terminam nas portas do Capitólio

El País (Espanha)

Empresas adiam criação de postos de trabalho para 2015

### **30 - Fracasso duplo**

Fonte: Folha de São Paulo - Impresso

Editoria: Opinião

Publicada em: 04/12/2013 às 22h00

O prefeito Fernando Haddad (PT) há de ter muitos motivos para dor de cabeça nestes tempos. A par de problemas crônicos, como o dos transportes, e sazonais, como a estação das chuvas que se aproxima, muita coisa contribui para os baixos índices de popularidade registrados na pesquisa Datafolha. Está entre as mazelas típicas dos grandes centros urbanos --resistindo às iniciativas pontuais das autoridades-- a situação dos moradores de rua. O quadro de absoluta degradação humana e de abandono dessa população não é novidade para os paulistanos.

Poucas coisas parecem revelar com mais clareza, entretanto, a sensação de impotência e de descaso do poder público do que cenas e acontecimentos que intensificam, para além do rotineiro, a percepção cotidiana dessa insuportável ferida no tecido social.

Estampada na primeira página da Folha de ontem, a fotografia de uma favela em plena cracolândia não poderia ser sinal mais eloquente do fracasso de que participa a infausta dupla que se configurou entre o prefeito Haddad e o governador Geraldo Alckmin (PSDB).

Num amplo terreno, o governo estadual pretende construir um centro cultural, com três teatros. O anúncio desse empreendimento foi feito em 2008, sendo sua conclusão prevista para 2010.

O Complexo Cultural da Luz teve sua inauguração adiada para 2017. Lixo e mato invadiram o terreno. Para evitar outro tipo de invasão --a humana--, um sólido alambrado se ergueu. Encostaram-se ali cerca de cem barracos, que abrigam dependentes de crack, catadores de papel e moradores de rua.

Trata-se de um ponto na área central de São Paulo, a poucos passos de uma prestigiada sala de concertos e de museus; arrasta-se o plano de revitalizar toda a região, que hoje funciona apenas como o sinal mais claro dos imensos contrastes da maior cidade brasileira.

A revitalização urbana seria, em todo caso, de pouco significado se não se cuidasse de revitalizar a própria existência de tantas pessoas imersas na dependência química e na miséria.

A prefeitura reagiu com nota lacônica ao surgimento da "favelinha": houve 1.169 abordagens de assistentes sociais, "que resultaram em 341 encaminhamentos". Já se gastaram R\$ 170 milhões com o novo complexo cultural. Não se diz quanto se gasta, ou deveria gastar, para recuperar a dignidade dos que vegetam naquela região.

### **31 - Liz Evans: Opção humanitária**

Fonte: Folha de São Paulo - Online  
Editoria: Opinião  
Publicada em: 15/02/2014 às 01h00

A iniciativa "operação Braços Abertos" do prefeito Fernando Haddad, um programa que oferece moradia e emprego a usuários de drogas, é ousada e absolutamente acertada. Ao abraçar os dependentes, a população de São Paulo dará um passo para acabar com as condições desumanas e punitivas que exacerbam os problemas sociais, pessoais e de saúde tanto para os usuários individuais de drogas quanto para a comunidade mais ampla.

Abordagens semelhantes, pragmáticas e baseadas em evidências, estão sendo adotadas em muitas cidades do mundo, de Amsterdã a Lisboa, Sydney e Vancouver, onde governos tomam medidas para reduzir as dificuldades diárias das pessoas que usam drogas. Eles o estão fazendo porque faz sentido. Já está comprovado que as mesmas medidas que reduzem a dor e o sofrimento individuais geram benefícios palpáveis para a saúde pública, reduzem a desigualdade e, em última análise, melhoram a segurança nos bairros.

Em meu bairro em Vancouver, uma área de baixa renda permeada por drogas, somos ricos em pessoas que resvalaram pelas frestas da sociedade canadense e convivem com dependências. Muitas dessas pessoas vivem traumas constantes, pobreza, são sem-teto e sofrem crises de saúde física e mental. Como São Paulo, aprendemos da maneira difícil que a repressão aos chamados "guetos de drogas", com prisões e multas, traz melhorias apenas temporárias e superficiais; no longo prazo, não beneficia nossa comunidade. Ao longo dos anos 1990, em Vancouver, vimos a "guerra às drogas" fracassar redondamente. Em vez de ruas mais limpas, sofremos decadência urbana crescente e o aumento dos guetos. Em vez da redução do



consumo de drogas, assistimos ao aumento vertiginoso dos índices de contaminação por HIV e das mortes por overdose.

Com o tempo, todos concordaram que era preciso mudar –desde os usuários de drogas até a comunidade empresarial, os políticos, profissionais de saúde, familiares, líderes religiosos, organizações sem fins lucrativos e as pessoas que simplesmente se preocupam o suficiente.

Desde 1991, a Sociedade PHS de Serviços à Comunidade, sociedade sem fins lucrativos que fundei, começou a criar alternativas, adotando uma abordagem semelhante à do prefeito Haddad. Começamos por oferecer moradia a usuários de drogas. Na época, fomos tachados de irresponsáveis porque oferecíamos moradia sem impor a abstinência ou a participação em programas de tratamento antidrogas. Contrariamente à opinião popular, constatamos que, ao darmos um teto aos usuários, também abrimos a porta para que mesmo os mais marginalizados de nossa comunidade pudessem ter acesso à saúde, alimentação e outros serviços, chegando com o tempo a incluir opções para o tratamento contra as drogas.

Como no caso da iniciativa do prefeito Haddad, começamos em pequena escala. Nosso projeto inicial foi apenas um hotel pequeno, com lugar para apenas 70 pessoas, e uma equipe mínima de profissionais. Ao longo dos últimos 20 anos, muitas outras portas se abriram a partir daquele projeto inicial. Hoje a PHS opera mil unidades habitacionais com serviços de saúde embutidos. Levamos serviços às pessoas, em vez de esperar que elas mudem para poderem receber os serviços. Oferecemos a nossos residentes o que eles precisam, desde alimentação e medicamentos até métodos de prevenção do HIV e hepatite C que "reduzam o mal", como agulhas limpas e kits para fumar crack.

Operamos uma sala de consumo supervisionado, onde as pessoas podem usar drogas de rua em segurança, na presença de um enfermeiro. O programa previne as mortes por overdose e reduz a disseminação de doenças.

E também, pelo fato de estarmos em contato com as pessoas enquanto estão usando as drogas ativamente, podemos ajudá-las se e quando quiserem reduzir ou uso ou se recuperar. Na verdade, lançamos um programa de desintoxicação no mesmo prédio.

Pouco a pouco começamos a reconstruir os elementos básicos de uma comunidade. Hoje operamos um banco, uma clínica odontológica, uma mercearia, várias hortas urbanas e um estúdio de arte. Abrimos vários empreendimentos sociais –um café, uma loja de chocolates, uma empresa de dedetização, uma lavanderia– em que os membros da comunidade podem encontrar algo significativo a fazer com seu tempo, além de ganharem um pouco de dinheiro.

Para recuperar nossa comunidade, precisamos partir do reconhecimento e aceitação do uso de drogas, e não enxergar o uso como algo que precisa ser erradicado antes

que seja possível conquistar quaisquer outros avanços. Em todos nossos espaços e programas, pessoas que durante muito tempo não foram vistas como membros de nossa sociedade são incluídas e bem recebidas, sejam ou não usuárias ativas de drogas.

Quando comecei este trabalho, mais de duas décadas atrás, eu chorava todos os dias diante da devastação que via em nossos hotéis e nas ruas em volta. Hoje há evidências científicas crescentes que comprovam que o enfoque humanitário e pragmático adotado em Vancouver resultou em menos desordem pública, menos disseminação de doenças e menor índice de mortes por overdose de drogas. Dados recentes mostram que as pessoas em minha comunidade estão vivendo em média dez anos mais do que viviam 20 anos atrás.

Não tem sido fácil. Muitas vezes eu desejo que fosse mais simples. Contudo, a realidade é que, se encarcerar usuários ou forçá-los a seguir tratamentos contra drogas funcionassem, teríamos acabado com a dependência de drogas anos atrás. Todas as evidências mostram que essas abordagens punitivas não funcionam. Em Vancouver, ao abrir nossos braços para os usuários de drogas, conseguimos criar uma resposta ao uso de drogas que não apenas é humanitária como é verdadeiramente terapêutica para o indivíduo e a comunidade. A "Operação Braços Abertos" pode funcionar porque opera com base nos mesmos princípios.

## PARTICIPAÇÃO

Para colaborar, basta enviar e-mail para [debates@uol.com.br](mailto:debates@uol.com.br).

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

## **32 - Opinião - Investimentos recordes em São Paulo**

Fonte: Folha de São Paulo - Online

Editoria: fsp

Publicada em: 16/02/2014 às 21h00

Nunca se investiu tanto em São Paulo como agora. A gestão Fernando Haddad foi a que mais aplicou recursos em um primeiro ano de prefeitura na comparação com governos anteriores. Foram R\$ 3,7 bilhões em 2013, contra R\$ 2,1 bilhões em 2009 e R\$ 678 milhões em 2005.

Em artigo nesta Folha ("Má administração requer mais impostos", 12/2), o vereador do PSDB Floriano Pesaro fala de "inoperância" da atual gestão. Os dados apontados acima são a melhor resposta aos ataques e comprovam o que o paulistano já sabe: os serviços municipais vêm recuperando qualidade.

Ao longo de 2013, a prefeitura recuperou o tempo perdido. Com diálogo direto com a presidente Dilma, diversas áreas tiveram ampliados os aportes de recursos do governo federal. Um exemplo foi a inclusão de 98 mil famílias no Cadastro Único e a aprovação do Bolsa Família para 111 mil famílias.

Um esforço intersecretarial deu origem ao Braços Abertos, programa inovador para lidar com o problema da drogadição, em especial o consumo de crack. Na saúde, o crescimento da Rede Hora Certa reduziu a fila por exames e procedimentos, que crescia 25% ao ano. E ainda neste semestre, o hospital Santa Marina, recém-adquirido pela prefeitura, voltará a atender a região sul.

Na educação, a mudança nos ciclos aperfeiçoa a alfabetização, acaba com a aprovação automática e evita que crianças cheguem aos dez anos sem saber ler e escrever. Parceria com o governo federal fez dos CEUs polos da Universidade Aberta do Brasil, que já contam com 168 turmas, e do Pronatec, com 11 mil matrículas. Na área de habitação, a prefeitura entregou 1.890 moradias e possui 22 mil unidades em andamento ou já contratadas. Tudo isso por conta da adesão ao Minha Casa, Minha Vida.

No transporte, foi criado o Bilhete Único Mensal e foram implantadas mais de 300 quilômetros de faixas exclusivas. A velocidade média dos ônibus cresceu mais de 40% e o cidadão que utiliza o sistema de transporte ganhou, em média, meia hora por dia.

A gestão Haddad também criou as secretarias de Políticas para as Mulheres e de Promoção da Igualdade Racial, que atendem demandas históricas desses setores, além da Controladoria geral do Município. Para isso, foram criados 348 cargos, e não 1.200.

Em 2013, a prefeitura também trabalhou por um novo projeto de IPTU que fosse mais justo para a cidade. A proposta previa ampliação da faixa de isenção, criação de descontos para aposentados não isentos, reajuste abaixo da inflação para cerca de 300 mil contribuintes e redução para outros 227 mil.

O mesmo PSDB que foi à Justiça para suspender esse projeto aprovou um reajuste muito maior e mais pernicioso em 2009. Naquele momento, nem PSDB nem Fiesp buscaram a Justiça.

Infelizmente, em nome da disputa política e da demagogia, os maiores prejudicados são moradores da periferia, aposentados, pais e mães de família que poderiam estar isentos ou pagar um imposto adequado ao seu imóvel, mas terão de arcar com valores mais altos, por causa de uma política fiscal injusta que continua beneficiando apenas a camada mais rica.

Fonte: Folha de São Paulo - Online  
Editoria: Opinião  
Publicada em: 17/02/2014 às 00h00

Nunca se investiu tanto em São Paulo como agora. A gestão Fernando Haddad foi a que mais aplicou recursos em um primeiro ano de prefeitura na comparação com governos anteriores. Foram R\$ 3,7 bilhões em 2013, contra R\$ 2,1 bilhões em 2009 e R\$ 678 milhões em 2005.

Em artigo nesta Folha ("Má administração requer mais impostos", 12/2), o vereador do PSDB Floriano Pesaro fala de "inoperância" da atual gestão. Os dados apontados acima são a melhor resposta aos ataques e comprovam o que o paulistano já sabe: os serviços municipais vêm recuperando qualidade.

Ao longo de 2013, a prefeitura recuperou o tempo perdido. Com diálogo direto com a presidente Dilma, diversas áreas tiveram ampliados os aportes de recursos do governo federal. Um exemplo foi a inclusão de 98 mil famílias no Cadastro Único e a aprovação do Bolsa Família para 111 mil famílias.

Um esforço intersecretarial deu origem ao Braços Abertos, programa inovador para lidar com o problema da drogadição, em especial o consumo de crack. Na saúde, o crescimento da Rede Hora Certa reduziu a fila por exames e procedimentos, que crescia 25% ao ano. E ainda neste semestre, o hospital Santa Marina, recém-adquirido pela prefeitura, voltará a atender a região sul.

Na educação, a mudança nos ciclos aperfeiçoa a alfabetização, acaba com a aprovação automática e evita que crianças cheguem aos dez anos sem saber ler e escrever. Parceria com o governo federal fez dos CEUs polos da Universidade Aberta do Brasil, que já contam com 168 turmas, e do Pronatec, com 11 mil matrículas. Na área de habitação, a prefeitura entregou 1.890 moradias e possui 22 mil unidades em andamento ou já contratadas. Tudo isso por conta da adesão ao Minha Casa, Minha Vida.

No transporte, foi criado o Bilhete Único Mensal e foram implantadas mais de 300 quilômetros de faixas exclusivas. A velocidade média dos ônibus cresceu mais de 40% e o cidadão que utiliza o sistema de transporte ganhou, em média, meia hora por dia.

A gestão Haddad também criou as secretarias de Políticas para as Mulheres e de Promoção da Igualdade Racial, que atendem demandas históricas desses setores, além da Controladoria geral do Município. Para isso, foram criados 348 cargos, e não 1.200.

Em 2013, a prefeitura também trabalhou por um novo projeto de IPTU que fosse mais justo para a cidade. A proposta previa ampliação da faixa de isenção, criação de descontos para aposentados não isentos, reajuste abaixo da inflação para cerca de 300 mil contribuintes e redução para outros 227 mil.

O mesmo PSDB que foi à Justiça para suspender esse projeto aprovou um reajuste muito maior e mais pernicioso em 2009. Naquele momento, nem PSDB nem Fiesp buscaram a Justiça.

Infelizmente, em nome da disputa política e da demagogia, os maiores prejudicados são moradores da periferia, aposentados, pais e mães de família que poderiam estar isentos ou pagar um imposto adequado ao seu imóvel, mas terão de arcar com valores mais altos, por causa de uma política fiscal injusta que continua beneficiando apenas a camada mais rica.

#### \* PARTICIPAÇÃO

Para colaborar, basta enviar e-mail para [debates@uol.com.br](mailto:debates@uol.com.br). Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

### **Revitalização/necessidade de revitalização de locais que costumava/costumavam ser frequentados por pessoas que usam crack**

#### **1 - O Masp e a casa da sogra**

Se nos choca ver o vão livre ocupado, é de políticas públicas decentes que necessitamos, com urgência

Fonte: Folha de São Paulo - Impresso  
Editoria: Cotidiano  
Publicada em: 01/12/2013 às 22h00

Há duas semanas o "Estadão" defendeu em seu editorial o cercamento do vão livre do Masp como forma de proteger o museu da ameaça de "viciados", "traficantes", "moradores de rua" e "grupos de manifestantes" que tomaram conta do espaço.

O jornal reverberou declarações do curador do museu, Teixeira Coelho, que, diante da recusa do Instituto do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional em aceitar seu pedido de instalação de grades no vão livre, classificou tal posição como "um atraso".

Outra solução levantada pelo editorial seria "uma ação enérgica" da polícia, "para colocar cada um no seu devido lugar", já que o vão livre se tornou "a casa da sogra", "onde qualquer um faz o que bem entende".

Reportagem da Folha da última sexta-feira estampa barracas de camping ocupando o espaço, servindo de moradia a pessoas sem teto, e reitera a imagem de "abandono" do lugar.

Não é à toa que o Masp se tornou um dos símbolos de São Paulo, além de um dos lugares mais apropriados pelos paulistanos. Poucos são os espaços da cidade que estabelecem uma relação tão bem-sucedida entre o público e o privado, a cultura, a arte e a vida cotidiana dos cidadãos.

Na contramão dos equipamentos culturais desenhados para serem monumentos de celebração a uma arte-mercadoria, glamourizada e identificada com as elites, o Masp nasceu para ser uma espécie de antimuseu, radicalmente aberto para a cidade.

Em filme de 1972, Lina Bo Bardi, autora do projeto, fala sobre o Masp: "[...] minha preocupação básica foi a de fazer uma arquitetura feia, uma arquitetura que não fosse uma arquitetura formal, embora tenha ainda, infelizmente, problemas formais. Uma arquitetura ruim e com espaços livres que pudessem ser criados pela coletividade. Assim nasceu o grande belvedere do museu, com a escadinha pequena. A escadinha não é uma escadaria áulica, mas uma escadinha-tribuna que pode ser transformada em um palanque. Eu quis fazer um projeto ruim. Isto é, feio formalmente e arquitetonicamente, mas que fosse um espaço aproveitável, que fosse uma coisa aproveitada pelos homens".

O vão livre do Masp é, portanto, o próprio museu. E os moradores da cidade, celebrando este belo presente, afirmam todos os dias seu caráter público: heterogêneo e múltiplo, ocupado e povoado por todo e qualquer tipo de gente, de evento e de situação, afirmando ali a dimensão pública da arte, da cultura e da cidade.

Se nos choca e indigna ver o vão do Masp (e outros espaços públicos) ocupado por pessoas viciadas em crack e moradores sem teto, é de políticas públicas decentes de saúde mental, de moradia e de assistência social que precisamos, com urgência.

Não são as grades nem a repressão policial que vão enfrentar a situação de vulnerabilidade em que se encontram muitos paulistanos. Se eles estão ali, expondo a precariedade e a situação limite de sua existência, é porque, simplesmente, não há nada nem ninguém que os acolha, propondo alternativas reais para essa situação.

A imagem das barracas armadas no Masp só afirma a urgência de implementação de políticas que avancem nesta direção. Uma boa gestão de cidade mantém a qualidade de seus espaços públicos cuidando tanto de seu estado físico de conservação quanto da vulnerabilidade de parte de seus cidadãos.

Se o vão livre do Masp tem sido cada vez mais palco de manifestações, é justamente por acolher de forma tão eloquente uma das reivindicações centrais dos protestos recentes: a necessidade de constituição de uma esfera verdadeiramente pública no Brasil.

## **2 - Antiga estação ferroviária central é abrigo para usuários de droga em Bauru**

Fonte: Folha de São Paulo - Online  
Autor: CAMILA TURTELLI Editoria: cotidiano  
Publicada em: 05/01/2014 às 01h00

A situação de abandono da memória ferroviária não é uma característica somente da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro.

A cidade de Bauru (329 km de São Paulo), que já abrigou uma das maiores estações ferroviárias do Estado, hoje tem o prédio também abandonado.

Inaugurada em 1939, a Estação Central chegou a contar com três plataformas de embarque. Teve 28 trens, das companhias Paulista, Noroeste e Sorocabana, circulando diariamente para diversos destinos.

Atualmente, o prédio serve de esconderijo para usuários de crack e abrigo para moradores de rua.

Mesmo com o abandono, a prefeitura realiza eventos culturais na área externa do local ocasionalmente, como um passeio dominical de Maria Fumaça.

A administração alega que em abril irá iniciar a reforma do espaço, que deverá abrigar as Secretarias da Educação e Saúde.

O investimento será de pelo menos R\$ 8 milhões –a prefeitura busca recursos junto ao governo federal para bancar os gastos.

O prédio imponente no centro da cidade faz parte de um conjunto que conta com mais outras quatro estações. Todos os prédios foram tombados pelo Codepac (Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Bauru).

Na zona urbana, a estação Sorocabana foi adquirida em 2006 pela iniciativa privada e aguarda a reforma prometida. Já a Estação Paulista abriga o Museu da Imagem do Som.

As duas estações que ficam na zona rural estão em estado de calamidade.

Os prédios foram assunto da última sessão da Câmara do ano, quando os vereadores cobraram as restaurações dos locais com o uso de dinheiro da iniciativa privada.

## **3 - 'Situação do Masp ainda é preocupante'**

Beatriz Pimenta Camargo, que completa um ano à frente do cartão-postal paulistano, avalia problemas na instituição Desafios do museu, que começa o ano sem calendário de mostras, 'têm a dimensão de sua grandiosidade', diz

Fonte: Folha de São Paulo – Impresso

Autor: SILAS MARTÍ Editoria: Ilustrada  
Publicada em: 02/02/2014 às 22h00

No aniversário de 20 anos de uma de suas maiores crises institucionais, o Masp enfrenta o que sua presidente, Beatriz Pimenta Camargo, 82, chama de "situação financeira preocupante". "Todo museu tem seu acervo de desafios. Os do Masp têm a dimensão de sua grandiosidade."

Faz duas décadas que a eleição do bibliófilo José Mindlin (1914-2010) para a presidência do museu foi anulada na Justiça, levando o arquiteto Júlio Neves ao cargo e desencadeando uma debandada de intelectuais do maior museu da América Latina.

Na época, os curadores Fábio Magalhães e Maria Alice Milliet deixaram o museu em apoio a Mindlin. Desde 1994, Neves e seus aliados vêm se revezando na direção do Masp, sendo um deles a atual presidente, que neste mês completa um ano no cargo.

Há ainda outra data redonda. O centenário da arquiteta Lina Bo Bardi, em dezembro, faz lembrar o fato de sua museografia --tão experimental quanto o prédio, com cavaletes de vidro em sucessão vertiginosa na grande galeria do museu--, ter sido aposentada naquela época.

Numa entrevista concedida à Folha por e-mail --uma exigência dela--, Pimenta Camargo disse que o Masp "vai comemorar condignamente o centenário de Bardi", acrescentando que "o casal Bardi é uma referência para nós".

"Os painéis de vidro se acham preservados e são utilizados esporadicamente", diz a presidente. "Os museus, hoje, não falam mais em exposição permanente e sim de longa duração, porque há necessidade de renovação."

## VÃO LIVRE

Mas, mesmo em meio a ideias de renovação, o museu continuou enfrentando problemas. Em 2006, o Masp teve a energia elétrica e linhas de telefone cortadas, somando então dívidas de R\$ 3,5 milhões --a presidente não quis detalhar a situação atual. No ano seguinte, ladrões invadiram o museu e levaram quadros de Picasso e Portinari.

Uma tentativa de saldar as dívidas por meio de uma parceria com a Vivo, que comprou e doou o prédio vizinho ao museu em troca da permissão para batizar seu anexo, também não se concretizou, com as obras paralisadas e sem previsão de retomada, segundo Pimenta Camargo.

No fim do ano passado, o museu voltou ao centro das atenções com o debate sobre cercar o vão livre para evitar que fosse usado por traficantes e usuários de crack.

Pimenta Camargo discorda do curador-chefe do museu, Teixeira Coelho, para quem cercar o vão livre "amenizaria" esses problemas.



"Nunca pensei em cercar o vão livre, que faz parte do espaço sociocultural do museu e da cidade", afirma ela. "Problemas circunstanciais são recorrentes e devem ser enfrentados com serenidade."

Enquanto corria a discussão sobre o espaço externo do museu, o Masp não conseguia confirmar qualquer exposição de peso em sua programação do lado de dentro. Até agora, o museu não anunciou oficialmente o calendário de mostras deste ano.

Pimenta Camargo diz que "no ano da Copa do Mundo, é compreensível que os patrocínios tenham migrado da cultura para o esporte" e que a comparação com museus como a Pinacoteca do Estado ou o Museu da Imagem e do Som não são válidas, já que essas instituições "têm um aporte financeiro estatal".

Ela lembra que o Masp é uma entidade privada, que depende em grande parte "de leis de incentivo e mecenaz".

Mesmo assim, Pimenta Camargo conseguiu apoio para o restauro da tela "Moema", pintada por Victor Meirelles (1832-1903) em 1866 e um dos ícones da coleção do museu, além de garantir a catalogação de obras de peso, como a coleção de arte oriental do diplomata Fausto Godoy.

De certa forma, é um avanço notável, já que o orçamento anual do Masp gira em torno de R\$ 11 milhões --cerca de um terço do que gasta a Pinacoteca, por exemplo.

É um valor 32 vezes menor que o orçamento anual de 2013 (aproximadamente R\$ 350 milhões) da Tate, em Londres, da qual o Masp, segundo sua presidente, é um "similar latino-americano".

#### 'CLUBE FECHADO'

Mas é nesse ponto que detratores do museu centram as atenções. Se o Masp não fosse tão privado e não funcionasse como "clube fechado", como diz Luiz Marques, que foi curador do museu nos anos 1990, talvez garantisse os recursos para se manter.

"É a estrutura do Masp que é inviável. Está nas mãos de uma sociedade fechada, administrada como se fosse um clube, o que não é compatível com seu acervo", diz Marques. "Há um isolamento do museu, que ficou sem conexão com os artistas, com as universidades, um quadro de desinteresse geral embalado por surtos de indignação."

Na época do furto das telas de Picasso e Portinari, Marques teve um desses surtos e liderou --sem sucesso-- um abaixo-assinado pressionando para que o museu abrisse sua gestão para incluir o poder público em seu conselho.

Juca Ferreira, secretário municipal da Cultura, diz que gostaria de participar da gestão do museu, "ícone da cidade". "Tenho interesse de me aproximar do Masp",

diz Ferreira. "Mas talvez esteja faltando disponibilizá-lo para que as instituições públicas ajudem. Sempre há dois lados das coisas. O diálogo tem de ser franco, aberto."

Na mesma linha, Moacir dos Anjos, que foi curador da Bienal de São Paulo há quatro anos, acredita que o museu "se acomodou num patamar de importância e de criatividade administrativa muito abaixo do que acontecia". "Era um protagonista de primeiríssima linha que foi perdendo a sua importância, tanto por ter tomado decisões equivocadas quanto por não ter sido capaz de se modernizar", opina Dos Anjos.

Questionada sobre a possibilidade de mudanças e maior transparência na gestão, Pimenta Camargo disse que "a transparência é um valor sempre agregado às atividades" da instituição e que "muitas conquistas positivas se registraram nos últimos 20 anos". E acrescenta: "O Masp é um museu para todos".

#### **4 - FUNDAÇÃO Em 1947, o empresário Assis Chateaubriand e o crítico Pietro Maria Bardi criam o museu no prédio...**

Fonte: Folha de São Paulo - Impresso

Editoria: Ilustrada

Publicada em: 02/02/2014 às 22h00

#### **FUNDAÇÃO**

Em 1947, o empresário Assis Chateaubriand e o crítico Pietro Maria Bardi criam o museu no prédio dos Diários Associados, no centro de São Paulo. O museu tem cerca de 8.000 peças, com obras de Rafael, Botticelli, Monet e Picasso. Projetada por Lina Bo Bardi, a sede na av. Paulista foi inaugurada em 1968. A estrutura tem como principal atrativo o vão livre

#### **SUCESSO**

Entre as mostras de maior público estão as de Claude Monet (1997), com 400 mil pessoas, Salvador Dalí (1998), com 200 mil, e Pablo Picasso (1999), com 202 mil. Das mais recentes, a de Caravaggio fez de 2012 o ano de maior visitação da história do museu: 851 mil pessoas passaram por lá

#### **CRISE**

A anulação da eleição do bibliófilo José Mindlin à presidência do museu, em 1994, foi o estopim de uma crise que se arrasta até hoje. A Justiça viu irregularidades no pleito, como o fato de a convocação não ter explicitado que era um encontro para definir a nova diretoria. O caso conduziu o arquiteto Júlio Neves ao comando do museu, onde permaneceu até 2008. Desde então, seus aliados se revezam no poder

#### **CAVALETES**

O projeto de Lina Bo Bardi previa que os quadros parecessem flutuar em sucessão vertiginosa, já que estariam pendurados em cavaletes de vidro. A famosa museografia da arquiteta foi aposentada também em 1994

## GRADES

Denúncias de que havia usuários de crack, traficantes e moradores de rua no local levaram o curador do Masp, Teixeira Coelho, a dizer que instalar grades ao redor do espaço "amenizaria" a ocorrência de crimes ali, detonando um debate sobre a função do vão livre

### **5 - Alckmin paralisa complexo cultural na cracolândia**

Governador de São Paulo mandou congelar o projeto de R\$ 600 milhões por considerá-lo caro demais Centro cultural, com teatros e escolas, já consumiu R\$ 118 milhões com arquitetos e desapropriações

Fonte: Folha de São Paulo - Impresso

Autor: MARIO CESAR CARVALHO

Editoria: Cotidiano

Publicada em: 16/03/2014 às 21h00

Após R\$ 53 milhões com arquitetos e consultores e R\$ 65 milhões em desapropriações, o governo paulista decidiu paralisar o mais ambicioso projeto do Estado para a cultura: o Complexo Cultural Luz, que teria três teatros, duas escolas e ajudaria, em tese, a revitalizar a cracolândia.

O governador Geraldo Alckmin (PSDB) mandou paralisá-lo por considerá-lo caro demais (R\$ 600 milhões) e porque "tem cara de coisa para rico", como disse a dois interlocutores ouvidos pela Folha.

O plano agora é reduzir o complexo --o original tinha 100 mil m<sup>2</sup>, mas já havia sido encolhido para 70 mil m<sup>2</sup> (o que equivale a duas vezes e meia o prédio da Bienal).

Num ano eleitoral como 2014, Alckmin temia que a obra se tornasse alvo de protestos e sinônimo de desperdício, tal qual o rótulo colado por ativistas nos estádios da Copa.

O complexo consumiu dois anos e meio de projeto de um dos mais célebres escritórios de arquitetura do mundo, o suíço Herzog & de Meuron, autor do Estádio Nacional de Pequim, o "ninho de pássaro", e da Tate Modern, de Londres.

Em 2009, quando o projeto foi lançado, o então governador, o também tucano José Serra, disse que a ambição era que ele tivesse um efeito restaurador na vizinhança, como ocorreu com a Tate Modern, velha usina que revitalizou a área ao sul de Londres ao ser convertida em museu.

Desde que Mário Covas assumiu o governo, em 1995, os tucanos tentam revitalizar a Luz com obras como a Sala São Paulo, sem sucesso.

Alckmin sempre teve reservas ao complexo. Dizia que era obra para "ricos" feita sem licitação, porque não houve concorrência para contratar os arquitetos. Há duas semanas, chegou a dizer a Serra que não seria feita. Sua equipe, porém, ponderou que a desistência teria repercussão éssima para a reeleição.

Sem o complexo, o governo jogaria no lixo R\$ 53 milhões --R\$ 45 milhões para os arquitetos e R\$ 8 milhões para a Theatre Projects Consultants, consultoria inglesa especializada em teatros.

O projeto dos arquitetos suíços foi entregue em agosto de 2012. A desapropriação de 205 imóveis em três quadras só ampliou a degradação da cracolândia. Uma favela chegou a ser criada na área.

Com a demolição dos prédios, a região ganhou ares de cidade bombardeada, como Bagdá, ao lado da Sala São Paulo, o principal espaço de concertos na cidade.

Uma das críticas aos projetos culturais feitos nos últimos 15 anos na região é que eles só geram ocupação eventual; não há moradores dia e noite nas ruas. É o local perfeito para marginalizados como dependentes de crack.

Colaborou DANIELA LIMA

## **ANEXO B – REPORTAGENS ANALISADAS PUBLICADAS PELO JORNAL O GLOBO**

### **Uso de Crack/pessoas que usam crack/ações para diminuir o uso de crack**

#### **1 - Prefeitura faz recolhimento de usuários de crack na Avenida Brasil**

Fonte: O Globo

Editoria: Rio

Publicada em: 19/11/2013 às 05h46

Funcionários da prefeitura fazem uma operação para recolher usuários de crack que ficam às margens da Avenida Brasil, altura de Bonsucesso, na manhã desta terça-feira. Eles recebem apoio da Polícia Militar. Na segunda-feira, viciados na drogas invadiram pistas da avenida, causando confusão e engarrafando o trânsito. Dezenas de operações já foram realizadas no local, mas os usuários de drogas voltam algum tempo depois dos recolhimentos.

#### **2 - Ação da prefeitura acolhe usuários de crack na Avenida Brasil**

Operação conta com apoio da Polícia Militar e de um veículo blindado

Fonte: O Globo

Autor: O Globo

Editoria: Rio

Publicada em: 19/11/2013 às 06h18

Funcionários da Secretaria municipal de Assistência Social fazem uma ação, na manhã desta terça-feira, para acolher usuários de crack nas imediações da Favela Nova Holanda, na Avenida Brasil, altura de Bonsucesso. A ação conta o apoio de policiais do 22º BPM (Maré) e de veículo blindado. Ainda não há informações sobre o número de pessoas acolhidas.

Na segunda-feira, um usuário da droga foi flagrado se arriscando ao andar pelas pistas da avenida. O episódio provocou tumulto e engarrafando no local. Situações como essa são comuns na região. Desde o ano passado, dezenas de operações já foram realizadas na cracolândia do Parque União, mas os usuários insistem em voltar para a região.

No ano passado, depois de um período ocupando as margens da Avenida Brigadeiro Trompovsky, que dá acesso à Ilha do Fundão, os usuários passaram a se concentrar nas laterais da Avenida Brasil, arriscando suas vidas e ameaçando a de quem trafega pelo local. Alguns chegam a atravessar a via expressa correndo quando as equipes da prefeitura se aproximam.

### **3 - Ministério Público vai notificar responsáveis por remoção de usuários de crack do Complexo da Maré**

Operação da Polícia Militar teve apoio de agentes da prefeitura e da Polícia Civil Cracolândia agora funciona dentro da favela Nova Holanda

Fonte: O Globo

Autor: Ana Cláudia Costa Bruno Amorim

Editoria: Rio

Publicada em: 19/11/2013 às 06h18

A 7ª Promotoria de Justiça de Defesa da Cidadania vai notificar o comandante do 22º BPM (Maré), o delegado da 21ª DP e o secretário de Desenvolvimento Social do município para que esclareçam por que os cem usuários de crack recolhidos durante a operação desta terça-feira na Favela Nova Holanda foram levados para um batalhão de polícia e não para unidades de saúde do município. De acordo com o Ministério Público do Rio de Janeiro, medidas de recolhimento compulsório de moradores de rua são ilegais.

Segundo a assessoria do órgão, uma ação civil pública foi ajuizada contra o prefeito Eduardo Paes, em abril deste ano, por abusos cometidos em ações de remoção. A ação foi rejeitada em primeira instância pelo Tribunal de Justiça. O MP apresentou recurso, que está sendo analisado pela Justiça. O MPRJ acrescentou que recomendou que a prefeitura amplie a rede de saúde mental para o atendimento de usuários de crack, o que, segundo o órgão, não ocorreu.

Operação recolheu cem pessoas

Cerca de cem pessoas foram detidas, na manhã desta terça, por policiais militares durante uma operação de acolhimento de usuários de drogas no interior da Favela Nova Holanda, no Complexo da Maré, na Zona Norte do Rio. Um acampamento de usuários de crack foi desfeito no local. Mas antes mesmo de passar pela triagem para serem levados para casas de recolhimento, cerca de 50 detidos fugiram pulando o muro do Batalhão da Polícia Militar da Maré, para onde foram levados.

A ação foi realizada no início da manhã e contou com apoio de um veículo blindado e de agentes da Secretaria municipal de Desenvolvimento Social e da Polícia Civil. Seis vans da prefeitura foram utilizadas para o transporte dos detidos. Entre eles, havia idosos, menores, deficientes físicos e uma grávida. No pátio do Batalhão da Maré foi montado um posto avançado da 21ª DP (Bonsucesso).

Cracolândia muda de lugar

Antes instalados nas avenidas Brasil e Brigadeiro Trompowsky, às margens das favelas Nova Holanda e Parque União, no Complexo da Maré, os usuários de crack agora mudaram a estratégia para não ter tanta visibilidade. O grupo, que por dia

reúne mais de cem pessoas, se instalou e fez um acampamento na Rua Flavia Farnese, dentro da favela Nova Holanda.

O grupo dividiu um trecho da rua em pequenos cômodos onde ficam em sofás e colchões. O acampamento fica ao lado de uma das bocas de fumo da Nova Holanda, o que facilita a compra e a utilização da droga.

Na segunda-feira, um usuário da droga foi flagrado se arriscando ao andar pelas pistas da Avenida Brasil, na altura de Bonsucesso. O episódio provocou tumulto e engarrafando no local. Situações como essa são comuns na região. Desde o ano passado, dezenas de operações já foram realizadas na cracolândia do Parque União, mas os usuários insistem em voltar para a região.

No ano passado, depois de um período ocupando as margens da Avenida Brigadeiro Trompovsky, que dá acesso à Ilha do Fundão, os usuários passaram a se concentrar nas laterais da Avenida Brasil, arriscando suas vidas e ameaçando a de quem trafega pelo local. Alguns chegam a atravessar a via expressa correndo quando as equipes da prefeitura se aproximam.

#### **4 - Ação da PM recolhe cem usuários de crack na Favela Nova Holanda**

Operação teve apoio de agentes da prefeitura e da Polícia Civil

Fonte: O Globo Autor: O Globo Editoria: Rio  
Publicada em: 19/11/2013 às 06h18

Cerca de cem pessoas foram detidas por policiais do 22º BPM (Maré), na manhã desta terça-feira, durante uma operação de acolhimento de usuários de drogas no interior da Favela Nova Holanda, em Bonsucesso, na Zona Norte do Rio. Um acampamento de usuários de crack foi desfeito no local. A ação começou às 6h e contou com apoio de um veículo blindado e de agentes da Secretaria municipal de Desenvolvimento Social e da Polícia Civil.

Seis vans da prefeitura foram utilizadas para o transporte dos detidos. Entre eles, havia idosos, menores, deficientes físicos e uma grávida. Os usuários de crack foram levados para o pátio do Batalhão da Maré, onde foi montado um posto avançado da 21ª DP (Bonsucesso).

Na segunda-feira, um usuário da droga foi flagrado se arriscando ao andar pelas pistas da Avenida Brasil, na altura de Bonsucesso. O episódio provocou tumulto e engarrafando no local. Situações como essa são comuns na região. Desde o ano passado, dezenas de operações já foram realizadas na cracolândia do Parque União, mas os usuários insistem em voltar para a região.

No ano passado, depois de um período ocupando as margens da Avenida Brigadeiro Trompovsky, que dá acesso à Ilha do Fundão, os usuários passaram a se concentrar

nas laterais da Avenida Brasil, arriscando suas vidas e ameaçando a de quem trafega pelo local. Alguns chegam a atravessar a via expressa correndo quando as equipes da prefeitura se aproximam.

## **5 - Ação da Polícia Militar acolhe usuários de crack na Avenida Brasil**

Operação conta com apoio da prefeitura e de um veículo blindado

Fonte: O Globo Autor: O Globo Editoria: Rio  
Publicada em: 19/11/2013 às 06h18

Policiais do 22º BPM (Maré) fazem uma operação, na manhã desta terça-feira, para acolher usuários de crack nas imediações da Favela Nova Holanda, na Avenida Brasil, altura de Bonsucesso. A ação conta com apoio de funcionários da Secretaria municipal de Assistência Social e de veículo blindado. Ainda não há informações sobre o número de pessoas acolhidas.

Na segunda-feira, um usuário da droga foi flagrado se arriscando ao andar pelas pistas da avenida. O episódio provocou tumulto e engarrafando no local. Situações como essa são comuns na região. Desde o ano passado, dezenas de operações já foram realizadas na cracolândia do Parque União, mas os usuários insistem em voltar para a região.

No ano passado, depois de um período ocupando as margens da Avenida Brigadeiro Trompovsky, que dá acesso à Ilha do Fundão, os usuários passaram a se concentrar nas laterais da Avenida Brasil, arriscando suas vidas e ameaçando a de quem trafega pelo local. Alguns chegam a atravessar a via expressa correndo quando as equipes da prefeitura se aproximam.

## **6 - Maré: MP notificará responsáveis por remoção de usuários de crack**

Operação da Polícia Militar teve apoio de agentes da prefeitura e da Polícia Civil Cracolândia agora funciona dentro da Favela Nova

Holanda

Fonte: O Globo  
Autor: Ana Cláudia Costa Bruno Amorim  
Editoria: Rio  
Publicada em: 19/11/2013 às 06h18

A 7ª Promotoria de Justiça de Defesa da Cidadania vai notificar o comandante do 22º BPM (Maré), o delegado da 21ª DP e o secretário de Desenvolvimento Social do município para que eles esclareçam por que os cem usuários de crack recolhidos durante a operação desta terça-feira na Favela Nova Holanda foram levados para um batalhão de polícia e não para unidades de saúde do município. De acordo com



o Ministério Público do Rio, medidas de recolhimento compulsório de moradores de rua são ilegais.

Segundo a assessoria do órgão, uma ação civil pública foi ajuizada contra o prefeito Eduardo Paes, em abril deste ano, por abusos cometidos em ações de remoção. A ação foi rejeitada em primeira instância pelo Tribunal de Justiça. O MP apresentou recurso, que está sendo analisado pela Justiça. O Ministério Público acrescentou que recomendou que a prefeitura amplie a rede de saúde mental para o atendimento de usuários de crack, o que, segundo o órgão, não ocorreu.

Porém, à tarde, já era possível ver usuários de crack novamente em calçadas e atravessando a Linha Amarela, na altura de Bonsucesso.

#### Operação recolheu cem pessoas

A operação que está sendo criticada pelo MP foi feita, no início da manhã desta terça-feira, por policiais militares no interior da Favela Nova Holanda, no Complexo da Maré, na Zona Norte do Rio. Um acampamento de usuários de crack foi desfeito no local e cem dependentes da droga foram acolhidos. Mas antes mesmo de passar pela triagem para serem levados para casas de recolhimento, cerca de 50 detidos fugiram pulando o muro do Batalhão da Polícia Militar da Maré, para onde foram levados.

A ação contou com apoio de um veículo blindado e de agentes da Secretaria municipal de Desenvolvimento Social e da Polícia Civil. Seis vans da prefeitura foram utilizadas para o transporte dos detidos. Entre eles, havia idosos, menores, deficientes físicos e uma grávida. No pátio do Batalhão da Maré, foi montado um posto avançado da 21ª DP (Bonsucesso).

#### Cracolândia muda de lugar

Antes instalados nas avenidas Brasil e Brigadeiro Trompowsky, às margens das favelas Nova Holanda e Parque União, os usuários de crack mudaram a estratégia para não ter tanta visibilidade. O grupo, que por dia reúne mais de cem pessoas, fez um acampamento na Rua Flavia Farnese, dentro da favela Nova Holanda.

O grupo dividiu um trecho da rua em pequenos cômodos onde ficam em sofás e colchões. O acampamento fica ao lado de uma das bocas de fumo da Nova Holanda, o que facilita a compra e a utilização da droga.

Na segunda-feira, um usuário da droga foi flagrado se arriscando ao andar pelas pistas da Avenida Brasil, na altura de Bonsucesso. O episódio provocou tumulto e engarrafando no local. Situações como essa são comuns na região. Desde o ano passado, dezenas de operações já foram realizadas na cracolândia do Parque União, mas os usuários insistem em voltar para a região.

No ano passado, depois de um período ocupando as margens da Avenida Brigadeiro Trompovsky, que dá acesso à Ilha do Fundão, os usuários passaram a se concentrar nas laterais da Avenida Brasil, arriscando suas vidas e ameaçando a de quem trafega pelo local. Alguns chegam a atravessar a via expressa correndo quando as equipes da prefeitura se aproximam.

## **7 - MP notificará responsáveis por remoção de usuários de crack do Complexo da Maré**

Operação da Polícia Militar teve apoio de agentes da prefeitura e da Polícia Civil Cracolândia agora funciona dentro da Favela Nova

Holanda

Fonte: O Globo

Autor: Ana Cláudia Costa Bruno Amorim

Editoria: Rio

Publicada em: 19/11/2013 às 06h18

A 7ª Promotoria de Justiça de Defesa da Cidadania vai notificar o comandante do 22º BPM (Maré), o delegado da 21ª DP e o secretário de Desenvolvimento Social do município para que eles esclareçam por que os cem usuários de crack recolhidos durante a operação desta terça-feira na Favela Nova Holanda foram levados para um batalhão de polícia e não para unidades de saúde do município. De acordo com o Ministério Público do Rio, medidas de recolhimento compulsório de moradores de rua são ilegais.

Segundo a assessoria do órgão, uma ação civil pública foi ajuizada contra o prefeito Eduardo Paes, em abril deste ano, por abusos cometidos em ações de remoção. A ação foi rejeitada em primeira instância pelo Tribunal de Justiça. O MP apresentou recurso, que está sendo analisado pela Justiça. O Ministério Público acrescentou que recomendou que a prefeitura amplie a rede de saúde mental para o atendimento de usuários de crack, o que, segundo o órgão, não ocorreu.

Operação recolheu cem pessoas

A operação que está sendo criticada pelo MP foi feita, no início da manhã desta terça-feira, por policiais militares no interior da Favela Nova Holanda, no Complexo da Maré, na Zona Norte do Rio. Um acampamento de usuários de crack foi desfeito no local e cem dependentes da droga foram acolhidos. Mas antes mesmo de passar pela triagem para serem levados para casas de recolhimento, cerca de 50 detidos fugiram pulando o muro do Batalhão da Polícia Militar da Maré, para onde foram levados.

A ação contou com apoio de um veículo blindado e de agentes da Secretaria municipal de Desenvolvimento Social e da Polícia Civil. Seis vans da prefeitura foram

utilizadas para o transporte dos detidos. Entre eles, havia idosos, menores, deficientes físicos e uma grávida. No pátio do Batalhão da Maré, foi montado um posto avançado da 21ª DP (Bonsucesso).

#### Cracolândia muda de lugar

Antes instalados nas avenidas Brasil e Brigadeiro Trompowsky, às margens das favelas Nova Holanda e Parque União, os usuários de crack mudaram a estratégia para não ter tanta visibilidade. O grupo, que por dia reúne mais de cem pessoas, fez um acampamento na Rua Flavia Farnese, dentro da favela Nova Holanda.

O grupo dividiu um trecho da rua em pequenos cômodos onde ficam em sofás e colchões. O acampamento fica ao lado de uma das bocas de fumo da Nova Holanda, o que facilita a compra e a utilização da droga.

Na segunda-feira, um usuário da droga foi flagrado se arriscando ao andar pelas pistas da Avenida Brasil, na altura de Bonsucesso. O episódio provocou tumulto e engarrafando no local. Situações como essa são comuns na região. Desde o ano passado, dezenas de operações já foram realizadas na cracolândia do Parque União, mas os usuários insistem em voltar para a região.

No ano passado, depois de um período ocupando as margens da Avenida Brigadeiro Trompovsky, que dá acesso à Ilha do Fundão, os usuários passaram a se concentrar nas laterais da Avenida Brasil, arriscando suas vidas e ameaçando a de quem trafega pelo local. Alguns chegam a atravessar a via expressa correndo quando as equipes da prefeitura se aproximam.

### **8 - Operação recolhe pelo menos cem usuários de crack**

Fonte: O Globo

Editoria: Rio

Publicada em: 19/11/2013 às 07h53

Cerca de cem usuários de crack foram recolhidos na manhã desta terça durante uma operação do 22º BPM (Maré). A operação foi desencadeada no entorno das comunidades Nova Holanda e Parque União e às margens da Avenida Brasil. Entre os usuários da droga, estavam uma grávida e menores. Eles foram levados para a sede do batalhão, onde policiais da 21ª DP estão fazendo uma triagem. Quem tiver com mandado de prisão ficará detido e os outros serão encaminhados a um abrigo.

### **9 - Cem usuários de drogas são detidos em Bonsucesso**

Fonte: O Globo

Editoria: Rio

Publicada em: 19/11/2013 às 08h01

Cerca de cem pessoas foram detidas por policiais militares do 22º BPM (Maré), durante uma operação de recolhimento de usuários de drogas no interior da Favela Nova Holanda, em Bonsucesso, Zona Norte do Rio, na manhã desta terça-feira. Um acampamento de viciados em crack foi desfeito no local.

A operação começou às 6h e contou com apoio da Secretaria de Desenvolvimento Social e da Polícia Civil. Seis vans da Prefeitura foram utilizadas para o transporte dos detidos. Entre eles, havia idosos, menores, deficientes físicos e uma grávida. Os usuários de crack foram levados para o pátio do Batalhão da Maré, onde foi montado um posto avançado da 21ª DP.

### **10 - Ministério Público é contra remoções de usuários de crack**

Fonte: O Globo

Editoria: Rio

Publicada em: 19/11/2013 às 09h59

O Ministério Público do Rio de Janeiro (MPRJ) é contra "remoções compulsórias", que não têm respaldo em qualquer medida legal. Uma ação civil pública foi ajuizada contra o prefeito Eduardo Paes, em abril deste ano, por abusos cometidos em ações de remoção. A ação foi rejeitada em primeira instância pelo Tribunal de Justiça e hoje encontra-se em fase de apreciação de recurso apresentado pelo MPRJ.

O MPRJ informou, através de sua assessoria, que recomendou que a prefeitura amplie a rede de saúde mental para o atendimento de usuários de crack, mas isso não foi feito.

### **11 - Ministério Público vai notificar responsáveis por remoção de usuários de crack**

Fonte: O Globo

Editoria: Rio

Publicada em: 19/11/2013 às 12h25

A 7ª promotoria de Justiça de Defesa da Cidadania vai notificar o comandante do 22º BPM, o delegado da 21ª DP e o secretário de Desenvolvimento Social do município a prestarem esclarecimentos sobre a razão dos recolhidos durante a operação desta terça-feira na Favela Nova Holanda terem sido levados para um batalhão de polícia e não a unidades de saúde do município. De acordo com o Ministério Público do Rio de Janeiro, medidas de recolhimento compulsório de moradores de rua são ilegais.

### **12 - Operação recolhe cem usuários de crack no complexo da maré**

Só 40 aceitaram ir para abrigo. Ação aconteceu em nova cracolândia

Fonte: O Globo - Impresso - Flip  
Autor: Ana Cláudia Costa  
Publicada em: 19/11/2013 às 22h00

Pelo menos cem viciados em crack foram recolhidos ontem na Favela Nova Holanda, no Complexo da Maré, durante uma operação feita pela PM, com apoio da Secretaria municipal de Assistência Social, para levá-los para abrigos. Cerca de metade dos usuários, no entanto, fugiu, correndo pelas ruas ou pulando o muro do 22º BPM (Maré). Apenas 40 aceitaram ser levados para um abrigo em Paciência. O local da operação foi uma nova cracolândia no interior da favela, para onde se transferiu boa parte dos viciados que antes ficavam às margens da Avenida Brasil. À tarde, os que fugiram já estavam no mesmo ponto da favela onde tinha sido feita a operação.

Os usuários montaram acampamento na Rua Flávia Farnese, paralela à Avenida Brasil, e ao lado de uma das bocas de fumo da Nova Holanda. Para lá, eles levaram sofás velhos, colchões, pedaços de madeira e caixotes. Em meio a roupas velhas, malas e outros objetos, podiam ser vistos muitos isqueiros e copos de água mineral (que viram cachimbos improvisados nas mãos dos viciados em crack).

PM diz que usuários cometem crimes

Com a chegada da Polícia Militar, que primeiro entrou na favela com um carro blindado, muitos usuários saíram correndo. Outros, que ainda estavam dormindo ou muito drogados, foram levados para o quartel do 22º BPM. Ali, policiais checaram se tinham anotações criminais ou mandados de prisão. Dos cem recolhidos inicialmente, apenas 52 adultos e um menor permaneceram no batalhão.

De acordo com o subcomandante do 22º BPM, major Rogério Rodrigues, a ação já estava sendo planejada há alguns dias. Ele explicou que a iniciativa visou também a tentar reduzir o número de roubos e furtos naquela região da Avenida Brasil, que vem aumentando sensivelmente. As operações, segundo o major, devem continuar.

- Os viciados em crack deixavam o acampamento na favela para ir roubar na Avenida Brasil. Estamos pedindo auxílio da secretaria para tentar levá-los para abrigos - disse o major.

Depois de tomar conhecimento da operação, a 7ª Promotoria de Justiça de Defesa da Cidadania do Ministério Público informou que vai notificar o comandante do 22º BPM, tenente-coronel Walter Teixeira, o delegado titular da 21ª DP (Bonsucesso), José Pedro Costa da Silva, e a Secretaria municipal de Assistência Social, para esclarecerem por que os usuários de crack recolhidos foram levados primeiro para o batalhão, e não para unidades de saúde do município. De acordo com o Ministério Público, o recolhimento compulsório de moradores de rua é ilegal.

Ainda segundo o MP, uma ação civil pública foi ajuizada contra o prefeito Eduardo Paes, em abril deste ano, por abusos cometidos em ações de remoção. A iniciativa foi rejeitada em primeira instância pelo Tribunal de Justiça. O MP apresentou recurso,

que está sendo analisado. O órgão acrescentou que recomendou à prefeitura a ampliação de sua rede de saúde mental, para o atendimento a usuários de crack - o que não teria ocorrido.

### **13 - Prefeitura atende 550 usuários de crack da maré**

Fonte: O Globo - Impresso - Flip  
Publicada em: 23/11/2013 às 22h00

Mônica Diniz, que dormia pelas ruas da favela e chegou a ser estuprada, entrou para o programa e está há cinco meses livre da droga.

### **14 - A força para trilhar um caminho longe das drogas**

Ex-usuária de crack se recupera, com a ajuda de assistentes sociais, e sai do 'lixo para o luxo', como ela define

Fonte: O Globo - Impresso - Flip  
Autor: Rafael Galdo  
Publicada em: 23/11/2013 às 22h00

O trabalho como vendedora de doces, o novo documento de identidade, os fins de tarde na companhia da família... O que muitos podem julgar trivial, para Mônica Diniz, de 32 anos, é resultado do que ela chama de uma transformação do "lixo para o luxo". O crack a tinha jogado na rua. Ela perambulava pela cracolândia do Parque União, no Complexo da Maré, dormia debaixo de caminhões, chegou a se prostituir sob o efeito da droga e já tinha sido violentada. Até, depois de oito anos, decidir retomar o controle de sua vida e começar a contrariar a impressão que cenas como a da semana passada - de um usuário ajoelhado em meio ao trânsito da Avenida Brasil e de outros cem levados à delegacia numa operação da PM - podem dar de que a guerra contra o crack é feita de batalhas perdidas.

Todos reconhecem ser difícil. As recaídas, dizem os especialistas, fazem parte do processo. Não foi diferente com Mônica. Faz cinco meses, porém, que ela se livrou da droga, voltou para casa e, aos poucos, recupera os laços familiares e a vaidade. Ela foi uma das 866 pessoas atendidas nos últimos nove meses, apenas no Parque União, pelo Centro de Referência Especializado de Assistência Social (Creas) Itinerante, da Secretaria municipal de Desenvolvimento Social. Delas, cerca de 550 acompanharam voluntariamente as equipes da prefeitura até a rede de assistência e estão conseguindo deixar as ruas.

- Eu estava seca, um esqueleto. Meu rosto parecia derretido. Não tinha dente nem cabelo. Revirava o lixo para comer. E mesmo eu toda suja, veio a assistente social e me abraçou. O mais importante foi ela ter olhado dentro dos meus olhos e dizer

que eu era capaz - conta Mônica sobre o dia em que foi abordada por uma equipe do Creas Itinerante. - Há cinco meses sou livre sem a droga. Virei ser humano de novo.

## **15 - Abordagem dos agentes sociais faz a diferença**

Equipes vão às cracolândias e ficam De plantão para ajudar

Fonte: O Globo - Impresso - Flip  
Publicada em: 23/11/2013 às 22h00

Os números de usuários atendidos no Parque União mostram que os desafios são superlativos. A droga tem outros redutos, como as áreas de Cajueiro e Patolinha, em Madureira; Pica-Pau, no Cachambi; e o entorno da Central do Brasil. Já a Maré continua sendo o grande centro de consumo do crack no Rio. Ali, desde o início do ano os usuários se dividiram em grupos. Um maior migrou das margens da Avenida Brasil para o conjunto de favelas.

Descendente de índios, Roque Silva também viveu na cracolândia da Maré até pedir ajuda. Como Mônica, ele diz ter vivido a transformação, traduzida, segundo ele, na possibilidade de ser um cidadão comum, poder pagar uma passagem de ônibus e trabalhar como pizzaiolo, mesmo sem carteira assinada. Ontem, ele fez 45 anos. E pôde comemorar que, após três décadas, está longe das drogas.

Desde os 15, ele experimentou cheirinho da loló, maconha e chá de trombeta. Com a cocaína, chegou ao fundo do poço e conheceu o crack. Para sustentar o vício, entrou para o tráfico.

- Perdi família, trabalho, minha identidade... O que tinha para perder mais? Só a vida. Já atravessei a Avenida Brasil correndo. Até que, no último Dia das Mães, pedi ajuda ao Creas. Vi que eu tinha de acreditar em mim - diz Roque, que está de volta à casa da família.

Proposta é Criar vínculos

Casos como os de Roque e Mônica, diz o vice-prefeito e secretário de Desenvolvimento Social, Adilson Pires, revelam a eficácia do Creas Itinerante junto à cracolândia. O centro é uma nova estratégia de abordagem aos dependentes, com profissionais de plantão na comunidade para convencer os usuários a acessar a rede de assistência. O método substituiu as ações feitas antes, que acolhiam os usuários em abrigos, sem criar vínculos:

- Essa abordagem é mais eficaz. O poder público acessa o usuário na cena de uso, e o usuário acessa o poder público no equipamento de referência. Estar de prontidão o aguardando num momento de lucidez faz toda a diferença. Saber que tem alguém

que se preocupa e quer ajudar muda os paradigmas do usuário em relação ao poder público.

Após o contato, o usuário é levado a um dos equipamentos de assistência. Adolescentes vão para uma das Casas Vivas, outra experiência iniciada este ano para mudar a lógica de abrigos. São espaços em que eles vivem em casas com no máximo 15 jovens, sob a supervisão de equipe multidisciplinar, onde fazem tarefas do cotidiano, como sair para cortar o cabelo ou namorar.

## **16 - A força para trilhar um caminho longe das drogas**

Ex-usuária de crack se recupera, com a ajuda de assistentes sociais, e sai do 'lixo para o luxo', como ela define

Fonte: O Globo Autor: Rafael Galdo  
Editoria: Rio  
Publicada em: 24/11/2013 às 03h00

O trabalho como vendedora de doces, o novo documento de identidade, os fins de tarde na companhia da família... O que muitos podem julgar trivial, para Mônica Diniz, de 32 anos, é resultado do que ela chama de uma transformação do "lixo para o luxo". O crack a tinha jogado na rua. Ela perambulava pela cracolândia do Parque União, no Complexo da Maré, dormia debaixo de caminhões, chegou a se prostituir sob o efeito da droga e já tinha sido violentada. Até, depois de oito anos, decidir retomar o controle de sua vida e começar a contrariar a impressão que cenas como a da semana passada — de um usuário ajoelhado em meio ao trânsito da Avenida Brasil e de outros cem levados à delegacia numa operação da PM — podem dar de que a guerra contra o crack é feita de batalhas perdidas.

Todos reconhecem ser difícil. As recaídas, dizem os especialistas, fazem parte do processo. Não foi diferente com Mônica. Faz cinco meses, porém, que ela se livrou da droga, voltou para casa e, aos poucos, recupera os laços familiares e a vaidade. Ela foi uma das 866 pessoas atendidas nos últimos nove meses, apenas no Parque União, pelo Centro de Referência Especializado de Assistência Social (Creas) Itinerante, da Secretaria municipal de Desenvolvimento Social. Delas, cerca de 550 acompanharam voluntariamente as equipes da prefeitura até a rede de assistência e estão conseguindo deixar as ruas.

— Eu estava seca, um esqueleto. Meu rosto parecia derretido. Não tinha dente nem cabelo. Revirava o lixo para comer. E mesmo eu toda suja, veio a assistente social e me abraçou. O mais importante foi ela ter olhado dentro dos meus olhos e dizer que eu era capaz

— conta Mônica sobre o dia em que foi abordada por uma equipe do Creas Itinerante.  
— Há cinco meses sou livre sem a droga. Virei ser humano de novo.



Os números de usuários atendidos no Parque União mostram que os desafios são superlativos. A droga tem outros redutos, como as áreas de Cajueiro e Patolinha, em Madureira; Pica-Pau, no Cachambi; e o entorno da Central do Brasil. Já a Maré continua sendo o grande centro de consumo do crack no Rio. Ali, desde o início do ano os usuários se dividiram em grupos. Um maior migrou das margens da Avenida Brasil para o conjunto de favelas.

Descendente de índios, Roque Silva também viveu na cracolândia da Maré até pedir ajuda. Como Mônica, ele diz ter vivido a transformação, traduzida, segundo ele, na possibilidade de ser um cidadão comum, poder pagar uma passagem de ônibus e trabalhar como pizzaiolo, mesmo sem carteira assinada. Ontem, ele fez 45 anos. E pôde comemorar que, após três décadas, está longe das drogas.

Desde os 15, ele experimentou cheirinho da loló, maconha e chá de trombeta. Com a cocaína, chegou ao fundo do poço e conheceu o crack. Para sustentar o vício, entrou para o tráfico.

— Perdi família, trabalho, minha identidade... O que tinha para perder mais? Só a vida. Já atravessei a Avenida Brasil correndo. Até que, no último Dia das Mães, pedi ajuda ao Creas. Vi que eu tinha de acreditar em mim — diz Roque, que está de volta à casa da família.

Proposta é criar vínculos

Casos como os de Roque e Mônica, diz o vice-prefeito e secretário de Desenvolvimento Social, Adilson Pires, revelam a eficácia do Creas Itinerante junto à cracolândia. O centro é uma nova estratégia de abordagem aos dependentes, com profissionais de plantão na comunidade para convencer os usuários a acessar a rede de assistência. O método substituiu as ações feitas antes, que acolhiam os usuários em abrigos, sem criar vínculos:

— Essa abordagem é mais eficaz. O poder público acessa o usuário na cena de uso, e o usuário acessa o poder público no equipamento de referência. Estar de prontidão o aguardando num momento de lucidez faz toda a diferença. Saber que tem alguém que se preocupa e quer ajudar muda os paradigmas do usuário em relação ao poder público.

Após o contato, o usuário é levado a um dos equipamentos de assistência. Adolescentes vão para uma das Casas Vivas, outra experiência iniciada este ano para mudar a lógica de abrigos. São espaços em que eles vivem em casas com no máximo 15 jovens, sob a supervisão de equipe multidisciplinar, onde fazem tarefas do cotidiano, como sair para cortar o cabelo ou namorar.

## **17 - Menor é atropelado na Avenida Brasil**

Fonte: O Globo  
Editoria: Rio  
Publicada em: 26/11/2013 às 23h00

Um menor, que seria usuário de crack, foi atropelado por um ônibus, na noite desta terça-feira, na Avenida Brasil, altura de Bonsucesso. Bombeiros do quartel do Fundão foram acionados e encaminharam a vítima ao Hospital Geral de Bonsucesso. De acordo com as informações do Batalhão de Policiamento em Vias Especiais (BPVE), o estado da vítima não é grave.

O acidente aconteceu por volta das 23h no sentido Zona Oeste e uma faixa chegou a ficar interditada. Neste momento, o fluxo é bom em ambos os sentidos da via.

### **18 - Operação da prefeitura leva cerca de 40 moradores de rua para a delegacia no Centro do Rio**

Após triagem, dois ficaram presos por conta de mandados de prisão Ação foi intensificada depois da morte do jovem esfaqueado na Lapa

Fonte: O Globo  
Autor: Leonardo Barros  
Editoria: Rio  
Publicada em: 03/12/2013 às 04h02

Dois dias depois do jovem Conrado Chaves da Paz, de 19 anos, ter sido assassinado com uma facada no peito na Avenida Chile, a prefeitura realizou uma operação para a retirada de usuários de drogas em várias ruas do Centro, no fim da noite de segunda-feira e na madrugada desta terça-feira. Na ação, que teve apoio da Polícia Militar, cerca de 40 pessoas, com idades entre 5 e 45 anos, foram recolhidas e levadas para a 5ª DP (Mem de Sá). Dois deles, com mandados de prisão, ficaram presos. Os outros foram liberados. Nos acampamentos, os agentes encontraram 20 facas, uma pequena quantidade de crack e dinheiro.

Cerca de 60 pessoas participaram da operação, entre agentes da Secretaria municipal de Desenvolvimento Social e da Subprefeitura do Centro, além de guardas municipais e policiais do 5º BPM (Praça Harmonia). As equipes percorreram várias vias da cidade como a Rua do Lavradio e as avenidas Chile e Presidente Antônio Carlos. De acordo com os agentes que participaram da ação, esse tipo de trabalho está sendo realizado diariamente. Porém, a ação foi intensificada.

— Por conta dos últimos casos, entre eles a morte do jovem na Avenida Chile, foi determinada a intensificação na operação realizada nesta madrugada. Essas pessoas foram levadas para a delegacia, por onde passaram por uma triagem. Os que estavam devendo alguma coisa à Justiça, ficaram presos. Os que foram liberados tentamos conversar para que eles aceitassem ser levados para um abrigo.

Porém, não podemos obrigá-los — disse o assessor da Subsecretaria do Centro, José Henrique Pequeno Junior, que acompanhou a operação.

Nos relatos dos agentes, os usuários de drogas não aceitam ser abordados pela operação e tentam agredi-los. Na Rua do Lavradio, um local que funcionaria como ponto de venda de drogas foi fiscalizado. No local, um homem foi detido com crack.

— Hoje, o perfil do morador de rua mudou. Há a presença de muitos bandidos nesses grupos, diferentemente do passado. Muitas pessoas contam que preferem continuar nas ruas, pois é fácil conseguir esmolas e comida. Há crianças e mulheres grávidas. Todos usando drogas — contou José Henrique.

#### Morte de jovem na Avenida Chile

Conrado Chaves da Paz, de 19 anos, foi encontrado morto na Avenida Chile, no Centro, na madrugada de domingo. Ele foi atingido por uma facada no peito. De acordo com a Divisão de Homicídios, a faca - de serrinha - usada no crime foi encontrada a cinco metros do corpo do jovem.

### **19 - Após operação, Lapa volta a ser tomada por moradores de rua**

Agentes da prefeitura e policiais levaram 53 pessoas para a delegacia Após triagem, dois ficaram presos por conta de mandados de prisão Ação foi intensificada depois da morte do jovem esfaqueado na Lapa

Fonte: O Globo

Autor: Leonardo Barros

Editoria: Rio

Publicada em: 03/12/2013 às 04h02

A região da Lapa e Avenida Chile, no Centro do Rio, voltou a ser tomada por moradores e usuários de drogas na manhã desta terça-feira, mesmo após uma operação da prefeitura ter recolhido 53 dependentes químicos durante a madrugada. Durante a ação, 42 adultos e 11 menores foram encaminhados para a 5ª DP (Gomes Freire). No entanto, somente dois usuários ficaram presos, pois contra eles havia mandados de prisão. Os outros foram liberados e os menores, levados para um abrigo municipal. A operação, que contou com o apoio de policiais do 5º BPM (Praça da Harmonia) foi realizada dois dias depois do jovem Conrado Chaves da Paz, de 19 anos, ter sido assassinado com uma facada no peito na Avenida Chile. Agentes da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, da Guarda Municipal e da Subprefeitura do Centro também participaram da ação. Com os usuários, foram apreendidas sete facas, duas tesouras e um estilete.

Na manhã desta terça-feira, era possível ver grupos de pessoas em situação de rua na Lapa, ao lado da Escola de Musica da UFRJ e na Rua Taylor, onde um deles mexia num smartphone. Na escadaria da Rua Visconde de Paranaguá, por onde,

segundo relatos, bandidos costumam fugir após praticar assaltos em Santa Teresa, havia um pequeno acampamento de moradores de rua. Entretanto, a equipe de reportagem do GLOBO não flagrou nenhuma pessoa consumindo drogas no local.

Durante a madrugada, cerca de 60 pessoas percorreram várias ruas do Centro, como a Rua do Lavradio e as avenidas Chile e Presidente Antônio Carlos. Nos acampamentos de moradores de rua, foram encontrados também pequena quantidade de crack e dinheiro. De acordo com os agentes que participaram da ação, este tipo de trabalho está sendo realizado diariamente. Porém, a ação foi intensificada por conta do aumento da violência registrado na região nos últimos dias.

— Por conta dos últimos casos, entre eles a morte do jovem na Avenida Chile, foi determinada a intensificação na operação realizada nesta madrugada. Essas pessoas foram levadas para a delegacia, por onde passaram por uma triagem. Os que estavam devendo alguma coisa à Justiça, ficaram presos. Com os que foram liberados, tentamos conversar, para que eles aceitassem ser levados para um abrigo. Porém, não podemos obrigá-los — disse o assessor da Subsecretaria do Centro, José Henrique Pequeno Junior, que acompanhou a operação.

Os agentes relatam que os usuários de drogas não aceitam ser abordados pela operação e tentam agredi-los. Na Rua do Lavradio, um local que funcionaria como ponto de venda de drogas foi fiscalizado. No local, um homem foi detido com crack.

— Hoje, o perfil do morador de rua mudou. Há a presença de muitos bandidos nesses grupos, diferentemente do passado. Muitas pessoas contam que preferem continuar nas ruas, pois é fácil conseguir esmolas e comida. Há crianças e mulheres grávidas. Todos usando drogas — contou José Henrique.

#### Morte de jovem na Avenida Chile

Conrado Chaves da Paz, de 19 anos, foi encontrado morto na Avenida Chile, no Centro, por volta das 5h de domingo. Ele foi atingido por uma facada no peito. De acordo com a Divisão de Homicídios (DH), a faca usada no crime foi encontrada a cinco metros do corpo do jovem. Um laudo médico revelou que o golpe provocou a ruptura da aorta.

Nesta segunda-feira, a DH ouviu os depoimentos de seis pessoas sobre o assassinato e aguarda, agora, a análise das imagens de câmeras de segurança localizadas na Avenida Chile para tentar identificar o assassino. Testemunhas afirmaram que a região é um reduto de usuários de crack, que ameaçam as pessoas com objetos cortantes.

#### **20 - Lapa: após ação, morador de rua volta**

Prefeitura recolhe 53 dependentes químicos na madrugada, incluindo 11 menores

Fonte: O Globo - Impresso - Flip  
Autor: Bruno Amorim Leonardo Barros

Publicada em: 03/12/2013 às 22h00

A região da Lapa e adjacências, no Centro do Rio, voltou a ser tomada por moradores e usuários de drogas na manhã de ontem, mesmo após uma operação da prefeitura ter recolhido 53 dependentes químicos durante a madrugada, com 42 adultos e 11 menores encaminhados à 5ª DP (Gomes Freire). Apenas dois ficaram presos, pois havia mandados de prisão contra eles. Os demais foram liberados, e os menores, levados para um abrigo municipal. A operação, que teve o apoio de policiais do 5º BPM (Praça da Harmonia) foi realizada dois dias depois do jovem Conrado Chaves da Paz, de 19 anos, ter morrido esfaqueado na Avenida Chile. Agentes da Secretaria municipal de Desenvolvimento Social, da Guarda Municipal e da Subprefeitura do Centro também participaram da ação. Foram apreendidos sete facas, duas tesouras e um estilete.

Pela manhã, viam-se grupos de moradores de rua na Lapa, ao lado da Escola de Música da UFRJ e na Rua Taylor. Um deles mexia num smartphone. Na escadaria da Rua Visconde de Paranaguá, por onde, segundo relatos, bandidos fogem após praticar assaltos em Santa Teresa, havia um pequeno acampamento. Mas a reportagem do GLOBO não flagrou ninguém consumindo drogas no local.

Polícia identifica suspeito de facada

Atrás do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, no Centro, um grupo fumava maconha. Um deles usava uma blusa com imagens de armas de fogo. Na Rua Gomes Freire, em frente ao Banco Santander, um rapaz no meio de um grupo preparava um cigarro de maconha. No local, uma jovem canadense costuma dar aulas de inglês para moradores de rua.

Na madrugada, cerca de 60 agentes percorreram várias ruas do Centro, incluindo as avenidas Chile e Presidente Antônio Carlos. Nos acampamentos de moradores de rua, ainda foram encontrados pequena quantidade de crack e dinheiro. Segundo os agentes, essas ações são habituais, mas se intensificaram devido ao aumento da violência observado nos últimos dias. Na Rua do Lavradio, os agentes foram a um local apontado como ponto de venda de drogas. Um homem foi detido com crack.

- O perfil do morador de rua mudou. Há muitos bandidos, diferentemente do passado. E há crianças e mulheres grávidas. Todos usando drogas - disse o assessor da Subsecretaria do Centro, José Henrique Pequeno Junior.

Com relação à morte de Conrado, a Divisão de Homicídios (DH) informou ontem ter identificado um suspeito. Hoje, a DH vai ouvir parentes do rapaz.

## **21 - Vinte moradores de ruas são cadastrados durante ação da prefeitura no Centro do Rio**

Ação ocorreu na madrugada desta quarta-feira. Ninguém foi levado para a delegacia

Fonte: O Globo  
Autor: Leonardo Barros  
Editoria: Rio  
Publicada em: 04/12/2013 às 02h12

Pela segunda madrugada consecutiva, policiais do 5º BPM (Praça Harmonia), com o apoio de agentes da Secretaria municipal de Desenvolvimento Social, da Guarda Municipal e da Subprefeitura do Centro, realizaram uma operação nas vias da área central onde há concentração de moradores de rua e usuários de crack. Na madrugada desta quarta-feira, a fiscalização passou pela Cinelândia, Central do Brasil, Gamboa e Lapa. No total, mais de 20 pessoas foram cadastradas e três aceitaram ser levadas para abrigos municipais. Facas, tesouras e canivetes foram apreendidos, mas ninguém foi preso.

O maior grupo foi abordado na Rua Pedro Ernesto, na Gamboa. As pessoas estavam na calçada de um galpão desativado. O local estava cheio de entulho, por conta das obras que estão sendo realizadas na região. O acampamento foi destruído e todos foram revistados. No entanto, nada foi encontrado.

Na Rua Senador Pompeu, em frente ao Restaurante Popular Herbert de Souza (Betinho), foram encontrados facas, uma tesoura, uma estilete e um cachimbo. De acordo com o responsável pela operação, o subtenente Muniz, alguns moradores de rua correram ao perceber a chegada dos carros da fiscalização e jogaram o material na rua. No local, as barracas improvisadas foram destruídas, e o material levado por um caminhão da Comlurb.

— Essas operações serão constantes nessa região, por conta de determinação do Comando Geral da PM. Estamos mapeando os locais onde são cometidos crimes, como assaltos. Quando chegamos, eles correm, deixando vários objetos cortantes para trás — disse o subtenente, concluindo que 20 policiais do 5º BPM participaram da ação.

#### Primeira ação no Centro

Na madrugada de terça-feira, dois dias após o jovem Conrado Chaves da Paz, de 19 anos, ter sido assassinado com uma facada no peito, a prefeitura, com o auxílio da PM, realizou uma operação no Centro. Na ação, 53 moradores de rua foram encaminhados para a 5ª DP (Mem de Sá). Apenas dois, com mandados de prisão pendentes, ficaram presos.

Conrado foi encontrado morto na Avenida Chile, no Centro, na madrugada de domingo. De acordo com a DH, a faca - de serrinha - usada no crime foi encontrada a cinco metros do corpo do jovem.

## **22- Mais de 20 moradores de ruas são cadastrados durante ação da prefeitura no Centro do Rio**

Ação ocorreu na madrugada desta quarta-feira. Eles foram levados para a delegacia, mas apenas três aceitaram ir para abrigos

Fonte: O Globo

Autor: Leonardo Barros

Editoria: Rio

Publicada em: 04/12/2013 às 02h12

Pela segunda madrugada consecutiva, policiais do 5º BPM (Praça Harmonia), com o apoio de agentes da Secretaria municipal de Desenvolvimento Social, da Guarda Municipal e da Subprefeitura do Centro, realizaram uma operação nas vias da área central onde há concentração de moradores de rua e usuários de crack. Na madrugada desta quarta-feira, a fiscalização passou pela Cinelândia, Central do Brasil, Gamboa e Lapa. Mais de 20 pessoas foram cadastradas e encaminhadas para 4ª DP (Praça da República), mas apenas três aceitaram ser levadas para abrigos municipais. Facas, tesouras e canivetes foram apreendidos, mas ninguém foi preso.

O maior grupo foi abordado na Rua Pedro Ernesto, na Gamboa. As pessoas estavam na calçada de um galpão desativado. O local estava cheio de entulho, por conta das obras que estão sendo realizadas na região. O acampamento foi destruído e todos foram revistados. No entanto, nada foi encontrado.

Na Rua Senador Pompeu, em frente ao Restaurante Popular Herbert de Souza (Betinho), foram encontrados facas, uma tesoura, uma estilete e um cachimbo. De acordo com o responsável pela operação, o subtenente Muniz, alguns moradores de rua correram ao perceber a chegada dos carros da fiscalização e jogaram o material na rua. No local, as barracas improvisadas foram destruídas, e o material levado por um caminhão da Comlurb.

— Essas operações serão constantes nessa região, por conta de determinação do Comando Geral da PM. Estamos mapeando os locais onde são cometidos crimes, como assaltos. Quando chegamos, eles correm, deixando vários objetos cortantes para trás — disse o subtenente, concluindo que 20 policiais do 5º BPM participaram da ação.

### **Primeira ação no Centro**

Na madrugada de terça-feira, dois dias após o jovem Conrado Chaves da Paz, de 19 anos, ter sido assassinado com uma facada no peito, a prefeitura, com o auxílio da PM, realizou uma operação no Centro. Na ação, 53 moradores de rua foram encaminhados para a 5ª DP (Mem de Sá). Apenas dois, com mandados de prisão pendentes, ficaram presos.

Conrado foi encontrado morto na Avenida Chile, no Centro, na madrugada de domingo. De acordo com a DH, a faca - de serrinha - usada no crime foi encontrada a cinco metros do corpo do jovem.

## **23 - Fórum discute salas para uso do crack**

Em evento no rio, ação de casas de acolhimento é debatida

Fonte: O Globo - Impresso - Flip

Autor: Gustavo Goulart

Publicada em: 06/12/2013 às 22h00

A uruguaia Raquel Peyraube, médica especialista em uso problemático de drogas e assessora do governo do Uruguai, defendeu ontem a necessidade de haver mudanças profundas na prática de lidar com o problema da dependência química. No debate sobre redução de danos no tratamento de recuperação, durante o segundo dia do fórum internacional "As ruas e as drogas: competências e inovações", realizado no auditório da ONG Viva Rio, ela propôs, entre outras práticas, a distribuição de cachimbos de vidro para usuários de crack e salas para o uso seguro da droga:

- O que não deve faltar na redução de danos: a distribuição de cachimbos de vidro ou outro material que reúna critérios ecológicos; protetores de lábios de silicone para evitar, entre outras coisas, a contaminação de doenças; informações sobre a prática do uso do crack. Sim, porque os usuários nos ensinam muito. Nós, que trabalhamos com o assunto, devemos acompanhar os usuários, aprender como eles fazem para saber lidar com outras pessoas. E também a cannabis como efeito de substituição. Ela tem menor potencial viciante, mas atua nos mesmos receptores que as outras drogas.

Rafael West, coordenador do Programa Atitude, da Secretaria de Desenvolvimento Social de Pernambuco, contou experiências positivas como as iniciativas promovidas especialmente em Recife. Lá, as casas de acolhimento são abertas para quem deseja simplesmente se alimentar ou tomar banho. Tirar o direito de ir e vir do jovem usuário, tentar controlá-lo, é uma forma de dizer não a ele, refletiu o especialista.

- Precisamos entender a cultura da rua, as pessoas que precisam de assistência. Um jovem disse uma vez: 'moro na rua há três anos e se não tiver barulho de carro eu não consigo dormir'. Pegamos um colchão e pusemos na varanda, para que ficasse mais perto do barulho da rua. Outro não queria dormir no chão de tão acostumado estava de dormir na rua. Certa vez, uma das 40 residências estava cheia e um dia apareceram lonas, cobertores no terreno ao lado e escreveram num cartaz 'anexo do Atitude' contou.



Já o senador Eduardo Suplicy (PT-SP) disse ter elaborado um anteprojeto de lei que visa a descriminalizar e regulamentar o uso de todas as drogas usadas por dependentes químicos no país. Ele ressaltou, no entanto, que só vai apresentá-lo no Congresso Nacional em 2015 para não criar conflitos nas eleições de 2014. O senador, que se tornou um estudioso na questão das drogas e dependência química.

Suplicy quer usar o exemplo de Portugal, onde a descriminalização das drogas produziu efeitos positivos, como a redução do número de dependentes.

## **24 - 'outra questão fundamental é haver ação social'**

Empresário cultural diz Que é a hora de arregaçar as mangas e melhorar a lapa para todos

Fonte: O Globo - Impresso - Flip  
Publicada em: 16/12/2013 às 22h00

O que é preciso para melhorar a segurança na Lapa?

Além do policiamento, outra questão fundamental é haver ação social. É preciso resolver a questão da população de rua. Há três tipos de pessoas que circulam ali: o morador de rua, que já está há bastante tempo; o consumidor de crack, que vem migrando para a Lapa, onde pratica pequenos furtos; e o assaltante, que começa a chegar à região porque sabe que há ganho na Lapa, com muitos turistas. O governo precisa ter estratégias para cada um desses casos.

Como surgiu a ideia de criar o SOS Lapa?

Antes das três mortes, já estávamos pensando em fazer algo, por causa dos assaltos. É um movimento que reúne não só as casas de cultura da região, como também associações e artistas.

Além de discutir o policiamento, o grupo pretende investir em sistema de segurança?

Podemos investir em equipamentos, como câmeras de vigilância. A ideia é criar um fundo de desenvolvimento para melhorar a região, se for necessário. Temos grandes empresas na área, como o BNDES, a Petrobras e outras. A Lapa é o quintal delas.

Vocês querem tirar os moradores de rua da região?

Não queremos expulsá-los. A ideia é respeitar todos, porque a Lapa é um bem comum.

## **25 - Leo Feijó: 'Outra questão fundamental é haver ação social'**

Empresário cultural diz que é a hora de arregaçar as mangas e melhorar a Lapa para todos

Fonte: O Globo

Autor: O GLOBO Editoria: Rio

Publicada em: 17/12/2013 às 03h00

Um dos organizadores do evento SOS Lapa, o empresário Leo Feijó afirma que, além da falta de policiamento, o bairro da Lapa sofre com a falta de ações sociais efetivas. Segundo ele, governo precisa ter estratégias específicas para os problemas que a região enfrenta, como o aumento da violência.

O que é preciso para melhorar a segurança na Lapa?

Além do policiamento, outra questão fundamental é haver ação social. É preciso resolver a questão da população de rua. Há três tipos de pessoas que circulam ali: o morador de rua, que já está há bastante tempo; o consumidor de crack, que vem migrando para a Lapa, onde pratica pequenos furtos; e o assaltante, que começa a chegar à região porque sabe que há ganho na Lapa, com muitos turistas. O governo precisa ter estratégias para cada um desses casos.

Como surgiu a ideia de criar o SOS Lapa?

Antes das três mortes, já estávamos pensando em fazer algo, por causa dos assaltos. É um movimento que reúne não só as casas de cultura da região, como também associações e artistas.

Além de discutir o policiamento, o grupo pretende investir em sistema de segurança?

Podemos investir em equipamentos, como câmeras de vigilância. A ideia é criar um fundo de desenvolvimento para melhorar a região, se for necessário. Temos grandes empresas na área, como o BNDES, a Petrobras e outras. A Lapa é o quintal delas.

Vocês querem tirar os moradores de rua da região?

Não queremos expulsá-los. A ideia é respeitar todos, porque a Lapa é um bem comum.

## **26 - Adesão a programa federal é criticada**

Profissionais de saúde dizem que atendimento a viciados está parado

Fonte: O Globo - Impresso – Flip

Publicada em: 21/12/2013 às 22h00

Os programas para tratamento de usuários de drogas, principalmente crack, estão sendo conduzidos a passos lentos, relatam profissionais das áreas de saúde mental e assistência social de Niterói. Porém, a prefeitura nega, e afirma que ações contra o uso de entorpecentes se intensificaram após a adesão da cidade ao programa federal " Crack - É possível vencer".

Serviços prestados nos últimos dez anos, como o Consultório de Rua e o trabalho de agentes comunitários em áreas críticas de consumo de drogas, entraram em fase de reestruturação e, de acordo com denúncias, estão praticamente parados. Há relatos de que o Centro de Assistência Psicossocial em Álcool e outras Drogas do Fonseca enfrenta uma constante falta de equipamentos e insumos.

- A adesão, em junho, ao programa federal era necessária devido à possibilidade de a cidade receber mais investimentos, mas está representando o fim de serviços - afirmou um médico da área de saúde mental que pediu para não ser identificado.

Para a secretária-executiva da prefeitura, Maria Célia Vasconcellos, as reclamações de profissionais da rede não correspondem à realidade do trabalho em curso na cidade. Ela destaca que, no próximo mês, será inaugurada uma casa de acolhimento para usuários de crack, com capacidade para atender dez pessoas. Também em janeiro, a equipe da Guarda Municipal que atua no " Crack - É possível vencer" deverá receber do governo federal um ônibus e duas motos.

- A implantação do programa está em curso. Não há atrasos ou paralisações dos serviços. O que houve foi uma aglutinação de esforços entre as secretarias e uma reorganização de ações por regiões. O Consultório de Rua, por exemplo, era um projeto exclusivo de profissionais de saúde e passou a contar com agentes de assistência social e da Guarda Municipal - disse Maria Célia.

Ainda segundo a secretária, haverá a implantação de três Centros de Apoio Psicossocial (CAPs), sendo um deles voltado para crianças e adolescentes, uma Unidade de Acolhimento Adulto (UAA), uma Unidade de Acolhimento Infantojuvenil (UAI) e um Centro de Referência Especializado de Assistência Social. No entanto, não há prazos definidos para essas iniciativas.

ações são planejadas

Maria Célia e o comandante do 12º BPM (Niterói), tenente-coronel Gilson Chagas, disseram que têm conhecimento da situação da Praça do Vital Brazil e afirmaram que preparam ações conjuntas no local.

- Participei de reuniões com a prefeitura para estruturarmos estratégias. Para o recolhimento dos viciados, é preciso o apoio da PM, pois alguns reagem com violência - afirmou Chagas.

Segundo Maria Célia, depois da ocupação policial no Morro do Palácio, no Ingá, houve uma migração de usuários de crack que viviam na comunidade. (Renato Onofre)

## **27 - Perdedores da Copa**

Não há postos de saúde, escolas precárias vão até o ensino médio

Fonte: O Globo Autor: Aldir Blanc Editoria: Opinião  
Publicada em: 21/12/2013 às 22h00

Uma filha, geógrafa, foi trabalhar no litoral nordestino. Não nomearei os locais para não prejudicar o pequeno turismo que ajuda os moradores. O cenário é, à primeira vista, deslumbrante. Imensas extensões de areia puríssima, aquele mar vasto, que fazia os antigos navegadores temerem o abismo caso chegassem à linha do horizonte. Vê-se nas fotos uma traineira para pesca de camarão, quilômetros depois uma ou outra jangada e pensamos no paraíso.

O problema é que não há postos de saúde, escolas precárias vão até o ensino médio e olhe lá. Não existem centros culturais, de lazer ou bibliotecas. Cerca de 30% a 40% dos moradores se converteram em ferozes evangélicos, que ameaçam seus concidadãos com o diabo e o fogo do inferno por qualquer motivo besta. A alimentação é paradoxal: fartura de peixes, camarões, lagostas, e pirão de farinha. Macarrão, feijão e arroz são considerados comida de rei. Vivem principalmente do artesanato de garrafas com areia colorida, nas quais reproduzem a belíssima paisagem. A triste surpresa é que, entre os não fanatizados por uma crença estúpida, prolifera um número absurdo de viciados em crack. Adolescentes, artesãos, pescadores, mulheres, velhos, todo mundo pegando no cachimbinho. Um deles disse na entrevista:

— Experimenta, menina! A gente fuma depois de uns copos de litrão (cachaça) e a tristeza vai embora...

Quando um fica mal devido ao vício, os outros procuram ajudar, talvez de forma mais humana do que os ditos evangélicos. Pode-se, logo nos primeiros dias, ver os sinais da tal tristeza: uma alegre menina, que adorava andar de bicicleta, ficou cega ao ser atropelada por um ônibus. Levou tanto azar que teve os olhos rasgados pelos cacos de espelho da bicicleta. O ônibus passava em frente à porta da casa dela, transportando operários para um “empreendimento” distante. Da noite para o dia, a rua deserta foi invadida pelo tráfego de veículos pesados. Não colocaram quebra-molas, sinalização, nada. A família tentou uma indenização que não se concretizou. A garota vai, com uma coragem incrível, ter aulas de braille uma vez por semana. Cinco horas para ir, mais cinco para voltar. Ela gosta de ler. Outra criança, menino de 1 ano: febre e convulsão. Levado ao hospital público mais próximo, quase cem quilômetros de distância, não foi atendido corretamente. Um antitérmico. Tchau! Piorou. O pai, jovem de 21 anos, voltou e fez ameaças com a peixeira. Era tarde. O menino teve lesões irreversíveis e sofre de paralisia cerebral. Tem mais: um artesão foi trocar a bolsa de colostomia. O quadro se complicou no hospital — cloaca. Apesar de já anestesiado, alguém veio avisar que não havia como prosseguir. Falta de condições. Aí, apareceu um médico (?) e disse que poderia fazer o serviço em sua clínica particular. 600 reais.

Pertinho do tal hospital funciona ótima clínica de plano de saúde poderoso, um desses que mantêm seu time na Primeirona — mas a grande maioria daqueles miseráveis no paraíso não pode pagar.

Feliz Natal.

## **28 - Cracolândia à luz do dia em plena zona sul**

Praça do vital brazil é tomada por consumidores de drogas, e moradores do entorno pedem socorro

Fonte: O Globo - Impresso - Flip  
Autor: Isabel de Araujo  
Publicada em: 21/12/2013 às 22h00

Agachada num canto da Praça do Vital Brazil, uma menina que aparenta ter 10 anos mantém a cabeça erguida e os olhos atentos à movimentação da rua. Enquanto ela observa o vaivém de veículos e pedestres, suas mãos esfarelam rapidamente pequenas pedras dentro de um cachimbo improvisado num copo de plástico. Ao terminar o preparo do crack, acende um isqueiro e, segundos depois, já dá sinais de que está drogada. A cena foi registrada na última quarta-feira, pouco depois das 16h.

A praça, que fica em frente ao Instituto Vital Brazil, virou a nova cracolândia de Niterói. O corpo franzino e a aparência subnutrida passam a impressão que estamos diante de uma menina, mas, na verdade, ela é uma adolescente de 14 anos. As roupas largas, masculinas, também atrapalham a identificá-la como tal. Mas quem reside na região já a conhece bem, pois se acostumou a vê-la todos os dias consumindo drogas no local com outros moradores de rua.

Cerca de dez pessoas vivem na praça, incluindo a adolescente e o pai dela. Moradores de casas do entorno contam que a área de lazer está abandonada desde o começo do ano: não é cuidada por equipes de limpeza nem conta com policiamento, apesar de denúncias de tráfico de drogas terem sido feitas à PM. No local, ainda são vendidos produtos que, segundo algumas pessoas, foram roubados de pedestres em Icaraí e no Centro.

- Eu morava no Morro da Coruja com meu pai, mas viemos para a praça no começo do ano. Fico aqui mais para dormir. Passa gente toda hora, não gosto disso - contou a adolescente, que preferiu não falar sobre o consumo de drogas.

Quando a equipe do GLOBO-Niterói foi à praça para checar informações passadas por moradores do Vital Brazil, não encontrou apenas a jovem fumando crack em plena luz do dia: flagrou também um casal consumindo a droga e se deparou com uma mulher que tentava resgatar a filha. Ela implorava, em vão, para uma jovem ruiva de 19 anos acompanhá-la na volta para casa.

A jovem, visivelmente sob efeito de drogas, cambaleava e parecia não reconhecer a mãe nem ouvir seus suplícios.

- Minha filha estudava numa escola particular, tinha o sonho de trabalhar na área cultural. Ela sempre fez balé e cursos de teatro. Era uma menina linda e amorosa, com planos e sonhos. Hoje, não sabe quem eu sou. Não sei dizer qual droga começou a usar nem a idade que tinha quando fez isso. Só quero que volte logo para casa, já faz um ano que ela vive nessa praça - disse, emocionada, a mulher, que mora em Santa Rosa.

Os apelos feitos pela mãe desolada ganharam o inesperado apoio de um outro viciado que vive na praça. Visivelmente abaixo do peso ideal, um rapaz mulato, que aparenta ter 17 anos e mede menos de 1,60 metro, chegou perto da jovem com uma postura de dono do pedaço. É o chefe da boca de fumo da área, de acordo com moradores do Vital Brazil. Usa um colar dourado com um pingente no formato de uma metralhadora e nunca fala baixo. Adotou um tom imperativo ao se dirigir à moça.

- Você tem que respeitar sua mãe - disse ele. - Prefere morar para sempre aqui, na cracolândia? - questionou, sendo ignorado pela jovem, que se limitou a resmungar.

Sentindo-se vulneráveis, moradores de prédios e casas do entorno da praça afirmaram que deram vários telefonemas para a polícia e a prefeitura, pedindo uma solução.

- Presenciamos brigas constantes entre moradores de rua e tememos virar alvos de atos de violência - afirma um dos vizinhos da praça, pedindo anonimato.

## **29 - Cenas de uma cracolândia**

Fonte: O Globo - Impresso - Flip  
Publicada em: 21/12/2013 às 22h00

Uma adolescente de 14 anos, que, arrasada pelo uso de entorpecentes, parece uma menina de 10, consome crack na Praça do Vital Brazil. Numa visita ao local, a equipe do GLOBO-Niterói encontrou um casal se drogando e uma mulher que, desesperada, tentava, em vão, convencer a filha viciada a voltar para casa.

## **30 - Cracolândia à luz do dia em plena Zona Sul de Niterói**

Praça do Vital Brazil é tomada por consumidores de drogas, e moradores do entorno pedem socorro

Fonte: O Globo  
Autor: Isabel de Araujo Renato Onofre  
Editoria: Rio

Publicada em: 23/12/2013 às 04h00

Agachada num canto da Praça do Vital Brazil, uma menina que aparenta ter 10 anos mantém a cabeça erguida e os olhos atentos à movimentação da rua. Enquanto ela observa o vaivém de veículos e pedestres, suas mãos esfarelam rapidamente pequenas pedras dentro de um cachimbo improvisado num copo de plástico. Ao terminar o preparo do crack, acende um isqueiro e, segundos depois, já dá sinais de que está drogada. A cena foi registrada na última quarta-feira, pouco depois das 16h.

A praça, que fica em frente ao Instituto Vital Brazil, virou a nova cracolândia de Niterói. O corpo franzino e a aparência subnutrida passam a impressão que estamos diante de uma menina, mas, na verdade, ela é uma adolescente de 14 anos. As roupas largas, masculinas, também atrapalham a identificá-la como tal. Mas quem reside na região já a conhece bem, pois se acostumou a vê-la todos os dias consumindo drogas no local com outros moradores de rua.

Cerca de dez pessoas vivem na praça, incluindo a adolescente e o pai dela. Moradores de casas do entorno contam que a área de lazer está abandonada desde o começo do ano: não é cuidada por equipes de limpeza nem conta com policiamento, apesar de denúncias de tráfico de drogas terem sido feitas à PM. No local, ainda são vendidos produtos que, segundo algumas pessoas, foram roubados de pedestres em Icaraí e no Centro.

— Eu morava no Morro da Coruja com meu pai, mas viemos para a praça no começo do ano. Fico aqui mais para dormir. Passa gente toda hora, não gosto disso — contou a adolescente, que preferiu não falar sobre o consumo de drogas.

Quando O GLOBO-Niterói foi à praça para checar informações passadas por moradores do Vital Brazil, não encontrou apenas a jovem fumando crack em plena luz do dia: flagrou também um casal consumindo a droga e se deparou com uma mulher que tentava resgatar a filha. Ela implorava, em vão, para uma jovem ruiva de 19 anos acompanhá-la na volta para casa.

A jovem, visivelmente sob efeito de drogas, cambaleava e parecia não reconhecer a mãe nem ouvir seus suplícios.

— Minha filha estudava numa escola particular, tinha o sonho de trabalhar na área cultural. Ela sempre fez balé e cursos de teatro. Era uma menina linda e amorosa, com planos e sonhos. Hoje, não sabe quem eu sou. Não sei dizer qual droga começou a usar nem a idade que tinha quando fez isso. Só quero que volte logo para casa, já faz um ano que ela vive nessa praça — disse, emocionada, a mulher, que mora em Santa Rosa.

Os apelos feitos pela mãe desolada ganharam o inesperado apoio de um outro viciado que vive na praça. Visivelmente abaixo do peso ideal, um rapaz mulato, que aparenta ter 17 anos e mede menos de 1,60 metro, chegou perto da jovem com uma postura de dono do pedaço. É o chefe da boca de fumo da área, de acordo com

moradores do Vital Brazil. Usa um colar dourado com um pingente no formato de uma metralhadora e nunca fala baixo. Adotou um tom imperativo ao se dirigir à moça.

— Você tem que respeitar sua mãe — disse ele. — Prefere morar para sempre aqui, na cracolândia? — questionou, sendo ignorado pela jovem, que se limitou a resmungar.

Sentindo-se vulneráveis, moradores de prédios e casas do entorno da praça afirmaram que deram vários telefonemas para a polícia e a prefeitura, pedindo uma solução.

— Presenciamos brigas constantes entre os moradores de rua e tememos virar alvos de atos de violência — afirma um dos vizinhos da praça, pedindo anonimato.

Adesão a programa federal “ Crack, é possível vencer” é criticada e anda a passos lentos na cidade

Os programas para tratamento de usuários de drogas, principalmente crack, estão sendo conduzidos a passos lentos, relatam profissionais das áreas de saúde mental e assistência social de Niterói. Porém, a prefeitura nega, e afirma que ações contra o uso de entorpecentes se intensificaram após a adesão da cidade ao programa federal “ Crack — É possível vencer”.

Serviços prestados nos últimos dez anos, como o Consultório de Rua e o trabalho de agentes comunitários em áreas críticas de consumo da drogas, entraram em fase de reestruturação e, de acordo com denúncias, estão praticamente parados. Há relatos de que o Centro de Assistência Psicossocial em Álcool e outras Drogas do Fonseca enfrenta uma constante falta de equipamentos e insumos.

— A adesão, em junho, ao programa federal era necessária devido à possibilidade de a cidade receber mais investimentos, mas está representando o fim de serviços — afirmou um médico da área de saúde mental, que pediu para não ser identificado.

Para a secretária-executiva da prefeitura, Maria Célia Vasconcellos, as reclamações de profissionais da rede não correspondem à realidade do trabalho em curso na cidade. Ela destaca que, no próximo mês, será inaugurada uma casa de acolhimento para usuários de crack, com capacidade para atender dez pessoas. Também em janeiro, a equipe da Guarda Municipal que atua no “ Crack — É possível vencer” deverá receber do governo federal um ônibus e duas motos.

— A implantação do programa está em curso. Não há atrasos ou paralisações dos serviços. O que houve foi uma aglutinação de esforços entre as secretarias e uma reorganização de ações por regiões. O Consultório de Rua, por exemplo, era um projeto exclusivo de profissionais de saúde e passou a contar com agentes de assistência social e da Guarda Municipal — disse Maria Célia.



Ainda segundo a secretária, haverá a implantação de três Centros de Apoio Psicossocial (CAPs), sendo um deles voltado para crianças e adolescentes, uma Unidade de Acolhimento Adulto (UAA), uma Unidade de Acolhimento Infantojuvenil (UAI) e um Centro de Referência Especializado de Assistência Social. No entanto, não há prazos definidos para essas iniciativas.

Maria Célia e o comandante do 12º BPM (Niterói), tenente-coronel Gilson Chagas, disseram que têm conhecimento da situação da Praça do Vital Brazil e afirmaram que preparam ações conjuntas no local.

— Participei de reuniões com a prefeitura para estruturarmos estratégias. Para o recolhimento dos viciados, é preciso o apoio da PM, pois alguns reagem com violência — afirmou Chagas.

Segundo Maria Célia, depois da ocupação policial no Morro do Palácio, no Ingá, houve uma migração de usuários de crack que viviam na comunidade.

### **31 - Haddad diz que prefeitura de SP vai dar emprego a usuários de crack**

Segundo prefeito, cidade terá modelo parecido com o implantado no Canadá e aperfeiçoado na Holanda

Fonte: O Globo

Autor: Marcelle Ribeiro

Editoria: Brasil

Publicada em: 06/01/2014 às 14h20

O prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, disse nesta segunda-feira que estuda implantar, ainda em janeiro, um projeto para dar tratamento aos usuários de drogas de crack, oferecendo ajuda para obter moradia e oportunidade de emprego. Haddad disse que São Paulo terá um modelo muito parecido com o implantado no Canadá e aperfeiçoado na Holanda. Ele participou, nesta segunda-feira, ao lado do ministro da Saúde, Alexandre Padilha, da inauguração da sexta unidade da Rede Hora Certa, local para consultas, exames e cirurgias simples mantido pela Prefeitura de São Paulo com apoio de investimentos federais.

A Holanda, segundo Haddad, tem experiências com moradores de rua, sobretudo com dependentes de álcool, e que está sendo ampliada para algumas drogas.

— Vamos adotar um programa muito parecido com o que hoje tem um apelo muito forte na Holanda, de inspiração canadense, que é oferecer, pela própria prefeitura, trabalho para essas pessoas. A Holanda tem um bom programa. Estamos terminando os estudos. O programa nasceu no Canadá e foi aperfeiçoado na Holanda. Estamos estudando as duas experiências (do Canadá e da Holanda) para fechar um modelo paulistano de enfrentamento da situação — disse Haddad.

Ele afirmou que a prefeitura tem conversado com lideranças entre os usuários de droga da região há um mês e que estuda os últimos detalhes de como oferecer oportunidade de renda para eles. A ideia é oferecer vagas em zeladoria de praças. Segundo Haddad, a prefeitura pretende ainda em janeiro “entrar na região”.

— Queremos voltar à região de maneira civilizada, dando alternativas para as pessoas — disse. — Vamos dar oportunidade da pessoa obter o tratamento, entrar numa frente de trabalho. E elas terão apoio para encontrar um quarto digno para elas morarem e saírem das ruas — completou.

O prefeito afirmou que a grande maioria dos dependentes que vive nas ruas do bairro da Luz vem do sistema prisional e teve suas famílias desmanteladas, com grande dificuldade de ressocialização e sem perspectiva de vida e de emprego.

— Estamos tratando isso como problema de saúde e não com violência. Temos que aprender com o passado para não repetir os erros que já foram cometidos. Vamos afastar qualquer tipo de abordagem higienista do local — disse Haddad.

Para o prefeito, com o programa, será oferecido uma espécie de pacto com a comunidade.

— E esse pacto é: aquela região não pode ficar como está. Esse pacto já está selado. Estamos agora nos detalhes operacionais para aloca-los e oferecer oportunidade de renda. E nos casos mais graves, o tratamento que o Estado está oferecendo. O Estado está oferecendo 500 leitos só para a região da Luz — disse Haddad, que se reuniu na semana passada com o governador Geraldo Alckmin para tratar do tema.

No mesmo evento, Haddad disse que até o fim do mês vai decidir sobre o adiamento de investimentos do município, que segundo ele será necessário devido à revogação do reajuste do IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano). Segundo ele, a prefeitura terá prejuízo porque, como não terá como arcar com contrapartidas necessárias para receber investimentos da União, serão feitos menos investimentos.

#### Iniciativa holandesa polêmica

Nas últimas semanas, um programa holandês de oferta de emprego a dependentes de álcool criou polêmica. Uma fundação privada, financiada com recursos do governo, oferece vagas de emprego a alcólatras na limpeza de ruas de Amsterdã, pagando com cerveja. Os participantes recebem 10 euros (cerca de R\$ 32,40), cinco latas de cerveja, almoço e meio pacote de tabaco por turno para trabalhar três dias por semana. Os criadores do projeto dizem que consumir cerveja é melhor que bebidas mais pesadas e que apenas dizer “pare de beber que vamos ajudá-los” não vai adiantar. A fundação afirma que paga com os recursos para comprar as cervejas não têm origem nas verbas do governo. A prefeitura de Amsterdã disse que com a iniciativa, tem conseguido manter os alcólatras longe de parques.

Segundo o jornal "The New York Times", a ideia de dar cerveja como pagamento pelo trabalho de dependentes de álcool foi criada no Canadá. A prefeitura de São Paulo não informou se essa é a iniciativa que está inspirando o projeto desenvolvido pelo município e não deu mais detalhes sobre o programa.

### **32 - Haddad dará emprego a dependentes de crack**

Projeto, que deve ser lançado este mês, foi inspirado em modelo canadense e holandês

Fonte: O Globo - Impresso - Flip  
Autor: Marcelle Ribeiro  
Publicada em: 06/01/2014 às 22h00

O prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, disse ontem que estuda implantar, ainda este mês, um projeto para dar tratamento aos usuários de drogas de crackolândias. Será oferecida ajuda para obter moradia e oportunidades de emprego. Haddad afirmou que São Paulo terá um modelo muito parecido com o implantado no Canadá e aperfeiçoado na Holanda. Ele participou, ao lado do ministro da Saúde, Alexandre Padilha, da inauguração da sexta unidade da Rede Hora Certa, local para consultas, exames e cirurgias simples mantido pela prefeitura de São Paulo com apoio de investimentos federais.

A Holanda, segundo Haddad, tem experiências com moradores de rua, sobretudo com dependentes de álcool, e que está sendo ampliada para algumas drogas.

- Vamos adotar um programa muito parecido com o que hoje tem um apelo muito forte na Holanda, de inspiração canadense, que é oferecer, pela própria prefeitura, trabalho para essas pessoas. A Holanda tem um bom programa. Estamos terminando os estudos. O programa nasceu no Canadá e foi aperfeiçoado na Holanda. Estamos estudando as duas experiências (nesses dois países) para fechar um modelo paulistano de enfrentamento da situação - disse.

Haddad afirmou que a prefeitura tem conversado com lideranças entre os usuários de droga da região há um mês e que estuda os últimos detalhes de como dar oportunidade de renda para eles. A ideia é oferecer vagas em zeladorias de praças da capital paulista. Segundo Haddad, a prefeitura pretende ainda este mês "entrar na região".

- Queremos voltar à região de maneira civilizada, dando alternativas para as pessoas - disse. - Vamos dar oportunidade de a pessoa obter o tratamento, entrar numa frente de trabalho.

O prefeito afirmou que a grande maioria dos dependentes que vive nas ruas do bairro da Luz vem do sistema prisional e teve suas famílias desmanteladas, com grande dificuldade de ressocialização e sem perspectiva de vida e de emprego.

- Estamos tratando isso como problema de saúde e não com violência. Temos que aprender com o passado para não repetir os erros que já foram cometidos. Vamos afastar qualquer tipo de abordagem higienista do local - disse.

Pacto com a comunidade

O prefeito explicou que, com o programa, será oferecida uma espécie de pacto com a comunidade.

- E esse pacto é: aquela região não pode ficar como está. Esse pacto já está selado. Estamos agora nos detalhes operacionais para alocá-los e oferecer oportunidade de renda.

No mesmo evento, Haddad disse que, até o fim do mês, vai decidir sobre o adiamento de investimentos do município, que, segundo ele, será necessário devido à revogação do reajuste do IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano). Segundo Haddad, a prefeitura terá prejuízo porque, como não poderá arcar com contrapartidas necessárias para receber recursos da União, serão feitos menos investimentos.

Nas últimas semanas, um programa holandês de oferta de emprego a dependentes de álcool criou polêmica. Uma fundação privada, financiada com recursos do governo, ofereceu vagas de emprego a alcoólatras na limpeza de ruas de Amsterdã, pagando com cerveja. Os participantes recebem dez euros (cerca de R\$ 32,40), cinco latas de cerveja, almoço e meio pacote de tabaco por turno para trabalhar três dias por semana. Os criadores do projeto dizem que consumir cerveja é melhor que bebidas mais pesadas e que apenas dizer "pare de beber que vamos ajudá-los" não vai adiantar.

Segundo o jornal americano "The New York Times", a ideia de dar cerveja como pagamento pelo trabalho de dependentes de álcool foi criada no Canadá. A prefeitura de São Paulo não informou se essa é a iniciativa que está inspirando o projeto desenvolvido pelo município e não deu mais detalhes sobre o programa.

### **33 - Prefeitura de SP pagará R\$ 15 por dia a usuários de crack por zeladoria de parques**

Projeto de requalificação profissional tem por objetivo retirar 400 pessoas da região da Cracolândia

Fonte: O Globo

Autor: Leonardo Guandeline

Editoria: País

Publicada em: 09/01/2014 às 18h35

A prefeitura de São Paulo irá pagar R\$ 15 diariamente a cerca de 400 pessoas, a maioria dependentes químicos, que moram na região da Cracolândia, na Luz, centro

da capital paulista. Serão pagos para tomar conta de praças e parques da cidade, além de varrição de ruas. Pela proposta, os trabalhadores terão um turno de quatro horas diárias mais duas horas de participação em um programa de requalificação profissional. O governo municipal ainda não divulgou os custos do programa.

Hoje, cerca de 400 pessoas moram em pouco mais de 160 barracas de madeira e lona montadas sobre as calçadas nas cercanias da estação de trem Júlio Prestes. A maioria das moradias está na Alameda Dino Bueno, onde alguns usuários ainda fazem uso de crack à luz do dia, mesmo com a presença ostensiva da Polícia Militar (PM) e da Guarda Civil Metropolitana (GCM).

Nesta semana, agentes municipais realizam o cadastro de todas as pessoas em situação de rua na região. Na próxima, deve começar o encaminhamento dos moradores para hotéis da região central conveniados ou para unidades de saúde para tratamento.

Nos hotéis estarão os participantes do programa de ressocialização. Além da moradia, eles terão direito a vale-transporte e alimentação, entre outros benefícios oferecidos pela Prefeitura. Após o encaminhamento, as barracas devem ser retiradas das ruas da região, garantiu o secretário de Segurança Urbana, Roberto Porto.

O programa de ressocialização de usuários de crack foi anunciado no começo da semana pelo prefeito Fernando Haddad (PT). A iniciativa, que visa oferecer ajuda para os trabalhadores obterem moradia e oportunidades de emprego, tem um modelo parecido com o implantado no Canadá e aperfeiçoado na Holanda, país com experiências com moradores de rua, sobretudo dependentes de álcool, e que tem programas semelhantes ampliados para algumas drogas.

A medida é bem vista entre moradores e lideranças da região, que iniciaram o diálogo com a Prefeitura há alguns anos visando a requalificação profissional para os dependentes largarem o vício.

A líder comunitária Rita Rose, chamada de “mãe” por moradores da Cracolândia, tem o marido dependente químico preso há 20 dias por tráfico. Ela disse que, durante a prisão, pedras foram “plantadas” por policiais para enquadrá-lo por tráfico. E acredita que, depois que sair da prisão, o marido terá a oportunidade de voltar ao mercado de trabalho.

— Até agora, o que (os governantes) tentaram foi limpar a área, higienizar, mandar a gente embora daqui sem oferecer oportunidades para sairmos dessa vida. Acredito que todos querem largar o vício.

Além de prisões arbitrárias, um dos principais medos relatados ao GLOBO por moradores da região é o de agressões cometidas por policiais à paisana, que chegam a invadir alguns dos barracos, segundo eles.

- Eles estão assustados com isso. Atitudes como essas de policiais à paisana os deixam ainda mais – disse Rita.

### **34 - Cracolândia atravessa o samba da sapucaí**

Viciados do jacarezinho migram para a região central atraídos pela venda de crack da providência

Fonte: O Globo - Impresso - Flip  
Autor: Elenilce Bottari  
Publicada em: 09/01/2014 às 22h00

Um cheiro de peixe podre invade o ar e quase expulsa quem passa na Rua Barão de São Félix, entre as esquinas Visconde da Gávea e Costa Ferreira, atrás da Central do Brasil. Mas o trânsito, sempre congestionado, acaba obrigando os motoristas a testemunharem involuntariamente a venda de crack que acontece ao longo do dia e pela noite em frente aos casarões abandonados e em um bar da região. Se há dois séculos, o bairro da Gamboa foi um centro importante de negócios e residência de nobres e empresários como o visconde de Mauá, hoje a venda de crack na região vem agravando os assaltos na Avenida Presidente Vargas e transformando o entorno do Sambódromo na nova cracolândia da cidade.

Operações policiais e investigações das delegacias distritais e especializadas da região confirmam a migração de viciados do Jacarezinho para os bairros da Cidade Nova e da Gamboa. Um dos pontos de maior concentração é sob o Viaduto 31 de março, importante acesso para a Zona Sul do Rio, pelo Túnel Santa Bárbara. Ali é possível vê-los a qualquer hora do dia. E foi ali, bem em frente ao Sambódromo, que policiais da 6ª DP (Cidade Nova) prenderam Eduardo da Silva, de 34 anos, na última quarta-feira. De acordo com o delegado titular da unidade, Antenor Lopes Júnior, Eduardo é investigado por praticar roubos nas imediações daquela região, principalmente na Avenida Presidente Vargas. O criminoso tem quatro anotações criminais e dois mandados de prisão, por tráfico de drogas e roubo qualificado, expedidos pela Vara de Execuções Penais.

- Estamos realizando um trabalho de inteligência há cerca de dois meses, visando a identificar todos que, além do problema do vício, estão assaltando ou traficando drogas aqui na região. Sabemos de alguns locais onde se concentram, mas eles nunca andam com muita quantidade da droga, o que dificulta a classificação em tráfico. Quando roubam, muitas vezes as vítimas não querem registrar, e eles acabam soltos - explicou Antenor Lopes.

Outros dois pontos também utilizados pelos viciados são os fundos do posto BR, junto à universidade Estácio de Sá, e a Rua Professor Clementino Fraga, esquina com Rua de Santana. Segundo o titular da 6ª DP, nos depoimentos que dão quando presos, eles contam que são oriundos do Jacarezinho:

- Eles saíram do Jacarezinho para a Praça da Bandeira e, de lá, migraram para cá. Eles compram drogas na Providência e estão criando "microesticas" (pontos de revenda) na área do Sambódromo, que ficam escondidas em cortiços improvisados. Quando a polícia se aproxima eles gritam "água, água" ou outros códigos e correm para tudo que é lado - contou Antenor Lopes.

#### Cerco aos pontos de revenda

Como viciados em crack nunca ficam longe da boca, tanto a 4ª DP (Praça da República) quanto a Delegacia da Criança e do Adolescente Víctima (DCAV) estão aumentando a repressão ao tráfico de drogas aos chamados "esticas" do Morro da Providência. No último sábado, policiais da 4ª DP apreenderam maconha, crack e cocaína, escondidos no sótão de uma igreja evangélica, ao lado de um dos casarões usados pelos traficantes na Rua Barão de São Félix. Foram apreendidos 240 sacolés de maconha, 780 sacolés de cocaína, 339 gramas de cocaína In natura e 1.200 pedras de crack.

No dia 13 de dezembro passado, sete traficantes foram presos, dois deles adolescentes, em operação da DCAV.

- Parece coisa de cinema. Quando eles nos veem chegar, sobem pelos telhados, pulam pelos prédios. Naquele dia, eles tinham conseguido se esconder dentro de em um bar que estava fechado. Só que o proprietário chegou e eles acabaram flagrados com armas e drogas. Em outra operação, um deles caiu do alto de um prédio e se quebrou todo - contou o delegado Marcello Braga, da DCAV.

A equipe da especializada prendeu no ano passado o liberiano naturalizado brasileiro Kyei Henry, dono do estabelecimento conhecido como Bar do Angolano ou Inferninho, que fica na Rua Barão de São Felix 108, onde ocorria a venda de drogas, bem como Ricardo Pereira da Silva. Os dois homens foram acusados de vender drogas a menores de idade e prostitutas na Central do Brasil e condenados, em primeiro grau, a cinco anos. Mas, como a quantidade de droga apreendida era pequena, a pena foi reduzida para três anos e quatro meses de reclusão, além de convertida de pena privativa de liberdade para restritiva de direitos, com prestação de serviços a uma entidade pública para tratamento e recuperação de dependentes de drogas.

Em dezembro a delegacia realizou outra ação na mesma rua, onde foram presos Thais de Souza Lobo, Gabriel Reis Fernandes e Alef Felipe Fernandes dos Santos, por tráfico de drogas e corrupção de menores. Um menor de 15 anos foi apreendido por fato análogo aos crimes de porte ilegal de arma de fogo, tráfico de drogas e tentativa de homicídio, e outro, de 16 anos, por fato análogo ao crime de tráfico de drogas. Com eles foram apreendidos 25 cartuchos de munição calibre 38, dois revólveres calibre 38, 173 papelotes de cocaína, 256 de crack e R\$ 180. Ainda segundo o delegado, a distrital realiza com frequência ações na região para coibir o tráfico de drogas.

## Fuga pelos telhados

A Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA) informou que também tem realizado ações em parceria com o 5º BPM (Centro) para apreender menores infratores que agem naquela área. Em uma das operações, eles estouraram um ponto de venda de drogas que funcionava no casarão de número 83 da Rua Barão de São Félix. Segundo moradores, pouco tempo depois os traficantes retornaram para o local:

- Isso virou um problema muito sério. Quando eles percebem a chegada da polícia, correm para dentro do casarão, atravessam por um buraco na parede do último andar para o telhado do número 81 e, de lá, seguem pulando telhados até a Rua Senador Pompeu. Aliás, eles também conseguem vir do Morro da Providência por cima dos telhados até aqui. Não tem um telhado inteiro nessa região - contou um morador.

O 5º BPM informou que vem realizando diversas operações na área da Central e na Rua Barão de São Félix com o serviço reservado. Ontem foi preso em flagrante Edgar Reginaldo França, 28 anos, morador do Engenho da Rainha, por roubo, em frente ao Palácio Duque de Caxias. Além dele, 30 pessoas foram levadas para a delegacia, por suspeita de roubo. De setembro a dezembro foram presas 51 pessoas apenas na Central, por roubo ou furto. Em parceria com a DPCA, foram detidas para averiguação 529 pessoas, somente nos últimos dois meses do ano. Destes detidos, 25 ficaram presos ou apreendidos, por força de mandado de prisão ou de busca e apreensão.

### **35 - Viciados em crack do Jacarezinho migram para a região central do Rio**

Eles são atraídos pela venda da droga no Morro da Providência

Fonte: O Globo

Autor: Elenilce Bottari

Editoria: Rio

Publicada em: 10/01/2014 às 04h00

Um cheiro de peixe podre invade o ar e quase expulsa quem passa na Rua Barão de São Félix, entre as esquinas Visconde da Gávea e Costa Ferreira, atrás da Central do Brasil. Mas o trânsito, sempre congestionado, acaba obrigando os motoristas a testemunharem involuntariamente a venda de crack que acontece ao longo do dia e pela noite em frente aos casarões abandonados e em um bar da região. Se há dois séculos, o bairro da Gamboa foi um centro importante de negócios e residência de nobres e empresários como o visconde de Mauá, hoje a venda de crack na região vem agravando os assaltos na Avenida Presidente Vargas e transformando o entorno do Sambódromo na nova cracolândia da cidade.



Operações policiais e investigações das delegacias distritais e especializadas da região confirmam a migração de viciados do Jacarezinho para os bairros da Cidade Nova e da Gamboa. Um dos pontos de maior concentração é sob o Viaduto 31 de março, importante acesso para a Zona Sul do Rio, pelo Túnel Santa Bárbara. Ali é possível vê-los a qualquer hora do dia. E foi ali, bem em frente ao Sambódromo, que policiais da 6ª DP (Cidade Nova) prenderam Eduardo da Silva, de 34 anos, na última quarta-feira. De acordo com o delegado titular da unidade, Antenor Lopes Júnior, Eduardo é investigado por praticar roubos nas imediações daquela região, principalmente na Avenida Presidente Vargas. O criminoso tem quatro anotações criminais e dois mandados de prisão, por tráfico de drogas e roubo qualificado, expedidos pela Vara de Execuções Penais.

— Estamos realizando um trabalho de inteligência há cerca de dois meses, visando a identificar todos que, além do problema do vício, estão assaltando ou traficando drogas aqui na região. Sabemos de alguns locais onde se concentram, mas eles nunca andam com muita quantidade da droga, o que dificulta a classificação em tráfico. Quando roubam, muitas vezes as vítimas não querem registrar, e eles acabam soltos — explicou Antenor Lopes.

Outros dois pontos também utilizados pelos viciados são os fundos do posto BR, junto à universidade Estácio de Sá, e a Rua Professor Clementino Fraga, esquina com Rua de Santana. Segundo o titular da 6ª DP, nos depoimentos que dão quando presos, eles contam que são oriundos do Jacarezinho:

— Eles saíram do Jacarezinho para a Praça da Bandeira e, de lá, migraram para cá. Eles compram drogas na Providência e estão criando “microesticas” (pontos de revenda) na área do Sambódromo, que ficam escondidas em cortiços improvisados. Quando a polícia se aproxima eles gritam “água, água” ou outros códigos e correm para tudo que é lado — contou Antenor Lopes.

#### Cerco aos pontos de revenda

Como viciados em crack nunca ficam longe da boca, tanto a 4ª DP (Praça da República) quanto a Delegacia da Criança e do Adolescente Víctima (DCAV) estão aumentando a repressão ao tráfico de drogas aos chamados “esticas” do Morro da Providência. No último sábado, policiais da 4ª DP apreenderam maconha, crack e cocaína, escondidos no sótão de uma igreja evangélica, ao lado de um dos casarões usados pelos traficantes na Rua Barão de São Félix. Foram apreendidos 240 sacolés de maconha, 780 sacolés de cocaína, 339 gramas de cocaína in natura e 1.200 pedras de crack.

No dia 13 de dezembro passado, sete traficantes foram presos, dois deles adolescentes, em operação da DCAV.

— Parece coisa de cinema. Quando eles nos veem chegar, sobem pelos telhados, pulam pelos prédios. Naquele dia, eles tinham conseguido se esconder dentro de em

um bar que estava fechado. Só que o proprietário chegou e eles acabaram flagrados com armas e drogas. Em outra operação, um deles caiu do alto de um prédio e se quebrou todo — contou o delegado Marcello Braga, da DCAV.

A equipe da especializada prendeu no ano passado o liberiano naturalizado brasileiro Kyei Henry, dono do estabelecimento conhecido como Bar do Angolano ou Inferninho, que fica na Rua Barão de São Felix 108, onde ocorria a venda de drogas, bem como Ricardo Pereira da Silva. Os dois homens foram acusados de vender drogas a menores de idade e prostitutas na Central do Brasil e condenados, em primeiro grau, a cinco anos. Mas, como a quantidade de droga apreendida era pequena, a pena foi reduzida para três anos e quatro meses de reclusão, além de convertida de pena privativa de liberdade para restritiva de direitos, com prestação de serviços a uma entidade pública para tratamento e recuperação de dependentes de drogas.

Em dezembro a delegacia realizou outra ação na mesma rua, onde foram presos Thais de Souza Lobo, Gabriel Reis Fernandes e Alef Felipe Fernandes dos Santos, por tráfico de drogas e corrupção de menores. Um menor de 15 anos foi apreendido por fato análogo aos crimes de porte ilegal de arma de fogo, tráfico de drogas e tentativa de homicídio, e outro, de 16 anos, por fato análogo ao crime de tráfico de drogas. Com eles foram apreendidos 25 cartuchos de munição calibre 38, dois revólveres calibre 38, 173 papelotes de cocaína, 256 de crack e R\$ 180. Ainda segundo o delegado, a distrital realiza com frequência ações na região para coibir o tráfico de drogas.

#### Fuga pelos telhados

A Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA) informou que também tem realizado ações em parceria com o 5º BPM (Centro) para apreender menores infratores que agem naquela área. Em uma das operações, eles estouraram um ponto de venda de drogas que funcionava no casarão de número 83 da Rua Barão de São Félix. Segundo moradores, pouco tempo depois os traficantes retornaram para o local:

— Isso virou um problema muito sério. Quando eles percebem a chegada da polícia, correm para dentro do casarão, atravessam por um buraco na parede do último andar para o telhado do número 81 e, de lá, seguem pulando telhados até a Rua Senador Pompeu. Aliás, eles também conseguem vir do Morro da Providência por cima dos telhados até aqui. Não tem um telhado inteiro nessa região — contou um morador.

O 5º BPM informou que vem realizando diversas operações na área da Central e na Rua Barão de São Félix com o serviço reservado. Ontem foi preso em flagrante Edgar Reginaldo França, 28 anos, morador do Engenho da Rainha, por roubo, em frente ao Palácio Duque de Caxias. Além dele, 30 pessoas foram levadas para a delegacia, por suspeita de roubo. De setembro a dezembro foram presas 51 pessoas apenas na Central, por roubo ou furto. Em parceria com a DPCA, foram detidas para

averiguação 529 pessoas, somente nos últimos dois meses do ano. Destes detidos, 25 ficaram presos ou apreendidos, por força de mandado de prisão ou de busca e apreensão.

### **36 - Ex-dependentes químicos ajudarão moradores de rua viciados em crack**

Consultório móvel levará tratamento especializado a usuários de drogas de Niterói

Fonte: O Globo

Autor: Luiz Gustavo Schmitt

Editoria: Rio

Publicada em: 14/01/2014 às 05h00

Felipe Augusto da Silva, de 30 anos, está há seis meses longe do crack e da cocaína. O vício o tinha levado a viver nas calçadas da Avenida Amaral Peixoto. Hoje, feliz com sua recuperação, mora com a mulher numa pequena casa no Morro do Cavalão, em Icaraí. Amanda Santana dos Santos, de 24 anos, também era usuária de crack e passava os dias perambulando pelo Centro. Agora, “limpa” da droga, vive num abrigo da prefeitura. Na próxima quarta-feira, Felipe e Amanda darão um outro passo importante: começarão a trabalhar. Eles farão parte de uma equipe da Secretaria municipal de Saúde que proporcionará atendimento médico a moradores de rua. Ambos receberão salários da prefeitura e foram contratados após pedirem ajuda a assistentes sociais. Os dois terão a missão de facilitar as abordagens planejadas pelo programa Mais Saúde na Rua.

A iniciativa contará com a participação de médicos, enfermeiros e psicólogos, além de assistentes sociais. Eles terão o suporte de uma van equipada com um computador, no qual serão feitos os cadastros dos atendimentos.

Segundo a coordenadora do programa, Joana Felipe, o objetivo principal não é levar moradores de rua para abrigos.

— Vamos oferecer alternativas de acordo com o perfil de cada pessoa. Entendemos que Felipe e Amanda poderão colaborar por meio de suas histórias, de suas lutas para vencer a dependência química. Eles estão transformando suas vidas e vão ajudar quem passa por situações que conheceram bem — explica Joana.

Felipe se emociona ao falar como pode contribuir para a recuperação de dependentes químicos:

— Eu sei exatamente o que eles estão passando. Vou dizer a moradores de rua que largar a droga não é fácil, a luta precisa ser diária, mas dá para vencê-la. Quando um ex-dependente enfrenta um problema, tem vontade de voltar ao mundo do vício. Quero conversar com essas pessoas e mostrar que existe uma porta em que podem bater para pedir ajuda.

De acordo com a Secretaria municipal de Saúde, o orçamento previsto para o Mais Saúde na Rua é de R\$ 8, 1 milhões. A maior parte dos recursos sairá do programa federal Crack, É Possível Vencer. A ideia de oferecer um consultório móvel à população de rua surgiu em São Paulo, em 2011. Em Niterói, a iniciativa chegou a ser anunciada pelo ex-prefeito Jorge Roberto Silveira. No entanto, faltou um veículo para transportar a equipe médica.

#### Novo Abrigo infantojuvenil

Também na quarta-feira, será inaugurada uma Unidade de Acolhimento Infantojuvenil (UAI) no Engenho do Mato. O espaço terá capacidade para abrigar dez usuários de drogas entre 12 e 17 anos de idade por até 180 dias.

— Eles terão o acompanhamento de profissionais do programa Médico de Família, além de tratamento individual e em grupo. Haverá ainda atendimento psicológico para parentes dos jovens que estarão sob os cuidados da UAI — informa o secretário municipal de Saúde, Chico D'Angelo.

37 - Parque Dom Pedro será segundo foco da ação contra o crack da Prefeitura de SP

Em entrevista à CBN, Haddad admitiu que região está perigosa e que seguirá modelo de dar moradia, emprego e tratamento aos usuários

Fonte: O Globo Autor: O GLOBO Editoria: País

Publicada em: 22/01/2014 às 08h36

A região do Parque Dom Pedro, no Centro de São Paulo, será o próximo foco da ação de combate ao crack da Prefeitura de São Paulo. O primeiro passo do projeto foi o desmonte da favela da Cracolândia, também no Centro da capital, na semana passada. A informação foi adiantada pelo prefeito Fernando Haddad (PT/SP) em entrevista à rádio CBN na manhã desta quarta-feira.

De acordo com ele, a nova ação ainda não tem data marcada e continuará com o modelo moradia, emprego e tratamento.

— Estamos desenvolvendo um trabalho inédito e que tem custo baixo em comparação à internação compulsória. O Parque Dom Pedro é o segundo passo. Não quero antecipar muita coisa porque tem coisas um pouco delicadas — afirmou Haddad.

#### **38 - Movimentos sociais: ação do Denarc afetará programa na cracolândia**

Cerca de 50 pessoas protestam em frente à Secretaria de Segurança Pública de SP contra a ação do Denarc

Fonte: O Globo Autor: Tatiana Farah Editoria: País  
Publicada em: 24/01/2014 às 14h24

Cerca de 50 manifestantes protestam na tarde desta sexta-feira diante da sede da Secretaria de Segurança Pública (SSP) de São Paulo, no centro da capital paulista, contra a ação da Polícia Civil desta quinta-feira na cracolândia. Para o coordenador do Movimento da População de Rua, Anderson Miranda, a ação de agentes do Departamento Estadual de Prevenção e Repressão ao Narcotráfico (Denarc) na região comprometeu a “Operação Braços Abertos” da Prefeitura de São Paulo, cujo objetivo é tirar das ruas dependentes de crack, oferecendo moradia em hotéis populares e trabalhos diários por R\$ 15.

- A truculência da polícia foi um abuso de poder, um abuso de autoridade. Se queriam pegar traficantes, que pegassem. Mas tentaram botar a cidade contra essa população (os usuários). É uma ação que compromete em 100% a Braços Abertos, já que a operação estava tentando criar um vínculo com essa população, uma relação de confiança que se quebrou – diz Miranda.

Na tarde de quinta-feira, policiais civis que afirmaram fazer uma ação contra o tráfico dispararam balas de borracha e bombas de gás lacrimogênio contra os dependentes químicos da região.

### **39 - MP abre inquérito para investigar ação do Denarc na cracolândia**

Promotor fala em ‘tragédia’ e MP estuda pedir à Justiça a extensão para policiais civis de uma liminar que impede ações truculentas na região

Fonte: O Globo  
Autor: Leonardo Guandeline e Tatiana Farah  
Editoria: País  
Publicada em: 24/01/2014 às 16h04

O promotor de Justiça Arthur Pinto Junior, de Direitos Humanos na área da Saúde, instaurou nesta sexta-feira inquérito civil para investigar a ação de policiais do Departamento Estadual de Prevenção e Repressão ao Narcotráfico (Denarc) de São Paulo na região da cracolândia, centro de São Paulo, na tarde desta quinta-feira. Pinto Junior classificou de “tragédia” a ação dos policiais, que usaram bombas de efeito moral e balas de borracha para dispersar moradores da região que teriam reagido à prisão de um traficante pela Polícia Civil. O promotor disse que estuda pedir à Justiça a extensão para policiais civis de uma liminar que impede, desde 2012, a Polícia Militar (PM) de agir de forma truculenta na região.

- Em 26 anos de Ministério Público, não tenho conhecimento de nenhuma ação do Denarc parecida com essa. É um departamento que atua com discricção, até. Dessa vez, eles atrapalharam tudo o que estava sendo feito na região, esse trabalho da

Prefeitura, inclusive, em parceria com o governo do estado, com dinheiro público investido.

Segundo Arthur Pinto Junior, todo o trabalho de ressocialização junto aos dependentes químicos e moradores da crackolândia pode ser perdido.

- Foi uma tragédia!

O MP deve ouvir nos próximos dias a diretora do Denarc, Elaine Biasolli; o corregedor em exercício da Polícia Civil, Osvaldo Naoki Miyazaki, e o secretário municipal de Segurança Urbana, Roberto Porto, que estava na crackolândia na hora da ação policial e se disse surpreendido com o excesso cometido por policiais.

O promotor questiona o uso de balas de borracha e bombas de efeito moral por policiais do Denarc chamados para reforço e também quer saber quem era o traficante que os policiais procuravam na região num primeiro momento, assim como detalhes da investigação contra o suspeito conduzida pelo Denarc.

- O que eles (policiais) queriam com essa segunda ação (a das bombas e balas de borracha), prender mais traficantes? Por que ela ocorreu? O que um carro da Corregedoria fazia na região no momento da chegada do reforço? São perguntas que ficaram em aberto.

O MP também quer saber se o policial civil de Denarc investigado pela Corregedoria participou da ação e afirmou ser ilegal a prisão de 30 pessoas “para averiguação”.

- Esse tipo de prisão para averiguação não existe mais no Brasil – acrescentou. Para movimentos sociais, ação comprometerá programa

Cerca de 50 manifestantes protestam na tarde desta sexta-feira diante da sede da Secretaria de Segurança Pública (SSP) de São Paulo, no centro da capital paulista, contra a ação da Polícia Civil desta quinta-feira na crackolândia. Para o coordenador do Movimento da População de Rua, Anderson Miranda, a ação de agentes do Departamento Estadual de Prevenção e Repressão ao Narcotráfico (Denarc) na região comprometeu a “Operação Braços Abertos” da Prefeitura de São Paulo, cujo objetivo é tirar das ruas dependentes de crack, oferecendo moradia em hotéis populares e trabalhos diários por R\$ 15.

- A truculência da polícia foi um abuso de poder, um abuso de autoridade. Se queriam pegar traficantes, que pegassem. Mas tentaram botar a cidade contra essa população (os usuários). É uma ação que compromete em 100% a Braços Abertos, já que a operação estava tentando criar um vínculo com essa população, uma relação de confiança que se quebrou – diz Miranda.

Na tarde de quinta-feira, policiais civis que afirmaram fazer uma ação contra o tráfico dispararam balas de borracha e bombas de gás lacrimogênio contra os dependentes químicos da região.

#### **40 - Haddad evita polemizar com Alckmin ação da Polícia na Cracolândia**

Fonte: O Globo

Autor: Valor Online

Editoria: País

Publicada em: 24/01/2014 às 17h28

Um dia depois da ação surpresa da Polícia Civil na Cracolândia, região central de São Paulo, o prefeito da capital, Fernando Haddad (PT), evitou, nesta sexta-feira, 24, criticar o governo do Estado, comandado por Geraldo Alckmin (PSDB). Haddad, no entanto, disse que manterá o programa de reabilitação de dependentes químicos na região, onde houve, ontem, a operação policial, mesmo que haja resistência ao projeto.

Haddad disse que a preocupação da prefeitura foi tranquilizar os agentes municipais que trabalham na Cracolândia, no atendimento aos usuários de drogas, e também incentivar os dependentes químicos para continuar no programa "Operação Braços Abertos", iniciado no dia 16. Segundo o prefeito, os agentes de saúde ficaram "abalados com o bombardeio".

"Pode espernear. Nós vamos fazer o programa acontecer", disse Haddad. "O programa vai funcionar", reiterou o prefeito.

Ontem, a prefeitura divulgou uma nota criticando a atuação da Polícia Civil e afirmou que a operação colocava em risco o programa de reabilitação de dependentes de crack. Policiais do Departamento Estadual de Prevenção e Repressão ao Narcotráfico (Denarc) detiveram pelo menos 30 pessoas na região em que Haddad implementou a "Operação Braços Abertos", sem avisar a prefeitura, nem a Polícia Militar.

Como foi a ação policial

Dez viaturas do Denarc, com mais de duas dezenas de policiais, participaram da ação, jogaram bombas de efeito moral e usaram spray de pimenta contra dependentes químicos, o que gerou tumulto e corre-corre. Há relatos de tiros de bala de borracha, mas o Denarc negou o uso dessa munição.

A Polícia Civil alegou que estava na Cracolândia para prender um traficante, mas que policiais foram atacados e por isso pediram reforços. No entanto, nem a PM, que tem uma base no local, nem a Guarda Civil Metropolitana, que estava na região, foram acionadas.

Haddad não quis detalhar a conversa que teve ontem com o governador de São Paulo para reclamar da atuação policial. Sobre Alckmin, disse apenas que tem uma relação boa com o tucano.

O prefeito afirmou, ainda, que tem como "obsessão retomar o projeto como foi concebido, inclusive com o apoio do governo do Estado".

O prefeito disse que os traficantes de drogas da Cracolândia têm sido presos, apesar de o programa municipal evitar a repressão policial e ter como foco as áreas de assistência social e saúde. Haddad elogiou a atuação da Polícia Militar, a quem classificou como "grande parceira" da prefeitura.

O secretário municipal de Segurança, Roberto Porto, afirmou que a interlocução da prefeitura com a PM tem sido diária e disse que, antes da ação surpresa da Polícia Civil, o clima na área "era até festivo".

Porto afirmou esperar que "não volte a acontecer" operações policiais semelhantes como a que houve ontem. "Ninguém é contra ações contra o tráfico de drogas. O que não pode é ganhar a proporção, a dimensão que houve ontem", disse. "Nada justifica a ação", reforçou Porto.

No momento da ação policial de ontem, Porto estava no local mas não foi avisado pela Polícia Civil sobre o que estava acontecendo. Contraponto a Kassab e Alckmin

Desde que lançou o programa "Operação Braços Abertos", no início deste ano, Haddad tem evitado o uso da ação policial na região. Com isso, o prefeito pretende fazer um contraponto à ação violenta da polícia em 2012, em operação articulada pelo então prefeito Gilberto Kassab (PSD) com o governador Alckmin, que gerou fortes críticas e não resolveu o problema.

Com o programa municipal, 300 dependentes químicos passaram a morar em hotéis e receber alimentação e um auxílio de R\$ 15 da prefeitura em troca de uma jornada de trabalho de quatro horas diárias, para a zeladoria de ruas e praças da cidade. Nesta sexta, depois dos primeiros oito dias de trabalho, as pessoas atendidas no programa ganharam R\$ 120.

Bandeira da gestão municipal, o "Braços Abertos" é acompanhado de perto pelo prefeito, que tem feito visitas frequentes à região sem avisar a imprensa. Na manhã da quinta, 23, o ministro da Saúde e pré-candidato ao governo paulista, Alexandre Padilha (PT), também foi à Cracolândia.

## Wifi

Haddad fez as declarações depois de lançar a implantação de Rede wifi pública. Até junho, 120 praças em todos os 96 distritos de São Paulo terão conexão de banda larga, gratuita, para internet. Entre os locais que terão o acesso gratuito estão o vão livre do Masp, a Praça da Sé, o Largo São Francisco e parques como o Ibirapuera e do Carmo.

Leia mais:

Ação da Polícia na Cracolândia foi desastrosa, diz ministério

Ação da Polícia Civil na Cracolândia opõe prefeitura e governo de São Paulo



## **41 - Igor Falcão, executado à luz do dia na Baixada, foi preso logo no primeiro roubo**

Fonte: O Globo Autor: Extra Editoria: Rio  
Publicada em: 07/02/2014 às 04h00

Os três tiros que mataram Igor de Oliveira Falcão numa esquina de Belford Roxo foram o fim violento de uma vida sem rumo certo. Analfabeto, terceiro mais velho de 11 irmãos, pai usuário de drogas, maconha aos 12 anos, crack aos 16. Agitado, nunca conseguiu se adaptar à escola. Aos 10 anos, pulou o muro do colégio estadual Pedro Varela para nunca mais voltar.

Com o vício vieram os pequenos furtos em casa — chegou a vender uma televisão e um botijão de gás. E, com eles, a primeira sentença: foi espancado por traficantes do Morro da Pedreira, em Costa Barros, onde morava com a mãe. Com medo do destino do garoto, a família saiu da favela e voltou para São João de Meriti, onde mora a avó materna de Igor.

A mudança não o afastou das drogas. Igor decidiu roubar. E, no primeiro roubo, rodou. Em 23 de setembro de 2012, depois de sair de uma festa de aniversário da família, montou em uma motocicleta emprestada. Drogado e alcoolizado, segundo a própria família, Igor tentou assaltar um pedestre na Vila Tiradentes, em São João de Meriti, também na Baixada.

A vítima reagiu a socos e Igor acabou preso. Segundo o registro de ocorrência, o rapaz usava uma arma de brinquedo. Segundo os parentes, Igor estava desarmado. Autuado em flagrante por assalto, ficou um ano na cadeia, cumprindo pena no presídio João Carlos da Silva, em Engenheiro Pedreira, Japeri.

A vítima reagiu a socos e Igor acabou preso. Autuado em flagrante por assalto, foi condenado a cinco anos de prisão, ficou um preso. Saiu da prisão em setembro último, com uma torção de tornozelo, que foi quebrada pelo próprio rapaz, por abrir feridas numa das pernas. Há duas semanas, Igor tentou mudar de vida. Começou a trabalhar como ambulante, vendendo pen drives no Largo da Carioca. Apesar de ser pai de duas crianças e ter engravidado uma ex-namorada, resolveu morar com uma nova garota.

Em 23 janeiro deste ano, Igor foi a uma loja em São João de Meriti comprar uma cama de casal. Por volta das 17h, foi chamado na casa da namorada pelo amigo Victor Fernandez, de 18 anos. Os dois saíram juntos.

Horas depois, eram assassinados juntos. Os corpos foram achados a cerca de cem metros um do outro.

Igor teve o corpo reconhecido por parentes no Instituto-Médico Legal de Nova Iguaçu. Como não tinha carteira de identidade, apenas certidão de nascimento, o corpo do rapaz foi liberado 72 horas após a morte.

No atestado de óbito, não teve direito a um nome. Apenas a descrição “um homem”. Foi sepultado como indigente na cova rasa número 295, encostada no muro dos fundos do cemitério de Vila Rosali, em São João de Meriti.

Uma vida distante da igreja

De uma família evangélica, Victor Fernandez levava uma vida afastada da igreja. Descrito pelo pai como um jovem “levado”, Victor já tinha uma data marcada para começar a trabalhar.

— Ele morreu numa quinta-feira e iria começar como ajudante de caminhão na segunda-feira seguinte. Estava só esperando um telefonema para confirmar tudo. Era um rapaz levado, mas com um ótimo coração. A gente estava orando para ele aceitar Jesus — disse Elias Fernandes, de 49, pai do jovem.

Victor deixou a escola cedo. Segundo sua família, ele estudou apenas até o 5º ano do ensino fundamental. O jovem já havia respondido a um processo por porte de arma, mas foi absolvido.

— Meu filho achou uma arma na rua e colocou na cintura. Acabou sendo preso por isso, mas foi absolvido pela Justiça — explicou

Elias Fernandes.

Pai de uma criança de 7 meses, Victor não morava na casa de seus pais. Dividia uma casa com a companheira. A notícia da morte do filho chegou à casa de Elias por telefone. Foi ele quem reconheceu o corpo do filho. O rapaz foi sepultado, no dia 25, no cemitério São Lázaro, mais conhecido como Venda Velha, em Meriti.

Para Elias, o filho pode ter sido morto ao ser confundido com um bandido:

— Dizem que ele foi lá comprar maconha e foi confundido com um integrante de uma facção. Depoimento

‘Para que existe lei se tem gente que mata?’

O que aconteceu com Igor foi a mesma coisa que ocorreu com o adolescente que foi amarrado a um poste no Flamengo. A única diferença é que Igor não teve tempo de ser salvo, como o outro foi. A gente não acredita que ele estivesse tentando roubar alguém. Mas, mesmo que isso fosse verdade, não deveriam ter feito isso com ele. O Igor foi agarrado, julgado, condenado à morte e executado. Isso em plena luz do dia, na frente de todo mundo. Se ele estava errado, deveriam ter chamado a polícia para prendê-lo e não fazer o que fizeram. A sensação é de que existe um poder paralelo. Para que existe lei se tem gente que mata uma pessoa assim, sem mais nem menos? A mãe do Igor está sem comer direito e não consegue mais sair para trabalhar como diarista. A gente espera que a justiça seja feita.

X, de 24 anos

Parente de Igor, que prefere não ser identificado

#### **42 - No rio, concessão de benefício cresce 25% em um ano**

No estado, 27 centros de atenção psicossocial oferecem equipe multidisciplinar de tratamento

Fonte: O Globo - Impresso - Flip  
Publicada em: 09/02/2014 às 22h00

No Rio de Janeiro, que historicamente é o sexto estado que mais concede auxílios-doença relativos a drogas, o pagamento do benefício cresceu 10% em 2013, passando de 6.577, em 2012, para 7.234. No mesmo período, a quantidade de benefícios concedidos a dependentes químicos de cocaína e crack teve um aumento de 25,2%, crescendo de 471 para 590.

No estado, sete de cada dez pacientes que procuram o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Atenção ao Uso de Drogas da Uerj – uma das principais referências no assunto - são dependentes de crack. Em geral, eles têm a opção de aderir a um tratamento em um dos 27 Centros de Atenção Psicossocial (Caps) existentes na capital fluminense. Os Caps são unidades especializadas em saúde mental e buscam a reinserção social dos indivíduos que padecem de transtornos mentais graves e persistentes. Eles estão abertos ao usuário que quiser ajuda, mas também recebe pessoas encaminhadas pela assistência social ou por ordem judicial. Sua equipe é multidisciplinar e reúne médicos, assistentes sociais, psicólogos e psiquiatras.

Mas os espaços para acolhida costumam ser pequenos para a demanda. Nesse cenário, sofrem até os bebês que são abandonados por mães viciadas em crack e superlotam os abrigos existentes.

Em 2013, em entrevista ao GLOBO, a juíza titular da 1ª Vara da Infância, da Juventude e do Idoso da capital, Ivone Ferreira Caetano, alertou que os abrigos oferecidos pela prefeitura tinham virado verdadeiros depósitos de crianças. Em resposta, a Secretaria municipal de Desenvolvimento Social informou que a "lotação da rede pública para crianças de zero a 4 anos estava diretamente ligada à diminuição da capacidade de atendimento em clínicas e abrigos particulares" e que o abrigo Ana Carolina, em Ramos, seria reaberto.

Para atuação policial nas cracolândias do Rio, o Ministério da Justiça encaminhou ao estado, em novembro, armamento de baixa letalidade. A polícia recebeu 250 kits com pistolas de eletrochoque e spray de pimenta.

#### **43 - Incapacitados para trabalhar**

No inss, pedidos de auxílio-doença para usuários de drogas triplicam em oito anos

Fonte: O Globo - Impresso - Flip  
Autor: Gustavo Uribe  
Publicada em: 09/02/2014 às 22h00

Por anos, o eletricitista Cléber Wilson do Prado Franchi, de 35 anos, conciliou a rotina de trabalho com o vício do álcool e da cocaína. Em 2011, um aumento no consumo das duas drogas levou o profissional a apresentar sintomas como perda de raciocínio e coordenação, e fez com que ele fosse demitido da multinacional onde trabalhava. Nessa época, ele ingeria três litros de álcool por dia e chegou a ter duas overdoses. Em busca de ajuda, internou-se em uma clínica de reabilitação e, desde 2012, recebe um auxílio-doença mensal no valor de R\$ 1.500. Isso fez com que ele entrasse em uma estatística preocupante que vêm crescendo nos últimos anos. O consumo de drogas no Brasil não só cresce, como também afasta cada vez mais brasileiros do mercado de trabalho.

Nos últimos oito anos, o total de auxílios-doença relacionados à dependência química simultânea de múltiplas drogas teve um aumento de 256%, pulando de 7.296 para 26.040. No mesmo período, o benefício concedido a viciados em cocaína e seus derivados, como crack e merla, também mais do que triplicou. Passou de 2.434, em 2006, para 8.638, em 2013, num crescimento de 254%. O uso de maconha e haxixe resultou, por sua vez, em auxílio para 337 pessoas, em 2013, contra 275, há oito anos.

Os dados inéditos foram obtidos pelo GLOBO com o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). Ao todo, nos últimos oito anos, a soma de auxílios-doença concedidos a usuários de drogas em geral, como maconha, cocaína, crack, álcool, fumo, alucinógenos e anfetaminas, passou de um milhão. Só em 2013, essa soma alcançou 143.451 usuários.

Segundo o INSS, o total gasto em 2013 com auxílios-doença relacionados a cocaína, crack e merla foi de R\$ 9,1 milhões. Os benefícios pagos a usuários de mais de uma droga somaram R\$ 26,2 milhões. E a cifra total, relativa a todas as drogas (incluindo álcool e fumo), chegou a R\$ 162,5 milhões.

O auxílio-doença varia de R\$ 724 a R\$ 4.390,24, de acordo com o salário de contribuição do segurado. O valor mensal médio pago a um dependente químico de cocaína e seus derivados é de R\$ 1.058, e a duração média de recebimento é de 76 dias. Para ter direito, o segurado precisa de autorização de uma perícia médica e de atestados e exames que comprovem tanto a dependência química quanto a incapacidade para o trabalho. O tempo de recebimento do benefício é determinado pelo perito.

uso de cocaína cresce no brasil

A presidente da Associação Brasileira de Estudos do Álcool e Outras Drogas (Abead), a psiquiatra Ana Cecília Petta Roselli Marques, observou que, por conta do aumento do consumo de cocaína e crack, era esperado que houvesse um impacto também no mercado de trabalho brasileiro. A última edição do Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (Lenad), promovido pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), mostrou que, entre 2006 e 2012, duplicou o consumo de cocaína e seus derivados no Brasil. A pesquisa mostrou ainda que um em cada cem adultos consumiu crack em 2012, o que faz do país o maior mercado mundial do entorpecente. Na avaliação da psiquiatra, o consumo da droga já se tornou epidemia.

- Era esperado que tivesse um impacto no mercado de trabalho do país, com repercussões, por exemplo, em auxílios-doença para cuidar da saúde. Por conta do uso, o trabalhador adoce cada vez mais cedo, principalmente do sistema cardiovascular. E há também a questão da mortalidade precoce. É uma epidemia, o que é visto pelo número de casos novos na população ao longo dos anos -explicou Ana Cecília.

No ano passado, apenas os estados de Alagoas, Roraima e Sergipe não tiveram aumento do número de auxílios-doença relacionados ao uso de drogas em relação a 2012. Em São Paulo, estado que historicamente concentra o maior número de beneficiados, o total de auxílios-doença passou de 41 mil para 42.649. Na sequência, estão Minas Gerais (de 18.527 para 20.411), Rio Grande do Sul (de 16.395 para 16.632), Santa Catarina (de 13.561 para 14.176) e Paraná (de 9.407 para 10.369).

O diretor do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas do Álcool e outras Drogas (Inpad), o psiquiatra Ronaldo Laranjeira, observa que o Brasil é um dos poucos países em que o consumo de crack e cocaína têm aumentado nos últimos anos.

- As pesquisas mostram que há, nos domicílios brasileiros, um milhão de usuários de crack e 2,6 milhões de usuários de cocaína. E uma parcela dessas pessoas trabalha. Então, não há dúvida de que tem um impacto no mercado de trabalho.

Em virtude do aumento da dependência química, o Ministério da Saúde informou que aumentará neste ano a capacidade de atendimento dos Centros de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (Caps AD) 24 horas. Atualmente, o Brasil tem 47 unidades em funcionamento, com capacidade para 1,6 milhão de atendimentos por ano. O governo federal afirma que vai construir mais 132 unidades até o fim do ano, elevando a capacidade para 6,1 milhões de atendimentos anuais.

#### **44 - Auxílio paga tratamento médico, pensão e alimentos**

Dependentes, no entanto, apontam problemas, como burocracia e critérios subjetivos de peritos

Fonte: O Globo - Impresso - Flip  
Autor: são paulo  
Publicada em: 09/02/2014 às 22h00

### Impulso para reabilitação

No período da dependência química, o eletricitista Cléber Franchi chegou a roubar o pai para comprar drogas. O consumo também o levou a agredir as mulheres com quem casou e a se distanciar dos filhos.

- Eu cheguei tão no fundo do poço que estava travado em uma cama e pedia para que as pessoas comprassem álcool para mim. Dificilmente comia e tomava banho. Só dormia e bebia.

Hoje, com o dinheiro do auxílio-doença, Franchi paga o tratamento médico, a pensão dos filhos e ainda compra mantimentos. Para ele, o benefício é essencial para que um dependente consiga se sustentar na reabilitação.

O supervisor de vendas Márcio Huzjan Barbosa, de 33 anos, não teve, no entanto, a mesma sorte. O dependente químico tenta receber o auxílio desde o ano passado. Ele chegou a receber o benefício de R\$ 1.200 por três meses.

- É um dinheiro que, quando eu recebia, pagava minha reabilitação. Agora, sem isso, meus pais têm de arcar com o tratamento - lamenta.

Como o supervisor de vendas, outros dependentes reclamam da burocracia para receber o benefício. Segundo eles, o pagamento do auxílio esbarra em critérios subjetivos dos peritos que efetuam o pagamento.

O supervisor de vendas começou a consumir maconha na adolescência e, com 17 anos, passou a misturá-la ao crack. Para comprar droga, roubou dinheiro da empresa onde trabalhava e desviou mercadorias. Foi internado cinco vezes, uma delas involuntária. Nesta, diz que foi agredido e dopado.

- Cheguei a vender as rodas e o som do carro, tênis e jaqueta. Vendia tudo.

Hoje, tanto Franchi quanto Barbosa estão internados em Suzano (SP), num estabelecimento que faz parte da Instituição Cláudio Amâncio, especializada na prevenção e recuperação de dependentes químicos. ( G.U. )

### **45 - No INSS, pedidos de auxílio-doença para usuários de drogas triplicam em oito anos**

No mesmo período, o benefício concedido a viciados em cocaína e seus derivados, como crack e merla, também mais do que triplicou

Fonte: O Globo

Autor: Gustavo Uribe  
Editoria: País  
Publicada em: 10/02/2014 às 05h00

Por anos, o eletricitista Cléber Wilson do Prado Franchi, de 35 anos, conciliou a rotina de trabalho com o vício do álcool e da cocaína. Em 2011, um aumento no consumo das duas drogas levou o profissional a apresentar sintomas como perda de raciocínio e coordenação, e fez com que ele fosse demitido da multinacional onde trabalhava. Nessa época, ele ingeria três litros de álcool por dia e chegou a ter duas overdoses. Em busca de ajuda, internou-se em uma clínica de reabilitação e, desde 2012, recebe um auxílio-doença mensal no valor de R\$ 1.500. Isso fez com que ele entrasse em uma estatística preocupante que vêm crescendo nos últimos anos. O consumo de drogas no Brasil não só cresce, como também afasta cada vez mais brasileiros do mercado de trabalho.

Nos últimos oito anos, o total de auxílios-doença relacionados à dependência química simultânea de múltiplas drogas teve um aumento de 256%, pulando de 7.296 para 26.040. No mesmo período, o benefício concedido a viciados em cocaína e seus derivados, como crack e merla, também mais do que triplicou. Passou de 2.434, em 2006, para 8.638, em 2013, num crescimento de 254%. O uso de maconha e haxixe resultou, por sua vez, em auxílio para 337 pessoas, em 2013, contra 275, há oito anos.

Os dados inéditos foram obtidos pelo GLOBO com o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). Ao todo, nos últimos oito anos, a soma de auxílios-doença concedidos a usuários de drogas em geral, como maconha, cocaína, crack, álcool, fumo, alucinógenos e anfetaminas, passou de um milhão. Só em 2013, essa soma alcançou 143.451 usuários.

Segundo o INSS, o total gasto em 2013 com auxílios-doença relacionados a cocaína, crack e merla foi de R\$ 9,1 milhões. Os benefícios pagos a usuários de mais de uma droga somaram R\$ 26,2 milhões. E a cifra total, relativa a todas as drogas (incluindo álcool e fumo), chegou a R\$ 162,5 milhões.

O auxílio-doença varia de R\$ 724 a R\$ 4.390,24, de acordo com o salário de contribuição do segurado. O valor mensal médio pago a um dependente químico de cocaína e seus derivados é de R\$ 1.058, e a duração média de recebimento é de 76 dias. Para ter direito, o segurado precisa de autorização de uma perícia médica e de atestados e exames que comprovem tanto a dependência química quanto a incapacidade para o trabalho. O tempo de recebimento do benefício é determinado pelo perito.

Uso de cocaína cresce no Brasil

A presidente da Associação Brasileira de Estudos do Álcool e Outras Drogas (Abead), a psiquiatra Ana Cecilia Petta Roselli Marques, observou que, por conta do aumento

do consumo de cocaína e crack, era esperado que houvesse um impacto também no mercado de trabalho brasileiro. A última edição do Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (Lenad), promovido pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), mostrou que, entre 2006 e 2012, duplicou o consumo de cocaína e seus derivados no Brasil. A pesquisa mostrou ainda que um em cada cem adultos consumiu crack em 2012, o que faz do país o maior mercado mundial do entorpecente. Na avaliação da psiquiatra, o consumo da droga já se tornou epidemia.

— Era esperado que tivesse um impacto no mercado de trabalho do país, com repercussões, por exemplo, em auxílios-doença para cuidar da saúde. Por conta do uso, o trabalhador adoce cada vez mais cedo, principalmente do sistema cardiovascular. E há também a questão da mortalidade precoce. É uma epidemia, o que é visto pelo número de casos novos na população ao longo dos anos — explicou Ana Cecília.

No ano passado, apenas os estados de Alagoas, Roraima e Sergipe não tiveram aumento do número de auxílios-doença relacionados ao uso de drogas em relação a 2012. Em São Paulo, estado que historicamente concentra o maior número de beneficiados, o total de auxílios-doença passou de 41 mil para 42.649. Na sequência, estão Minas Gerais (de 18.527 para 20.411), Rio Grande do Sul (de 16.395 para 16.632), Santa Catarina (de 13.561 para 14.176) e Paraná (de 9.407 para 10.369).

O diretor do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas do Álcool e outras Drogas (Inpad), o psiquiatra Ronaldo Laranjeira, observa que o Brasil é um dos poucos países em que o consumo de crack e cocaína têm aumentado nos últimos anos.

— As pesquisas mostram que há, nos domicílios brasileiros, um milhão de usuários de crack e 2,6 milhões de usuários de cocaína. E uma parcela dessas pessoas trabalha. Então, não há dúvida de que tem um impacto no mercado de trabalho.

Em virtude do aumento da dependência química, o Ministério da Saúde informou que aumentará neste ano a capacidade de atendimento dos Centros de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (Caps AD) 24 horas. Atualmente, o Brasil tem 47 unidades em funcionamento, com capacidade para 1,6 milhão de atendimentos por ano. O governo federal afirma que vai construir mais 132 unidades até o fim do ano, elevando a capacidade para 6,1 milhões de atendimentos anuais.

No Rio, concessão de benefício cresce 25% em um ano

No Rio de Janeiro, que historicamente é o sexto estado que mais concede auxílios-doença relativos a drogas, o pagamento do benefício cresceu 10% em 2013, passando de 6.577, em 2012, para 7.234. No mesmo período, a quantidade de benefícios concedidos a dependentes químicos de cocaína e crack teve um aumento de 25,2%, crescendo de 471 para 590.



No estado, sete de cada dez pacientes que procuram o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Atenção ao Uso de Drogas da Uerj — uma das principais referências no assunto — são dependentes de crack. Em geral, eles têm a opção de aderir a um tratamento em um dos 27 Centros de Atenção Psicossocial (Caps) existentes na capital fluminense. Os Caps são unidades especializadas em saúde mental e buscam a reinserção social dos indivíduos que padecem de transtornos mentais graves e persistentes. Eles estão abertos ao usuário que quiser ajuda, mas também recebe pessoas encaminhadas pela assistência social ou por ordem judicial. Sua equipe é multidisciplinar e reúne médicos, assistentes sociais, psicólogos e psiquiatras.

Mas os espaços para acolhida costumam ser pequenos para a demanda. Nesse cenário, sofrem até os bebês que são abandonados por mães viciadas em crack e superlotam os abrigos existentes.

Em 2013, em entrevista ao GLOBO, a juíza titular da 1ª Vara da Infância, da Juventude e do Idoso da capital, Ivone Ferreira Caetano, alertou que os abrigos oferecidos pela prefeitura tinham virado verdadeiros depósitos de crianças. Em resposta, a Secretaria municipal de Desenvolvimento Social informou que a “lotação da rede pública para crianças de zero a 4 anos estava diretamente ligada à diminuição da capacidade de atendimento em clínicas e abrigos particulares” e que o abrigo Ana Carolina, em Ramos, seria reaberto.

Para atuação policial nas cracolândias do Rio, o Ministério da Justiça encaminhou ao estado, em novembro, armamento de baixa letalidade. A polícia recebeu 250 kits com pistolas de eletrochoque e spray de pimenta.

Na estatística. O eletricitista Cleber Franchi, que bebia três litros de álcool por dia e teve duas overdoses, hoje está internado e recebe

R\$ 1.500 por mês do INSS (Foto: O Globo / Marcos Alves)

#### **46 - ONG instala no Canadá máquinas para vender cachimbos de crack**

Projeto tem como objetivo evitar a transmissão de doenças como Aids e hepatite entre os usuários Medida divide canadenses: ministro da Defesa é contra a iniciativa

Fonte: O Globo

Autor: Do Independent Maria Tadeo

Editoria: Mundo

Publicada em: 10/02/2014 às 14h43

Uma ONG canadense instalou máquinas para a venda de cachimbos de crack na cidade de Vancouver. A tentativa visa coibir o surto de HIV e hepatite entre os usuários.

As máquinas são operadas pelo centro de tratamento de drogas Portland Hotel Society, e entregam o produto recém-embalado em pacotes pelo preço de \$0.25 (R\$ 0,54).

O grupo diz que os cachimbos das máquinas apresentam menos risco de se quebrar e cortar a boca dos usuários em caso de superaquecimento e uso excessivo. Desse modo, evita-se a dispersão de doenças entre os viciados.

- Eles não correm o risco de compartilhar, nem aqueles que estão quebrados - diz Kailin See para a CTV Vancouver. - Se você cortar o lábio em um cachimbo que alguém tinha usado haverá riscos de contrair sintomas de gripes, resfriados e HIV.

See diz que as máquinas proporcionaram aos usuários um lugar onde estão seguros, supervisionados e encorajados a procurar por ajuda. Cada máquina fornece 200 pacotes, e o estoque é renovado a cada cinco dias. Ela acrescenta:

- Você deve ter tratamento, se desintoxicar, ter espaços seguros para consumir opções de drogas e ter fornecedores seguros e limpos. Por outro lado, o ministro da Defesa Steve Blaney, conservador, disse que seu governo não apoia o programa, argumentando que a ação promove o uso de objetos relacionados a drogas entre os jovens:

- Nós discordamos dos responsáveis por essa iniciativa. O uso de drogas prejudica a saúde dos indivíduos e a segurança de nossas comunidades. Enquanto o NDP e Liberais prefeririam que os médicos distribuíssem heroína e agulhas para as vítimas do vício, este governo apoia o tratamento que acaba com o uso de drogas, incluindo o acesso limitado a instrumentos por jovens.

A ONG defende que o programa estimula práticas seguras, e não o uso de drogas, e que o fornecimento de cachimbos não é diferente da distribuição de agulhas limpas para os usuários.

Mark Townsend, viciado e apoiador do projeto, acredita que o governo deixou o foco nos benefícios da redução dos danos e desafiou o ministro Steve Blaney a visitar o centro de tratamento.

- Venha e vou mostrar o centro de tratamento onde o (primeiro-ministro Stephen) Harper cortou o financiamento.

Máquina de cachimbos de crack é reabastecida a cada cinco dias (Foto: Reprodução de TV / CTV Vancouver)

**47 - Em um mês, programa da prefeitura de SP apreendeu mais de 4 mil pedras de crack**

O governo municipal estuda aumentar o número de vagas do “De Braços Abertos” e vai criar 80 novos postos de emprego para dependentes químicos

Fonte: O Globo

Autor: Gustavo Uribe

Editoria: País

Publicada em: 14/02/2014 às 12h00

O prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, informou nesta sexta-feira que, em um mês de operação do programa municipal “De Braços Abertos”, foram apreendidas mais de 4 mil pedras de crack e foram presos, em flagrante, 25 suspeitos de tráfico de drogas na Cracolândia, na região central da capital paulista. Em entrevista, na capital paulista, o petista afirmou que, no período, aderiram à iniciativa 386 dependentes químicos e disse que o consumo de crack entre os beneficiários caiu de uma média de 10 para 5 pedras por dia, utilizadas principalmente no período da noite.

Para reduzir o consumo da droga, a prefeitura de São Paulo anunciou que, a partir da semana que vem, as atividades recreativas do programa, que inclui moradia, alimentação, oferta de cursos e trabalho, serão ampliadas até as 22h. Em um mês, foram feitas ainda mais de 3 mil abordagens e 355 atendimentos médicos a dependentes químicos. No período, 149 pessoas iniciaram processo de desintoxicação. O governo municipal também estuda aumentar o número de vagas, atualmente em 400, e vai criar 80 novos postos de emprego para dependentes químicos na área de jardinagem.

O programa municipal tem 500 leitos disponíveis para tratamento de reabilitação, mas não houve até o momento nenhum pedido de internação entre os credenciados na iniciativa. A prefeitura de São Paulo não informou o percentual de evasão na iniciativa municipal, mas o secretário de Segurança Pública, Roberto Porto, disse que ela foi “mínima”.

— As desistências foram mínimas no período e foram desistências positivas, uma vez que muitos deles foram procurados por suas famílias e voltaram às suas casas — disse.

O prefeito de São Paulo informou ainda que houve uma reunião, nesta semana, entre representantes do governo federal e do programa municipal e o secretário nacional de Políticas sobre Drogas do Ministério da Justiça, Vitore Maximiano, informou que o governo federal dará financiamento a outras cidades que queiram replicar o programa. Segundo o governo municipal, representantes da prefeitura de Curitiba já procuraram a prefeitura de São Paulo em busca de informações sobre a iniciativa.

Fernando Haddad reconheceu que há a possibilidade da iniciativa ser ampliada para outros locais da cidade de São Paulo onde há concentrações de dependentes químicos, mas explicou que a expansão só será feita após estudos do poder público,

uma vez que cada região tem características diferentes e requerem atividades distintas.

— Não são vistas as características da Região da Luz em outras regiões da cidade, não é o mesmo fenômeno. O que ocorria na Região da Luz era um mercado livre de drogas. O traficante que não tinha onde desovar a droga e o usuário que não encontrava o fornecedor iam para a região com a certeza de que a oferta e a demanda se encontrariam. Nós já estamos fazendo um mapeamento dessas áreas e debruçados como isso funciona para atuar corretamente — afirmou.

#### **48 - Usuários de crack invadem a pista, na Avenida Brasil**

Fonte: O Globo

Editoria: Rio

Publicada em: 16/02/2014 às 06h13

Um grupo de usuários de crack invadiu a pista da Avenida Brasil, na entrada altura da entrada para a Ilha do Governador, por volta das 8h deste domingo, e assustou quem passava pelo local. Um ônibus que levava 16 turistas ingleses para a Ilha Grande, foi parado por 10 rapazes, segundo o guia de turismo Waldeck Tenório.

- Os turistas ficaram super chocados, pensando que fosse um assalto. Um deles estava bastante ensanguentado, com ferimentos e com as mãos amarradas. Parecia que o resto do grupo estava tendo jogá-lo para cima dos carros que passavam - conta o guia.

Ainda conforme Tenório, o motorista do ônibus conseguiu manobrar e desviar do grupo, seguindo a viagem.

- Eles chegaram ao Brasil anteontem e já tiveram que passaram por uma situação dessas. Infelizmente, esse tipo de coisa só piora a imagem do nosso país lá fora - lamenta.

De acordo com o 22º BPM (Maré), a polícia não chegou a ser acionada para controlar a situação, que é recorrente no local.

#### **49 - Secretaria da Justiça de SP emprega usuários da crack em tratamento**

Se interromper o tratamento, perde a vaga. Salário pago é de R\$ 395

Fonte: O Globo Autor: O Globo Editoria: País

Publicada em: 25/02/2014 às 11h04

O governo do estado decidiu que também vai pagar um salário para dependentes químicos da crackolândia, no centro de São Paulo. Há cerca de um mês,

a prefeitura de São Paulo lançou um programa assistencial, chamado Braços Abertos, com jornada diária de 4 horas e salário de R\$ 330. No programa estadual, Recomeço, são 6 horas de trabalho a R\$ 395 mensais. Das 40 vagas do governo paulista, 13 já foram preenchidas. Mas no programa estadual, os participantes devem, obrigatoriamente, receber tratamento médico.

Os primeiros participantes estão tirando cópias e organizando arquivos na Secretaria de Justiça. No Centro de Referência de Álcool, Tabaco e outras Drogas (Cratod) eles vão ajudar no acolhimento de quem procura tratamento. Eles trabalham de segunda-feira a quinta-feira. Na sexta, vão fazer cursos de qualificação profissional. O curso, no entanto, ainda não foi definido.

Eles ficarão no projeto durante nove meses. Segundo o secretário estadual do emprego, Tadeu Moraes, “todo bolsista precisa receber uma ‘alta’ médica, mas não pode interromper o tratamento. O trabalho faz parte do processo de recuperação”.

De 21 de janeiro de 2013 até 21 de janeiro deste ano, 3230 dependentes procuraram tratamento no Cratod. Desses, pelo menos 2,8 mil foram espontaneamente. Os outros foram levados pela família ou por medida compulsória.

## **50 - Epidemia de crack e abandono**

Fonte: O Globo - Impresso - Flip  
Autor: Osmar Terra  
Publicada em: 10/03/2014 às 21h00

Dados do Mapa da Violência 2014 e de pesquisa do Conselho Nacional do Ministério Público, apresentados em primeira mão pelo GLOBO de 24 de fevereiro, identificam que as drogas são a maior causa do abandono de crianças e adolescentes no País. A pesquisa mostra que 80% dos 46 mil casos de encaminhamento de crianças e adolescentes para instituições de acolhimento estão relacionados ao uso de drogas pelos pais.

O texto destaca o crack como fonte de discriminação dessas crianças posteriormente, quando podem vir a ser adotadas, pois se teme que sejam problemáticas em decorrência do consumo da pedra pelos pais. Em minha proposição original para o projeto de lei de drogas, indiquei a importância de diferenciar as medidas legais quando se trata do consumo de crack do de outras drogas. Infelizmente, isso se modificou no decorrer da tramitação do projeto de lei. Mas vemos que a pesquisa registra que o abandono de crianças triplicou nos últimos anos e está relacionado à epidemia do crack, que pode nos levar a uma epidemia de abandono.

Trata-se da constatação de calamidade pública quando se tem noção da repercussão do abandono. Se compreendermos a importância dos vínculos familiares para a

saúde mental e social, quanto mais nas fases iniciais do desenvolvimento humano, podemos ter noção do risco em que se encontram crianças e adolescentes privadas das condições para um desenvolvimento saudável.

Quisera que todo o debate de contestação da internação involuntária para tratamento da dependência química, que se organiza no novo projeto de lei de drogas e se limita a no máximo 90 dias, se voltasse para a problemática da "internação involuntária" a que são submetidas as 46 mil crianças e adolescentes que começam a ganhar voz a partir de pesquisas como essa. Por lei, as crianças deveriam ficar institucionalizadas por no máximo dois anos - o que já é um tempo incrível para o que significa cada dia no desenvolvimento infantil. Na prática, esse prazo ultrapassa os dois anos. Não raro, há crianças e adolescentes que permanecem institucionalizados até os 18 anos e depois... O ciclo de abandono se reproduz na sociedade.

Se, por um lado, a preocupação com os índices de aumento da criminalidade que se manifesta por meio da violência física e material é crescente, também temos que olhar com mais atenção para a violência psicológica e silenciosa que está se revelando nas pesquisas. Nossas crianças e adolescentes também são cidadãos desde a concepção, e é imperativo que as políticas públicas protejam seu direito à convivência familiar e comunitária e o direito a um desenvolvimento humano pleno, que não requeira depois a defesa do direito a usar drogas como um remédio para os sintomas da exclusão social que pode ser prevenida.

Trabalho com essa consciência, desde quando era secretário de Saúde no Rio Grande do Sul, criando políticas públicas para a promoção do desenvolvimento humano e a prevenção da violência, especialmente por meio do programa Primeira Infância Melhor, reconhecido internacionalmente. No Legislativo, protagonizei a criação da Frente Parlamentar da Primeira Infância, que já possibilitou a 23 parlamentares se especializarem no tema, em curso envolvendo a Universidade de Harvard, a USP e a PUC-RS. Nessa trajetória, em 18 de dezembro de 2013, apresentamos um projeto de lei que pode modificar o cenário preocupante de abandono da infância e pode ir à raiz dos problemas sociais do Brasil (PL 6.998/2013).

Estamos prestes a instalar a Comissão Especial da Primeira Infância, para trabalhar o marco legal da primeira infância e promover o cuidado integral desde o nascimento. Isso envolve também apoiar as famílias e os profissionais que se dedicam ao cuidado das pessoas.

Se as drogas são a principal causa do abandono, o abandono pode ser a principal causa de todos os problemas que ameaçam nossa sociedade. Então vamos trabalhar para acolher e cuidar de cada cidadão, no período mais recomendado em termos de saúde e cidadania, inclusive em termos de investimento econômico. Podemos mudar o cenário de abandono, também aquele feito pelo Estado.

## 51 - Prevenção ao uso de crack é tema de curso na Barra

Iniciativa da Câmara Comunitária da Barra tem como alvo síndicos, funcionários e moradores de condomínios da região Crescimento do crack é o grande desafio

Fonte: O Globo

Autor: Lucas Altino Editoria: Rio

Publicada em: 19/03/2014 às 03h00

O crescimento exponencial do consumo de crack representou uma infeliz novidade na rotina de trabalho do psiquiatra Jorge Jaber. Há três anos, ele, que já tratava usuários de álcool, tabaco e outras drogas, teve que começar a lidar com este novo elemento devastador. Diante do desafio, o diretor-médico da Câmara Comunitária da Barra (CCBT) intensificou o foco na prevenção, e agora ministrará um curso gratuito, destinado a síndicos, funcionários e moradores de residências da região, sobre como proceder em relação ao uso de drogas em condomínios.

O curso será nos dias 26 e 27 de março, entre 14h e 16h, e faz parte da série de ações realizadas pela CCBT desde os anos 1980 visando ao combate do uso de substâncias ilícitas, como palestras, oficinas, grupos de apoio e serviço médico. Atualmente, Jaber coordena o atendimento gratuito a dependentes químicos e seus parentes, que recebe, em média, duas mil pessoas por ano.

— O crack já atinge todas as classes indiscriminadamente; não é mais, como se dizia, droga de pobre. A criação do novo curso se deu a partir dos muitos pedidos que recebíamos de síndicos. A demanda era muito grande — explica o psiquiatra, chamando a atenção para o tráfico “informal” que existe em condomínios, principalmente entre jovens.

As principais dificuldades no enfrentamento ao crack, frisa o especialista, são a dependência imediata e o fácil acesso. A internação de um usuário de cocaína, por exemplo, dura cerca de dois ou três meses, enquanto a de um dependente de crack não leva menos que seis. Mas Jaber diz que a evolução no tratamento de dependentes desta droga vem sendo “razoavelmente positiva”. Ele explica que há uma predisposição dos usuários a procurar ajuda e defende o fim da punição do usuário.

— O problema é médico, não criminal — conclui.

Antônio Carlos Guimarães, à esquerda, e Jorge Jaber, diretores da CCBT (Foto: Felipe Hanower / Agência O Globo)

## 52 - Drogas perto de casa

Curso gratuito na câmara comunitária tem como alvo síndicos e funcionários de condomínios da região

Fonte: O Globo - Impresso - Flip  
Autor: Lucas Altino  
Publicada em: 19/03/2014 às 21h00

O crescimento exponencial do consumo de crack representou uma infeliz novidade na rotina de trabalho do psiquiatra Jorge Jaber. Há três anos, ele, que já tratava usuários de álcool, tabaco e outras drogas, teve que começar a lidar com este novo elemento devastador. Diante do desafio, o diretor-médico da Câmara Comunitária da Barra (CCBT) intensificou o foco na prevenção, e agora ministrará um curso gratuito, destinado a síndicos, funcionários e moradores de residências da região, sobre como proceder em relação ao uso de drogas em condomínios.

O curso faz parte das ações realizadas pela CCBT desde os anos 80, como palestras, oficinas, grupos de apoio e atendimento médico, visando ao combate do uso de substâncias ilícitas. Atualmente, Jaber coordena o atendimento gratuito a dependentes químicos e seus parentes, que recebe, em média, duas mil pessoas por ano.

- O crack já atinge todas as classes indiscriminadamente; não é mais, como se dizia, droga de pobre. A criação do novo curso se deu a partir dos muitos pedidos que recebíamos de síndicos - explica o psiquiatra, chamando a atenção para o tráfico "informal" que existe em condomínios.

As principais dificuldades no enfrentamento ao crack, frisa o especialista, são a dependência imediata e o fácil acesso. A internação de um usuário de cocaína, por exemplo, dura cerca de dois ou três meses, enquanto a de um dependente de crack não leva menos que seis. Mas Jaber diz que a evolução no tratamento de dependentes desta droga vem sendo "razoavelmente positiva". Ele explica que há uma predisposição dos usuários a procurar ajuda e defende o fim da punição do usuário.

- O problema é médico, não criminal - conclui.

## **Crimes que são associados a pessoas que usam crack**

### **1 - Fim do sonho de um jovem carioca**

Conrado da paz, morto com uma facada no centro, queria fazer faculdade e mergulhar

Fonte: O Globo - Impresso - Flip  
Autor: Antônio Werneck  
Publicada em: 02/12/2013 às 22h00



Numa rua de Realengo, casas simples, cadeiras na calçada, flores na varanda e meninos empinando pipas. Foi nesse ambiente tipicamente carioca, encravado na Zona Oeste do Rio, que o vendedor Conrado Chaves da Paz, de 19 anos, assassinado no Centro do Rio na madrugada do último domingo, nasceu e foi criado por uma família humilde: o pai é motorista, e a mãe, dona de casa.

Torcedor do Flamengo, Conrado estudou quase toda a vida no colégio Pedro II. Primeiro na unidade de São Cristóvão (ensino fundamental), concluindo o ensino médio na de Realengo. Amigos e vizinhos o descrevem como um menino inteligente, bonito - de corpo sarado por frequentar academias de ginástica - e admirado, sobretudo, pelas meninas.

Há três meses, decidiu arranjar emprego. Queria cursar uma faculdade (Nutrição ou Educação Física) e realizar um sonho antigo: ser mergulhador. Como o curso de mergulho era pago, precisava de dinheiro. Passou a trabalhar numa das lojas da Taco, no Cachambi, até receber um convite para a filial da Redley em Madureira.

No sábado passado, saiu de casa dizendo que iria festejar o aniversário de um amigo do emprego no Teatro Odisseia, uma casa de espetáculo na Lapa. Levou seu celular, um iPhone.

- Ele me chamou. Disse que seria uma festa de aniversário, mas, ao mesmo tempo, o bota-fora dele. Acabei ficando em casa - contou seu irmão gêmeo, Caio.

Segundo Caio, Conrado deixou a festa por volta das 4h de domingo. Não se sabe se saiu sozinho, pois há relatos de que ele teria saído da casa de espetáculos na companhia de um amigo. Tentaram convencê-lo a dividir um táxi. Uma amiga disse que havia combinado de ir à festa e que Conrado, depois, iria dormir na casa dela. Mas ela acabou não indo à Lapa. Laudo: Ruptura da aorta

O vendedor foi encontrado por volta das 5h de domingo sangrando na Avenida Chile. Foi esfaqueado. O médico Paulo César Alves Filho, que atestou a morte do rapaz, escreveu que o golpe provocou a ruptura da aorta. Tinha R\$ 50 na carteira, mas seu iPhone havia desaparecido.

- A pessoa que fez isso arrancou um pedaço de todo mundo aqui. Como alguém pode tirar a vida de uma pessoa para alimentar um vício? Por dois ou três reais? Seja lá quanto uma pedra de crack custe? - perguntou o irmão.

O estudante e amigo de infância Gabriel Matheus, de 21 anos, lembrou que ele e Conrado planejavam passar o carnaval em Búzios ou Cabo Frio, em uma casa alugada.

A Divisão de Homicídios (DH) ouviu os depoimentos de seis pessoas sobre o assassinato e aguarda, agora, a análise das imagens de câmeras de segurança localizadas na Avenida Chile para tentar identificar o assassino. Testemunhas

afirmaram que a região é um reduto de usuários de crack, que ameaçam as pessoas com objetos cortantes.

A mãe do menino precisou ser sedada. O pai, o motorista Jorge Bonfim, de 64 anos, também transtornado, lamentou:

- Mataram um menino cheio de sonhos, um garoto alegre e de muitos amigos - disse Jorge.

De acordo com a última estatística divulgada pelo Instituto de Segurança Pública, aumentou o número de assaltos a pedestres e de roubos de celular nos arredores da Lapa. Os números, que correspondem aos registros feitos na 5ª DP (Gomes Freire) em agosto, mostram que, naquele mês, houve 139 assaltos na região. Isso representa uma alta de 59,7% em relação aos 87 registrados no mesmo mês do ano anterior. Já o número de roubos de celular saltou 87,5%. Foram 15 roubos em agosto deste ano, contra 8 no mesmo mês de 2012.

## **2 - Quatro bonecos de Papai Noel são furtados e dois são degolados na Barra**

Exposição na Avenida das Américas tem 20 esculturas e vai até 25 de dezembro  
Empresária diz que não vai mais repor as obras

Fonte: O Globo

Autor: Ruben Berta Editoria: Rio

Publicada em: 11/12/2013 às 12h17

Não durou muito mais do que uma semana a estadia de pelo menos seis “bons velhinhos” que foram colocados ao longo da Avenida das Américas no dia 1º de dezembro para decorar a via para o Natal. Nos últimos dias, quatro esculturas de Papais Noéis foram furtadas e outras duas degoladas, de um total de 20 que foram instaladas na região. A idealizadora da primeira edição do projeto “Festival de Noéis”, Tânia Buslik, da empresa 10+ Produções, disse que vai parar de fazer a reposição dos bonecos, e pretende mudar a exposição para o ano que vem.

— Já havíamos sido alertados pela Subprefeitura da Barra da possibilidade de furtos porque me parece que está crescendo o número de usuários de crack em alguns pontos nos arredores de onde colocamos os Papais Noéis. De qualquer forma, é um aprendizado e ano que vem vamos dar um jeito de colocar as esculturas no alto de caixas para dificultar a ação de vândalos — afirmou.

Tânia contou que o caso mais emblemático foi o de um boneco colocado em frente ao Centro Empresarial Barra Shopping. Ele foi furtado, repostado uma vez, novamente furtado, e agora amanheceu degolado.

— Com os maiores ninguém mexeu, mas infelizmente tivemos problemas com alguns. As pessoas têm me ligado indignadas. Não vou tirar os outros que restam porque assim os vândalos vão alcançar seu objetivo. Só não iremos repor mais nenhum que for furtado.

A empresária também é responsável pelo projeto dos presépios da Lagoa, que já estão em sua quinta edição e disse que por lá nunca foi registrado nenhum problema. Os Papais Noéis que restarem ficarão expostos na Avenida das Américas até o dia 25 de dezembro.

### **3 - Polícia divulga retrato falado de suspeito de invadir casa de ex-diretor de futebol do Flamengo**

Fonte: O Globo

Autor: Extra

Editoria: Rio

Publicada em: 28/02/2014 às 06h08

Policiais da 64ª DP (São João de Meriti) divulgaram, na manhã desta sexta-feira, o retrato falado do suspeito de invadir a casa do ex- vereador e ex-diretor de futebol do Flamengo José Eugênio Onça da Silva. Ele morreu asfixiado depois de ser amordaçado com uma camisa, na manhã do dia 22 deste mês, depois que o suspeito invadiu a residência, na Vila Rosali, em São João de Meriti, Baixada Fluminense. A viúva de Onça, Creusa, também foi amarrada, num cômodo diferente. Ela nada sofreu.

No dia seguinte ao crime, durante o velório de Onça, a família contou que o bandido que invadiu a casa era conhecido na localidade. Segundo parentes, tratava-se de um viciado em crack que costumava perambular pelas ruas. Além da paixão pelo Flamengo, Onça, que também foi líder de torcida do Rubro-negro, participava da diretoria de Beija-Flor. Atualmente, ele atuava como coordenador geral de pista dos desfiles de carnaval na Sapucaí.

### **4 - Usuários de crack promovem arrastão no Centro**

Fonte: O Globo

Autor: Extra

Editoria: Rio

Publicada em: 02/03/2014 às 18h48

Cerca de 20 usuários de crack promoveram, na noite deste domingo, um arrastão próximo ao edifício conhecido como "Balança Mas Não Cai". O grupo veio da Central do Brasil e houve correria no local. Segundo testemunhas, eles roubaram celulares, cordões e carteiras.

## **Pessoas famosas e uso de crack**

### **1 - Antonio Firmino pode ter morrido de overdose, segundo delegada**

Daniela Terra, da 32ª DP (Taquara), afirma que foram encontrados cocaína e um cachimbo de crack na casa do ator

Fonte: O Globo

Autor: Natália Boere Editoria: Cultura

Publicada em: 13/11/2013 às 22h00

Overdose é a causa mais provável da morte do ator Antonio Firmino. De acordo com a delegada Daniela Terra, da 32ª DP (Taquara), foram encontrados cocaína e um cachimbo de crack na casa do rapaz.

— O local do crime indica que ele entrou em surto por conta das drogas. Mas o laudo cadavérico e o resultado dos exames toxicológicos que podem precisar a causa da morte devem demorar 20 dias para ficar prontos.

Segundo a delegada, a namorada de Firmino, Débora Melo, e a irmã do ator, Núbia Alice Fimino, já tinham tentado interná-lo numa clínica para dependentes químicos sem sucesso.

O ator mineiro morreu na última terça-feira aos 34 anos, em sua casa no bairro da Gardênia Azul, em Jacarepaguá. Ele deixou a atual namorada grávida de seis meses de um menino e uma filha de seis anos, de um relacionamento anterior. O corpo de Firmino será enterrado na tarde desta quinta-feira na cidade de Santa Luzia, na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

## **2 - Após escândalo com drogas, Câmara limita poderes do prefeito de Toronto**

Rob Ford, que se recusa a deixar o cargo, disse que vai recorrer

Fonte: O Globo

Autor: O GLOBO Com agências internacionais

Editoria: Mundo

Publicada em: 15/11/2013 às 15h34

Por 41 votos a favor e dois contra, a câmara de vereadores de Toronto aprovou nesta sexta-feira uma moção que retira parte dos poderes do prefeito Rob Ford, no centro de um escândalo por conta do uso de drogas e álcool. Em uma segunda votação, aprovada por 39 a 3, o prefeito perdeu o poder para designar e mudar tanto o vice-prefeito como os integrantes de seu comitê executivo, responsável pelo orçamento da prefeitura.

Após as votações, Ford disse que recorrerá aos tribunais para tentar recuperar os poderes que os vereadores lhe retiraram. Na segunda-feira, a Câmara de Toronto votará para reduzir o orçamento do escritório do prefeito assim como seu pessoal. O órgão não tem poder para obrigar o prefeito a renunciar, a menos que ele seja condenado por um crime.

Na quinta-feira, um novo escândalo tomou conta dos jornais canadenses. De acordo com o “Telegraph”, Ford foi visto no Dia de São Patrício, em 17 de março de 2012, festejando ao lado de uma prostituta, numa farra regada a cocaína e bebidas. Depois, teria insistido em sair para um bar, apesar de estar “totalmente fora de si”, e ter ofendido um taxista com insultos racistas. As novas alegações foram divulgadas pelo Superior Tribunal de Justiça de Ontário na tarde de quarta-feira, poucas horas depois de o prefeito ter confessado que havia comprado drogas ilegais nos últimos dois anos.

Na semana passada, o prefeito admitiu pela primeira vez que usou crack após meses de rumores sobre a existência de um vídeo que o flagrava. Depois que o caso veio à tona, outro vídeo foi publicado pelo jornal “The Toronto Star”. Nas imagens, Ford aparece durante um acesso de fúria, socando o ar, xingando e prometendo matar alguém.

### **3 - Prefeito canadense ganha programa na TV**

Rob Ford encerrou a semana tendo vários de seus poderes removidos pelo Legislativo local

Fonte: O Globo

Autor: O GLOBO Com agências internacionais

Editoria: Mundo

Publicada em: 15/11/2013 às 18h13

Talvez a última coisa que se espere de um político em maus lençóis seja que ele aumente sua exposição pública. Mas o prefeito da cidade canadense de Toronto, Rob Ford, parece não se importar com sua autopreservação. Após ter assumido que fumou crack e comprado drogas ilegais, Ford encerrou a semana tendo vários de seus poderes removidos pelo Legislativo local. Depois de tudo isso, a melhor coisa a fazer, no julgamento do prefeito, foi aceitar participar de um programa de TV.

O canal a cabo Sun News Network anunciou que o semanal “Ford Nation”, apresentado pelo prefeito e o irmão, o vereador Doug Ford, entrará no ar em horário nobre já na segunda-feira. Cada edição, pré-gravada, terá uma hora de duração.

- Estamos vivendo a era da realidade na televisão, e não há nada mais real que os Fords - justificou o vice-presidente do canal, Kory Teneycke.

A oferta da criação do programa veio uma semana depois de os irmãos Ford perderem seu programa dominical em uma rádio de Toronto.

- Rob é como (o humorista) Howard Stern ou (o radialista conservador americano) Rush Limbaugh. Você nunca sabe o que ele vai falar - disse Doug Ford.

De fato, a língua do prefeito é imprevisível. Ao defender-se, esta semana, das acusações de que teria assediado sexualmente uma funcionária da prefeitura, Ford foi, digamos, enfático.

- Nunca disse “quero comer sua b....” para ela. Sou casado e feliz, tenho mais que o suficiente para comer em casa - soltou.

Por 41 votos a favor e dois contra, a câmara de vereadores de Toronto aprovou nesta sexta-feira uma moção que retira parte dos poderes do prefeito Rob Ford, no centro de um escândalo por conta do uso de drogas e álcool. Em uma segunda votação, aprovada por 39 a 3, o prefeito perdeu o poder para designar e mudar tanto o vice-prefeito como os integrantes de seu comitê executivo, responsável pelo orçamento da prefeitura.

#### **4 - Menos poder, mais repercussão**

Prefeito canadense que admitiu ter se drogado perde parte das funções, mas ganha programa na tv

Fonte: O Globo - Impresso - Flip  
Autor: toronto, canadá  
Publicada em: 15/11/2013 às 22h00

Mais estranho que a ficção

Talvez a última coisa que se espere de um político em maus lençóis seja que ele aumente sua exposição pública. Mas o prefeito da cidade canadense de Toronto, Rob Ford, parece não se importar com sua autopreservação. Após ter assumido que fumou crack e comprado drogas ilegais, Ford encerrou a semana tendo vários de seus poderes removidos pelo Legislativo local. Depois de tudo isso, a melhor coisa a fazer, no julgamento do prefeito, foi aceitar participar de um programa de TV.

O canal a cabo Sun News Network anunciou que o semanal "Ford Nation", apresentado pelo prefeito e o irmão, o vereador Doug Ford, entrará no ar em horário nobre já na segunda-feira. Cada edição, pré-gravada, terá uma hora de duração.

- Estamos vivendo a era da realidade na televisão, e não há nada mais real que os Fords - justificou o vice-presidente do canal, Kory Teneycke.

A oferta da criação do programa veio uma semana depois de os irmãos Ford perderem seu programa dominical em uma rádio de Toronto.

- Rob é como (o humorista) Howard Stern ou (o radialista conservador americano) Rush Limbaugh. Você nunca sabe o que ele vai falar - disse Doug Ford.

De fato, a língua do prefeito é imprevisível. Ao defender-se, esta semana, das acusações de que teria assediado sexualmente uma funcionária da prefeitura, Ford foi, digamos, enfático.

- Nunca disse "quero comer sua b...." para ela. Sou casado e feliz, tenho mais que o suficiente para comer em casa - soltou. Ontem, o Legislativo de Toronto deu mais passos para pressionar Ford a deixar o comando da cidade. Os vereadores aprovaram medida para impedi-lo de nomear ou demitir o vice-prefeito. Este, por sua vez, agora ficará encarregado de comandar a prefeitura em caso de emergências, como desastres naturais. Ford disse que, apesar de entender a discussão, contestará as decisões na Justiça, mesmo que isso custe dinheiro da cidade.

## **5 - Seis vezes ford**

Fonte: O Globo - Impresso - Flip  
Publicada em: 23/11/2013 às 22h00

Após meses de suposições, Rob Ford assumiu, no dia 5, já ter usado crack. "Admitir foi a coisa mais difícil e vergonhosa que já tive que fazer", afirmou na ocasião.

Dois dias depois da confissão sobre o uso de crack, uma gravação mostra Ford dirigindo bêbado. No vídeo, o prefeito ainda faz ameaças a uma pessoa não identificada.

No dia 13, vereadores votaram uma proposta de licença temporária, mas Ford rebateu que deixar o cargo estava fora de questão. Um policial afirmou ter visto o prefeito consumindo cocaína e acompanhado de prostitutas. Abordado por repórteres, ele negou:

"Tenho o suficiente para comer em casa". No dia seguinte, convocou uma entrevista coletiva. Ao lado da mulher, Renata (visivelmente constrangida), pediu desculpas pela "linguagem inapropriada".

Irritado com o assédio dos repórteres na porta de casa, na semana passada, Ford explodiu: "Saíam da minha propriedade!", gritou, ao empurrar um jornalista

Nervoso com a sessão na Câmara que limitou seus poderes de prefeito, Ford acabou "atropelando" a vereadora Pam McConnell, que foi parar no chão.

## **6 - Um prefeito muito louco**

Após admitir ter usado crack, rob ford se aferra ao poder e se mantém popular em toronto

Fonte: O Globo - Impresso – Flip

Autor: Elisa Martins  
Publicada em: 23/11/2013 às 22h00

### Tragicomédia canadense

Os partidários do prefeito de Toronto, Rob Ford, cunharam uma expressão própria para referirem-se uns aos outros: "Ford Nation" (nação Ford). O nome dimensiona o apoio que levou Ford à frente da maior cidade do Canadá, em 2010, com 47% dos votos, amparado por uma linguagem popular e a promessa de reduzir impostos. Mas o símbolo da "nação Ford" está à beira do colapso. Nos últimos meses, o prefeito de 44 anos compareceu bêbado a eventos oficiais, dirigiu embriagado, surgiu num vídeo fumando crack, foi acusado de assediar uma funcionária e compartilhou em público detalhes da vida sexual com sua mulher. A série de gaiatices, que antes despertava graça entre os eleitores e rendia manchetes na imprensa, começou a parecer descaso com a importância do cargo - e virou combustível para um movimento que pressiona por sua saída.

O último revés foi na semana passada, quando a Câmara Municipal de Toronto aprovou um corte de 60% no orçamento da prefeitura, diminuiu pessoal do gabinete de Ford e transferiu grande parte das atribuições ao vice-prefeito, Norm Kelly. Ford perdeu poderes importantes, como o de nomear líderes cruciais da cidade e influenciar a agenda legislativa, tornando-se mais prefeito no nome do que em responsabilidade de fato. Na sessão, incrédulo, o prefeito fez caras e bocas, incitou os presentes a reagirem e a apoiá-lo. Na euforia, "atropelou" a vereadora Pam McConnell, que foi parar no chão. Ao lado, o irmão de Ford, o vereador Doug, chamou a votação de "golpe". O prefeito alimentou os jornais com mais uma bomba:

- Companheiros, me sinto como quando o Kuwait foi invadido por Saddam Hussein.

Os vereadores chegaram a votar, dias antes, um pedido de licença temporária para Ford. Foi um gesto simbólico: a Câmara Municipal não tem autoridade para cassar o prefeito, nem para convocar novas eleições. Para que ele seja afastado do cargo, há três situações possíveis: que Ford seja acusado e condenado por um crime; que perca três sessões seguidas na Câmara; ou que seja aprovada uma emenda a nível provincial autorizando a Câmara Municipal a tirar o prefeito do poder. Nada disso parece provável no momento, dizem analistas.

Longe da arena política, o desagrado cresce nas ruas, entre parte dos eleitores que acha que o estilo curtindo-a-vida-adoidado não combina com o comando da quarta maior cidade da América da Norte. Sob a responsabilidade de Ford está a capital cultural e financeira do Canadá, com 2,8 milhões de habitantes (5,5 milhões na região metropolitana) e um PIB de US\$ 144 bilhões, que representa 11% da economia de todo o país.

- Ninguém sabia exatamente quem ele era quando foi eleito. A imagem populista, com certeza, sabíamos disso. E sabíamos que ele tinha propensão à bebida. Houve



a revelação de que ele bebeu e dirigiu, na Flórida, em 1999, com posse de maconha, e que ele chegou a ser expulso de um jogo de hóquei depois de, bêbado, insultar outro casal na partida. Mas ninguém sabia sobre o suposto passado de traficante de Doug, sobre o uso de drogas pesadas como o crack, e sobre as outras ações que estão longe da postura esperada de um prefeito - diz ao GLOBO o jornalista canadense Adrian Lee, que trabalha para a agência France-Presse em Toronto.

agenda fiscal virou trunfo

Ford cresceu numa família de políticos que fez fortuna na indústria de rótulos e etiquetas. O negócio foi fundado pelo pai, Doug, um homem de origem humilde que chegou a ocupar uma cadeira no Parlamento. Seguindo a tradição familiar, Ford foi vereador por dez anos, no município de Etobicoke, onde ele cresceu. Aí iniciou seu arsenal de declarações polêmicas, que conta com pérolas como "Os orientais trabalham como cachorros" e "Se você não usa seringas e não é gay, nunca terá Aids".

Ford chegou à prefeitura há três anos, com uma candidatura independente e de direita, depois de uma greve de lixo que durou 39 dias e castigou a cidade. Ele privatizou a coleta no Oeste de Toronto, aproximou-se dos sindicatos e prometeu enxugar os gastos públicos, amparado por uma classe média baixa conservadora que forma a base da "nação Ford".

- As pessoas realmente parecem se convencer com essa atitude de "Eu sou um de vocês". Com tantos políticos com discurso pronto e elitista, Ford é a antítese disso. E, apesar de ter crescido numa família rica, conseguiu criar essa falsa autoimagem de ser um cara normal. Ele tem uma conexão com os eleitores. É o tipo de político que dá o número do telefone de casa e do celular e diz para os eleitores ligarem caso tenham algum problema - destaca a analista política Supriya Dwivedi, comentarista da rádio CJAD800, colunista do jornal canadense "Globe and Mail" e blogueira do "Huffington Post" em Toronto.

Ford parece à vontade com o personagem. Recentemente, foi abordado por jornalistas para esclarecer a acusação de que teria assediado uma funcionária.

- Não preciso disso. Tenho bastante o que comer em casa - disparou, entre risos dos jornalistas, e a exclamação de um deles:

- Eu amo esse cara!

No dia seguinte, de volta ao bom senso, Ford convocou uma entrevista coletiva. Ao lado de sua mulher, Renata, visivelmente constrangida, pediu desculpas.

- As últimas acusações me abalaram e acabei usando uma linguagem inadequada - justificou.

pesquisa mostra apoio de 42%

Renunciar, porém, está fora de cogitação, diz Ford. Em vez disso, o prefeito prometeu parar de beber e buscar ajuda médica, embora ressalte sempre que não é "um viciado".

- A essa altura, grande parte dos eleitores acha que o prefeito envergonhou a cidade. Mas ele ainda conta com bastante apoio dos partidários da "nação Ford", que acham que a mídia o trata injustamente, e que inexplicavelmente ainda são leais a ele. E mesmo os que não gostam do prefeito ou não concordam com a maneira como ele age ainda respeitam sua agenda fiscal, que é o que garante seu maior respaldo - ressalta Supriya.

Ford garante ter feito o contribuinte economizar US\$ 1 bilhão em impostos durante sua gestão. Especialistas dizem que o cálculo é exagerado, mas reconhecem o esforço fiscal do prefeito. Ao lado do estilo peculiar, essa bandeira forma a base do capital político de Ford.

- Muita gente nos subúrbios aprova o comprometimento de Ford de comparecer às sessões na Câmara Municipal, de arregaçar as mangas e fazer as coisas, uma imagem populista dele que se transformou numa espécie de mito. Essas são as pessoas que querem que ele fique, que acham que a limitação de poderes foi uma injustiça, e que acreditam que não importa o que aconteça em sua vida pessoal, porque ele fez o que prometeu, que é "parar o trem da alegria" - conta Adrian Lee, em referência ao corte de gastos públicos prometido pelo político em campanha.

Talvez por isso, Ford sentiu-se confortável para anunciar, no meio do turbilhão político contra ele, que pretende, inclusive, candidatar-se à reeleição no final do ano que vem, quando termina seu mandato. A aspiração não é impossível. Uma pesquisa divulgada na sexta-feira mostra que Ford ainda conta com 42% de aprovação de sua gestão. O índice está dentro da variação da popularidade de Ford durante o mandato, que oscilou entre 37% e 49% nos últimos anos. Outros 19% dos entrevistados apoiariam, ainda, uma eventual candidatura de Ford a primeiro-ministro, outra de suas ambições políticas.

- Adoraria dizer que ele não tem chances de se reeleger como prefeito e que Toronto desistiu de um prefeito que usa linguagem homofóbica e racista, fuma crack e dirige bêbado, mas muita coisa ainda pode acontecer entre hoje e 27 de outubro de 2014. Se não houver suficientes oponentes para dividir a votação, não ficaria surpresa de ver Ford ganhar uma eleição com pouco mais de 20% dos votos populares - arrisca Supriya, que descarta, porém, ver Ford no posto de premier, devido à postura rígida sobre o uso de drogas entre os conservadores no plano nacional.

Outra vantagem de Ford é que ainda parece cedo para mensurar exatamente os prejuízos que seu comportamento já causou à cidade. Os maiores danos parecem restritos, até agora, aos corredores da Prefeitura e da Câmara. Mesmo os aliados tradicionais de Ford já receiam aparecer ao lado do prefeito.

- Nas duas últimas semanas, a Câmara ficou tomada pelas acusações sobre Ford. Os trabalhos não pararam, mas não há dúvidas de que as reuniões para limitar o poder do prefeito dificultaram o funcionamento normal da Casa. Questões prementes, como a discussão sobre tarifas de trânsito, ficaram em banho-maria - diz Adrian Lee.

Para Supriya, a imagem da cidade é a vítima mais visível no momento:

- Muitas pessoas estão reclamando que isso é prejudicial para a reputação internacional de Toronto. Mas, honestamente, não acho. Viramos motivo de chacota mundo afora? Talvez. Mas isso impedirá a realização da edição do Festival Internacional de Cinema de Toronto do ano que vem? Duvido. Toronto deixará de ser a capital financeira, tecnológica e midiática do Canadá? Definitivamente não. Esta cidade é muito mais do que seu prefeito renegado, e espero que o resto do mundo saiba disso.

Rob Ford, provavelmente, também.

## **7 - Popular, prefeito resiste a polêmicas no Canadá**

Fonte: O Globo - Impresso - Flip  
Publicada em: 23/11/2013 às 22h00

Rob Ford, que admitiu ter usado crack e perdeu poder após se recusar a renunciar, ainda é aprovado por 42% da população de Toronto.

## **8 - Rob Ford teria oferecido US\$ 5 mil e um carro a traficantes em troca de vídeo**

Prefeito de Toronto foi gravado fumando crack e admitiu ser viciado  
Fonte: O Globo  
Autor: O GLOBO Com agências internacionais  
Editoria: Mundo  
Publicada em: 04/12/2013 às 20h01

Novos documentos judiciais revelam que o prefeito de Toronto, Rob Ford, pode ter oferecido US\$ 5 mil e um carro a traficantes em troca de uma gravação em que ele aparece fumando crack. A informação está em escutas telefônicas da polícia onde membros de uma gangue falam sobre a venda de drogas e fotos de Ford usando drogas. O prefeito admitiu fumar crack durante uma “bebedeira” no ano passado.

Na escuta, um dos traficantes fala para outro que rejeitou a oferta de entregar o vídeo e planejava pedir 150, que significaria US\$ 150 mil. Em outra gravação, de abril, outro traficante diz “Rob Ford estava fumando suas pedras hoje”.

No mês passado, a Câmara Municipal de Toronto aprovou um corte de 60% no orçamento da prefeitura, diminuiu pessoal do gabinete de Ford e transferiu grande

parte das atribuições ao vice-prefeito, Norm Kelly. Ford perdeu poderes importantes, como o de nomear líderes cruciais da cidade e influenciar a agenda legislativa, tornando-se mais prefeito no nome do que em responsabilidade de fato.

Os vereadores chegaram a votar, dias antes, um pedido de licença temporária para Ford. Foi um gesto simbólico: a Câmara Municipal não tem autoridade para cassar o prefeito, nem para convocar novas eleições. Renunciar, porém, está fora de cogitação, diz Ford. Em vez disso, o prefeito prometeu parar de beber e buscar ajuda médica, embora ressalte sempre que não é "um viciado".

### **9 - Prefeito de Toronto nega ter tentado comprar vídeo que o mostraria usando crack**

Fonte: O Globo Autor: Reuters Editoria: Mundo  
Publicada em: 05/12/2013 às 12h20

5 Dez (Reuters) - O prefeito de Toronto, Rob Ford, classificou as acusações de que tentou comprar um vídeo que aparentemente o mostrava usando crack uma "mentira completa" durante um programa de rádio nesta quinta-feira.

Um dia depois de um tribunal de Ontario divulgar documentos policiais que afirmam que Ford pode ter oferecido dinheiro e um carro para comprar as imagens de um suspeito de pertencer a uma gangue, Ford apareceu em um programa esportivo matinal de rádio transmitido de Washington, capital dos Estados Unidos, chamado "The Sports Junkies"

Indagado a responder as acusações de que tentou pagar pelo vídeo, Ford disse: "Em primeiro lugar, isso é uma mentira completa. Em segundo lugar, vocês podem falar com meus advogados sobre isso, mas eu estou aqui para falar de futebol americano, rapazes."

Segundo informações da polícia sobre uma conversa telefônica gravada envolvendo dois supostos membros de gangue divulgadas na quarta-feira, Ford ficou sabendo da existência do vídeo em março e se ofereceu para comprá-lo. As anotações policiais descrevem uma pessoa dizendo: "Ele disse, 'eu vou te dar 5 mil e um carro'."

Ford admitiu no início do mês passado que fumou crack, dizendo que isso aconteceu provavelmente "em um dos meus estupores por estar bêbado", mas ele disse que não é viciado.

Ford, que teve a maior parte de seus poderes retirados pela Câmara de Toronto que se tornou hostil a ele, se recusou a renunciar, e a Câmara não tem poderes para derrubá-lo unilateralmente. Ele afirma que planeja disputar a reeleição no ano que vem.

O prefeito passou boa parte do restante da entrevista para o programa de rádio discutindo os próximos jogos de futebol americano. (Reportagem de Allison Martell)

## **10 - Carreira de Eike foi uma das mais desastrosas de 2013, diz Forbes**

Revista destaca perda de fortuna e pedidos de recuperação judicial de suas principais empresas Lista inclui políticos, celebridades e esportistas

Fonte: O Globo Autor: O Globo Editoria: Economia  
Publicada em: 11/12/2013 às 17h34

A perda da maior parte de sua fortuna de US\$ 30 bilhões em um ano e a condição delicada de suas principais empresas, em recuperação judicial desde outubro, garantiram ao empresário Eike Batista uma menção na lista das 20 carreiras mais desastrosas de 2013, publicada nesta quarta-feira pela revista Forbes. A compilação, que contém não só executivos, mas também políticos, celebridades e esportistas, lembra os piores momentos do ano, mas destaca: “não estamos dizendo que as carreiras deles acabaram; estamos dizendo que eles sofreram um grande impacto neste ano”.

O parágrafo dedicado a Eike aponta a velocidade da queda do empresário brasileiro, cuja fortuna diminuiu para menos de US\$ 1 bilhão, de acordo com cálculos da revista:

“Há não muito tempo, Batista era uma das pessoas mais ricas do mundo, com uma fortuna de aproximadamente US\$ 30 bilhões, segundo estimativas da Forbes - mas, em outubro de 2013, sua empresa de petróleo pediu recuperação judicial no maior calote corporativo na história da América Latina”, relembra o texto.

Tanto OGX como a naval OSX já se encontram sob proteção da justiça. As companhias funcionam como empresas-irmãs: as plataformas produzidas no estaleiro são utilizadas na exploração de petróleo da OGX. As dívidas das duas empresas, acumuladas, chegam a R\$ 15,5 bilhões. A petroleira deve ficar sem dinheiro até o fim do mês, caso não consiga US\$ 250 milhões.

Os problemas do empresário são agravados por ações na justiça, protocoladas por acionistas minoritários, que acusam Eike de informação privilegiada, por supostamente ter vendido ações da OGX quando a empresa já dava sinais de problemas.

A lista inclui ainda políticos como o prefeito de Toronto, Rob Ford, que recentemente admitiu ter usado crack; o diretor da Agência de Segurança Nacional (NSA, na sigla em inglês), Keith Alexander, que sairá do cargo no ano que vem após os escândalos de espionagem, além do executivo Ron Johnson, executivo que fracassou à frente da varejista JC Penney. A matéria completa (em inglês) pode ser acessada neste link.

## **11 - Repórter processa prefeito de Toronto por difamação**

Rob Ford insinuou que jornalista seria pedófilo, na mais recente confusão com o nome do político. Nos últimos meses, Ford admitiu ter fumado crack e ter dirigido bêbado, e contou detalhes da vida sexual com a mulher.

Fonte: O Globo

Autor: O GLOBO COM AGÊNCIAS INTERNACIONAIS

Editoria: Mundo

Publicada em: 12/12/2013 às 19h45

Depois de admitir ter usado crack, dirigir bêbado e contar detalhes da vida sexual com a mulher, o prefeito de Toronto, Rob Ford, virou alvo de um processo judicial por difamação. Um repórter do jornal "Toronto Star" está processando Ford porque o prefeito insinuou, numa entrevista, que o jornalista seria pedófilo, na mais recente confusão em que o nome de Ford é envolvido.

O prefeito de Toronto concedeu uma entrevista à TV Vision na qual acusou o repórter Daniel Dale de tirar fotos de crianças. Ford afirmou que "não quis dizer aquela palavra, mas você começa a pensar no que esse cara é capaz".

A insinuação do político foi interpretada, em alguns meios, como represália por uma investigação feita por Dale num terreno vizinho ao da casa de Ford, que o prefeito pretendia comprar. No mês passado, a Câmara Municipal de Toronto aprovou um corte de 60% no orçamento da prefeitura, diminuiu pessoal do gabinete de Ford e transferiu grande parte das atribuições ao vice-prefeito, Norm Kelly. Ford perdeu poderes importantes, como o de nomear líderes cruciais da cidade e influenciar a agenda legislativa, tornando-se mais prefeito no nome do que em responsabilidade de fato.

## **12 - A última do prefeito de Toronto: dança na Câmara**

Ao som de um grupo de jazz, Rob Ford baila momentos depois de discutir com vereadora.

Fonte: O Globo

Autor: O Globo Com agências internacionais

Editoria: Mundo

Publicada em: 18/12/2013 às 15h59

O prefeito de Toronto, Rob Ford, não parece estar preocupado com as pressões para renunciar depois que admitiu ter fumado crack. Durante uma sessão da Câmara Municipal na terça-feira, ele dançou entre os vereadores - mesmo tendo discutido acaloradamente com um deles momentos antes. O vídeo foi divulgado nesta quarta.

Um grupo de jazz tocava durante a sessão, segundo o jornal "Toronto Sun". Ford, alguns vereadores e membros da prefeitura começaram, então, a dançar.

Minutos antes, a vereadora Pam McConnell - que já foi "nocauteada" numa trombada com o corpulento Ford antes - discutiu com o prefeito quando tentou falar com um de seus subordinados.

- Ele me disse para me afastar. "Afaste-se você", respondi. "Você não vai hostilizar meu pessoal", disse ele - relatou Pam. Momentos depois, mãos para o alto, Ford não parecia se lembrar do aborrecimento e dançava descontraidamente. O vereador Mark Grimes disse ao jornal que a Câmara se tornou um local de loucos.

### **13 - Prefeito de Toronto teria ordenado agressão contra ex-cunhado**

Segundo processo judicial, espancamento ocorreu dentro de prisão a mando de Rob Ford. Objetivo seria intimidar vítima para que não falasse sobre histórico do político com álcool e drogas.

Fonte: O Globo

Autor: O Globo Editoria: Mundo

Publicada em: 29/01/2014 às 19h44

O prefeito da cidade de Toronto, Rob Ford, teria sido o mandante de uma sessão de espancamento do ex-namorado de sua irmã, Scott MacIntyre, numa prisão da cidade em março de 2012. A versão está presente em um processo que corre na Justiça canadense, segundo o qual a agressão tinha como objetivo intimidar MacIntyre - que teve dentes e uma perna quebrados - para que não falasse sobre o agora conhecido histórico de Ford com abuso de álcool e drogas ilícitas.

Segundo o jornal local "The Globe and Mail", o ataque foi organizado por Aedan Petros, que foi jogador de futebol americano em um time escolar treinado por Ford. Condenado a cinco anos de prisão por assalto a mão armada e invasão de domicílio, Petros estava detido na mesma prisão de MacIntyre.

- Eles queriam saber se eu ia calar a boca - disse MacIntyre.

O advogado de Ford para assuntos criminais, Dennis Morris, disse que as acusações não têm qualquer fundamento.

No cargo desde 2010, o prefeito de Toronto tem um vasto histórico de polêmicas. Em dezembro, documentos da Justiça diziam que ele teria oferecido dinheiro e um carro a traficantes em troca de um vídeo no qual aparece usando crack. Um mês antes, Ford admitira ter usado a droga "provavelmente durante uma de minhas bebedeiras". Ele já compareceu bêbado a eventos oficiais, foi acusado de assediar uma funcionária da prefeitura e compartilhou em público detalhes da vida sexual com sua mulher.

Logo depois, a Câmara de Vereadores - que não tem poder para depor o prefeito - aprovou um corte de 60% no orçamento da prefeitura, diminuiu pessoal do gabinete de Ford e transferiu grande parte das atribuições ao vice-prefeito. Apesar de todas as denúncias e confusões, o prefeito já avisou que vai se candidatar à reeleição, em outubro. No começo do mês, sua atuação frente às tempestades de gelo que assolaram Toronto - a maior cidade do Canadá, com 2,6 milhões de habitantes - elevaram seu índice de aprovação para 47%. Ford ainda aparecia à frente dos outros dois políticos que já anunciaram que vão disputar a prefeitura este ano.

#### **14 - Prefeito de Toronto defende Bieber, mas não música, após nova acusação**

Fonte: O Globo Autor: Reuters Editoria: Cultura  
Publicada em: 30/01/2014 às 17h48

Canadá, 30 Jan (Reuters) - Justin Bieber se envolveu em casos de polícia no Canadá e nos Estados Unidos em apenas uma semana, mas o cantor pop adolescente tem pelo menos um defensor que sabe algo sobre experiências negativas: o colega canadense e prefeito de Toronto, Rob Ford.

Ford, que admitiu em novembro ter fumado crack durante uma "bebedeira", defendeu Bieber nesta quinta-feira durante uma entrevista a um programa de rádio de Washington D.C. chamado Sports Junkies.

"Bem, vocês sabem, ele é um cara jovem", disse Ford, um ávido fã de futebol que é frequentemente convidado para participar do programa de esportes.

"Aos 19 anos, eu gostaria de ser tão bem sucedido quanto ele. Ele tem apenas 19 anos, pessoal. Olhem para trás e lembrem quando vocês tinham 19 anos."

Ford fez o comentário depois que um dos apresentadores chamou Bieber de a "pior exportação do Canadá".

Questionado se ele era fã da música de Bieber, Ford disse que seus gostos se inclinavam mais para bandas de rock clássico, como Led Zeppelin, Rolling Stones e os Eagles. "Eu tenho 45 anos, por isso há uma grande diferença aqui", disse ele.

Bieber foi acusado na quarta-feira de agredir um motorista de limusine em Toronto, em dezembro. O advogado canadense do cantor disse em comunicado que Bieber é inocente.

Na semana passada, Bieber foi acusado de dirigir alcoolizado em Miami, depois que a polícia declarou que o cantor foi pego em um racha com uma Lamborghini alugada.

A Polícia de Miami Beach afirmou que Bieber assumiu ter tomado remédio controlado, fumado maconha e consumido álcool. O cantor se declarou inocente destas acusações.



Ford, que concorre à reeleição como prefeito da maior cidade do Canadá, também se envolveu em uma nova controvérsia na quarta-feira depois que o ex-namorado de sua irmã entrou com uma ação alegando que Ford havia conspirado para que ele fosse ameaçado e espancado na prisão.

Questionado sobre a ação judicial no programa de rádio, Ford não quis comentar, dizendo que o assunto estava nos tribunais. O advogado de Ford declarou que as alegações eram falsas e irresponsáveis.

(Por Cameron French, com reportagem adicional de Randall Palmer, em Ottawa)

### **15 - Prefeito de Toronto defende Bieber após nova acusação**

‘Ele tem apenas 19 anos’, argumenta Rob Ford, que também já se envolveu em inúmeros escândalos. No entanto, o político declarou não ser fã da música do astro: ‘Eu tenho 45 anos, há uma grande diferença’

Fonte: O Globo

Autor: Reuters Editoria: Cultura

Publicada em: 31/01/2014 às 07h41

Justin Bieber se envolveu em casos de polícia no Canadá e nos Estados Unidos em apenas uma semana, mas o cantor pop adolescente tem pelo menos um defensor que sabe algo sobre experiências negativas: o colega canadense e prefeito de Toronto, Rob Ford.

Ford, que admitiu em novembro ter fumado crack durante uma “bebedeira”, defendeu Bieber nesta quinta-feira durante uma entrevista a um programa de rádio de Washington D.C. chamado Sports Junkies.

“Bem, vocês sabem, ele é um cara jovem”, disse Ford, um ávido fã de futebol que é frequentemente convidado para participar do programa de esportes. “Aos 19 anos, eu gostaria de ter sido tão bem sucedido quanto ele. Ele tem apenas 19 anos, pessoal. Olhem para trás e lembrem de quando vocês tinham 19 anos”.

Ford fez o comentário depois que um dos apresentadores chamou Bieber de a “pior exportação do Canadá”.

Questionado se ele era fã da música de Bieber, Ford disse que seus gostos se inclinavam mais para bandas de rock clássico, como Led Zeppelin, Rolling Stones e os Eagles.

“Eu tenho 45 anos, por isso há uma grande diferença aqui”, disse ele.

Bieber foi acusado nesta quarta-feira de ter agredido um motorista de limusine em Toronto, em dezembro. O advogado canadense do cantor disse em um comunicado que Bieber é inocente.

Na semana passada, Bieber foi acusado de dirigir alcoolizado ou sob efeito de drogas em Miami Beach, depois que a polícia declarou que o cantor foi pego em um racha com uma Lamborghini alugada.

A Polícia de Miami Beach afirmou que Bieber assumiu ter tomado remédios controlados, fumado maconha e consumido álcool. Mas o cantor se declarou inocente destas acusações.

Ford, que concorre à reeleição como prefeito da maior cidade do Canadá, também se envolveu em uma nova controvérsia na quarta- feira, depois que o ex-namorado de sua irmã entrou com uma ação alegando que Ford havia conspirado para que ele fosse ameaçado e espancado na prisão.

Questionado sobre a ação judicial no programa de rádio, Ford não quis comentar, dizendo que o assunto estava nos tribunais. O advogado de Ford declarou que as alegações eram falsas e irresponsáveis.

O prefeito Rob Ford em uma reunião na Prefeitura de Toronto e Justin Bieber em sua 'mugshot': parceiros na confusão (Foto: Fotos da agência Reuters)

## **Editoriais/Colunas/Opinião do leitor**

### **1 - Briga desleal**

Fonte: O Globo - Impresso - Flip  
Publicada em: 16/11/2013 às 22h00

É triste ver cidadãos brasileiros de todos os níveis sociais, honestos, diante dos desvios de verbas, do superfaturamento de obras públicas, das fraudes, dos subornos, entre outros graves desvios de conduta executados por uma minoria de pessoas que possuem cargos públicos. Os governos são efetivos na criação de impostos, os maiores do mundo, porém, ineficientes na aplicação dos mesmos. O montante de recolhimento é imenso e a sociedade pouco usufrui. Por esta razão cobra-se muito imposto neste país, para compensar as altas propinas e a incompetência de nossos gestores. Por um país com menos tributos, menos impunidade, leis mais rigorosas e mais justo.

José Antonio Domingues

Rio

Eleições 2014

Leio que a presidente está na faixa de 40% a 49% de votos em qualquer disputa de segundo turno. Transportando esses números para a realidade, a maioria do povo

está satisfeito com o tratamento do SUS, a inflação, a educação, o transporte sempre atrasado, a indústria quase fechando, o Leão mordendo fundo, as favelas aumentando, a violência, os baderneiros dirigidos, a PM atirando, a mesa farta escasseando e o emprego só para quem já trabalhou! Respeito a opinião alheia, mas, neste caso, não botaram os óculos ou entrevistaram ETs.

Ney Julião Barroso

Rio

Cotas raciais

Lamentável a dimensão que a racialização da sociedade vem ganhando nos governos Lula e Dilma, nos planos estético, social, cultural, político, econômico, religioso etc. Recentemente, a CCJ da Câmara aprovou cotas para cargos políticos. Assim, questões éticas à parte, incorporamos a vanguarda do atraso, pois as cotas estão em acelerado decréscimo nos EUA, de onde se copia o modelo. Os governos petistas, nisso também tributários da era FH, supõem, demagogicamente, que as cotas resolverão algum problema racial, sem que isso seja sequer definido. Ganham, no fundo, tempo para empurrar com a barriga problemas educacionais e infraestruturais do país. Mas as cotas não são eleitoreiras, pois não há, ainda, voto racial no país.

Roberto Guedes

Rio

Protestos

Os protestos pacíficos são importantes e necessários. Entretanto, se as pessoas não se reunirem para organizar suas reivindicações, se elas não esquematizarem as mudanças que desejam empreender, seus protestos servirão apenas como uma catarse, isto é, como uma forma de se aliviarem das tensões. Uma vez tranquilizados, a angústia tendo diminuído, tudo continuaria do mesmo jeito. Permanecer apenas na catarse pode ser uma maneira de não fazer mudança alguma.

Mariúza Peralva

Niterói, RJ

Pleno emprego

O enorme aumento dos gastos com seguro-desemprego e abono numa economia que, segundo o ministro da Fazenda, Guido Mantega, gira em pleno emprego, levamos a procurar descobrir a razão dessa gritante incoerência. Ou ficará evidenciado que essa é mais uma área em que estão ocorrendo fraudes em larga escala, com o nosso dinheiro sendo roubado, sem um controle eficiente por parte de quem deveria

exercê-lo, ou esse propalado pleno emprego, cujos índices oficiais insistem em nos mostrar, não passa de mais uma propaganda enganosa do governo.

Ronaldo Gomes Ferraz

Rio

Prática antiga

Levantamento do Ministério da Previdência verificou um rombo de R\$ 528 milhões nos fundos de previdência de servidores nos estados. Significa que as contribuições dos servidores para a sua aposentadoria estão ameaçadas, e isto é antigo no mercado. Além das irregularidades levantadas, e, claro, contestadas pelos gestores, o que ocorre é a manobra, principalmente nas Bolsas de Valores, de transferir a operação malsucedida em nome do gestor para o fundo, ou seja, deu certo a operação é minha (do gestor); deu errado, bota em nome do fundo. O gestor nunca perde.

Panayotis Poulis Rio

Desmatamento

A devastação das nossas florestas tem tudo a ver com a leniência das nossas leis. O assunto é de segurança nacional, e até mundial, mas o que se vê e ouve é muita opinião, excesso de intenções, mas pouquíssima ação. Os homens que podem modificar esse panorama e criar legislação que puna exemplarmente os predadores da fauna e da flora estão apenas interessados em negociar verbas, cargos e outras benesses, em proveito próprio, nunca visando a beneficiar o país. Enquanto vigorem leis frouxas, assistiremos à deterioração da nossa biodiversidade.

José Paulo Guarabyra Vollmer

Araruama, RJ

Fotos mostrando enormes áreas ilegalmente devastadas de florestas causam revolta e revelam a péssima gestão do setor a quem compete esse controle. As autoridades estão sempre a reboque de desmatadores, limitando-se a se vangloriar de que no ano passado os autos de infração do Ibama somaram R\$ 1,6 bilhão em ações contra o desmatamento. Na verdade, são multas que não serão pagas, e tudo ficará por isso mesmo, pois vivemos no país do faz de conta.

Dirceu Luiz Natal

Rio

Crise climática

Ilustres especialistas em economia e mercados, com raras exceções, não previram ou fecharam os olhos para as crises da área econômica. Deu no que deu e só serão resolvidas à custa de muito sacrifício e sofrimento. Agora, governos de todo o mundo não tomam medidas imprescindíveis contra a crise climática, cada vez mais presente. Basta fazermos um levantamento do que se perde em vidas e patrimônios, para avaliar a gravidade do problema. As Filipinas e até o Brasil são exemplos. Pelo que podemos avaliar nos últimos anos, a crise climática, da forma como é combatida, não tem retorno, pois a natureza reage e não perdoa.

Paulo Luiz Jardim de Moraes

Rio

Fundo de Garantia

Após 46 anos de vigência, o FGTS continua tendo o menor rendimento de juros ao ano entre todas as aplicações do Brasil: 3% a.a. A aplicação mais simples (caderneta de poupança) rende 6% a.a. O conselho curador do FGTS, composto em sua maioria de trabalhadores, já deveria ter reparado a maior injustiça praticada contra os trabalhadores.

José Mauro da Silva Alves

Rio

Novos conceitos

Segundo o ministro da Saúde de Cuba, exploração de mão de obra com retenção do salário, limitação do direito de ir e vir com a guarda dos passaportes, proibição da expressão de ideias e opiniões e familiares mantidos quase como reféns agora são conhecidos como "internacionalismo proletário", seja lá o que isso signifique.

Luiz Nusbaum

São Paulo, SP

Saúde pública

Causa-me indignação ver a forma como o governo federal trata o problema social e de saúde pública que é a dependência de crack. Gasta-se muito na compra de armamentos (como pistola de eletrochoque e spray de pimenta) para uso em locais de consumo desta droga, em lugar de assistência social e medicação adequadas. Lamentável saber que esta distribuição de armas aos Estados foi atrelada ao combate à dependência do crack, como se a doença fosse banditismo.

Aderson Bussinger Carvalho

Niterói, RJ Código Civil

Pelos comentários sobre a elaboração do novo Código de Processo Civil, podemos considerar que está na incubadora um verdadeiro monstro jurídico. O dispositivo anunciado - de que os processos seriam julgados por ordem cronológica de distribuição, isto é, o processo de número 2 somente será julgado quando terminar o de número 1 - chega a causar arrepios. Se é verdade esta prática, podemos considerar o apocalipse do Judiciário. Qualquer reforma de legislação vigente deveria ser implantada com a participação de quem milita na área.

João Carlos da Cunha

Rio

Justiça lenta

Estranhei a notícia recém-divulgada de que a Justiça do Rio de Janeiro tem 100% de produtividade! Desde 2008, segue processo de despejo e cobrança por total falta de pagamento (aluguel e condomínio) de meu apartamento, na Freguesia, Jacarepaguá. Passados cinco anos, nenhuma solução! Uma lentidão absurda e que alimenta a ideia de que o "crime compensa". O que se comenta é que este caso é a regra e não a exceção, pelo menos na Comarca de Jacarepaguá. Os erros de encaminhamento do processo são lamentáveis e frequentes. Os réus continuam até hoje usufruindo do meu bem, criminosos e gratuitamente.

Jussara Brito

Rio

Violência de volta

Aos poucos, temos observado um Rio de Janeiro de tempos atrás. Acabou a fase de euforia com as UPPs, o comando da PM admite publicamente o retorno dos traficantes a vários pontos da cidade e, o que é pior, os assaltos frequentes nas ruas voltaram a crescer assustadoramente. Hoje, com antes, andamos quilômetros sem ver um policial sequer nas ruas e a Guarda Municipal é inoperante em coibir pequenos delitos, pois sua função é multar. Voltamos a ver pequenos grupos de pivetes pelas ruas aguardando a oportunidade para praticar assaltos, sem serem incomodados. Onde foram parar os policiais? Estão aquartelados aguardando um grande evento para saírem. Atenção, secretário de Segurança, estamos voltando ao caos da insegurança e do abandono. Polícia nas ruas, já!

Armando Coelho de Carvalho Neto

Rio

A escalada da violência na Rocinha, após o caso Amarildo, está desvendando o que todos já sabiam: a influência de interesses eleitoreiros está levando o processo de

pacificação à falência e ao descrédito. Não é novidade que a Rocinha, bem como muitas comunidades, abriga milhares de pessoas com algum grau de envolvimento com o tráfico. É fácil depreender que os traficantes, inclusive os chamados "chefes", são apenas o braço armado e aparente de interesses muito poderosos que só querem manter seus lucros milionários, ainda que à custa do caos da segurança pública.

Joel Almeida

Rio

Ônibus quentões

Ainda é primavera e o Rio já experimenta temperatura de 40 graus. Como atender ao pedido das autoridades municipais para que se deixe o carro em casa e se prefira o transporte público, se a maioria dos ônibus que circulam pela cidade não possui condicionador de ar? Como poder concedente, passou da hora de a prefeitura exigir isso dos empresários do setor. O Rio precisa de um maior número de linhas com frescões, bem como obrigar a instalação de condicionadores nos ônibus de tarifa modal, os chamados quentões. Os poucos que existem trafegam entre a Zona Sul e o Centro.

Nelson Nóbrega

Rio

O calor da última semana é uma prévia do que vem por aí. Ainda é inexpressivo o número de veículos com ar-condicionado. É insalubre para passageiros e mais ainda para motoristas e trocadores. Não se consegue, sequer, encostar no banco, de tão quente. É surpreendente numa cidade como o Rio não ser obrigatória a oferta de um mínimo de conforto aos passageiros.

Leonel Leandro da Silva

Rio

Desordem urbana

Moro na Rua Joaquim Murtinho, em Santa Teresa, e temos convivido com a ocupação do recuo da casa de número 307, por seis moradores de rua que, principalmente à noite, sempre bêbados, usam drogas, defecam e urinam pelas calçadas da via, indiscriminadamente. A proprietária do imóvel não toma providência, apesar de ter sido alertada várias vezes pelos vizinhos.

Eduardo de Almeida

Rio

## 2 - Vital e as promessas

Fonte: O Globo - Impresso - Flip  
Publicada em: 23/11/2013 às 22h00

Na campanha eleitoral, o atual prefeito Rodrigo Neves se comprometeu a fazer melhorias urgentes no bairro Vital Brazil, há anos abandonado pelos péssimos governos anteriores. Aproxima-se a conclusão do primeiro ano de mandato, e continuamos aguardando providências. A Praça Vital Brazil, tombada pelo município, segue sem poder ser frequentada, principalmente em função da falta de um guarda municipal que zele pela segurança coletiva, já que há suspeitas de que viciados em crack e outras drogas ali fazem ponto. Estão esburacadas e imundas as calçadas que margeiam o canal da Avenida Almirante Ary Parreiras. Embora tenhamos que pagar mensalmente a taxa de iluminação pública, ruas importantes como a Souza Dias e a Maestro José Botelho, bem como a Avenida Almirante Ary Parreiras, permanecem mal iluminadas, com lâmpadas queimadas em vários postes.

Dênis Roberto Villas Boas de Moraes

Vital Brazil

Na seca

Muitos prédios, pouca água. Durante o feriado do dia 15, observei um volume absurdo de carros-pipas em Santa Rosa. Estamos há mais de duas semanas com a vazão de água muito abaixo do normal. Na Rua Professor Otacílio, onde moro, a água caía às quartas e sextas e aos domingos à noite. Desde o final de outubro, só temos água domingo à noite, por força de bomba de sucção e carros-pipas. Um técnico fez a visita em minha residência e constatou que não estava caindo água, apesar de o sistema da Águas de Niterói acusar fornecimento normal naquele momento! O verão vai ser na seca!

Tercio Machado dos Santos

Santa Rosa

Esquecidos de novo

Reiterando o ponto de vista de Marcela da Fonseca Vigo (em carta de 17/11), acrescento meu pesar pelo que parece grande irresponsabilidade do poder público, que autoriza a construção de prédios com gabarito acima do razoável, em nossa região. Não é preciso ser especialista para prever os desdobramentos na área de transporte e noutras. Precisamos de planejamento urbano de verdade, e o que vemos é oportunismo e irresponsabilidade. Pobre povo que sofre calado!

Marcia Japor Garcia

Pendotiba



Obra sem placa

Apesar de o bairro ter passado por recente operação de ordenamento urbano, há cerca de seis meses a obra de reforma do imóvel na Avenida Sete de Setembro 198, onde será instalado um bar, está sem placa indicando o número do processo na prefeitura, o autor do projeto e o responsável pela execução, com os devidos CRAs. Creio que as autoridades devem uma resposta aos cidadãos e a devida ação fiscalizatória.

Luciana Cerqueira

Icaraí

Respostas

Em relação à carta da leitora Valquíria Peixoto (17/11), a prefeitura de Niterói informa que, quando o escritório de Jaime Lerner foi contratado pelo governo passado, já haviam sido elaborados o Plano Diretor de Trânsito e Transporte e o Plano Integrado de Trânsito e Transporte. Ou seja, nos últimos 20 anos, três projetos de infraestrutura foram elaborados. A nova gestão entende que o problema não é a elaboração de novos projetos, mas retirar as obras do papel. Em relação à carta de Rogério Caldas Coutinho (17/11), a prefeitura argumenta que o programa Bairro Novo, iniciado este mês, inclui a drenagem e pavimentação de dezenas de ruas da Região Oceânica. Em Piratininga, a primeira rua com drenagem e pavimentação será concluída nos próximos dias. Em relação à carta de Eliana Conde Barroso Leite (17/11), a prefeitura garante que qualquer projeto de drenagem e pavimentação do Canto de Itaipu e do Cidade Balneária de Itaipu será precedido de consulta aos órgãos ambientais, mediante diálogo com a comunidade.

Flavio Pessoa

Diretor de Comunicação Social da Prefeitura de Niterói

### **3 - Fala,Tijuca!**

Fonte: O Globo - Impresso - Flip  
Publicada em: 27/11/2013 às 22h00

moradores de rua

Onde anda o prefeitinho da Tijuca? A Rua Mariz e Barros, do início ao fim, está coberta de moradores de rua que dormem e defecam nas calçadas, principalmente nas portas de bancos, fazendo com que as pessoas até tenham medo de entrar lá. As calçadas dessa rua são vergonhosas.

Eliane Picanço

uso de crack

A praga nefasta e danosa do crack chegou à Praça Afonso Pena. Moradores de rua que proliferam no lugar estão fazendo uso dessa maldita droga. A assistência social ou a atuação da prefeitura são zero. Os políticos, que aparecem em épocas de eleições ou que instalam demagógicas mesinhas com "mandato na rua", pensam que os moradores são idiotas. Estamos criando uma associação de moradores para vir com força atuante, no sentido de cobrar intervenções dos órgãos públicos em contrapartida com o IPTU pago. O Rio é um todo. Não pode ser uma cidade maravilhosa de helicóptero ou de Sona Sul. As eleições vêm aí.

Sebastião Paschoal

#### **4 - Nada tem limite**

Fonte: O Globo - Impresso - Flip  
Publicada em: 30/11/2013 às 22h00

Cada vez que ouço os noticiários fico mais chocada! É mãe que planeja falso sequestro do próprio filho; são condenados do mensalão querendo regalias, porque se sentem os reis da cocada preta; é a ocupação desordenada por todas as cidades, sem planejamento; é o crack que assola o país, sem esperança de solução; é a polícia que não é confiável e inoperante; é a Justiça que não anda como deve, com processos acumulados por anos; são as prisões onde não cabe mais ninguém e por isso criminosos estão soltos, usando menores, que não podem ser penalizados; são arrastões no Arpoador; ensino de última categoria, roubo, roubo e mais roubo; são impostos abusivos. É gente que entra para a política só para enriquecer; é o voto oculto por onde se escondem políticos que não querem mostrar a cara. Aqui, nada tem limite! Os dizeres de nossa bandeira, "Ordem e Progresso", são uma falácia! Porque aqui não tem progresso.

Só o pessoal, por enriquecimento ilícito!

Marcia Algranti

Teresópolis, RJ Prisão especial

Pela nossa Constituição, todos são iguais perante a lei. O problema é que as leis não são iguais perante todos. Basta ver a da prisão especial, que dá tratamento diferenciado aos brasileiros de primeira classe, ficando os de segunda na prisão comum. Quem reclama dos privilégios dos mensaleiros presos deveria, por coerência, manifestar-se também contra a existência da prisão especial. Quando é que o Congresso Nacional vai eliminar essa aberração?

Sílvio da Silva Delgado

Teresópolis, RJ

Calote

Qualquer de nós, mortais, que desse um calote de R\$ 73 milhões no Banco do Brasil sentiria de imediato o poder da instituição para recuperar o prejuízo. No caso do mensalão, crime financeiro-político praticado pela cúpula do PT, não fosse a imprensa avisar que o dinheiro poderia ser recuperado, o prejuízo ficaria na conta do brasileiro.

Wilton Ribeiro Gomes

Maricá, RJ Ser político

Com raras exceções, questionar por que todos querem ser políticos e, ainda, alcançar um ministério ou uma simples secretaria é chover no molhado. Além do óbvio, são egocêntricos e donos da verdade, além de polivalentes - entendem de tudo. Temos milhares de exemplos, mas alguns se destacam e mostram todas as suas facetas, nunca movidos por patriotismo e nem interesse em bom desempenho das funções assumidas. Assim, concluímos que, quando um político agride seu adversário, parece-me que, na realidade, está ajustando seu próprio chapéu em frente ao espelho. Pobre povo iludido e interesseiro, mas, principalmente, pobre Brasil.

João Roberto Gullino

Petrópolis, RJ

Que país é esse?

Que sociedade é essa, que leva 20 anos para construir o elevado da Perimetral e leva cinco segundos para destruí-lo? Que sociedade é essa que obriga vistoria em carros, extintores, edifícios etc. e não obriga o cidadão a fazer uma vistoria em sua saúde? Oportuno, sim, seria obrigar uma vistoria anual de saúde em todo cidadão brasileiro. Que sociedade é essa que tem que humilhar um recruta até a morte ou a exaustão para provar o seu valor? Que sociedade é essa que dá privilégios a quem rouba muito (mensalão) e humilha quem rouba uma galinha? Que país é este? Você tinha razão, Renato Russo!

Maurício Boyd

Rio

Viagens

Alguns deputados brasileiros só visitam seus redutos eleitorais a bordo de carros e belos helicópteros, sendo que qualquer cidadão pode perceber que o salário de um deputado é incompatível com voos que custam mil reais a hora. Tal conduta é uma

afronta aos políticos que utilizam as estradas e prezam ao menos manter uma aparência de austeridade e bom uso do dinheiro público. A sociedade brasileira deve atentar aos fatos, pois a maioria da população sequer possui o básico para a sobrevivência. Desde agora é necessário avaliarmos nossos candidatos nas próximas eleições, procurando diferenciar quem trabalha em prol da democracia e do povo daqueles que só dão tapinhas nas costas e auxiliam os ricos.

Daniel Marques

Virginópolis, MG

Respostas

Tantas interrogações e tanta falta de respostas verídicas. Arenas com problemas, políticos com problemas cardíacos, entre outros. Estamos vivendo no país de Alice, enorme ficção e realidade nenhuma. Nossa realidade não é a que aparece na TV, em enormes propagandas. Muitos países socialistas, e comunistas também, já se deram conta que sem iniciativa privada perdem o futuro. Por que o nosso Brasil parece ter vergonha de admitir o óbvio? Precisamos, sim, pelo nosso futuro, da iniciativa privada. Sem ela, seremos uma nação sem investimentos. Estamos cansados e queremos respostas verídicas.

Ligia Rodrigues

Rio

Tragédias

Apesar da seca que assola o Nordeste, o governo entregou apenas 22% das obras ditas emergenciais. Imagino, então, se assim não fossem consideradas. E estamos falando de obras simples, tais como poços e cisternas, e investimento de R\$ 1,6 bilhão, bem menos do que se tem investido em "países amigos". Segundo o ministro da Integração Nacional, a burocracia é o principal fator que justifica a aberração, e responsabiliza também a pouca eficiência na execução de obras. Ministro, o senhor agora sabe as causas e está em suas mãos ir atrás das soluções, que me parecem óbvias: menos burocracia e mais competência.

Luiz Nusbaum São Paulo, SP Aeroportos

A privatização dos aeroportos de Galeão, Santos Dumont, Jacarepaguá, Guarulhos ou Campo de Marte só poderá trazer melhorias quanto ao conforto e à segurança de passageiros, tripulantes e funcionários caso se consiga equacionar o acesso aos prédios do aeroporto, pois as atuais opções são medievais em termos de deslocamento unimodal rodoviário. Caso consigamos nos livrar dessa bitolação doentia, poderemos acrescentar trilho, barco (nos pontos possíveis), ônibus diferenciado com horários mais frequentes durante todo o período em que o

aeroporto estiver operando, táxi e carro particular, desde que o estacionamento se torne compatível.

Alberto Cleiman

Rio

Obras no Centro

Fantástico o que se está fazendo na orla marítima do Porto do Rio: obras que tirarão da obscuridade monumentos, marcos da nossa História que vão provocar o aumento do turismo cultural e estético. Porém, relegada a triste abandono há vários anos, a "pérola da Guanabara", outrora decantada em verso e prosa, clama para que seja colocada nos planos dos que revigoram o Rio, no que contém de História e beleza: salvem Paquetá!

Ivo Americano Alves de Brito

Petrópolis, RJ Preços

Por que a prefeitura não reprime os aumentos promovidos nas praias cariocas? O preço do coco, do aluguel de cadeiras e barracas e vários outros sobe anualmente, e de forma organizada, com fortes características de cartel contrário aos interesses da população, do turismo e da economia do Rio. São aumentos sem fundamento técnico e sem controle. Até quando vamos ficar reféns desses aproveitadores? Acorda, prefeito!

Carlos Alberto de Mello

Rio

Indústria

Fui multada por parar o carro na faixa de pedestres com sinal vermelho. Entretanto, já havia parado antes da faixa, corretamente, na primeira fila. Um carro de polícia com sirene ligada veio atrás. Eu, um motociclista e outro motorista, puxamos nossos veículos à frente, para cima da faixa de pedestres, para deixar a polícia passar. O que, aliás, é obrigatório, segundo o CBT, artigo 189. Recorri da notificação e o recurso foi indeferido. Deve dar muito trabalho pegar as imagens dessa câmera da Avenida das Américas, segundos antes da hora da minha suposta infração. É bem mais fácil me mandar pagar mesmo.

Tania Basilio

Rio

Lixo zero

Passo frequentemente pelo mergulhão da Praça Quinze e o tal do programa Lixo Zero ignora o local. A imundície é frequente nos dois túneis e fica agravada pelo cheiro de urina, habitual naquela área. Há poucos dias, por volta das 8h, um grupo de rapazes e garotas, aparentemente menores de rua, revirava as lixeiras que ficam no sentido Centro. Jogavam garrafas PET, papéis e outros detritos no chão. Passei pelo local no mesmo dia, às 20h, e o quadro estava agravado, com mais lixo no piso. Quando o programa sairá de anúncios para a realidade? E o combate aos que urinam nas ruas continuará a vigorar apenas no carnaval?

Thiago Pugliesi

Rio

Assistindo à rerepresentação da "Escolinha do Professor Raimundo", gravada há dez anos, constatei como se repete um engodo no país. Num dado momento, o professor pergunta ao secretário Atanagildo se ele havia lido os jornais, recebendo resposta positiva. E pergunta qual a grande verdade que ele havia lido, ao que o secretário responde: "Agora, quem jogar lixo na rua vai ser multado, e o Rio vai ser uma das cidades mais limpas do mundo." Passados dez anos e muitas multas aplicadas até para quem atirou ponta de cigarro pela janela do carro, e autoridades declaram que o Rio ficou 35% mais limpo, sem explicar os parâmetros em que se basearam para chegar a esse índice. A propósito, convido essas autoridades para uma visita à Rua Álvaro Alvim, um paraíso de lixo e mendigos em plena Cinelândia.

Gilberto Pereira

Rio

Retornos na Barra

A CET-Rio deveria recalcular o tempo dos sinais de retorno à esquerda na Avenida das Américas, principalmente em frente ao Shopping Rio Design Barra, sentido Recreio, e redesenhar os apertados retornos! A partir do BRT e com o crescimento da região, as filas chegam a interceptar as agulhas de acesso. Filas triplas e até quádruplas impedem a utilização das faixas de rolamento principais, acarretando mais engarrafamentos! Sugiro, ainda, a retirada do ponto de ônibus em frente ao referido sinal, posicionando-o cem metros adiante. Como está só aumenta a confusão!

Rogério Alves

Rio

Bikes na calçada

É louvável a campanha da prefeitura para incentivar o uso de bicicletas. Porém, ela não estruturou a cidade com mais ciclovias e esqueceu que a maioria da população carioca não tem educação para essa prática. Trabalho em Botafogo, bairro de

calçadas estreitas, e diariamente me deparo com bicicletas disputando a calçada, de forma desigual, com pedestres. E pais que levam ou trazem filhos da escola, carregando-os na contramão e sem capacete. Tal atitude deseduca os filhos e coloca em risco a própria vida e a deles. Sugiro que se faça uma campanha para ciclistas e motoristas, porque lugar de bicicleta é na ciclovia ou na rua, compartilhando com os demais veículos. Posteriormente, orientar a Guarda Municipal para coibir a prática nas calçadas, inclusive com multas.

Jose Arnulfo Alves da Franca

Rio

Caos sonoro

A qualquer hora, em qualquer parte do Rio, o carioca é bombardeado pela poluição sonora. Retrato do desrespeito coletivo, em que o cidadão que paga impostos e respeita leis fica em desamparo. Há um ano, uma empresa da construção civil instalou na laje de sua sede, na Rua Rodrigo de Brito 13, Botafogo, sem estudo prévio, dois potentes resfriadores que vêm infernizando a vizinhança. Morando a poucos metros dessas usinas de poluição sonora, sinto-me como se estivesse numa pista de aeroporto ou na borda de um vulcão. Recorri à Central da Prefeitura no 1746, que deu prazo de 45 dias para apurar a denúncia.

José Roberto Gomes Corrêa

Rio

## **5 - Água opaca**

Fonte: O Globo - Impresso – Flip  
Publicada em: 14/12/2013 às 22h00

A publicação da Taxa Referencial de Água, autorizada pela prefeitura, por meio da Emusa, à concessionária Águas de Niterói, feita sempre sem destaque algum em Diário Oficial, já foi criticada pelo então vereador opositor Waldeck Carneiro (PT). Em março de 2012, ele apresentou o projeto de lei nº 36, para obrigar a empresa a informar a seus consumidores as tarifas praticadas pelo sistema progressivo por quantidade consumida.

Transparência vetada

Em 11 de janeiro, o prefeito Rodrigo Neves vetou o projeto De Waldeck, alegando inconstitucionalidade, pois é da "competência legislativa da União (...) o direito civil e comercial"

E "também porque é vedada iniciativa parlamentar de projeto de lei que implique aumento de despesa". A concessionária gastaria mais para informar melhor aos consumidores?

Tarifa oito vezes maior

O fato é que a Tarifa Referencial de Água, fixada em R\$ 2,2171, vale apenas para residências que gastem até 15 metros cúbicos por mês. Prédios com consumo acima de 60 mil litros mensais pagarão, este mês, R\$ 17,037 pelo metro cúbico, ou seja, oito vezes mais do que o mínimo.

Vale o hidrômetro

No caso dos condomínios em que há um hidrômetro só, o STJ já julgou ilícita a cobrança da tarifa mínima multiplicada pelo número de unidades do prédio.

Estranho no ninho

Secretário do PMDB se queixou

Ao ministro Moreira Franco e ao partido de que, apesar de compor

O governo petista em Niterói, a assessoria de imprensa da prefeitura não tem dado

Cobertura às suas ações. Justiça a pé

Os procuradores da República e os juízes do TRT foram despejados do estacionamento que funcionava há anos na Amaral Peixoto, para dar lugar à ciclovia. O diretor do Fórum Trabalhista, Jorge Ramos, reclama que a prefeitura só avisou na sexta-feira, por meio de ofício, que estava proibido estacionar na porta do Fórum a partir de segunda, sem dar um tempo ou opção aos oito juízes titulares, quatro substitutos e três procuradores do trabalho.

Fardo pesado

Os juízes trabalhistas não usam carros oficiais nem motoristas, suas audiências não podem atrasar, e muitos moram no Rio. "Ficamos sem local para estacionar, apesar de todos saberem que levamos e trazemos inúmeros processos para estudar em casa, uma carga pesada que precisa ser carregada em carrinhos", disse Jorge Ramos.

Vestiram um santo...

Depois do protesto de entidades culturais, a Praça da República ganhou uma guaribada da prefeitura, mas o problema dos viciados em crack apenas mudou de lugar. Agora, eles se concentram na abandonada Praça do Rink, onde assaltam pedestres para manter o vício.



## 6 - Energia em choque

Apagão deixou moradores sem luz por três dias

Fonte: O Globo

Editoria: Rio

Publicada em: 15/12/2013 às 03h00

Gilson Monteiro

A coluna é publicada aos sábados e domingos no GLOBO-Niterói

Energia em choque Apagão deixou moradores sem luz por três dias

O apagão que ocorreu no último temporal, deixando milhares de pessoas três dias sem luz, da Zona Sul à Zona Norte, passando pela Região Oceânica e afetando até São Gonçalo e Maricá, foi preocupante porque nunca a empresa de energia elétrica deixou tantos na escuridão por tanto tempo. O que se nota é que a Ampla está focada em diminuir o número de gatos, enquanto postes cheios de fios estão prestes a cair. Também descuida da melhoria da distribuição, que já deveria estar em rede subterrânea e blindada. No Condomínio Portais de Cambinhas faltou luz das 19h de quinta até as 15h de sábado, e teve gente que se hospedou em hotéis da região onde havia energia. O presidente da Soprecam, Stuessel Amora, disse que muitos já pensam em comprar geradores.

Na Rua Vital Brazil Filho, faltou luz das 10h de quinta até as 6h de sábado, reclamou um médico depois de subir 19 andares para chegar em casa. Na Comendador Queiroz, o problema se repetiu, e, em Maricá, um morador da Ponte Preta, há três dias no breu, soube na agência da Ampla que o carro da emergência estava quebrado. O diretor de Políticas Sindicais do Sindicato dos Eletricistas de Niterói, Marcos Gomes, com a experiência de anos como eletricista de campo, está preocupado porque, hoje, a Ampla precisaria de 30 equipes com pessoal capacitado e caminhões para atender Niterói, mas tem somente oito. Quando falta luz, depois de horas, aparece um Fiat Uno com uma escada em cima, o funcionário olha e diz que virá uma equipe mais tarde para resolver o problema. Os primeiros só solucionam problemas de pequeno porte. A Ampla pulverizou a mão de obra em 31 empresas terceirizadas, para reduzir a folha de pagamentos de eletricistas, leituristas e pessoal de escritório. Desse jeito, Gomes acredita que, com o aumento da temperatura e a sobrecarga das festas de fim de ano, ou chuvas fortes, um blecaute é iminente.

Água opaca

A publicação da Taxa Referencial de Água, autorizada pela prefeitura, por meio da Emusa, à concessionária Águas de Niterói, feita sempre sem destaque algum em Diário Oficial, já foi criticada pelo então vereador opositor Waldeck Carneiro (PT). Em março de 2012, ele apresentou o projeto de lei nº 36, para obrigar a empresa a informar a seus consumidores as tarifas praticadas pelo sistema progressivo por quantidade consumida.

### Transparência vetada

Em 11 de janeiro, o prefeito Rodrigo Neves vetou o projeto de Waldeck, alegando inconstitucionalidade, pois é da “competência legislativa da União (...) o direito civil e comercial” e “também porque é vedada iniciativa parlamentar de projeto de lei que implique aumento de despesa”. A concessionária gastaria mais para informar melhor aos consumidores?

### Tarifa oito vezes maior

O fato é que a Tarifa Referencial de Água, fixada em R\$ 2,2171, vale apenas para residências que gastem até 15 metros cúbicos por mês. Prédios com consumo acima de 60 mil litros mensais pagarão, este mês, R\$ 17,037 pelo metro cúbico, ou seja, oito vezes mais do que o mínimo.

### Vale o hidrômetro

No caso dos condomínios em que há um hidrômetro só, o STJ já julgou ilícita a cobrança da tarifa mínima multiplicada pelo número de unidades do prédio.

### Estranho no ninho

Secretário do PMDB se queixou ao ministro Moreira Franco e ao partido de que, apesar de compor o governo petista em Niterói, a assessoria de imprensa da prefeitura não tem dado cobertura às suas ações.

### Justiça a pé

Os procuradores da República e os juízes do TRT foram despejados do estacionamento que funcionava há anos na Amaral Peixoto, para dar lugar à ciclovia. O diretor do Fórum Trabalhista, Jorge Ramos, reclama que a prefeitura só avisou na sexta-feira, por meio de ofício, que estava proibido estacionar na porta do Fórum a partir de segunda, sem dar um tempo ou opção aos oito juízes titulares, quatro substitutos e três procuradores do trabalho.

### Fardo pesado

Os juízes trabalhistas não usam carros oficiais nem motoristas, suas audiências não podem atrasar, e muitos moram no Rio. “Ficamos sem local para estacionar, apesar de todos saberem que levamos e trazemos inúmeros processos para estudar em casa, uma carga pesada que precisa ser carregada em carrinhos”, disse Jorge Ramos.

### Vestiram um santo...

Depois do protesto de entidades culturais, a Praça da República ganhou uma guaribada da prefeitura, mas o problema dos viciados em crack apenas mudou de lugar. Agora, eles se concentram na abandonada Praça do Rink, onde assaltam pedestres para manter o vício.

## 7 - Zona Franca

Fonte: O Globo - Impresso - Flip  
Autor: Ancelmo Gois  
Publicada em: 21/12/2013 às 22h00

O livro "Selva de pedra: a fortaleza noiada", sobre os bastidores do crack, de Preto Zé, presidente da Cufa, será lançado no dia 27.

A MRV Engenharia investiu em 2013 mais de R\$ 70 milhões em obras de infraestrutura e revitalização de espaços públicos nos 120 municípios onde atua na construção de imóveis econômicos.

A equipe Animasom fará oficinas de cupcakes, ecobags, entre outras, para crianças hospedadas no Copacabana Palace. "Meia Noite Cinderela" faz ensaios abertos ao público hoje no Teatro João Caetano.

Anna Gabriela Fuks será a próxima presidente da Sociedade Brasileira de Diabetes do Rio.

O advogado Marcelo Queiroz coordenará pós-graduação sobre Direito Militar e Humanitário. O blog Colher de Chá Noivas, de Manoela Cesar, ganha novo layout em 2014.

## 8 - A fogueteira

Fonte: O Globo - Impresso - Flip  
Autor: Ancelmo Gois  
Publicada em: 24/12/2013 às 22h00

Uma mulher e 43 homens. Junto com o sogro e o marido, a fogueteira Sarah Carvalho, de 25 anos, será a única mulher na equipe das

11 balsas responsáveis pelos 16 minutos de fogos do réveillon de Copacabana, promovido pela Riotur. Casas pintadas

O governo do Rio vai começar a pintar, amanhã, as casas da favela Santo Amaro, no Catete, que já foi um forte ponto de venda de crack. A ideia, segundo o secretário Rodrigo Bethlem, é melhorar a autoestima dos moradores.

O de baixo é meu!

Uma carioca deixou seu carro estacionado, sábado, na Av. Ataulfo de Paiva, no Leblon, próximo à Rua Venâncio Flores, onde há um canteiro de obras do metrô, e foi ao salão.

Quando voltou, viu uma imensa carreta, das obras do metrô, entrando no trecho e... batendo na traseira de seu carro. O motorista da carreta... sumiu. Mas, ainda bem!, a PM apareceu, e ela registrou a ocorrência.

Quanto quer pagar?

O Rio vai ganhar um shopping outlet, aquele onde as grifes vendem peças com desconto e que fazem sucesso nos EUA.

Será no Recreio, com capacidade para mais de 600 lojas. Vai se chamar Multi Espaço Carioca. Deve abrir no segundo semestre de 2014.

Cena carioca

Uma moça caminhava, na manhã de sexta passada, perto dos Arcos da Lapa, no Rio, quando um menor de rua anunciou um assalto:

- Me dá o celular, me dá o celular! A jovem olhou pro miúdo e:
- Não prefere um abraço, um suco?! E ele:
- Que mulher maluca!

Foi embora sem roubar nada.

## **9 - Motos na calçada**

Fonte: O Globo - Impresso - Flip  
Publicada em: 28/12/2013 às 22h00

A exemplo de cidades como Valência e Madri, na Espanha; Paris, na França; e Tessalônica, na Grécia, onde, nas calçadas com mais de três metros, é permitido estacionar motos, havendo inclusive vagas marcadas para elas, sugiro que Niterói permita essa prática, que, além de não atrapalhar os pedestres e ajudar os motociclistas, alivia o trânsito caótico de Niterói. Quanto às ciclovias, sugiro que sejam abolidas e removidas. Falta educação aos niteroienses, com risco aos que as utilizam.

José Antonio Maia Vinagre

Icaraí

Resposta

Com todo respeito à opinião do leitor Luciano Linhares Pires (15/12), não considero estupidez a proativa ação operacional do agente de trânsito que, ao usar o que a lei chama de sinal sonoro, permite inserir 50% do número de veículos que passam no tempo de abertura do sinal e minimiza retenções e engarrafamentos. Considero estupidez, como já presenciei, deixar um ser humano perder a vida num congestionamento, por falta de aceno ao atendimento médico, diante da inércia de agentes e autoridades no trânsito.

Paulo Afonso Cunha Presidente da NitTrans Alameda

Boa iniciativa, prefeito. A Alameda São Boaventura merece mesmo uma reforma. Mas não esqueça das transversais. De nada adianta a via principal ficar em bom estado se a população que mora no Fonseca não for beneficiada pelo mesmo investimento. As ruas próximas precisam de iluminação mais eficaz, melhoria nas calçadas e, ainda, menor tempo nos sinais que evitam um melhor escoamento de tráfego. A Zona Norte, que ajudou a te eleger, agradece.

Marcos Marques de Oliveira

Fonseca

Novo Centro

Moro perto da Praça São João, há mais de 40 anos, e é batata! Basta a chuva cair para a energia elétrica sumir. Não é possível que isso aconteça num dos lugares mais importantes da cidade. A fiação é antiga e uma bagunça, como todo mundo sabe. Eu não sou especialista em nada, mas acho que, se o projeto de revitalização que promete colocar a fiação subterrânea resolver esse e outros problemas, ele tem que ser feito logo. Além disso, não temos segurança, emprego, e o transporte é um horror. Está difícil!

Leonardo Silva

Centro

Velho Centro

Não adianta ordenar somente a Avenida Amaral Peixoto, pois o Rink e as ruas São Pedro e Coronel Gomes Machado receberam todos aqueles camelôs, sem tetos, mendigos, usuários de crack, enfim os mesmos desassistidos que estavam na Amaral Peixoto.

É hora de agir para retomar a normalidade dos logradouros citados. Brand Costa

São Francisco

Fonte: O Globo - Blogs  
Editoria: - Ancelmo Gois  
Publicada em: 31/12/2013 às 11h00

## 50 anos de Búzios

A princesa Lalla Hasnaa, irmã do Rei Mohammed VI, do Marrocos, está em Búzios. E só vai embora no dia 7. Por falar em Marrocos...

Faz 50 anos, dia 7, que um marroquino naturalizado brasileiro, Bob Zagury, desembarcou no Rio ao lado da namorada Brigitte Bardot.

Na época, a francesa era a mulher mais desejada do mundo. Aliás...

Búzios é antiga — consta que a praia de Caravelas tem este nome porque Américo Vespúcio teria aportado por lá em 1503. Mas a história do lugar pode ser contada antes e depois da chegada da atriz de “Deus criou a mulher”.

## Apagão no Nordeste

Hermes Chipp, diretor-geral do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS), contesta o consultor Adriano Pires que disse aqui que há risco iminente de apagão no Nordeste:

— Definitivamente não há risco de apagão na região. A hidrologia, tanto no Nordeste como no Sudeste, vem apresentando melhoria considerável e consequente recuperação do nível dos reservatórios das hidrelétricas.

## Brasil ganhou a Copa

O jornal britânico “Observer” debocha das expectativas da mídia na Inglaterra sobre a Copa no Brasil. Diz que há muita especulação sobre os preparativos e sobre estádios ruins, sob risco de não ficarem prontos a tempo.

Observa ainda que muitas reportagens apontam a possibilidade de a Inglaterra ganhar a Copa. E, conclui o “Observer” de forma implacável: “O Brasil estará pronto, e a Inglaterra não vai ganhar.”

No mais... Tomara.

## Ronaldo na jogatina

O brasileiro que passa as festas de fim de ano em Paris se depara com uma grande campanha na TV da PokerStars, a maior sala de pôquer on-line do mundo.

Nosso Ronaldo Fenômeno e o tenista espanhol Rafael Nadal, que, aliás, vem ao Rio em fevereiro, são as estrelas dos anúncios.

## Foi vingança

O voo JJ 8042, da TAM, saiu de Brasília para Miami anteontem, levando cerca de 200 brasileiros muito chateados com o aumento do imposto sobre o dólar.

No corredor do avião, um famoso advogado da capital federal brincou em voz alta: “Isso foi vingança do Zé Dirceu!”

Serra elétrica

No Buraco do Padre, passagem sob a linha férrea no subúrbio do Engenho Novo, no sábado passado, à noite, um bando de usuários de crack assustava os motoristas com... uma serra elétrica.

Meu Deus! Plano de Indio

Antonio Indio da Costa deixa quinta, dia 2, a Secretaria municipal de Esportes e Lazer do Rio.

Vice na chapa de Serra em 2010, ele resolveu agora ser candidato a governador pelo PSD de Kassab. Esqueceram de mim

A Praia dos Carneiros, em Pernambuco, bomba neste réveillon.

Estão lá as atrizes Mariana Ximenes e Camila Pitanga, além dos apresentadores Zeca Camargo e Marina Person.

A fonte não secou

O BNDES contestou informação publicada aqui que o banco atrasou desembolsos agora no final do ano. Em nota, o BNDES diz que não faltaram recursos e que o banco honrou todos os desembolsos de 2013. Inflação do verão

Nestes dias de sol forte e cidade cheia de turistas, o posto de gasolina Petrobras da Avenida Atlântica, em Copacabana, bem em frente à Praça do Lido, virou um grande estacionamento.

O preço é salgado: R\$ 30.

## **11 - Minha casa**

Fonte: O Globo - Impresso - Flip

Publicada em: 15/01/2014 às 22h00

Um dos programas icônicos do governo Dilma, o Minha Casa Minha Vida demonstra os equívocos de certas benesses praticadas pelo governo que no fim acarretarão enorme prejuízo público. O voluntarismo em simplesmente transferir moradores de áreas carentes

para residências novas, sem habilitá-los para viver sob a forma condominial, com as respectivas responsabilidades representadas pelos pagamentos das tarifas e dos serviços públicos, provocará o caos nessas comunidades. Antes de contemplar essas famílias com os benefícios de uma casa nova, as mesmas deveriam passar por um processo de aprendizagem para conviver numa nova situação, num exercício de cidadania e que evitaria conflitos. Sem a preparação adequada do solo, dificilmente conseguiremos boas colheitas.

Dirceu Luiz Natal

Rio

A reportagem sobre o estado deplorável dos apartamentos construídos pelo Minha Casa Minha Vida retrata a verdadeira face de grande parte da população brasileira. Pessoas que não possuem a menor noção de civilidade e dos limites individuais de cada um são reféns da política assistencialista que impera no Brasil, acumulando dívidas milionárias com a Light e com a Cedae. O que mais espanta é que, apesar das dívidas, o fornecimento não é cortado. Por que será?

Joel Almeida Rio Administradores

O uso do gerúndio é o traço indelével que une administradores públicos brasileiros, de qualquer nível ou natureza, ante fatos irrefutáveis, como água que falta nas torneiras por longo tempo; horrores em penitenciárias; deplorável estado de hospitais e postos de saúde; escolas, sobretudo no interior do país; recuperação tardia, ou nem iniciada, de áreas destruídas por tragédias ambientais, entre muitos exemplos. "Estamos providenciando...", "estamos estudando..." etc. é o que ouvimos e lemos. Estão sempre "correndo atrás". Claro está que confiam na falta de memória do eleitor, sobretudo daqueles a quem lhes é negada a necessária educação.

Paulo Frederico Soriano Dobbin

Rio

Cracolândia

Deixa ver se entendi: a prefeitura de São Paulo vai lá na cracolândia, pede por favor para o cidadão que fuma crack há 14 anos recolher os seus pertences e diz que ele vai morar em um hotel, ter um emprego e ganhar R\$ 15 por dia trabalhado, sem tratamento psicológico, remédios para abstenção nem tratamento médico apropriado. Então, acho que acontecerá o seguinte: se 300 dependentes aderirem ao programa (lembrem-se que só trabalharão quatro horas por dia), serão R\$ 4.500 circulando por dia nos hotéis, dando mais segurança e conforto para se drogarem. Simples assim.

Pedro Augusto Tavares Viçosa, MG Aposentados



Mais uma vez, o PT "presenteia" os aposentados que recebem acima do piso com um reajuste inferior ao índice de aumento do salário mínimo e da inflação. Não precisa ser economista para prever que futuramente todos os aposentados estarão recebendo apenas um salário. Esse nivelamento por baixo é um estelionato covarde contra quem contribuiu, por 30 anos ou mais, sobre valores atrelados ao salário mínimo, na expectativa de uma velhice com dignidade.

William Pereira dos Santos

Rio

A política perversa do PT de manter o reajuste dos salários dos aposentados que recebem acima do piso em 5,56%, abaixo do IPCA de 5,91%, demonstra que vem sendo usada a tática de dois pesos e duas medidas. O discurso de Lula antes de chegar ao poder era outro com relação a aposentados e pensionistas. Já eleito, mesmo tendo maioria no Congresso, não quis mudar as regras de reajuste. Em primeiro lugar, o direito de receber por aqueles que pagaram a mais para ter uma vida tranquila deveria ser respeitado, mas a cada ano a renda do cidadão vem sendo corroída, enquanto o Congresso fica de costas a essa parcela da população. Por que o STF não exige o mesmo peso e a mesma medida? Izabel Avallone

São Paulo, SP Universidades

O MEC descredenciou duas universidades, deixando vários alunos sem destino, professores e funcionários desempregados e prejuízo do comércio no entorno das mesmas, enfim, pessoas honestas que lutavam para um futuro melhor. Gostaria que no Brasil funcionasse um mesmo ministério com este rigor para combater a corrupção, para presos que mandam queimar pessoas, para políticos que não trabalham e apenas marcam o ponto, mas é apenas um sonho, pois no Brasil só honesto é penalizado. Que país é este?

Simone Coelho Aguiar

Rio

O presidente do grupo Galileo Educacional, Alex Porto, classificou o descredenciamento da UniverCidade e da Gama Filho uma arbitrariedade do MEC. Afirmou que o grupo tem ativo financeiro para saldar suas dívidas. Agiu como um comerciante que vendeu uma mercadoria, não entregou e não pagou os salários dos funcionários. Questionado, diz que tem dinheiro para pagar. Em nenhum momento fez referência aos prejuízos causados à educação, aos 12 mil alunos que pagaram as mensalidades e estão sem aulas, e aos 1.600 professores e 3.000 funcionários que não recebem seus salários desde outubro/13. Este é o retrato de muitas unidades de ensino particular no Brasil: só estão preocupados com os lucros.

Arnaldo dos Santos Silva Junior

Rio

Mais uma pérola do MEC: após descredenciar duas universidades do Rio, convoca as faculdades da cidade a receberem os seus 12 mil alunos, como se o problema não lhe pertencesse. Não estranha, porém, esta irresponsabilidade, pois a educação no Brasil, vítima desta nefasta dança das cadeiras, está à deriva e agoniza, de há muito. Tanto que o atual ministro já se prepara para ocupar a Casa Civil, largando o abacaxi para o(a) próximo(a). Está na hora de o MEC dizer a que veio neste governo e responder pela eficiência da educação no Brasil.

Maria Lúcia de Souza Gutierrez

Rio

Pedágios

As aéreas não cumprem os acordos. As concessionárias de telefonia e banda larga e as de energia elétrica, também não, o que é pior. Ninguém cumpre nada neste país. Um juiz suspendeu a cobrança de pedágio na BR-101 em Campos (RJ). Em sua sentença, entre outras coisas, diz que a empresa não está cumprindo seus objetivos, os acidentes aumentaram, não há segurança. As rodovias privatizadas estão piores do que antes e pagamos um pedágio caro. O país está parecendo uma Torre de Babel. Cada um faz o que quer.

Panayotis Poulis

Rio

Gostaria que também fosse revista a cobrança de pedágio da BR-465, ligando a Via Dutra a Campo Grande. Ela não tem condições de tráfego, por causa de buracos e de lombadas, mas tem radares, um custo desnecessário, pois devido aos buracos os equipamentos não multam ninguém.

Helio F. Domingos

Rio

Exemplar a liminar concedida pelo juiz da 1ª Vara Cível de Campos, suspendendo a cobrança em duas praças de pedágio da BR-101, no trecho que corta Campos, no Norte Fluminense, por inadimplência contratual da concessionária. Nem tudo está perdido!

Venâncio Costa Pauseiro

Niterói, RJ

'Rolezinho'

Os movimentos realizados em algumas cidades no ano passado foram de certa forma elogiados como uma onda de protestos. E teve até afirmações colocando o fato como uma onda nacional, avaliação estapafúrdia. A moda agora são os "rolezinhos", que preocupam os shoppings de alguns estados. Que já pensam buscar ações conjuntas para barrar a ação dessa "molecada". Por que não colocar a discussão de propostas de projetos culturais e esportivos, por exemplo, para que eles sejam direcionados a fazer coisas que sejam produtivas? A repressão não é solução, por certo.

Uriel Villas Boas

Santos, SP

Não existe lugar mais democrático do que shopping. Pessoas de todas as classes sociais entram. E os mais humildes lotam os shoppings, onde passeiam com namoradas(os), num programa seguro. Agora, o que esse grupo de "rolezinho" deseja é o mesmo que os black blocs: confusão para roubar, o nome deveria ser "roubozinho" e não "rolezinho".

Marcos Ferreira

Rio

O PT tanto insistiu na necessidade de se reparar os danos causados a negros e pardos pelos anos de escravidão e por terem sido eles, após a abolição, inseridos na camada mais carente da população que agora as pessoas temem usar medidas repressoras contra manifestações de pessoas da periferia. As leis devem ser cumpridas por todos: brancos, negros, pardos, amarelos ou a mistura de tudo isso. Não se justifica que, mesmo sendo uma brincadeira (de mau gosto), se permita criar, através de correria e gritaria, insegurança para os frequentadores dos shoppings e prejuízo para os donos de lojas.

Mariúza Peralva

Niterói, RJ

O preconceito que norteia a sociedade capitalista é abjeto e desumano. Pelo visto, indivíduo rico frequentando shopping é consumidor; pobre é maloqueiro vadio. Os juízes parecem se esquecer de que um dos fundamentos da República Federativa do Brasil é "a dignidade da pessoa humana". E tal dignidade não deixa de prevalecer nessa "ilha" fantasiosa e excludente chamada shopping center.

Túllio Marco Soares Carvalho

Belo Horizonte, MG Ônibus Fui acordado, de madrugada, por vários SMS perguntando-me a opinião sobre o serviço de ônibus do Estado do Rio. Uma inconveniente ilegalidade. Mas, já que querem a minha opinião: não sei como têm coragem de perguntar isto aos usuários. O serviço está entre os piores do mundo, só comparável aos dos países centrais africanos.

Ricardo Müller

Rio

Motoristas de ônibus dirigem em alta velocidade e fazem o que bem entendem. Minha esposa estava parada num sinal quando um deles iniciou a marcha, amassando todo o lado do seu carro. E ainda gritou: "Vai para o seguro!" A bagunça aumentou com a decisão de eliminarem a presença da polícia em acidentes de trânsito em que não haja vítimas, transformando o trânsito num faroeste, em que os vilões são os ônibus. Não falta muito para os "mocinhos" que andam de carros criarem os "vigilantes" para se protegerem dessa horda.

Luciano Costa

Rio

Táxis do Rio

Os táxis da Novo Rio Coop, na Rodoviária, já antecipam como será a Copa. A corrida para o Humaitá, que custava R\$ 22 em novembro, agora está em R\$ 30, incluindo um "frete" de R\$ 4. Cartões de crédito não são mais aceitos, embora constem como aceitos no letreiro do balcão e no boleto impresso! O pagamento agora é feito diretamente ao motorista, que, é claro, pode discordar do valor. A outra opção é o táxi especial, que cobra R\$ 50 pelo mesmo percurso! O dobro da passagem Rio x Teresópolis! A SMTR serve para quê, mesmo?

Michel Guimaraes Chedid

Rio

Metrô

Sobre a carta do leitor Luciano Hardman Bezerra (14/1), o MetrôRio informa que mantém seus 233 equipamentos de acessibilidade em funcionamento e manutenção constante. Também esclarece que não retirou os bancos da plataforma de embarque e que, em relação à limpeza dos trens, as equipes de conservação estão sendo reforçadas para atender ao aumento da demanda nos fins de semana.

Andréa Rosa

Assessora de Imprensa do MetrôRio

## **12 - Lan é folia certa**

Fonte: O Globo - Impresso - Flip

Autor: Ancelmo Gois

Publicada em: 23/01/2014 às 22h00

Lan é folia certa

Lan, 88 anos, o grande cartunista e enredo da Renascer este ano, fez dois desenhos para decorar as latas de cerveja Antarctica, veja uma delas ao lado. No carnaval passado, lembra?, as artes eram de Ziraldo, e, na época de São João, do xilogravurista pernambucano J. Borges.

As novas latas, de 350ml e 473ml, começam a circular dia 5.

As duas faces

Este Ademir Treichel, acusado de receber R\$ 3 mil de propina por semana da Santa Casa, quando comandava a Coordenadoria Cemiterial da prefeitura carioca, de 2001 a 2010, é também coordenador do Rio Acolhedor.

É um abrigo, mantido pela prefeitura, em Paciência, para usuários de crack.

A turma da motoca

Em tempos de calor escaldante no Rio, donos de motocicletas Harley-Davidson resolveram inovar. Neste verão, vão substituir os encontros em bares, com as motocas por todos os lados, por passeios noturnos.

Os "trens", como são chamados os comboios, sairão toda noite de sexta.

Tem vaga

Reciclaplast, que produz materiais plásticos reciclados, vai abrir uma fábrica no Distrito Industrial de Queimados, na Baixada Fluminense.

O investimento será de R\$ 3,5 milhões, e a unidade vai gerar 130 postos de trabalho.

Alô, Procon!

Veja que situação. Um casal foi, por volta das 16h de ontem, ao Motel Panda, em Botafogo, Zona Sul do Rio. Ocupou o quarto 116, ao custo de R\$ 200.

Só que o clima esfriou rapidinho. Os dois deram de cara com uma camisinha... usada, em cima da cama.

### **13 - Um ermitão na Folia**

Simpatia desfila com samba cuja primeira parte é de Aldir Blanc e a segunda será escolhida em concurso

Fonte: O Globo

Editoria: Carnaval

Publicada em: 25/01/2014 às 04h00

No embalo

Cesar Tartaglia cesar.tartaglia@oglobo.com.br

Um ermitão na Folia Simpatia desfila com samba cuja primeira parte é de Aldir Blanc e a segunda será escolhida em concurso

Aldir Blanc é um assumido eremita, mas, mesmo sem praticamente sair de sua querida Garibaldi, na Tijuca, tem seu nome indelevelmente ligado ao carnaval de rua do Rio. Foi de sua galeria de gaiatos personagens que saiu o batismo de um dos mais bem sucedidos blocos carioca, o Simpatia é Quase Amor, que nasceu na década de 80, no rastro da campanha pelas Diretas Já. Aldir não desfila, mas a ligação afetiva com a agremiação vai além do batizado. De uma conversa entre ele e o amigo Ary Miranda, médico como o ermitão da Tijuca e prócer do Simpatia, surgiu a fórmula que dá o tom para o desfile deste ano: Ary sacou do fundo do baú a primeira parte de uma composição que Aldir fez trinta anos atrás, e propôs que a música fosse a primeira parte do samba de 2014. A segunda parte está sendo burilada num concurso entre compositores-foliões que movimenta o blocão de Ipanema. Alguns versos do samba original de Aldir tiveram de ser adaptados, mas pouca coisa: a essência do grande poeta, do primeiro time (que aliás, em seu caso, é Vasco) do país, está toda na letra.

--

Carol Sant'Anna tem o carnaval no DNA: é neta de Edson Sant'Anna, o mais famoso dos Reis Momo do Rio. Cantora (foi finalista do último concurso de novos talentos do Carioca da Gema) e foliona, cresceu no Méier entre baterias e blocos cariocas. Tudo somado, resulta numa inquebrantável paixão pela Mangueira, em cuja bateria ela dá expediente, com duplo louvor.

--

Rainha eclética

No futebol, cartolas mais atrapalham que ajudam. Já para a turma do Puxa Que é Peruca, a diretora Luciana Miragaya é mão na roda: no caçula dos blocos cariocas ela também cansa a beleza como rainha de bateria, compositora, promoter... O Peruca sai dia 15, mas os apressadinhos podem conferir o ecletismo de Lu amanhã, na feijoada do bloco no Clube do Boqueirão

--

Musa, cineasta e símbolo

Está em fase final, nos ajustes, o documentário "Enquanto ela gira eu bailo", de Ana Paula Nogueira, que acumula postos: símbolo do movimento pela liberação do top less nas praias do Rio, ela também é musa da Banda da Rua do Mercado. No filme, Ana Paula mostra, entre trajetórias de outros pés-de-valsas, a do mestre-sala Peninha,

um mito do carnaval carioca, que se tornou morador de rua e foi alcançado pelo flagelo do crack.

#### Natal no carnaval

Nos anos 60 e 70, o Bar Natal, em Niterói, tornou-se um refúgio, espécie de Smolny, para a turma do movimento estudantil da UFF. Desaparecido, o buteco renasce este ano, qual fênix, no enredo do bloco Pauta Quente, com samba de ninguém menos que Zé Katimba.

#### Mão na roda

Além de informações sobre a escola, um aplicativo da Beija-Flor para celulares inclui um organograma que ajuda a entender o desfile. Salvação para quem — ou seja, 99% do distinto público — não consegue distinguir na avenida entre furdunço e enredo, qualquer que seja a agremiação.

--

#### Samba feito só pra ti

A rainha de bateria da União da Ilha, Bruna Bruno, não é só uma das poucas que consegue dar sentido ao posto. Ela também poderia, se quisesse, botar banca: este ano, a moça ganhou um samba só para ela, executado nos ensaios da escola para anunciar suas triunfais entradas em cena.

#### Quase um desfalque

Nelson Sargento, presidente de honra da Mangueira, esteve por um fio para desfalcar o desfile da verde e rosa. Vítima do calçamento irregular e destrutado de Copacabana, bairro onde mora, ele machucou-se feio num tombo. O sambista está em franca recuperação, mas uma arara com a prefeitura.

## 14 - Superstição

Acho que 'O som ao redor' é um filme superior a 'A grande beleza'. Mas só sei que, se ele fosse reconhecido na realidade do mainstream do cinema mundial (Oscar etc.), algo do que sonho estaria pondo a cabeça de fora

Fonte: O Globo

Editoria: Cultura

Publicada em: 25/01/2014 às 13h00

Caetano Veloso

O colunista escreve aos domingos

Superstição Acho que 'O som ao redor' é um filme superior a 'A grande beleza'. Mas só sei que, se ele fosse reconhecido na realidade do mainstream do cinema mundial (Oscar etc.), algo do que sonho estaria pondo a cabeça de fora

Vi “A grande beleza” numa “sala de arte” da Universidade Federal da Bahia e fiquei quase o tempo todo emocionado com as imagens de Roma e a língua italiana ecoando no cinema. Era como retomar a minha vida. Eu vi “La dolce vita” umas dez vezes no cine Tupy, na Baixa do Sapateiro, quando eu mal tinha me mudado de Santo Amaro para Salvador. Anos depois, ouvindo de Bernardo Bertolucci, em Londres, que a língua italiana não era apropriada para o cinema, reagi quase indignado: ouvir pessoas falando italiano num filme fazia com que as imagens ficassem visualmente mais bonitas e o ritmo de seu fluxo mais interessante. Hoje encontro vários jovens para quem as imagens e situações cinematográficas perdem todo o sentido se não vêm acompanhadas da língua inglesa. Eu próprio às vezes me surpreendi estranhando sequências fílmicas só porque os atores falavam russo ou parse. Mesmo o francês e o italiano, tão frequentes nos filmes que vi em minha juventude, já chegaram, em tempos mais recentes, a retirar a credibilidade das histórias que as imagens tentavam contar. Às vezes, diante da TV ligada no Telecine Cult, me vi estranhando cenas só por não serem acompanhadas dos sons da língua dos cinco olhos. Quase me identifiquei com o americano médio, que não consegue ver filmes legendados. E agora quase digo que é felizmente que, embora fale inglês, não acho fácil entender o inglês falado. Vi filmes franceses

e italianos (além, é claro, de russos, gregos, turcos, iranianos, chineses, coreanos e japoneses — além de pelo menos um tailandês) nos últimos anos. Mas a frequência (e a competência em manter fórmulas eficientes) do cinema de Hollywood tem dominado tanto que sempre foi com algum estranhamento que os absorvi.

“A grande beleza” me trouxe de volta ao prazer imediato do filme falado em italiano. Me lembro de amar as falas nos filmes de Fellini, mesmo dubladas (há uma cena em “O cinema falado” na qual faço Dedé dizer que aquilo é “tudo fora de sinc, mas tem magia”, algo assim). A semelhança buscada e conseguida por Paolo Sorrentino com o mundo felliniano (freiras onipresentes, cardeais mundanos que frustram expectativas de orientação espiritual do protagonista, santos grotescos mas reais e festas de aristocratas e burgueses entediados) proporcionou uma verdadeira atualização da experiência de assistir a um novo filme de Fellini, mantendo toda a atmosfera daqueles que o mestre criou a partir dos anos 1950 do século passado, só que com smart- phones, Instagram e música eletrônica. Talvez eu não tenha conseguido gostar da fala final do protagonista, mas o tom de comédia melancólica, de farsa amarga, e a cor das paredes de Roma me trouxeram de volta ao encantamento de seguir diálogos em italiano com todo o coração.

E é mais do que significativo que isso me tenha acontecido estando eu na Bahia.

Meus 18 anos. Um futuro para além de Hollywood e dos então apenas intuídos cinco olhos (eis um tema atual que me obsessiona). Um eco do neorealismo visto em



Santo Amaro. Um amor intenso pela imagem em movimento embalada pelos sons. Não se pode imaginar o quanto sentir renascer tudo isso em mim é importante. Salvador parece que foi destruída. Prédios feios e crack. Violência e vulgaridade. Mas não: ouvi as palavras italianas com sotaque napolitano e romano adornando imagens misteriosas e a esperança se renovou. O filme parece aquele gafanhoto verde que pousou em mim no carnaval de 1972, quando voltei do exílio — e que tanto desgostou Roberto Schwarz. Sou incapaz de perceber como kitsch o episódio de “Verdade tropical”. E a visão do filme de Sorrentino me apareceu como um momento semelhante àquele. O que espero? O que quero com tudo isso? Com tantas canções feitas às pressas

— exatamente como nosso grande mestre Dorival Caymmi desaconselhava que se fizesse — e tanto pensamento desorganizado? O que quero dizer? O que as forças que me interessam serão capazes de fazer surgir no mundo? Quão ridícula é minha superstição?

Acho que “O som ao redor” é um filme superior a “A grande beleza”. Mas só sei que, se ele fosse reconhecido na realidade do mainstream do cinema mundial (Oscar etc.), algo do que sonho estaria pondo a cabeça de fora. E só continuo sonhando assim porque vejo gafanhotos e um filme como “A grande beleza” em plena Bahia. Um dia desses, vou me sentar, parar para pensar e escrever longamente sobre o que está por trás do que estou querendo dizer aqui. Tenho que ter muita paciência comigo mesmo (sem falar nos malucos que escrevem na internet). Ter visto esse filme aqui agora (apesar do ar-condicionado criminoso) me leva até este estágio.

## **15 - Fala,Zona Sul!**

Fonte: O Globo - Impresso – Flip  
Publicada em: 29/01/2014 às 22h00

a falta que o parcão faz

Gostaria de saber se algum parcão será instalado no Leblon. Já tivemos dois parcões, que, infelizmente, perdemos.

Não me importa a localização, mas acho importantíssimo a instalação imediata de algum lugar para os cachorros interagirem. Parques de cachorro estão presentes em diversas cidades desenvolvidas do mundo, e certamente trazem benefícios para o entorno.

Sheina Tabak

novo ponto de crack

Há um acampamento de usuários de crack se formando embaixo das grandes árvores do Largo do Machado, próximo à igreja. Coincidência ou não, os crimes aumentaram muito naquela área nas últimas semanas. Volta e meia

Assistimos a crianças entorpecidas fazendo e acontecendo por lá. Triste. E nem adianta reclamar. Nada de autoridades pensando em problemas que não sejam Copa e Olimpíadas...

Márcio Silva

## **16 - Ponte democrata carlos marighella?**

Fonte: O Globo - Impresso - Flip

Autor: Carlos Andreazza

Publicada em: 10/02/2014 às 22h00

Neste país, decerto como consequência do bem-sucedido projeto brasileiro de deseducação, só se pensa e age em manada, em bando, em patrulha, de modo que não há jeito - a menor chance - de se reconhecer e valorizar, por exemplo, um mérito pontual do regime militar de 1964 sem ser logo chamado de ditador, quando não de torturador.

Trinta anos passados, três décadas de proscricção, de degredo, de petrificação dos malditos, tempo em que o simples referir-se aos militares - que não nos piores termos - significou adesão imediata e incondicional ao que ocorria nos porões. Reconhecer a importância da infraestrutura - a única que temos ainda hoje, diga-se - erigida naquele período? Ora, experimente... Comente, com base nos fatos, que o Brasil depende hoje de obras públicas - de portos, de estradas etc. - construídas pelo regime militar e torne-se de súbito partidário e defensor, signatário do AI-5; um golpista!

Se é que a teve um dia, este país terá de todo perdido a mão para o que seja reflexão, equilíbrio e ponderação; mas não sem estender a outra, ato contínuo, ao ridículo.

Ah, o ridículo!

Outro dia mesmo, enquanto atravessava a Rio-Niterói, peguei-me a perguntar: quanto faltará até que um desses lavadeiros da verdade proponha mudar o nome oficial, Presidente Costa e Silva, da ponte? Era questão de tempo - sempre soube. Intuí, contudo, que a hora se acelerava, pois a tinturaria da história tivera gestão mais eficiente nos últimos anos; ademais, acercávamo-nos dos 50 anos do golpe. Era questão de pouco tempo. E, batata!, tinha poucas dúvidas de que a iniciativa partiria de um dos copidesques do Ministério Público, desocupado progressivamente desde o fim da ditadura e finalmente inútil - tornado sem propósito - com a assunção redentora do povo oprimido ao poder, instante em que, no Brasil, como sabido, nada mais houve a ser investigado, denunciado, enfrentado.

Afinal, bicheiros, traficantes, mensaleiros, milicianos e assassinos de mais de 50 mil brasileiros por ano - tudo isso é passado, vencido, superado, miragens que só possuem materialidade na percepção histórica da classe média manipulada, claro,

pela mídia golpista. O perigo - apontam os diligentes revisores do Ministério Público - está nos monumentos, nas placas das ruas, avenidas e estradas, nas fachadas de escolas do interior, em qualquer poste que leve o nome de um militar de 1964, de um ditador daquele período proibido.

Mas, atenção!, só daquele - apenas daquele intervalo desgraçado entre 1964 e 1985. No Brasil, também se é seletivo com tiranos. Porque há, tão fofos, os nossos ditadores de estimação. (E não falo nem do amor pátrio por assassinos estrangeiros - e em atividade - como Fidel Castro). Ou não teremos aí o nosso querido Getúlio Vargas, brasileiríssimo, o "pai dos pobres", homem cruel, vil, perseguidor, golpista, torturador, no entanto a nomear de goleiro a fundação, passando por uma das mais importantes vias urbanas do país?

Eis que, então, aos 50 anos redondos do golpe militar somam-se os 40 de uma das obras públicas mais importantes não só daquele período como, sem dúvida, da história do país. Palco perfeito - cenário iluminado, holofotes todos direcionados - para os justiceiros que não perdem oportunidade de aparecer. E como são bons, generosos na construção do passado que melhor lhes convém.

Ponte Presidente Costa e Silva? Não! Nem pensar! Não se pode deixar uma placa velha, escondida, enferrujada e ignorada sob uma fundação carcomida qualquer - que efeito, que impacto negativo terá sobre as crianças, sobre as novas gerações? (Decerto muito pior que o do crack, cujo consumo por menores, como sabido, já foi perfeitamente controlado). Não pode. Não mesmo. Um absurdo! Uma afronta! Tem de mudar. Alude ao golpe, afinal, ao arbítrio, à tortura; perpetua um passado que se quer apagar, que se fez interdito, e de que não se pode tratar senão com o implacável esfregão seletivo.

A esses revisores da história - tapados pela mistificação, obstruídos pela doutrina do justicamento da memória, cegos aos fatos - não ocorre examinar, portanto, que sem este homem, sem Artur da Costa e Silva, não haveria a ponte, tão simples quanto isso, não como a conhecemos hoje, e que ali, pois, não se homenageia a ditadura, o arbítrio, a tortura, mas um indivíduo que, apesar de muitos e tantos erros, acertou, não fossem várias as vezes, ao menos uma.

Acertou em bancar, em viabilizar, em sustentar a construção de uma obra que, embora sonhada e ansiada por mais de século, imperador, ditador ou democrata nenhum antes lograra encarar - obra que se tornaria elemento decisivo à integração física não só do Rio, mas do Brasil, marco incontornável da engenharia nacional; obra que ele próprio não veria pronta, morto bem antes; obra, a Ponte Rio-Niterói, que sequer é conhecida pelo nome oficial, mas que o homenageia porque simplesmente não poderia ser de outra maneira.

Celebremos e fortaleçamos a democracia, mas sem jamais nos esquecermos de que o autoritarismo não é exclusividade das ditaduras. E que, portanto, ao apoiar este processo de apagamento seletivo da história, de aniquilamento dos bons feitos

alheios, os Fernando henriques da vida não se pensem livres do mesmo destino. Também é questão de tempo.

## **17 - Em prol da democracia**

Fonte: O Globo - Impresso - Flip  
Publicada em: 11/02/2014 às 22h00

Desde junho de 2013, quando começaram as manifestações, o quadro de que uma tragédia poderia acontecer era latente. Mas como tudo aqui segue o jargão "casa arrombada, tranca de ferro", foi preciso que o assassinato de um cinegrafista em serviço mostrasse à sociedade que um grupo de mascarados - como esses black blocs, que atuam no anonimato com o intuito de causar tumulto - deve ser reprimido e até impedido de participar de manifestações. Enquanto a sociedade não se conscientizar que democracia não pode ser confundida com libertinagem, tragédias como essa continuarão a ocorrer. Por isso, espero que este triste episódio leve a todos a uma reflexão de que esta conscientização passa pelo apoio ao trabalho das forças policiais pela neutralização de vândalos deste tipo.

Paulo Rinaldo Fonseca Franco

Rio

Esta geração degenerada não está pegando em armas, está matando e exercitando o protesto anárquico. Serão esses os nossos líderes no futuro? Que protesto é esse, movido a covardia. Por quê? Para quê? Levar aquele petardo que matou Santiago Andrade, trabalhando! Esses dois moleques precisam carregar pelo resto das suas vidas miseráveis esse estigma de que foram responsáveis por uma morte. Querendo aparecer para quem quer que seja, extrapolaram, superaram tudo em termos de violência. Tomara que, após o impacto da morte, os "meninos levados" permaneçam presos e caiam no ostracismo.

Tânia Maria Goulart dos Santos

Rio

Os black blocs estão aí para impedir a união da sociedade em prol de causas legítimas. Evidente que estes meninos não estão sozinhos. Não à toa, exibem um discurso orquestrado, muito familiar, de campanha. A infiltração tem raízes mais profundas, e elas são, com certeza, de cunho político-partidário.

Ricardo C. Siqueira

Niterói, RJ

O verdadeiro ovo da serpente está começando a gorar. Os órgãos de inteligência do estado, do município e da Federação precisam descobrir quem integra essa facção

de black bloc. Quem a financia? A quem interessa sua atuação? De quem recebe orientação? A sociedade precisa saber seus verdadeiros objetivos e que organização é essa, que tem no seu meio vários advogados sempre a postos para defender os vândalos infiltrados em manifestações. Que a morte do cinegrafista não seja em vão.

Albano da Silva Soares Filho

Rio

No momento em que se discute a intenção ou não de se ferir alguém com um rojão, vamos prestar atenção à posição em que foi colocado o artefato: ao pé da árvore e quanto próximo estava de Santiago Andrade, o cinegrafista atingido. Pelo que pude observar nas fotos, o rapaz colocou o rojão virado para a esquerda, onde o cinegrafista estava de costas.

Cecilia Maria Segal Miranda

Rio

É inadmissível que se chame de ativista essa turma de black blocs. Ativista não faz arruaça, baderna, depreda patrimônio público e privada e jamais assassina alguém. Eles são terroristas, criminosos e precisam e devem ser tratados dessa forma. Foi preciso uma morte injusta e covarde para que o Brasil acordasse e se impusesse contra essa turma fajuta e macabra. Poderia ter sido um brasileiro exercendo o seu direito de ir e vir. Nenhuma democracia se esconde atrás de uma morte.

Teresa Abreu de Almeida

Rio

Este é mesmo o país da contradição. Enquanto o cinegrafista morre, o deputado está preocupado se o criminoso pode ser torturado na cadeia; a ativista visita o preso, disponibilizando um exército de advogados para obter logo um habeas corpus. Será que por algum momento se preocupou em dar um telefonema para a família da vítima? Pedir desculpas? Certamente que não. Os menores infratores vão continuar assaltando, matando, estuprando e, se forem tocados, terão uma legião para defendê-los. São vítimas do sistema, dirão. Imagino o que seria do planeta se todos os que não tiveram a mesma oportunidade dos ricos resolvessem partir para o mundo do crime. Acabaria a Humanidade!

Angelo Bruno Hoertel Negri

Rio

A mão que acendeu o rojão que vitimou o cinegrafista Santiago Andrade escondia muito mais do que o rosto coberto por uma máscara, pois personagens ocultos existem nesse lamentável fato. Ficou claro que o alvo não era o cinegrafista, mas as forças policiais, sendo, portanto, um ataque ao Estado. A quem interessa o caos

urbano e social? Quem financia esses grupos? Por que razão um político ligado aos direitos humanos oferece apoio, através de um escritório de advocacia, a um dos autores de tal barbárie? Não é esse mesmo político que acusa policiais de truculência e sempre pede a abertura de CPIs?

Joel Almeida

Rio

Os vândalos tanto fizeram que conseguiram o que queriam: matar alguém. Isso é o que chamamos de morte anunciada. E o pior: nossas autoridades só na falação, reunião com o ministro da Justiça, e nada se resolve? E aí a presidente diz que sente muito? Mas não mexe um dedo para endurecer essas leis e acabar com tanta violência e vandalismo. Que associações e jornalistas se mexam antes que mais alguém morra. Uma vergonha e uma lástima! Estamos num beco sem saída, pois só se fala, e nada mais.

Alice Baruk São Paulo, SP

Mensalão mineiro

Difícil dizer qual o sentimento real em torno do sr. Eduardo Azeredo, que um dia foi governador de Minas Gerais. Seria pena, comiseração ou apenas um misto de tristeza e dó? A cada dia, os brasileiros em geral e os mineiros, em particular, olham abismados para ele e se questionam como é possível ter chegado a ocupar, democraticamente, cargos políticos importantes. E que hoje destroça dia a dia sua imagem. Sequer sabe mentir. Seus cúmplices o abandonaram e ele segue sozinho e abandonado, nau sem rumo, em direção ao fracasso absoluto. Chega a doer o fracasso político e humano deste homem, que chegou a delirar com a Presidência da República.

Robinson Damasceno dos Reis

Belo Horizonte, MG

Estamos bem longe de ver o país passado a limpo. No entanto, tal qual as manifestações das ruas e a imprensa, boa parte da Justiça vem fazendo seu dever de casa. Como a Procuradoria-Geral da República, que não dá trégua ao mensalão, seja de que partido for. Isto pode ser comprovado com a prisão e as altas multas impostas aos mensaleiros petistas e, agora, igual tratamento aos do PSDB, como a Eduardo Azeredo, que pode ser condenado a 22 anos de prisão por peculato e lavagem de dinheiro. A história de perdoar ladrão que rouba ladrão já era e deve ser apenas adágio popular.

João Direnna

Quissamã, RJ

Carimbado ou não com nome de mensalão, o que interessa para a sociedade é que o STF continue julgando, como tem feito e de forma implacável, quando a denúncia recai sobre um servidor público, eleito ou não pelo povo, e indiciando-o como protagonista de desvio de recursos públicos. E o deputado federal pelo PSDB Eduardo Azeredo, bola da vez, deve ser julgado finalmente este ano, já que o dito mensalão mineiro, em que está metido, ocorreu em 1998, quando tentava sua reeleição ao governo de Minas. O ex-governador, talvez tentando tirar o seu da reta, diz que é tão inocente neste episódio quanto Lula com o mensalão do PT. Essa afirmação do hoje deputado é uma grande farsa, e ele sabe muito bem disso!

Paulo Panossian São Carlos, SP Ponte 40 anos

Por iniciativa do MPF, pretende-se retirar o nome de Costa e Silva da Ponte Rio-Niterói, homenagem a um dos presidentes durante o regime militar. Seja qual for o nome que se queira dar a essa grande obra da engenharia nacional, ela será sempre citada como Ponte Rio-Niterói. Exemplo maior fica por conta do Estádio Mário Filho, batizado e consagrado pela população carioca, e mesmo brasileira, como Maracanã, mas, oficialmente, permanece a homenagem ao finado cronista esportivo.

Wandir Pinto Bandeira

Belo Horizonte, MG

Os militares construíram a Ponte Presidente Costa e Silva, a Rio-Niterói. Construíram Itaipu, estradas como a Transamazônica, construíram a democracia em que vivemos. Erraram e tiveram acertos. Outros nada fazem. Criam pibinhos e mensalões, estradas esburacadas e apagões, mas querem destruir o que está feito, como se põe abaixo um simples viaduto. Como é fácil destruir! Como é fácil apagar o nome de quem fez algo duradouro! Como vamos chamar agora a Ponte, que acaba de completar 40 anos? Ponte dos Mensaleiros?

Paulo Affonso da Rocha

Rio

Já que o MPF vai entrar com ação sugerindo a troca de nome da Ponte Presidente Costa e Silva, sugiro que entre, também, solicitando a troca do nome da Avenida Presidente Vargas.

Gilson Carlos de Souza Martins

Rio

Em passado recente, golpes de estado muito parecidos, típicos de republiquetas latino-americanas, submeteram ilegalmente o controle do Estado a militares golpistas. Mas, enquanto ditadores vizinhos foram julgados, condenados e presos

por crimes de lesa- humanidade, nossos ditadores foram... homenageados com nome de ruas, escolas, praças e pontes, como a Rio-Niterói, batizada com o nome Costa e Silva, "um dos maiores violadores de direitos do povo brasileiro", responsável por um "legado de autoritarismo e truculência", como dito pelo grupo Justiça de Transição, montado pelo MPF. Dá para entender?

Vladimir Moreyra Duarte Miguel Pereira, RJ Economia

O governo do PT fica preocupado em fazer superávit; diz que é preciso reduzir as despesas com seguro-desemprego; penitencia o trabalhador em seus parques direitos; gasta dinheiro a rodo com Copa do Mundo e Olimpíadas; provê pífios serviços em saúde, transportes, educação e segurança, além de escorchantes impostos, mas não para de fazer doações milionárias para Cuba. Que governo é este? O trabalho é nosso, mas o dinheiro é dos outros? Brasileiro virou sinônimo de otário?

Emilli Camargo Salgado

Rio

Previdência

Tenho duas amigas que não conseguem se aposentar pelo INSS. Uma delas fez mastectomia dupla e colocou uma prótese no quadril. A outra só consegue andar à base de analgésicos, pois sua coluna tem tudo que é "ose". Ambas são qualificadas como produtivas e olhadas com desconfiança pelos médicos das juntas. Agora, percebi que a solução para ambas junto ao governo é que passem a fumar crack, maconha etc. Rapidinho, conseguirão seus benefícios. Caso isso não ocorra, aparecerá logo uma ONG para botar a boca no trombone. Como diria o macaco: "Desculpe, eu só queria entender."

Claudio Whebe Salum

Rio

Segurança

Dentro do espírito dos pensamentos de Maquiavel, um príncipe, para não ficar refém de apenas um ministro para assegurar seu poder, deveria dividir a outorga de força com outros ministros, compartilhando competência de atribuições. Assim, asseguraria que sua vontade fosse executada, fosse por um ou por outro súdito. Os agentes da Polícia Federal e da Guarda Municipal do Rio de Janeiro agitam-se por aumentos salariais. Sem entrar no mérito da desigualdade salarial dos funcionários públicos, lembro que a Copa do Mundo está próxima. Os agentes e os guardas



sabem que o momento é propício. Nossa presidente que abra os olhos, ou ficará encurralada ante o grande evento que se aproxima.

Hélio Barnewitz

Rio

## **18 - Beijo**

Fonte: O Globo - Impresso - Flip

Autor: Ancelmo Gois

Publicada em: 16/02/2014 às 21h00

Tem empresa fornecedora ligada ao Comperj, em Itaboraí (RJ), atrasando pagamento aos comerciantes locais. O Consórcio Jaragua/Egesa, por exemplo, é acusado de dar calote de R\$ 600 mil num posto de bandeira BR.

Já...

A Petrobras, por seu lado, garante que não há atrasos no pagamento das empresas que constroem a refinaria. Diminuindo a fila

O Flamengo já desembolsou, este ano, cerca de R\$ 700 mil para quitar dívidas trabalhistas. Em 2013, o clube negociou o fim de 60 ações na Justiça. Gastou cerca de R\$ 1,7 milhão.

Boletim médico

O médico Luiz Roberto Londres teve um enfarte sábado. Está internado na Clínica São Vicente, na Gávea, da qual é diretor.

Chama a polícia

Cerca de 15 pessoas fumavam crack ontem, por volta das 9h, no calçadão de Ipanema, perto da Rua Teixeira de Melo. Um amigo da coluna procurou um policial para fazer a denúncia. Mas não encontrou nenhum entre o Arpoador e o início do Leblon.

Rio na moda

O jornal inglês "The Telegraph" criou um aplicativo na sua editoria de viagens para dar dicas sobre o Rio. E, olha que luxo, a Louis Vuitton vai lançar em 2015 um livro de viagens dedicado à Cidade Maravilhosa.

Applemaníaca

Entre a turma que foi à inauguração da Apple, na Barra, no sábado, estava uma senhorinha que, conectada na internet, mostrava para o filho, nos EUA, todos os detalhes.

Ela ficou, acredite, duas horas na fila. Parece exagero. E é.

## **19 - Precisamos ser respeitados**

Fonte: O Globo - Impresso - Flip  
Publicada em: 08/03/2014 às 21h00

Não está difícil entender o que ocorre nas ruas. O cidadão comum não tolera mais a omissão do Estado com relação ao cumprimento das leis. Os ditos menores fazem o que querem, e o que não querem, ordenados por maiores bandidos. Neste país, o menor infrator tem mais respaldo do poder público que o menor abandonado, com fome, nas ruas. As instituições públicas não sustentam mais a credibilidade. As pessoas estão ignorando o poder público para agirem com as próprias mãos, o que é um perigo. Polícia, juízes, promotores, delegados, nada parece assustar os marginais, bem como não mais contam com a simpatia do povo. Nossas leis precisam de reformas imediatas, ações duras, penas sem apelos jurídicos ou concessões absurdas do STF e de outras cortes. Ladrão, sequestrador, assaltante, estuprador, corrupto, traficante precisam temer as leis, para assim nos respeitarem.

Jeferson Murta Agreli Além Paraíba, MG Fora de ordem

O país atravessa um de seus piores momentos, após a democratização. Fracasso na condução da economia; montagens para alcançar metas fiscais; descrédito internacional e outros desmandos. Um dos pontos cruciais, e lamentável, é a inversão total de valores promovida pelo poder público. Nos últimos tempos temos assistido, rotineiramente, a diversos grupos de pessoas, sob qualquer pretexto, irem para as ruas e bloquearem o trânsito, prejudicando milhares de pessoas. Qual é a razão de a autoridade pública permitir essa violência, sem acionar os agentes policiais?

Wilson Cruz

Rio

País reprovado

Criminosos condenados pela mais alta Corte do país são tratados como heróis por correligionários que ainda fazem vaquinha on-line para pagar multas pessoais e intransferíveis a eles imputadas, em escandalosa afronta ao estado de direito; religioso preconceituoso e homofóbico preside Comissão... dos Direitos Humanos; militares comemoram a ditadura militar que, em 1964, reprimiu, sistemática e barbaramente, direitos elementares e constitucionais dos cidadãos. Definitivamente, o Brasil ainda não passou no vestibular para país.

Vladimir Moreyra Duarte

Miguel Pereira, RJ Sem vaquinhas

De acordo com portaria do Departamento Penitenciário Nacional, presos que se dedicarem à leitura de livros terão reduzidas as penas, que poderão chegar a 48 dias, em um ano, com a leitura de 12 livros. José Dirceu já leu 15 livros e será um dos beneficiados. Dispensam-se vaquinhas dos companheiros para a compra de livros, pois são fornecidos pela biblioteca do presídio. Mas como fica a situação dos 200 mil presos sem julgamento? Será que os juízes precisam de benefícios para lerem seus processos?

Vera B. Emet

Rio

Educação e IR

O desprezo do governo pela educação está expresso no limite ridículo de dedução deste item na declaração do Imposto de Renda. O valor em 2014 é de R\$ 3.230,46, e não podemos incluir aí cursos de idiomas ou pré-vestibulares. Quer dizer que o investimento que posso fazer em meus filhos ou mesmo em mim, e ter reconhecimento por isso, é de fabulosos R\$ 269,20 por mês? Que país pode crescer com tamanho descaso ao seu maior bem? Enquanto isso, as distorções fiscais proliferam e nenhum político ou partido levanta essa bandeira.

Marcelo Saldanha

Rio

SUS

O Sistema Único de Saúde britânico foi criado em 1948, graças à vontade política que se baseou numa verdade: "Se há dinheiro para gerar empregos e fábricas destinados ao esforço de guerra, por que também não há para construções de escolas, hospitais etc?" Como cidadão cumpridor há 58 anos das minhas obrigações, pergunto: "Se há dinheiro para inúmeras bolsas sociais, empréstimos e perdão de dívidas a países amigos, realização de Copa do Mundo, Olimpíadas etc., então por que não há para construção e melhoria de hospitais, escolas, rodovias etc.?"

Claudio Whebe Salum

Rio

Energia

Não se sabe bem por que nossos governantes insistem em utilizar somente recursos hídricos como forma de obtenção de energia. Tantas outras fontes são tão ou mais importantes que as provenientes de hidrelétricas. Em outros países, os parques eólicos e as correntes marinhas já são fontes comuns, e o cidadão é incentivado a obter sua própria energia, através de sistemas livres de impostos, enquanto que por aqui nada é estimulado se não render cifras milionárias aos cofres públicos.

João Carlos Carraz

Rio

Consumidores de energia residencial nos EUA e em vários países da Europa podem escolher o fornecedor de energia. Com isso, há a competição, com rebaixamento de preço. Aqui, só existe um. Não podemos, portanto, escolher. Só nos resta pagar. Por outro lado, o preço da energia foi baixado artificialmente pelo governo, em ano de eleição. Sabendo-se que no futuro seremos obrigados a pagar a diferença, com maior aumento das tarifas, por que continuamos a insistir nas mesmas soluções?

Mariúza Peralva

Rio

Aposentados

O salário mínimo sempre será levado em consideração na fixação dos custos por empresários e prestadores de serviços. Para nós, aposentados, há tempos a conta não fecha e está nos levando a uma situação de insolvência, humilhação, revolta, pois já fomos condenados pelo governo e por políticos a uma sofrida "eutanásia". Em breve, receberemos um salário, quando grande parte era obrigada a contribuir pelo máximo. Isso é estelionato. Chega a ser aviltante.

Wellington Pires das Neves

Belo Horizonte, MG

Seria um ato de caridade o INSS alterar sua agenda de pagamentos de aposentadorias para dias corridos, ao contrário de dias úteis. Meu final é 5, significando que este mês receberei dia 12, ou seja, após vencimentos de contas fixas básicas, que geralmente ocorrem até o dia 10 de cada mês.

Carlos Alberto de Lyra Vaz

Rio

'Maquiagem'

Os fabricantes brasileiros aprenderam uma maneira sutil de enganar o consumidor através da diminuição de embalagens e produtos, porém, mantendo o preço original e assim aumentando os lucros. Tal prática vem sendo denunciada por diversos órgãos autônomos de proteção ao consumidor, mas é ignorada pelos órgãos que deveriam fiscalizar, coibir e reprimir tais abusos. No ato da compra, que se comparem pesos e medidas entre as diversas marcas.

Daniel Marques Virginópolis, MG Brasil imperial

Decreto imperial de 1868 criou as áreas de marinha, terrenos situados em até 33 metros da costa marítima. Essa distância foi definida, à época, pelo alcance de um tiro de canhão. Por incrível que pareça, ainda está em vigor e o governo, via Secretaria do Patrimônio da União (SPU), vem cobrando altas taxas de ocupação. Ao longo dos últimos dez anos, a taxa teve seu valor aumentado em mais de 20 vezes, sem qualquer critério de avaliação, ou seja, está havendo um confisco arbitrário por parte do governo. Já está na hora de a SPU dar uma explicação para tamanha incoerência.

Carlos Brito

Rio

Primeiro Mundo

Em 5/12/2012, em tratamento no Into, foi-me indicada cirurgia da coluna lombar. O número do meu prontuário (280137) foi incluído na fila de espera. Em 8/2/2013, eu estava na 1.504ª posição na fila. Agora, em 5/3/2014, estou na 1.345ª. Portanto, em 13 meses foram realizadas 159 cirurgias do tipo indicado para o meu caso, o que dá menos de uma por dia. Pelo andar da carruagem, é certo que serei exumado da sepultura para fazerem a cirurgia em meu esqueleto. Revolta quando lembro que o sr. Lula, em certa ocasião, declarou que o Brasil em matéria de saúde estava chegando ao Primeiro Mundo. O que será, para ele, Primeiro Mundo?

Renato Aguiar

Rio

Adeus à avenida

Os motoristas cariocas nunca mais terão a Avenida Rio Branco como via de trânsito. Restrita hoje a ônibus e táxis, a grande e bela via não será mais aberta a carros. Pelo cronograma de obras da prefeitura, ainda este ano começa a ser implantada uma linha de bondes (eufemisticamente chamados de veículos leves sobre trilhos), o que obrigará ao fechamento da metade da pista usada atualmente no sentido Candelária-Cinelândia. Iniciada a operação do VLT, com a ocupação da faixa central por um canteiro, não haverá mais espaço para os usuários do transporte privado. Adeus, avenida!

Roberto Dufrayer

Rio

Menores

De há muito vimos assistindo à impunidade de que gozam os menores, não há quem não os tenha visto em ação. Aí surgem "justiceiros", cometendo outro tipo de delito. Estes menores cometem pequenos furtos, são presos, logo soltos, e voltam a

cometer os mesmos crimes. Até o dia em que, de posse de uma arma, cometem um crime letal. Resta à família chorar seus mortos e só então as autoridades saem dos gabinetes para proferir os discursos de sempre. Não podendo mais culpar os ianques por nossas mazelas, atribuem-nos a culpa: preconceito contra os negros, eternizamos a escravidão com nossas atitudes. E assim vai até o próximo crime, o mesmo filme se repete, a mesma leniência de sempre.

Aloysio Martins Guerra

Rio

Cracolândia

A proliferação de dependentes de crack ocorre a olhos vistos na Praça Saénz Peña e redondezas. A qualquer hora do dia ou da noite corre-se o risco de tropeçar em algum desses desafortunados estendidos no passeio, em ruas como General Roca, Santo Afonso,

Conde de Bonfim e Pinto de Figueiredo, entre outras. Custa crer que a prefeitura desconheça o problema. A Saénz Peña e arredores se tornarão, irremediavelmente, a mais nova cracolândia da cidade, se nenhuma providência for tomada já.

Antonio Couto Ribeiro

Rio

Asfalto ruim

De que é feito o asfalto que está sendo usado neste recapeamento das ruas do Rio? O da Rua Jardim Botânico, com menos de seis meses já está todo enrugado, pior do que "maracujá de gaveta"! Será que as obras deste prefeito têm que ser assim, sempre com falhas e remendos? Será que é para dar mais dinheiro para as empreiteiras? Fiscalize melhor, sr. prefeito!

Luiz Henrique Loyola

Rio

Risco na Ponte

Antes do acidente com o carro que caiu da Ponte Rio-Niterói na Baía de Guanabara, eu já considerava a mureta de proteção muito baixa. Para os ônibus que trafegam na faixa junto à mureta, principalmente, é um perigo, pois eles são mais altos e, se um deles bater, o risco de tombar é elevado, em função da velocidade que desenvolvem. Fatalmente cairão da Ponte. Deveria haver um alambrado resistente sobre a mureta, ao longo de toda a Ponte.

Flávio Güttler

Rio

Árvores sem poda

Tudo bem multarem os cidadãos que jogam lixo nas ruas e fazem xixi nos logradouros públicos! Mas que tal também podarem as árvores que começam a entrar, literalmente, pelas janelas dos apartamentos? Na Rua Soares da Costa, na Tijuca, quase na esquina da Rua Dr. Renato Rocco e em frente a uma unidade da própria Colmlurb, temos um ótimo exemplo do que estou afirmando.

Ary Rubem Gonçalves Passos

Rio

## **20 - Desvalorizar a polícia poderá nos custar muito caro**

Fonte: O Globo - Impresso - Flip

Autor: Vivane Mosé

Publicada em: 08/03/2014 às 21h00

Temos uma tendência a preferir o fácil. Abraçamos um lado e passamos a odiar o oposto, e isso parece proliferar nos nossos dias, particularmente nas redes sociais, com as suas verdades pré-prontas. Condenamos com a mesma displicência com que exaltamos. Mas as coisas não são tão simples.

Vivo no Rio desde 1992, e a vinculação entre a polícia e a criminalidade sempre esteve presente, com policiais extorquindo cidadãos, e traficantes atuando como xerifes nas comunidades. Quando Anthony Garotinho foi governador e, depois, secretário de Segurança, essa relação se ampliou. Em sua sentença de condenação a dois anos e meio de prisão, o juiz Marcelo Leonardo Tavares afirma que Garotinho dividia com Álvaro Lins a liderança da quadrilha que corrompia delegados, lavava dinheiro do tráfico, financiava campanhas. Vejam: faz muito pouco tempo, o Rio era um estado onde o ex-governador, então secretário de Segurança, chefiava uma quadrilha cujo segundo nome era o comandante da Polícia Civil, como consta em reportagem da revista "Época" de fevereiro.

Vieram as UPPs, com proposta clara, objetivos explícitos e uma consistente concepção estratégica. Qualquer estudo sobre a criminalidade no Rio vai apontar para o problema do território. O espaço físico da favela, com suas intrincadas vielas nascidas do abandono do poder público, terminou submetido à criminalidade, favorecendo a formação de um poder paralelo. O que me chamou a atenção no projeto das UPPs foi a concepção estratégica da polícia, que, em vez de sair invadindo morros e atingindo inocentes -e em vez de atirar a esmo, atacando o urgente e esquecendo o essencial -, pela primeira vez partiu de uma ação movida por um plano, um estudo das condições específicas da favela.

O principal objetivo das UPPs é tirar o tráfico dos morros, libertando as comunidades dos traficantes e oferecendo serviços públicos antes inexistentes. Servindo à

população e angariando seu apoio, as UPPs poderiam manter o tráfico fora das favelas, e somente assim. Mas essa expulsão não poderia acarretar o risco de uma guerra sangrenta e sem fim, como já vimos acontecer. A inteligência da polícia buscou, então, avisar sobre a invasão. E previu que os traficantes que fugissem se abrigaram em outras favelas, que também seriam pacificadas, até que, sem território, o tráfico se dissolveria, ao menos em sua estrutura organizada. Tudo aconteceu como esperado: em 22 favelas com UPPs, de 2000 a 2012, o número de homicídios caiu 65%. E no asfalto não foi diferente: os homicídios na capital diminuíram em 48%.

Mas, não podemos esquecer, mesmo com essa retomada a polícia do Rio é uma das mais corruptas do país, e a luta estava só começando. A cidade acreditou, se emocionou. E aplaudiu José Mariano Beltrame, recebido como um herói.

O primeiro grande desgaste da polícia nos últimos anos foi com as manifestações. Sem preparo, ela extrapolou, se perdeu, agrediu. Foi acusada de matar o servente de pedreiro Amarildo de Souza na Rocinha, invadiu comunidades, atirando e matando inocentes. Hoje sabemos que os manifestantes também foram violentos. O que não justifica os erros da polícia. Aos poucos, a grande manifestação foi deixando as ruas, e ficou uma massa rala, difusa, que, sem direção, optou pelo imediato: não mais transporte, educação, mas a polícia e seus desmandos. Curiosamente ressurgiu Anthony Garotinho, candidato ao governo e maior difamador das UPPs, com um forte arsenal de atuação nas redes, arrebanhando adeptos, especialmente entre os que não o conhecem, que não sabem de seu passado: os jovens.

O que me impressiona é ver uma juventude bem intencionada, mas pouco culta, repetindo palavras de Garotinho como se fossem de cidadania e liberdade. Se alguma consciência política e social existisse, nos apressaríamos em fortalecer a transformação da nossa polícia, incentivando a vinda de jovens honestos, corajosos. E expulsando as cobras criadas da criminalidade. Mas nós não queremos a polícia, não nos importamos que o tráfico os mate, ainda jovens. Preferimos o crime, a violência, o medo.

A polícia é uma necessidade, especialmente no Rio, esta cidade sitiada por menores armados, prontos a morrer por uma dose de crack. Desvalorizar a polícia e os resultados das UPPs é um retrocesso que poderá nos custar muito caro.

## **21 - A potência e seus problemas**

Fonte: O Globo - Impresso - Flip  
Publicada em: 15/03/2014 às 21h00

Em 1971, li num mural na escola pública em que estudava, em Porto Alegre: Brasil, potência no ano 2000. Estamos em 2014 e nenhum dos graves problemas brasileiros foi resolvido. O país tem hoje gente demais para a sua economia. Ocorreu algum avanço social, mas ínfimo: a classe E ascendeu à classe C. No caso, gente que



ganhava R\$ 800 passou a ter renda de R\$ 1.250. Nada para a geração de uma classe de consumo. A verdadeira classe média diminuiu. A infraestrutura do país é hoje precária para a necessidade econômica da nação. A criminalidade campeia. Ao Executivo falta um projeto maior para o país. E o resgate social verdadeiro de milhões de brasileiros passa por uma revolução educacional, tributária e política, por uma total reforma legal do país. A Constituição que aí está não atende às necessidades de um Estado moderno e operoso. A nação patina com uma economia precária, uma população cada vez mais despreparada para os desafios do mundo moderno e sem competitividade.

Paulo Alves

Rio

Corte de energia

A redução do preço da conta de energia elétrica foi o motivo pelo qual revivemos o dia a dia dos apagões e o papo do racionamento. Enquanto ouvimos o presidente da Empresa de Pesquisa Energética e seus colegas petistas tentando associar o problema da energia elétrica às questões orçamentárias do governo, que é outro problema, olhamos céticos para o futuro da indústria do nosso país, pois sem energia fica difícil ter boas expectativas em relação ao crescimento do PIB e da indústria.

Thiago Wasserman

Rio

A notícia sobre cortes de energia parece piada se não fosse absurda, já que foi esse partido que ganhou uma das eleições em cima de um descarrego sem tamanho em cima do governo anterior, por causa dos apagões. E, mais, a presidente Dilma, em meio à sua campanha, em cadeia de TV anunciou queda no preço da conta de energia, que aumentou. Pensam que somos o quê? O PT falava da moralidade e criou o mensalão; criticou ferozmente as privatizações e agora privatiza até a alma. Que a população - de fato - aprenda a votar, por favor.

Solange Delocco Coutinho

Rio

Ainda o STF

A recente mudança de sentença do Supremo Tribunal Federal (STF) em relação ao mensalão é resultante da substituição dos juízes aposentados, que condenaram os réus, por novos juízes indicados pelo atual governo, que absolveram os condenados. Os juízes que se aposentaram eram indicações dos governos anteriores à era PT e os atuais, pró PT. Fica para nós, cidadãos, a dúvida quanto ao limite da independência do Judiciário, pois total vê-se que não é.

Jorge da Rocha Santos

Rio

Nem a Suprema Corte escapou do aparelhamento dos órgãos federais pelo PT. Com a nova composição, o plenário do STF reformou sua decisão sobre formação de quadrilha, absolvendo os acusados. O primeiro julgamento, que havia sido técnico, transformou-se

num julgamento político, comprometendo a imagem do STF. Isso, sim, é um ponto fora da curva. A isenção e o notável saber jurídico são pilares de toda a magistratura. É inadiável a mudança de critério para indicação de ministros para o STF!

Venâncio Costa Pauseiro

Niterói, RJ

O ministro Marco Aurélio Mello disse, em entrevista, que "a sociedade não é vítima quando a situação política chega ao ponto em que chegou. Ela é culpada, porque foi quem colocou os políticos no lugar em que estão". E agora, sr. ministro, é também culpa da sociedade a decisão de que a quadrilha do mensalão não é mais quadrilha?

Jaime Peralta de Lima Brandão

Niterói, RJ Aumento de juros

Com o propósito de conter a elevação do custo de vida (inflação), o governo aumenta a taxa Selic. Com isto, minha aposentadoria não recebe os juros do capital depositado por mim e minha empresa no INSS por mais de 35 anos. O governo me escraviza com um salário referência, menor do que o mínimo, dizendo não ter dinheiro. Mas para pagar o aumento dos juros tem R\$ 15 bilhões.

José Lyra Daudt da Veiga

Rio

Maioridade penal

A Comissão de Constituição e Justiça, em fevereiro, recusou o projeto de lei que reduziria a maioria penal. Decerto, todos esses parlamentares possuem segurança paga pelo estado, para si e seus familiares. Agora, por que pagamos caro a esses senhores que cuidam deles mesmos, e não dos interesses dos cidadãos? Por que essa ilha da fantasia chamada Brasília fica à parte do Brasil, pobre nação

que grita nas ruas? Senhores políticos! Se não vão escutar os desejos da nação, e atendê-los, por que se candidatam?

Marcelo Gomes Jorge Feres

Rio

Sistema de cotas

Foi noticiado que haverá concurso público com cotas elevadas, talvez 30%, reservadas a afrodescendentes. É aconselhável que todos os candidatos se classifiquem como tal, o que não ficará longe da verdade, pois brasileiros, por maioria, têm algum afrodescendente em sua árvore genealógica, o que não é demérito, já que espelha a excelente miscigenação ocorrida no país. Desta forma, as medidas racistas e eleitoreiras estariam saneadas e o mérito do candidato voltaria a prevalecer, como deve ser esperado em todos os concursos públicos. O resto é prover para todos, independentemente de etnia, religião, sexo, educação e saúde.

Pedro Diniz de Araujo Franco

Rio

Seguros

Se o brasileiro fizesse mais seguro, tanto pessoal como patrimonial, o povo seria mais rico. Seria uma verdade se as seguradoras, na hora de honrar os contratos, não fossem tão cruéis. Digo isso em razão da dificuldade que as viúvas dos militares mortos em serviço no Haiti têm para receber o seguro. A recusa é feita sob a alegação de que os militares não morreram em serviço, mas num cataclismo ao qual o contrato não dava cobertura. Por isso que se diz: quando se faz um seguro, a seguradora não fornece a apólice; quando a fornece, o segurado não consegue lê-la; e quando consegue, a seguradora não paga.

João Carlos da Cunha

Rio

Crédito fácil

Desumano e inescrupuloso o papel dos bancos e financeiras ao oferecer empréstimos a funcionários públicos, ativos e inativos, mesmo negativados. Esse crédito fácil acarreta superendividamento das pessoas, um tormento para elas e suas famílias. Bancos e financeiras comportam-se como traficantes de drogas, que tornam as pessoas dependentes do dinheiro emprestado, como se ele fosse uma droga da qual elas não podem se livrar. Agiotagem era crime. Por que não é mais?

Antonio Vieira Martins

Rio

## Produtores de lixo

O ser humano é o maior produtor de lixo. Até inconscientemente produzimos lixo, quando bebemos água ou café mais de uma vez utilizando vários copos, em vez de reutilizarmos o primeiro. Também quando vamos ao supermercado, separamos itens lacrados e utilizamos vários sacos plásticos. Mesmo já tendo um estoque deles em casa, não os reutilizamos para outras compras. Sem contarmos os que não tiveram educação adequada e sujam o meio ambiente.

Cláudio de Melo Silva

Olinda, PE Medo

Os índices de violência no período carnavalesco aumentaram em relação a 2013, praticamente em todo o país. O crime estruturou-se de tal maneira que consegue despejar droga dentro de presídio utilizando avião sem piloto. Bandidos organizam-se para assaltar bancos em cidades pequenas e atacam postos policiais. No Rio, bairros outrora sem violência sofrem arrastões e ataques diários de pivetes etc. UPPs são atacadas. A violência se expande. A sociedade, perplexa, assiste a tudo com apreensão e medo. Em quem confiar? Em políticos desacreditados? O que nos está reservado neste ano de Copa do Mundo e eleições não conseguimos imaginar.

Gilberto Bordallo

Rio

A polícia é violenta e não protege os cidadãos das comunidades. Esse é o mantra repetido à exaustão por muitos. Mas os fatos são outros. Impossível negar que o número de crimes letais sofreu uma redução drástica onde foram instaladas as UPPs. Será obra do acaso ou existe algum mérito no trabalho realizado? Na Rocinha, bandidos depredaram um veículo da polícia e agrediram dois policiais que se abstiveram de reagir. Por isso, um sociólogo parabenizou os policiais. Esqueceu de condenar os violentos marginais que, à luz do dia, criminosamente, os expunham ao perigo. Não dá para ficar em cima do muro, enquanto outros arriscam a vida.

Guita Zach

Rio

Cuidar melhor

Respeito qualquer religião, mas é lamentável a utilização dos belos gramados do Alto da Boa Vista como "espaços sagrados". As oferendas atraem uma quantidade imensa de urubus, que já estão aninhados e reproduzindo-se nesses locais. As visões dos ataques dos urubus às carcaças de animais são degradantes. Criaram uma nova sapucaia, ou lixão, como queiram. É pena que estes locais, há pouco tempo, serviam para boas caminhadas e ainda sejam mostrados para turistas, nos

passeios motorizados. A Floresta da Tijuca não é um Central Park, mas é o que temos de melhor no perímetro urbano. Vamos cuidar melhor.

Tania Maria Goulart dos Santos

Rio

Aeroportos

A Infraero está estimando um aumento do movimento no Aeroporto Internacional do Galeão da ordem de 45% durante o período da Copa do Mundo. Atualmente, o tempo de espera para pegar a bagagem neste aeroporto fica entre 45 e 60 minutos. Mantendo-se a mesma forma de serviço, o tempo médio de espera será superior a uma hora. Apenas para citar um dos inúmeros problemas que encontramos neste aeroporto, que é muito ruim.

Emerson Rios Niterói,

RJ

Irregularidades

A Rua Saint Roman, em Copacabana, está em estado calamitoso. Já perdi a conta das reclamações ao 1746. Embora a rua tenha moradias regulares, por ser acesso ao Pavão-Pavãozinho a prefeitura a trata com descaso, em clara distinção entre o morador do asfalto e o da favela. Ali se instalou todo tipo de irregularidade, como barracas de ambulantes e carros-depósito de cadeiras de praia que formam uma longa fila, por toda a calçada, dos dois lados, empurrando os pedestres para o meio do trânsito caótico. É uma pena, porque a rua que liga Copacabana a Ipanema ainda tem muito verde e conserva antigos casarões cuja arquitetura revela a história da urbanização do bairro.

Célia Santos Magalhães

Rio

Lagoa

Há três meses, a passarela que liga o Parque da Catacumba à orla da Lagoa foi tomada por desocupados. No início, eram quatro ou cinco. Agora, são uns dez, entre homens e mulheres. O cheio é nauseante. A poucos metros dali, tomaram para si um grande banco junto ao campo de futebol, e fizeram do local seu escritório. De manhã, enquanto alguns descansam da exaustiva noite, no escurinho embaixo da passarela, outros tratam dos "negócios" nesse escritório. Cada pessoa que sobe e desce a passarela é cuidadosamente examinada por eles. O melhor a fazer é não olhar para os lados. Já houve briga de faca, e desconfia-se que consumam crack. Usar a passarela hoje é um ato de coragem. Para quem depende dela, como eu, é revoltante e desesperador.

Priscila Anders de Souza Lima

Rio

Revitalização/necessidade de revitalização de locais que costumam/costumavam ser frequentados por pessoas que usam crack

### 1 - [Uma horta que plantou esperança](#)

Antes cenário de uma das maiores crackolândias do Rio, espaço em Mangueiros vira local para se colher um novo futuro

Fonte: O Globo

Autor: Frederico Goulart

Editoria: Rio

Publicada em: 21/11/2013 às 03h00

O verde da horta comunitária criada em Mangueiros há cinco meses tem tons ainda mais fortes de esperança para os moradores da comunidade. O local onde ela foi plantada era uma das maiores crackolândias da cidade. Cenário que mudou quando cerca de 30 pessoas iniciaram a atividade, com a ideia de colher um novo futuro.

A requalificação do espaço faz parte de um grande projeto de infraestrutura destinado a locais carentes do Rio de Janeiro. Ali, a prefeitura investiu cerca de R\$ 500 mil. Segundo o gerente de agroecologia e produção orgânica do município — e idealizador da iniciativa— Júlio César Borges, trata-se da maior horta comunitária do país, com quase 120 mil metros quadrados de área.

Tão grande quanto a estrutura foi o impacto da iniciativa na vida de Juarez José Faria, de 49 anos. Desempregado, ele já não sabia o que fazer para pagar a pensão de sua filha Keyla, de 9.

— Quase perdi meu rumo na vida. Esse trabalho me ajudou a enxergar um futuro que já não via mais — diz.

Para a implantação do projeto, foram retirados cerca de 700 caminhões de entulho da região. Depois, terra e mudas foram trazidos e um sistema de água e de drenagem foi montado.

— São cerca de 40 diferentes tipos de hortaliças, como salsinha, cebolinha e alface, em 300 canteiros. Antes, eram aproximadamente 2 mil pessoas fumando crack aqui — enumera Barros.

Segundo o presidente da Associação de Moradores de Mangueiros, Erivaldo Lira, o desafio foi grande.

— Muitos diziam que não daria certo. O que vemos hoje são dezenas de vidas transformadas — aponta.

Quem trabalha na horta recebe uma bolsa-auxílio que varia de R\$ 360 a R\$ 480. E também tem aulas de educação ambiental. Tudo o que é produzido, é dividido em duas partes: a primeira é doada para escolas, abrigos e famílias carentes da comunidade; e a segunda é comercializada no esquema pegue e pague.

No Rio de Janeiro, foram montadas recentemente 40 hortas com esse perfil.

## 2 - Moradores do entorno batem fotos entre os entulhos da Perimetral

Fonte: O Globo Autor: Natalia Castro Editoria: Rio

Publicada em: 24/11/2013 às 07h45

Morador do condomínio Moradas da Saúde, na Saúde, Lúcio Rosa, de 59 anos, não pensou duas vezes após assistir, da janela, à implosão da Perimetral. Acompanhado de amigos, ele desceu a rua para fotografar os escombros.

- Eu já tinha fotografado o antes, e agora quis registrar o depois - explica ele. - Achei que a implosão foi um sucesso e minha vista, agora, bem mais limpa. Eu sempre achei que tinha que demolir.

Recém-chegado de Portugal, Lúcio espera que a revitalização da Zona Portuária siga o exemplo de Lisboa. Na capital, as mudanças na região portuária começaram em 1990.

- Aquela área do Oceanário é muito bonita. Tomara que a nossa região seja valorizada também.

Há cinco anos residindo no centro da cidade, Lúcio conta que se mudou de Bangu para a Saúde por uma questão prática. Trabalhando em hotéis, ele não aguentava mais os engarrafamentos diários da Avenida Brasil.

- Aqui é muito prático e o custo-benefício é excelente. É tudo muito perto! A procura está muito grande agora. A área era toda depredada, cheia de mendigos e usuários de crack. Eu torço para que tudo dê certo.

## 3 - Moradores do entorno batem fotos entre os entulhos da Perimetral

Derrubada do elevador foi aprovada

Fonte: O Globo

Autor: Natalia Castro Rafaella Javoski

Editoria: Rio

Publicada em: 24/11/2013 às 08h35

Morador do condomínio Moradas da Saúde, na Saúde, Lúcio Rosa, de 59 anos, não pensou duas vezes após assistir, da janela, à implosão da Perimetral. Acompanhado de amigos, ele desceu a rua para fotografar os escombros.

— Eu já tinha fotografado o antes, e agora quis registrar o depois —explica ele. — Achei que a implosão foi um sucesso e minha vista, agora, bem mais limpa. Eu sempre achei que tinha que demolir.

Recém-chegado de Portugal, Lúcio espera que a revitalização da Zona Portuária siga o exemplo de Lisboa. Na capital, as mudanças na região portuária começaram em 1990.

— Aquela área do Oceanário é muito bonita. Tomara que a nossa região seja valorizada também.

Há cinco anos residindo no centro da cidade, Lúcio conta que se mudou de Bangu para a Saúde por uma questão prática. Trabalhando em hotéis, ele não aguentava mais os engarrafamentos diários da Avenida Brasil.

— Aqui é muito prático e o custo-benefício é excelente. É tudo muito perto! A procura está muito grande agora. A área era toda depredada, cheia de mendigos e usuários de crack. Eu torço para que tudo dê certo.

O aposentado José Eugênio do Carno, de 59 anos, acordou às 4h e saiu de Belford Roxo para acompanhar implosão da Perimetral. Ele, que trabalhou na construção da via na década de 70, procurou uma casa e pediu para acompanhar a derrubada.

— Fiquei muito emocionado, mas acho que é o melhor para o Rio de Janeiro. Vai melhorar a região — disse ele.

#### 4 - Abandonado, aterro tem até barraco montado em seus jardins

Além de insegurança, área é ocupada por mendigos e usuários de crack

Fonte: O Globo - Impresso - Flip

Autor: Ana Claudia Costa Ana Cláudia Costa

Publicada em: 26/12/2013 às 22h00

Inaugurado em 1965, o Aterro do Flamengo - oficialmente Parque Brigadeiro Eduardo Gomes -, uma das maiores áreas verdes e de lazer da cidade, se transformou, para muitos frequentadores, de cartão-postal em retrato do abandono. Na área de 1,2 milhão de metros quadrados, a insegurança continua fazendo parte do cenário, como mendigos, viciados em crack e jardins malcuidados.

Escondidos em meio à paisagem projetada por Burle Marx, moradores de rua montam barracos com pedaços de madeira, plástico e papelão, ou armam barracas



de camping. Além disso, quase todos os espaços sob as passarelas, apesar das pedras colocadas pela prefeitura, estão ocupados por pessoas sozinhas ou grupos.

No feriado de Natal, ao tentar fotografar uma aglomeração de moradores de rua, uma equipe do GLOBO foi atacada a pedradas por um grupo que montou um verdadeiro acampamento no canteiro central do Aterro, quase em frente ao Museu de Arte Moderna. Do outro lado da pista, próximo à Avenida Beira-Mar, havia outro acampamento, com abrigos feitos com pedaços de plástico preto. Homens, um deles com uma faca, faziam uma fogueira para esquentar comida.

Ontem, mais de 40 moradores de rua, entre maiores e menores, se aglomeravam nos jardins do MAM. O grupo circulava entre guardas municipais e um trailer da PM sem ser importunado. Entre o Museu de Arte Moderna e o Monumento dos Pracinhos, o cenário não era muito diferente. Nesse trecho, por volta das 11h, havia uma barraca de camping e um casal de moradores de rua tendo relações sexuais. Os grupos são agressivos e jogam pedras quando percebem que estão sendo observados ou fotografados. Uma mulher, por exemplo, atingiu com pedras a lataria de um carro preto. O motorista, no entanto, não parou.

#### Advogado evita assalto

Ontem também, o advogado Luiz Eduardo Salles Nobre, de 60 anos, evitou que uma frequentadora do parque fosse assaltada por um morador de rua. Graças à ação dele, o bandido desistiu do roubo e jogou no chão a faca com que estava armado.

De acordo com frequentadores do parque, o patrulhamento na região é insuficiente. Mesmo com grupos de policiais a cavalo e carros fazendo ronda, todos são unânimes em dizer que a insegurança é grande. Os pontos mais perigosos, afirmam, são as duas extremidades do parque: próximo à Marina da Glória e perto do Monumento a Estácio de Sá. Assaltos, roubos de bicicletas e celulares, além de abordagens por moradores de rua, são frequentes.

Mesmo temendo a violência na área, o orçamentista Pedro Mendes, de 48 anos, resolveu passar a manhã do dia de Natal com sua família no gramado próximo ao Monumento a Estácio de Sá. Morador de Botafogo, ele disse que já presenciou assaltos.

- A insegurança é grande. Os frequentadores aqui se protegem e andam em bando para evitar a abordagem de moradores de rua - disse.

#### 5 - Abandonado, Aterro tem até barraco montado em seus jardins

Além de insegurança, área é ocupada por mendigos e usuários de crack PM afirma que reforçou o patrulhamento na região

Fonte: O Globo

Autor: Ana Cláudia Costa

Editoria: Rio

Publicada em: 27/12/2013 às 03h00

Inaugurado em 1965, o Aterro do Flamengo — oficialmente Parque Brigadeiro Eduardo Gomes —, uma das maiores áreas verdes e de lazer da cidade, se transformou, para muitos frequentadores, de cartão-postal em retrato do abandono. Na área de 1,2 milhão de metros quadrados, a insegurança continua fazendo parte do cenário, como mendigos, viciados em crack e jardins malcuidados.

Escondidos em meio à paisagem projetada por Burle Marx, moradores de rua montam barracos com pedaços de madeira, plástico e papelão, ou armam barracas de camping. Além disso, quase todos os espaços sob as passarelas, apesar das pedras colocadas pela prefeitura, estão ocupados por pessoas sozinhas ou grupos.

No feriado de Natal, ao tentar fotografar uma aglomeração de moradores de rua, uma equipe do GLOBO foi atacada a pedradas por um grupo que montou um verdadeiro acampamento no canteiro central do Aterro, quase em frente ao Museu de Arte Moderna. Do outro lado da pista, próximo à Avenida Beira-Mar, havia outro acampamento, com abrigos feitos com pedaços de plástico preto. Homens, um deles com uma faca, faziam uma fogueira para esquentar comida.

Nesta quinta-feira, mais de 40 moradores de rua, entre maiores e menores, se aglomeravam nos jardins do MAM. O grupo circulava entre guardas municipais e um trailer da PM sem ser importunado. Entre o Museu de Arte Moderna e o Monumento dos Pracinhas, o cenário não era muito diferente. Nesse trecho, por volta das 11h, havia uma barraca de camping e um casal de moradores de rua tendo relações sexuais. Os grupos são agressivos e jogam pedras quando percebem que estão sendo observados ou fotografados. Uma mulher, por exemplo, atingiu com pedras a lataria de um carro preto. O motorista, no entanto, não parou.

Advogado evita assalto

Também na quinta, o advogado Luiz Eduardo Salles Nobre, de 60 anos, evitou que uma frequentadora do parque fosse assaltada por um morador de rua. Graças à ação dele, o bandido desistiu do roubo e jogou no chão a faca com que estava armado.

De acordo com frequentadores do parque, o patrulhamento na região é insuficiente. Mesmo com grupos de policiais a cavalo e carros fazendo ronda, todos são unânimes em dizer que a insegurança é grande. Os pontos mais perigosos, afirmam, são as duas extremidades do parque: próximo à Marina da Glória e perto do Monumento a Estácio de Sá. Assaltos, roubos de bicicletas e celulares, além de abordagens por moradores de rua, são frequentes.

Mesmo temendo a violência na área, o orçamentista Pedro Mendes, de 48 anos, resolveu passar a manhã do dia de Natal com sua família no gramado próximo ao

Monumento a Estácio de Sá. Morador de Botafogo, ele disse que já presenciou assaltos.

— A insegurança é grande. Os frequentadores aqui se protegem e andam em bando para evitar a abordagem de moradores de rua —

disse.

#### Roubo de bicicletas

A violência é uma reclamação constante de quem frequenta o Aterro do Flamengo, seja para lazer ou para praticar esportes. Para o presidente da Comissão de Segurança no Ciclismo da Cidade do Rio, Raphael Pazos, o parque necessita de um conjunto de ações envolvendo vários órgãos, como secretarias municipais, RioLuz, Guarda Municipal e Polícia Militar. Ele disse que há policiamento na região, mas o acolhimento de moradores de rua não é satisfatório. Raphael contou ter informações de que gangues estão roubando bicicletas tanto para vender como para usá-las na prática de crimes.

— Esses grupos usam menores para roubar bicicletas. Vendem as mais caras e as outras usam para praticar crimes, porque é fácil fugir da polícia. Ainda há os grupos que moram perto do MAM, que abordam e roubam quem passa por ali — disse.

Ao lado do marido, a vendedora Flávia Oliveira, de 36 anos, também reclamou da insegurança na região. Ela disse que não deixa de frequentar o local, mas evita andar sozinha ou ficar em pontos mais desertos do parque.

— Não vejo ações efetivas para melhorar a segurança aqui. A polícia passa de um lado, e eles (os ladrões) agem do outro — disse. Para a arquiteta Márcia Franco, moradora do Flamengo, o abandono do Aterro se resume mesmo à falta de segurança. Ela contou que já viu um morador de rua ameaçando e assaltando uma pessoa com o uso de um cachorro preto.

— Todos aqui o conhecem. Agora (quando venho ao parque), não trago mais nada, nem mesmo documentos — disse. PM diz ter aumentado patrulhamento

Responsável pela segurança no Aterro do Flamengo, o comandante do 2º BPM (Botafogo), tenente-coronel Alípio de Almeida, disse que já reforçou o patrulhamento na região e que há rondas diárias. Na quinta, PMs circulavam nas proximidades do Monumento a Estácio de Sá, enquanto moradores de rua se concentravam entre o MAM e as proximidades do Hotel Novo Mundo. O oficial acrescentou que, principalmente nos fins de semana, as rondas são intensificadas. Ele acrescentou que a PM não pode recolher moradores de rua, a menos que estejam com armas ou em atitude suspeita.

— Temos acionado diariamente a Secretaria municipal de Desenvolvimento Social, que tem a obrigação de fazer operações para acolher esses moradores de rua — disse o comandante.

#### Operações semanais

Já a coordenadora da 2ª Coordenadoria da Secretaria de Desenvolvimento Social, Claudia Lasry, disse que ações são feitas na área uma vez por semana, sempre às segundas-feiras, para acolher moradores de rua. Segundo ela, o número de pessoas nessa situação aumentou no Aterro desde que operações começaram a ser feitas na Lapa. Claudia acrescentou que já informou à PM que atrás do MAM e nas proximidades da Marina da Glória há um ponto de venda de drogas e prostituição.

— Temos feito operações constantes. Numa das ações, acolhemos 63 pessoas. Vamos intensificar as operações e procurar a delegacia para fazer um trabalho conjunto — disse.

Tanto o comandante do batalhão da área quanto a coordenadora da Secretaria municipal de Desenvolvimento Social disseram, nesta quinta, desconhecer os acampamentos ao longo do Aterro. Eles informaram que vão mandar verificar a situação e tomar providências.

— Cabe à Guarda Municipal retirar os acampamentos montados nos canteiros, embaixo de passarelas e nas proximidades do MAM. E impedir que esses moradores voltem a montar barracas — disse Claudia.

#### 6 - [Roda gigante de Botafogo deve ser instalada antes do Carnaval](#)

Com 50 metros, equipamento terá 16 cabines com ar condicionado Passeio, que deve custar entre R\$ 20 e R\$ 25, terá duração de 8 minutos

Fonte: O Globo

Autor: Simone Candida Luiz Ernesto Magalhães colaborou

Editoria: Rio

Publicada em: 06/01/2014 às 16h53

A enseada de Botafogo deve receber ainda neste verão um novo equipamento turístico que levará o visitante às alturas: uma roda gigante de 50 metros de altura, que será instalada na Praia de Botafogo, Zona Sul. Como noticiou a coluna Gente Boa, do GLOBO, a roda custou R\$ 7 milhões e vai ser batizada de Estrela do Rio, numa referência ao Clube Botafogo, que alugou o espaço para a montagem da parafernália. Inspirada na London Eye (roda gigante que é um dos ícones do turismo da capital inglesa), ela terá 16 cabines fechadas com ar condicionado, capacidade para 128 pessoas e fará um giro lento de oito minutos. Segundo o empresário Sávio Neves, um dos sócios do negócio, a ideia é que a roda panorâmica seja aberta antes

do Carnaval e fique por ali até o final do Jogos Olímpicos de 2016. Não será a primeira roda gigante da cidade: em 2008 e 2009, o Forte de Copacabana também teve atração parecida.

Neves garante que faltam apenas alguns “detalhes burocráticos” para que o empreendimento seja liberado pela prefeitura e acredita que o passeio será uma das grandes atrações da região. O preço do ingresso deve custar entre R\$ 20 e R\$ 25.

— Ela vai ser um grande mirante e será instalada num terreno do Botafogo, onde fica o Parque Aquático, uma área degradada, com mendigos, usuários de crack. O local será revitalizado pela nossa empresa, junto com o clube Botafogo e vai virar um novo espaço, batizado de Mané Garrincha. — disse Sávio Neves, acrescentando que a passagem subterrânea situada em frente ao terreno também será restaurada e que a ciclovia da região terá o traçado modificado — As pessoas terão facilidade de acesso e não precisarão ir de carro, já que há uma estação de metrô próxima. E quem for de carro poderá estacionar na Praia de Botafogo e atravessar pela passagem. O acesso é ainda melhor que para o Cristo Redentor e o Pão de Açúcar — completou Sávio Neves, administrador do Trem do Corcovado, que nas últimas semanas enfrentou problemas de pane e superlotação no trenzinho.

A roda terá uma iluminação especial de LED, semelhante à usada em pontos turísticos como o Corcovado, e poderá ser acesa em cores variadas. Segundo Sávio Neves, o objetivo da empresa é que seja usada não apenas como um mirante da Baía de Guanabara, mas que ela se torne um local para realização de eventos como aniversários e casamentos. Não será a primeira roda gigante da cidade: em 2008 e 2009 um equipamento semelhante foi montado no Forte de Copacabana.

O empresário Norton Luiz Lenhart, um dos sócios de Sávio Neves na empresa que irá montar a roda, a Brasil 360 Graus, acredita que a versão carioca deve alcançar sucesso igual à inglesa.

— O principal atrativo nestes casos é a vista. E roda dará ao turistas uma visão privilegiada das belezas da cidade — explica.

O projeto ainda não foi oficialmente liberado pela prefeitura, mas o presidente do Instituto Rio do Patrimônio da Humanidade (IRPH), Washington Fajardo afirmou que não tem nada contra.

— Em princípio, não vejo problema algum. Mas o projeto ainda está em análise na prefeitura. Falta por exemplo consultar o Conselho Municipal de Proteção ao Patrimônio Cultural. A CET-Rio também terá que opinar. Mas eles propuseram uma alternativa para não gerar tráfego com o uso de passagens subterrâneas de pedestres em Botafogo. Existem elementos que sobrepostos a paisagem podem valorizá-la. Exemplos não faltam como a construção do Cristo Redentor no Corcovado e os bondes integrados a Santa Teresa — disse Fajardo.

A presidente da Associação de Moradores de Botafogo, Regina Chiaradia, que ainda não viu o projeto.

— Não fomos consultados. Só lamento que os empresários só pensem na Enseada de Botafogo como bem financeiro. Ninguém pensa em um dar uma contrapartida de recuperação ambiental — comentou.

#### 7 - Roda-gigante de botafogo será instalada antes do carnaval

Passeio terá duração de 8 minutos e deve custar Entre r\$ 20 e r\$ 25

Fonte: O Globo - Impresso – Flip

Autor: Simone Candida

Publicada em: 06/01/2014 às 22h00

Ar-condicionado a 50 metros do chão

A enseada de Botafogo deve receber ainda neste verão um novo equipamento turístico que levará o visitante às alturas: uma roda-gigante de 50 metros de altura, que será instalada na Praia de Botafogo, Zona Sul. Como noticiou a coluna Gente Boa, do GLOBO, a roda custou R\$ 7 milhões e vai ser batizada de Estrela do Rio, numa referência ao Clube Botafogo, que alugou o espaço para a montagem da parafernália. Inspirada na London Eye, roda-gigante que é um dos ícones do turismo da capital inglesa, ela terá 16 cabines fechadas com ar-condicionado, capacidade para 128 pessoas e fará um giro lento de oito minutos. Segundo o empresário Sávio Neves, um dos sócios do negócio, a ideia é que a roda panorâmica seja aberta antes do Carnaval e fique por ali até o final dos Jogos Olímpicos de 2016. Não será a primeira roda-gigante da cidade: em 2008 e 2009, o Forte de Copacabana também teve essa atração.

Neves garante que faltam apenas alguns "detalhes burocráticos" para que o empreendimento seja liberado pela prefeitura. Ele acredita que o passeio será uma das grandes atrações da região. O ingresso deve custar entre R\$ 20 e R\$ 25.

- Ela vai ser um grande mirante e será instalada num terreno do Botafogo, onde fica o Parque Aquático, uma área degradada, com mendigos e usuários de crack - disse Neves, acrescentando que a passagem subterrânea situada em frente ao terreno também será restaurada e que a ciclovia da região terá o traçado modificado. - As pessoas terão facilidade de acesso e não precisarão ir de carro, já que há uma estação de metrô próxima. E quem for de carro poderá estacionar na Praia de Botafogo e atravessar pela passagem. O acesso é ainda melhor que para o Cristo Redentor e o Pão de Açúcar.

Neves também é o administrador do Trem do Corcovado, que nas últimas semanas enfrentou problemas de pane e superlotação. O projeto ainda não foi oficialmente liberado pela prefeitura, mas o presidente do Instituto Rio Patrimônio da Humanidade,

Washington Fajardo disse não ter nada contra.

## 8 - A palavra de ordem na Ceasa é reaproveitamento

Na sede em Irajá, central de abastecimento desenvolve projeto que transforma em adubo verduras, frutas e legumes impróprios para o consumo

Fonte: O Globo Autor: Marta Paes Editoria: Rio

Publicada em: 14/01/2014 às 03h00

Na Ceasa, o desperdício de alimentos já era realidade. Agora, a central de abastecimento, em Irajá, reduz também o lixo. Verduras, frutas e legumes impróprios para o consumo são transformados em adubo, no Espaço Piloto de Compostagem, inaugurado dia 10 de dezembro passado. O projeto, em parceria com a Embrapa Solo, também ajudou a recuperar uma área de dois mil metros quadrados, que estava abandonada.

— É uma ferramenta ambiental, pois 95% dos resíduos daqui são orgânicos. Não se trata de lixo. É riqueza transformada em adubo. Além disso, o local era um bolsão de detritos, e ainda servia de abrigo a usuários de crack — diz o diretor técnico da Ceasa-RJ, Daniel Rosa.

Os resíduos provêm do Banco de Alimentos, um projeto já realizado pela Ceasa, de doação de cestas de comida a instituições. No local, pessoas treinadas por nutricionistas selecionam alimentos que, apesar de bons para o consumo, não têm qualidade para serem comercializados. Agora, o que não passava por essa triagem, vira adubo ao invés de ser descartado. E o adubo é doado a agricultores cadastrados no programa da central de abastecimento.

— A média chega a 400 quilos de resíduo por dia. O processo de trituração é feito pela cooperativa Febracon. É diário e rápido, o que evita moscas e odores — explica Arcênio Jubim, engenheiro ambiental da Ceasa-RJ.

Além da trituração, o trabalho inclui a compostagem propriamente dita, em leiras cercadas de palhas. As estruturas são monitoradas diariamente para que a temperatura, de 50 a 70 graus, seja preservada. Ao fim de 40 a 60 dias, o adubo está pronto.

Para montar o Espaço Piloto de Compostagem, a Ceasa-RJ investiu R\$ 60 mil. Mas o objetivo é expandir.

— Serão investidos mais cerca de R\$ 80 mil até junho deste ano. A área de compostagem será coberta, e vamos montar horta e viveiro de mudas — adianta Daniel Rosa.

Etapas. A trituração faz parte do processo de reaproveitamento (Foto: Felipe Hanower)

## 9 - UPAM da Região dos Lagos poderá ficar no Parque Dormitório das Garças

Dependências foram oferecidas à Polícia Militar nesta quinta-feira

Fonte: O Globo

Autor: Paulo Roberto Araújo

Editoria: Rio

Publicada em: 23/01/2014 às 12h39

RIO - Depois de um incêndio que destruiu parte da sua sede, o Parque Ecológico Dormitório das Garças, em Cabo Frio, poderá ser a sede da Unidade de Policiamento Ambiental (UPAM) da Região dos Lagos. As dependências foram oferecidas à Polícia Militar, nesta quinta-feira, pelo presidente da Companhia de Serviços de Cabo Frio (Comsercaf), Toninho Corrêa, durante a operação de limpeza geral do parque e início da recuperação do espaço, que é o maior parque público fechado da Região dos Lagos.

Até esta sexta-feira, toda a área ambiental do parque, repleta de vegetação de restinga e berçário de diversas espécies de peixes e crustáceos da Lagoa de Araruama, estará limpa. Na semana que vem começa a recuperação da área administrativa, que foi parcialmente destruída por um incêndio e invadida por vândalos e usuários de crack. Foi retirado muito lixo, principalmente garrafas pet, em meio ao mangue. Foi pedido ao 25º BPM (Cabo Frio) policiamento para o local para impedir novas invasões:

— A intenção inicial é construir uma estrutura para segurança constante do parque. O grande objetivo é trazer, no entanto, uma Unidades de Policiamento Ambiental (Upams) para nossa região e mais especificamente para Cabo Frio. Tendo como sede a estrutura a ser criada dentro do parque — disse Toninho Corrêa.

O secretário estadual do Ambiente, Carlos Minc, disse que a oferta do presidente da Comsercaf é uma ótima notícia:

— O Parque Estadual da Costa do Sol é o mais visitado do estado. A instalação de uma Upam na Região dos Lagos é prioritária. Esta oferta de espaço e estrutura só vem a facilitar o processo — disse o secretário.

A volta do policiamento ambiental para a Região dos Lagos é reivindicada por ambientalistas desde que o governo estadual desativou o Batalhão de Polícia Florestal e Meio Ambiente da PM, que funcionava na Fazenda Colubandê, em São Gonçalo. Desde então, vários crimes ambientais vêm sendo praticados na região por falta de policiamento especializado. O Batalhão tinha postos fixos em Lagoa Seca (Araruama) e Barra de São João (Casimiro de Abreu), que cuidavam do policiamento ambiental em toda a Região dos Lagos.



Inaugurado em 2007 no Dia Mundial do Meio Ambiente, o parque ecológico Dormitório das Garças no Dia Mundial do Meio Ambiente, foi a primeira unidade de conservação ambiental instalada em Cabo Frio.

O parque é um centro de difusão de técnicas de preservação e de consciência verde, realiza periodicamente atividades de educação ambiental (como palestras, visitas ao parque e apresentação de vídeos) com alunos das redes pública e particular, e funciona também como sede do Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente (Condema).

O parque tem atualmente um auditório com capacidade para 80 lugares, e também um mirante de onde pode-se apreciar a chegada e a partida das garças que habitam a Região dos Lagos.

Funcionários da Prefeitura de Cabo Frio fazem limpeza no novo espaço da Unidade de Policiamento Ambiental (UPAM) da Região dos Lagos (Foto: Divulgação)

#### 10 - Sem-teto voltam a rondar prédio abandonado na Zona Norte do Rio

Leitor diz temer que o edifício no Cachambi, desocupado há cerca de dois meses, se transforme numa cracolândia

Fonte: O Globo

Autor: O Globo, com o leitor Marcelo Oliveira

Editoria: Eu-repórter

Publicada em: 26/02/2014 às 11h00

Um prédio abandonado na Rua Miguel Ângelo, próximo à esquina com a Rua Basílio de Brito, no Cachambi, Zona Norte da cidade, tem sido motivo de pesadelos para moradores da região. Segundo o engenheiro Marcelo Oliveira, de 45 anos, há cerca de dois meses, o edifício — que era usado como moradia por diversas famílias — foi desocupado pela prefeitura, mas o leitor relata que voltou a observar uma movimentação de sem-teto no local. Ele relata que há inclusive usuários de drogas rondando o edifício. Ele teme que o imóvel acabe se tornando uma cracolândia.

— Tem um problema sério ali de usuários de crack, já que prédio ficar perto do Jacarezinho. Isso gera uma certa sensação de insegurança. Passar ali à noite é complicado. Se a prefeitura demorar a dar um destino àquele imóvel, acredito que as famílias possam retornar — disse o engenheiro.

Marcelo diz que o problema se arrasta há pelo menos sete anos. Na época, moradores da região já relatavam que havia um processo de desocupação em andamento na prefeitura, o que só aconteceu recentemente. Para o leitor, as famílias corriam um grave risco ao morar no imóvel, já que o edifício, de dois pavimentos, está bastante deteriorado. Além da ocupação irregular, Marcelo Oliveira conta que

os sem-teto mantinham pequenos negócios no local, também sem autorização da prefeitura do Rio.

— Quando comprei minha casa em 2007, o prédio já estava ocupado. Dentro dele, havia pessoas morando e alguns botecos, que, nos fins de semana, faziam baile funk, com som muito alto. Era um inferno. Isso entrava madrugada adentro. A gente mal conseguia dormir — reclamou.

Por meio de nota, a Secretaria municipal de Desenvolvimento Social (SMDS) disse que atendeu às famílias que ocupavam o imóvel, mas constatou que novas pessoas chegaram ao local. Profissionais do Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) Caio Fernando Abreu realizaram o cadastro social delas, verificaram as principais demandas sociais e encaminharam as famílias aos programas sociais da prefeitura. Ainda de acordo com a nota, todos continuam sendo acompanhados pela secretaria.

#### 11 - [O início de uma cracolândia](#)

Fonte: O Globo - Impresso - Flip

Publicada em: 26/02/2014 às 21h00

On-line

Um prédio abandonado na Rua Miguel Ângelo, próximo à esquina com a Rua Basílio de Brito, no Cachambi, Zona Norte, tornou-se um pesadelo para os moradores da região. O engenheiro Marcelo Oliveira conta que, há cerca de dois meses, o edifício - que era usado como moradia por diversas famílias - foi desocupado pela prefeitura, mas está começando a ser retomado pela população de rua, incluindo vários usuários de drogas.

Oliveira teme que o imóvel acabe virando uma cracolândia. "Tem um problema sério ali com usuários de crack, já que prédio fica perto do Jacarezinho. Isso gera sensação de insegurança. Passar ali à noite é complicado. Se a prefeitura demorar a dar um destino àquele imóvel, acredito que as famílias vão retornar", disse o engenheiro. Segundo ele, o problema se arrasta há pelo menos sete anos. Para o leitor, as famílias corriam grave risco morando no imóvel, que tem dois pavimentos e está bastante deteriorado.

Marcelo Oliveira conta que os invasores do imóvel moravam ali e mantinham pequenos negócios no prédio, também sem autorização da prefeitura do Rio: "Quando comprei minha casa, em 2007, o prédio já estava ocupado. Dentro, havia pessoas morando e alguns botecos. Nos fins de semana, faziam baile funk, com som muito alto. Era um inferno, que entrava pela madrugada. A gente mal conseguia dormir."

Em nota oficial, a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (SMDS) garante que atendeu às famílias que ocupavam o imóvel, mas que constatou que outras pessoas chegaram ao local. Profissionais do Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) Caio Fernando Abreu fizeram o cadastro social dos invasores, verificaram as principais demandas sociais e encaminharam as famílias a programas sociais da prefeitura. Todos, segundo a nota, continuam sendo acompanhados pela secretaria.

## 12 - Obra do Teleférico da Providência foi concluída mas não há quem opere o sistema

Fonte: O Globo Autor: Extra Editoria: Rio

Publicada em: 16/03/2014 às 03h00

Estampada repetidas vezes na parede da antiga Praça Américo Brum, no alto do Morro da Providência, a expressão “Meu sonho é...” traduz o que moradores da comunidade sentem em relação ao Teleférico da Providência. Pronto há 10 meses, o transporte que prometia facilitar a vida de quem mora no alto do morro continua longe de ser realidade.

Com ligação aérea da Central do Brasil até a Cidade do Samba, o sistema ainda não entrou em operação, e segue sem data de inauguração. Os testes já foram feitos, mas a prefeitura, responsável pela obra, limita-se a afirmar que ainda estuda quem vai operar o teleférico. A aposentada Deolinda Pereira, de 79 anos, acompanhou a obra da janela. Duas vezes por dia, ela encara os mais de 100m de ladeiras íngremes da favela e, por isso, aguarda com ansiedade a inauguração do sistema.

— Costumo ir muito lá embaixo. Hoje, só uma Kombi faz esse trajeto. Se o teleférico já estivesse funcionando, certamente eu usaria sem medo — imagina.

Enquanto a obra, que custou R\$ 75 milhões, não funciona, o tempo danifica o equipamento. A estação ao lado da Cidade do Samba está com as cinco lojas vazias. A da Central do Brasil, virou abrigo de mendigos e usuários de crack, segundo relatos de quem passa pela região.

— Tiraram o camelódromo e ninguém fez nada. À noite, fica cheio de mendigos e usuários de crack por aqui. Todo mundo reclama dos assaltos — disse Marcos Eugênio de Freitas, de 45 anos.

Com 721 metros de extensão, o teleférico tem capacidade para transportar até mil pessoas por hora. O trajeto entre as três estações será feito em cinco minutos. A expectativa é de que os moradores tenham direito a duas passagens gratuitas por dia.

— O teleférico seria útil demais para os moradores mais idosos. Estamos na espera — cobra o entregador Pedro de Oliveira Cardoso.

## 13 - História abandonada

Outrora nobre, região do passeio público está ocupada por mendigos e vive tempos inseguros

Fonte: O Globo - Impresso - Flip

Autor: Catharina Wrede

Publicada em: 17/03/2014 às 21h00

Rio antigo degradado

O sol estava a pino na tarde de ontem quando um morador de rua, maltrapilho e aparentemente drogado, balbuciava delirante, enquanto perambulava pela Rua do Passeio, no Centro:

- Vou falar com o rei, vou falar com o rei.

Não se sabe que rei era esse. Mas o fato é que, se a família real testemunhasse o estado de degradação em que se encontra o Passeio

Público e seu entorno sofreria de desgosto. O local, frequentado no século XIX por Dom Pedro II e pela corte imperial, hoje padece de abandono. A região, que antes servira como um oásis verde em meio à balbúrdia do Centro, agora é povoada por viciados em crack e transeuntes sempre em estado de alerta.

É o caso da aprendiz de contabilidade Micaela Pereira, de 20 anos, que precisa suportar o cheiro fétido do ponto de ônibus (instalado recentemente na Rua do Passeio, que mudou de mão) todos os dias para voltar para sua casa, em Manginhos.

- Fico com medo. Não tem qualquer policiamento e já vi vários assaltos - diz Micaela, segurando a bolsa contra o corpo.

Primeiro parque público da América Latina, o Passeio Público - hoje tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional - foi encomendado ao mestre Valentim pelo então vice-rei Luiz de Vasconcelos, que o inaugurou em 1783. A primeira providência foi aterrar a Lagoa do Boqueirão da Ajuda com o material do desmonte do Morro das Mangueiras, no Centro. Valentim fez, numa área de 33,64 mil m<sup>2</sup>, traços geométricos e um terraço contíguo à Baía de Guanabara, que se tornou um ponto de encontro. Em 1864, após determinação de Dom Pedro II, o parque foi remodelado pelo paisagista Auguste Glaziou. As alamedas retas de Valentim deram lugar a curvas. Em 1906, com a inauguração da Avenida Beira-Mar no governo de Pereira Passos, a região perdeu a vista para o mar.

- O Passeio representa uma nova forma de olhar o mar - explica Edmilson Rodrigues, historiador da PUC-Rio e da Uerj. - Ao longo dos anos, essa foi uma região muito importante para as reformas que aconteceram na Glória, no Catete e no projeto de Pereira Passos. É uma região extremamente nobre, que abriu as fronteiras para a

ida para a Zona Sul, mas que se perdeu por estar situada entre o Flamengo e o Centro. Pela proximidade com a Lapa, nunca recebeu os investimentos destinados à Zona Sul.

A vocação para meio do caminho parece se perpetuar. Os relatos de quem trabalha por ali são de que a área se situa numa espécie de limbo, entre a Lapa e a Cinelândia:

- Essa é uma região da qual ninguém toma conta. Segurança, só na Lapa. Mas, de lá para cá, não tem nada. Esse lugar fica entregue à sorte - reclama Ricardo Antonio, vigilante da Escola de Música da UFRJ. - Passar aqui no fim de semana é horrível, os mendigos urinam e defecam no ponto de ônibus. E a Comlurb não lava.

Em nota, a Comlurb informa que a limpeza na região é feita diariamente e que a lavagem acontece três vezes por semana. A companhia diz que, caso haja necessidade, vai intensificar a lavagem. Já a assessoria da Polícia Militar afirma que foi estabelecido, em dezembro do ano passado, um esquema especial de patrulhamento na Lapa e adjacências, com policiais do 5º BPM (Centro), equipes de cavalaria e os batalhões de Ações com Cães, de Grandes Eventos e de Polícia Burocrática. Segundo a corporação, a coordenação das ações é uma parceria com a Polícia Civil, a Guarda Municipal e a Secretaria de Desenvolvimento Social - esta última ficando responsável pelo acolhimento de dependentes químicos e moradores de rua.

Endereço de prédios importantes, como a Escola de Música da UFRJ e o extinto Cine Palácio, o Passeio sofre hoje não só pela sensação de insegurança como pela visível decadência de construções clássicas. O antigo Automóvel Clube do Brasil, imóvel neoclássico tombado e comprado pela prefeitura em 2004, permanece sem destino e com seu interior jogado às traças.

- Ainda não encontramos uma alternativa. O ideal é que tivesse uma iniciativa, como uma parceria público-privada. Mas até hoje não conseguimos viabilizar. Cheguei a pensar em fazer um centro de mídia não credenciada da Copa, mas a reforma custaria entre R\$ 35 e R\$ 40 milhões - diz o prefeito Eduardo Paes.

#### 14 - Outrora nobre, Passeio Público vive tempos de insegurança e abandono

Região que antes servira como um oásis verde em meio à balbúrdia do Centro agora é povoada por viciados em crack

Fonte: O Globo

Autor: Catharina Wrede

Editoria: Rio

Publicada em: 18/03/2014 às 02h00

O sol estava a pino na tarde de esta segunda-feira quando um morador de rua, maltrapilho e aparentemente drogado, balbuciava delirante, enquanto perambulava pela Rua do Passeio, no Centro:

— Vou falar com o rei, vou falar com o rei.

Não se sabe que rei era esse. Mas o fato é que, se a família real testemunhasse o estado de degradação em que se encontra o Passeio

Público e seu entorno sofreria de desgosto. O local, frequentado no século XIX por Dom Pedro II e pela corte imperial, hoje padece

de abandono. A região, que antes servira como um oásis verde em meio à balbúrdia do Centro, agora é povoada por viciados em crack

e transeuntes sempre em estado de alerta.

É o caso da aprendiz de contabilidade Micaela Pereira, de 20 anos, que precisa suportar o cheiro fétido do ponto de ônibus (instalado recentemente na Rua do Passeio, que mudou de mão) todos os dias para voltar para sua casa, em Manguinhos.

— Fico com medo. Não tem qualquer policiamento e já vi vários assaltos — diz Micaela, segurando a bolsa contra o corpo.

Primeiro parque público da América Latina, o Passeio Público — hoje tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional — foi encomendado ao mestre Valentim pelo então vice-rei Luiz de Vasconcelos, que o inaugurou em 1783. A primeira providência foi aterrar a Lagoa do Boqueirão da Ajuda com o material do desmonte do Morro das Mangueiras, no Centro. Valentim fez, numa área de 33,64 mil m<sup>2</sup>, traços geométricos e um terraço contíguo à Baía de Guanabara, que se tornou um ponto de encontro. Em 1864, após determinação de Dom Pedro II, o parque foi remodelado pelo paisagista Auguste Glaziou. As alamedas retas de Valentim deram lugar a curvas. Em 1906, com a inauguração da Avenida Beira-Mar no governo de Pereira Passos, a região perdeu a vista para o mar.

— O Passeio representa uma nova forma de olhar o mar — explica Edmilson Rodrigues, historiador da PUC-Rio e da Uerj. — Ao longo dos anos, essa foi uma região muito importante para as reformas que aconteceram na Glória, no Catete e no projeto de Pereira Passos. É uma região extremamente nobre, que abriu as fronteiras para a ida para a Zona Sul, mas que se perdeu por estar situada entre o Flamengo e o Centro. Pela proximidade com a Lapa, nunca recebeu os investimentos destinados à Zona Sul.

A vocação para meio do caminho parece se perpetuar. Os relatos de quem trabalha por ali são de que a área se situa numa espécie de limbo, entre a Lapa e a Cinelândia:

— Essa é uma região da qual ninguém toma conta. Segurança, só na Lapa. Mas, de lá para cá, não tem nada. Esse lugar fica entregue à sorte — reclama Ricardo Antonio, vigilante da Escola de Música da UFRJ. — Passar aqui no fim de semana é horrível, os mendigos urinam e defecam no ponto de ônibus. E a Comlurb não lava.

Em nota, a Comlurb informa que a limpeza na região é feita diariamente e que a lavagem acontece três vezes por semana. A companhia diz que, caso haja necessidade, vai intensificar a lavagem. Já a assessoria da Polícia Militar afirma que foi estabelecido, em dezembro do ano passado, um esquema especial de patrulhamento na Lapa e adjacências, com policiais do 5º BPM (Centro), equipes de cavalaria e os batalhões de Ações com Cães, de Grandes Eventos e de Polícia Burocrática. Segundo a corporação, a coordenação das ações é uma parceria com a Polícia Civil, a Guarda Municipal e a Secretaria de Desenvolvimento Social — esta última ficando responsável pelo acolhimento de dependentes químicos e moradores de rua.

Endereço de prédios importantes, como a Escola de Música da UFRJ e o extinto Cine Palácio, o Passeio sofre hoje não só pela sensação de insegurança como pela visível decadência de construções clássicas. O antigo Automóvel Clube do Brasil, imóvel neoclássico tombado e comprado pela prefeitura em 2004, permanece sem destino e com seu interior jogado às traças.

— Ainda não encontramos uma alternativa. O ideal é que tivesse uma iniciativa, como uma parceria público-privada. Mas até hoje não conseguimos viabilizar. Cheguei a pensar em fazer um centro de mídia não credenciada da Copa, mas a reforma custaria entre R\$ 35 e R\$ 40 milhões — diz o prefeito Eduardo Paes.